



Bruixa
DE
Ferro

KAREN MAHONEY

WALKER
BOOKS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

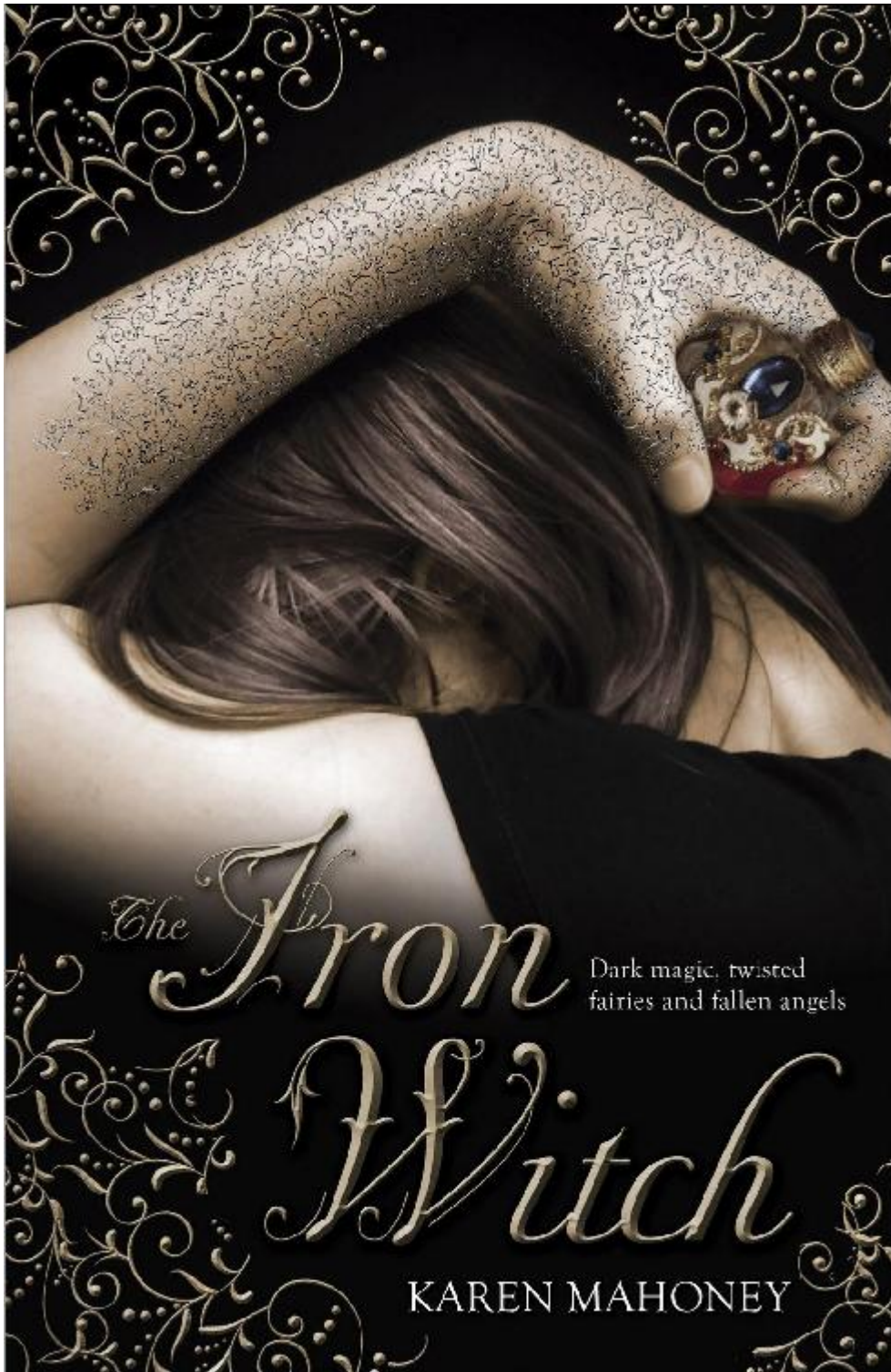
O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em

qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



The Iron Dark magic, twisted
fairies and fallen angels

Witch

KAREN MAHONEY

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



A Bruxa

De Ferro

KAREN MAHONEY

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD

Meu pai morreu tentando salvar a minha vida quando eu tinha sete anos de idade.

Gostaria de me lembrar dele com mais facilidade além dos meus sonhos - nos quais, é claro, ele ainda é alto e bonito, e muitas vezes me salva do... Monstro da Floresta.

Nos meus pesadelos, estou sempre correndo por uma floresta distorcida. As árvores se inclinam

à minha volta e sussurram ao luar enquanto eu vou tropeçando por entre elas, tentando

desesperadamente não cair. Atrás de mim ouço passos muito rápidos e uma cacofonia de estalos e

guinchos. Chego a uma pequena clareira com o som persistente dos meus perseguidores ainda ecoando nos ouvidos.

O toco cinzento de uma árvore ocupa o centro do espaço, e há um machado de lenhador, como

os retratados nos contos de fadas, cravado na superfície de madeira, formando um ângulo. Respiro com

dificuldade, meu peito queima, e o medo é como uma garra gelada me oprimindo com uma força que

chega a ser dolorosa. Minhas mãos de criança tentam alcançar o cabo do machado, embora eu saiba que não conseguirei removê-lo do tronco.

Eu nunca consigo.

Estou cercada por um estranho coro de vozes que cantam meu fim numa ladainha desumana, mas não sou capaz de ver nada além da clareira, nada além de árvores e escuridão. Há outros ruídos também: sons estridentes e agudos que ferem meus ouvidos e me fazem ranger os dentes.

E é então que meu pai aparece, bem do meu lado. Essa parte é sempre tão clara que não posso deixar de pensar que talvez tenha acontecido realmente dessa maneira. Papai estende a mão para o machado e o arranca com facilidade do tronco, olhando para mim de relance. Vejo nos olhos dele o lampejo da conhecida determinação. Talvez possamos sair dali, afinal. Talvez tudo acabe bem.

- Fique atrás de mim, Donna.

Faço o que ele diz, e começo a rezar assim que me encolho atrás de suas costas largas.

Mas quando o grupo ruidoso aparece na clareira, dois de seus membros cavalgando o Monstro, eu paro de rezar e começo a gritar.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Tudo começou com a festa.
Foi isso que Donna Underwood disse a si mesma nos dias seguintes. Se não houvesse deixado Nav convencê-la a acompanhá-lo, talvez tudo houvesse sido diferente.
Talvez as coisas não houvessem terminado tão mal.

Mas Donna era incapaz de resistir aos apelos do melhor amigo, Navin Sharma.

Tudo que Nav precisava fazer era fitá-la choroso com aqueles grandes olhos castanhos,

e ela o seguia com alegria até para o Inferno. Ou, nesse caso, para aquela casa estranha

cheia de jovens certos de que ela era a maior maluca do mundo.

O que era praticamente a mesma coisa.

Passar a noite de sábado em Ironbridge não era exatamente sua idéia de diversão,

em especial quando boa parte do grupo presente ainda freqüentava o colégio do qual

ela fora expulsa no ano anterior. Mas Navin estava decidido a ir "à festa mais agitada"

da área naquele dia de Ação de Graças. E estava igualmente decidido a levá-la. Seria

mais que uma reunião comum, ele havia garantido com grande animação; seria um

evento importante organizado por um cara que se formara no Ironbridge High e já

havia abandonado a faculdade. Os pais dele eram muito ricos, estavam de férias, e

todos estavam comentando a festa havia semanas.

Aparentemente, todo mundo estaria

lá.

E era exatamente isso que ela temia.

Na festa, Donna agarrou a primeira chance que teve de passar tão despercebida quanto

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

fosse possível. Ela encontrou um canto escuro da sala de estar e se apoiou desajeitada na parede, brincando com a echarpe cor de prata, fazendo e desfazendo o nó pelo que parecia ser a centésima vez. Com a calça jeans bordada, a camiseta preta e prata e luvas longas de veludo negro, parecia mais radiante do que se sentia de fato. Para piorar a situação, já começara o dia inquieta e agitada, despertada pela conhecida opressão do medo gelado. Os sonhos sempre a deixavam nesse estado. Mais cedo naquela noite, ela e Navin haviam saltado do ônibus na Central Station e caminhado na direção da prefeitura de Grayson. Na medida em que a cidade começara a se fechar em torno deles, uma grande massa de energia e ferro, Donna sentira o pulsar do poder sob os pés. A adrenalina a invadira, o sangue correria mais depressa pelas veias, e ela se sentira tonta. As mãos e os braços pulsavam no mesmo ritmo dos batimentos do coração da cidade. E ela soubera que, se quisesse, poderia destroçar os ossos da mão de Navin sem fazer o menor esforço. Donna era marcada pela magia. Não uma magia qualquer, mas uma ancestral magia alquímica que se mantivera oculta por séculos atrás das lendas. Porém, ela não se sentia especial por saber o que podia fazer. E não se sentia poderosa. Sentia-se apenas completamente e inteiramente sozinha. Mas essa noite não estava só; deixava Navin levá-la pelas ruas enquanto fingia não estar

totalmente apavorada. Os dedos ficavam tensos dentro das luvas favoritas, e ela se esforçou para resistir à tentação de fugir.

- Pare de ser rabugenta, Underwood. Você está nervosa, só isso.

- Navin não conseguia

eliminar da voz a nota de humor. Ele bateu de leve na mão dela antes de soltá-la.

Donna estava séria.

- Que motivos eu tenho para ficar nervosa?

Navin a encarou com sua melhor expressão de "dã".

Ela bateu em seu ombro de um jeito brincalhão, com mais força do que pretendia.

As luvas podiam esconder as tatuagens - aqueles símbolos estranhos que Donna se

recusava a mostrar até mesmo a Navin - mas não disfarçavam sua verdadeira força física. Só

um dos muitos segredos que era forçada a esconder. A "história pública" sobre seus braços e

mãos era que ela fizera diversos enxertos de pele depois de sofrer graves queimaduras em

um incêndio. Donna odiava as mentiras, mas não tinha alternativa (ou, pelo menos, era o

que tentava dizer a si mesma). E tinha sempre de ser muito cuidadosa para não demonstrar

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

sua força; havia passado os últimos três anos vivendo na casa vizinha à de Navin, sempre

morrendo de medo de fazer alguma coisa que pudesse machucá-lo.

- Ei! Vai devagar, Mulher Maravilha! - Navin massageou o bíceps, depois os flexionou

para mostrar a impressionante falta de músculos.

- Desculpa. - Donna não conseguiu conter um sorriso. Às vezes Navin era um

tremendo idiota, e o amava por isso. Mesmo assim, apesar de serem próximos, havia muitas

coisas que nunca contara a ele sobre sua família e sobre a Ordem do Dragão. Muitas coisas

mesmo... Praticamente tudo. E não por não poder contar (não podia, na verdade), mas

porque queria protegê-lo.

Ele passou um braço sobre seus ombros quando atravessaram a rua, o que fizeram um

instante antes de o sinal luminoso voltar ao vermelho para os pedestres.

- Vamos lá, Don. Está acontecendo alguma coisa, conheço você muito bem.

Ela deu de ombros, incapaz de encará-lo.

- Não entre em pânico, não vou fazer um interrogatório. Não agora. Pode me contar

tudo na festa.

Donna fez uma careta.

- Mal posso esperar.

Navin a encarou com ar debochado.

- Você não quer ir. É isso.

Ela fez outra careta.

- Não, é mesmo? Festinhas com a "elite" não são exatamente minha idéia de diversão, e

eles não vão gostar nada de me ver chegando. Está colocando sua reputação em risco com

essa insistência em ir a uma festa comigo.

- Tão jovem, e tão cínica.

- Estou dizendo a verdade, e você sabe disso.

Navin riu.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Que reputação eu tenho para me preocupar? Sou bom em escapar do radar de chatice

das pessoas, só isso. Sou diferente, é verdade, mas não o bastante para alguém se dar ao trabalho de me atormentar.

- Como fazem comigo, você quer dizer - Donna apontou séria. Navin a conduziu pela

calçada onde havia um sem-teto vestindo uma camiseta do AC/DC e um sobretudo longo e rasgado. Outros pedestres passavam pelo homem parado no meio da calçada como água correndo em torno de uma pedra.

- Ah, vamos lá, pare de sentir pena de si mesma.

- Podemos ir embora quando eu não estiver mais me divertindo? Donna esperava não soar tão vulnerável quanto se sentia.

- Sim, é claro, podemos. Mas isso significa que você vai ter de se divertir *um pouco*

antes de pensarmos em ir para casa... - Navin despenteou o cabelo dela e riu, esquivando-se de um novo soco.

Aquele mesmo sorriso brilhava agora na sala pouco iluminada, um espaço cheio de

adolescentes procurando aquela esquiva "diversão". Donna endireitou os ombros e ergueu o

queixo, estudando os grupos de jovens que conhecia vagamente, mas preferia não ter

conhecido. Passara boa parte da vida tentando se ajustar, mas tudo havia ficado muito mais difícil depois daquela ocorrência, "o incidente". Depois disso, abandonara o Ironbridge High para estudar em casa e ter aulas com a Ordem... Todos achavam melhor ela aparecer apenas para as provas, e providências especiais foram tomadas nesse sentido. E assim, ali estava ela agora, cercada por um bando de gente com quem já havia convivido, jovens que a consideravam o pior tipo de fracassada. Uma fracassada com F maiúsculo. Uma maluca.

Apesar de saber que a tarefa era absolutamente impossível, havia prometido a Nav que ao menos tentaria se integrar ao cenário. E não tinha mais nada para fazer, mesmo. Teria preferido estar em casa nesse momento, desfrutando da companhia de tia Paige, mas sua tia fora a Boston numa viagem de trabalho e só voltaria mais tarde.

Navin atraiu seu olhar do outro lado da sala mais uma vez e sorriu, os dentes brancos brilhando em contraste com a pele cor de canela. Hoje seus cabelos negros estavam alinhados, penteados para trás e caindo sobre a gola da eterna jaqueta de motoqueiro, uma peça de couro falso vermelho e preto (aparentemente, um acessório indispensável para pedalar sua velha bicicleta pelas ruas movimentadas de Ironbridge, o que ele fazia como se estivesse em uma pista de MotoCross).

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna assentiu e tentou retribuir o sorriso, esperando que Navin não percebesse

quanto ela estava infeliz. Não queria arruinar a festa para ele. Mas, francamente, por que ele

se dava ao trabalho de tentar integrá-la? Seus ex-colegas de escola jamais a aceitariam. Na

verdade, tivera uma prova disso no minuto em que passara pela porta da casa onde

acontecia a festa. A primeira coisa que Melanie Swan dissera a ela - ou sobre ela, para ser

mais precisa - fora dirigida a Navin.

- Por que trouxe a maluca?

Só a mão firme de Navin em seu braço a impediu de arrancar a garrafa de bebida da

mão de Melanie e enfiá-la em sua garganta. Ou em algum lugar mais doloroso, ela refletiu

furiosa. Navin a prevenira com o olhar, depois, como presidente de turma inexplicavelmente

popular, assumira a tarefa de ser cruel com uma boa amiga.

- Eu esperava mais de você, Mel - ele disse, a voz mais cortante que de costume. -

Devia dar o exemplo. Um bom exemplo, quero dizer.

Numa reação incrível, Melanie se desculpou. Pediu desculpas a Navin, é claro, não a

Donna. Depois, mexendo em uma mecha de cabelo loiro e brilhante, ela passou a agir de um jeito quase charmoso com ele.

Donna sentiu uma certa irritação. Mel estava flertando com Navin? Ridículo.

Balançando a cabeça para apagar dela a imagem desagradável, Donna pegou o copo

mais próximo, mas logo percebeu que a bebida continha álcool e a devolveu à bandeja. Não

queria desafiar as regras de tia Paige esta noite, especialmente quando era tão importante preservar a lucidez. Não podia correr o risco de perder a cabeça novamente e dar a essas pessoas mais uma justificativa para o ódio que já sentiam por ela. Não porque se importava com o que pensavam; ficaria feliz se nunca mais visse nenhum deles outra vez. Mas não queria causar problemas para Navin. Porém, pessoas como Melanie Swan desafiavam suas boas intenções. A pressão de corpos e vozes era perturbadora. A música soava num ritmo pulsante que reverberava nas têmporas de Donna e percorria seu corpo até a sola dos pés. Estudantes animados se cumprimentavam com gritos agudos ou tapas nas costas, com gestos padronizados ou gritos de guerra. Abandonando todas as idéias anteriores sobre "integrar-se", Donna aproximou-se de Navin. Perto dele, ficou ouvindo trechos da conversa por um tempo... Pelo tempo que suportou se sentir um fardo. Era hora de sair dali. Pensando que o ambiente no segundo andar poderia ser um

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

pouco mais tranqüilo, Donna gritou perto da orelha de Navin o aviso sobre ir procurar um

banheiro. Quando ele compreendeu e assentiu, ela o deixou retomar a conversa gritada com os dois pretendentes a ciclistas. Atordoada com o barulho, Donna se afastou do pulsar das caixas de som, passou por um casal que namorava na principal escada da casa, e subiu. Ali o ambiente era tão agitado quanto lá embaixo. As portas dos quartos estavam fechadas, e os sons que vinham de trás delas a fizeram corar e se afastar depressa. Havia uma fila na porta do banheiro, e na frente dela estavam algumas meninas barulhentas que Donna conhecia. Passando pela única porta aberta num esforço para evitar as ex-colegas de escola, Dona torceu para não se deparar com nada que preferia não testemunhar. Felizmente, o quarto estava vazio. Um sentimento de paz a invadiu, e ela se perguntou como aquele santuário de tranqüilidade podia ter escapado da invasão dos convidados para a festa. Então, os dedos de Donna formigaram, e por um momento ela acreditou poder sentir a magia. Parada perto da porta, já do lado de dentro do quarto, ela tentou aquietar a mente enquanto deixava os sentidos irem além do que podia ser considerado... Normal. Quando se cresce cercado de magia, é difícil não desenvolver uma sensibilidade a ela. Não era de estranhar que os membros da Ordem se dedicassem com tanto empenho a treiná-la nas antigas artes alquímicas. Depois de um momento, Donna fechou a porta e olhou em volta, tentando identificar

sinais de alguma outra coisa. Tudo parecia comum agora, e ela especulou se não teria imaginado o sopro de magia.

O quarto era inteiramente masculino, decorado em tons de café e chocolate, com cortinas e abajures cor de ferrugem para contrastar. As luzes estavam acesas, mas reduzidas a um brilho suave. Havia uma guitarra preta e empoeirada em um canto, como uma relíquia de uma adolescência emo, e uma escrivaninha em outro canto, sobre a qual havia um computador que parecia ser muito caro. O closet fechado por portas de madeira escura devia ser bem grande, e havia um banheiro na suíte.

Donna sentiu uma brisa fria acariciando sua nuca e estremeceu, lamentando ter despido o casaco ao entrar. Ao espiar por entre as cortinas fechadas, ela viu a porta de um balcão ligeiramente aberta de um lado. Além dela havia uma pequena varanda e uma escada de ferro que subia para o telhado.

Por que não?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Estava mesmo precisando de um pouco de ar, mesmo que fosse gelado, um ar quase de inverno. Puxando as luvas para cima de forma a cobrir os braços tanto quanto fosse possível

- quase ultrapassando os cotovelos - Donna saiu para a pequena varanda e segurou a balaustrada de metal.

Ela subiu o primeiro degrau, sentindo-se insegura na escada que era pouco mais que

uma saída de incêndio. A sola de borracha dos tênis de lantejoulas fazia barulho no piso, e

ela ouvia o som distante do tráfego lá embaixo. Ao se aproximar do topo e perceber que a

altura era realmente grande, ela teve um momento de vertigem. As luvas escorregaram no

corrimão de metal e ela segurou com mais força, pela primeira vez grata pela força que a

magia multiplicara em suas mãos.

Então uma cabeça surgiu além da beirada do telhado. Donna estava a centímetros do

rosto impressionante de um jovem que, obviamente, encontrara a mesma rota de fuga que

ela. Seu cabelo loiro escuro parecia brilhar sob o céu claro da noite.

- Estava me perguntando quanto tempo ia demorar para alguém vir aqui estragar a paz

e o sossego - ele resmungou com uma voz entediada, sem entonação.

Donna viu o cigarro artesanal entre os dedos do rapaz, e ao mesmo tempo sentiu um

aroma doce e enjoativo. Era um cheiro que lembrava um tempo quando sua tia queimava

sálvia para limpar a casa.

- Bem, suba de uma vez - ele disse, colocando o cigarro na boca e estendendo as duas

mãos.

Donna hesitou por um momento, desejando estar novamente lá embaixo com Navin.

Mas ela ignorou a dúvida. A companhia desse desconhecido não podia ser pior do que a de

Melanie e seus amigos.
Ela se deixou puxar para cima do telhado.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna sentou-se em um banco estreito preso a uma plataforma rústica no telhado. O

rapaz sentou-se no chão aos pés dela, sobre a plataforma construída na cobertura, apoiando-se

ao que parecia ser uma grade de proteção. Ela se moveu desconfortável no silêncio prolongado e o viu agitar o cigarro no ar.

O desconhecido inclinou a cabeça até eles estarem se olhando de frente.

Donna sentiu o peito oprimido, e uma sensação estranha e aquosa inundou seu estômago.

Os olhos dele eram os mais verdes que ela jamais vira. Brilhantes, mas com texturas no interior

das pupilas, um efeito que lembrava musgo fresco no tronco de uma árvore. Donna pensou que

ele devia estar com frio, porque vestia apenas uma fina camisa lilás (e quantos homens ficavam

bem com *essa* cor?), mas em seguida viu o suéter preto abandonado a seu lado. Seus cabelos cor de caramelo eram um ou dois tons mais claros que os dela. Curtos na base e mais longos no alto da cabeça, de forma que uma franja desfiada caía sobre seus olhos sobrenaturais. A pele era macia e dourada, como se ele houvesse voltado de férias.

- Não tem medo de cair? - Donna quase pulou ao ouvir o som da própria voz.

Por um segundo, ela teve a impressão de que o rapaz poderia sorrir. Em vez disso, ele inclinou a cabeça para trás, apoiando-a contra a grade de ferro preto com sua pintura descascada. O jovem olhava diretamente para o céu estrelado.

- E então? - Donna insistiu. - Não tem medo?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

-Não.

-Ah...

Ela ainda o observava. Por que havia subido? Toda essa noite havia sido um grande engano.

Mas não conseguia deixar de olhar para a boca larga de lábios carnudos, e sua imaginação enlouquecia. De repente surgiu em sua cabeça uma imagem dela beijando aquele garoto desconhecido. Bem, não era exatamente um *garoto*... Ele parecia ser pelo menos dois anos mais

velho que ela. Sabia que seus lábios seriam macios, mas persistentes, e o sorriso preguiçoso se transformou repentinamente em algo mais intenso.

Donna balançou a cabeça, fechou os olhos e os apertou com força, e depois de um

instante voltou a encará-lo. As sobrancelhas foram erguidas compondo uma expressão que podia

ser de curiosidade ou humor - ela não conseguia determinar.

Ruborizada, ela se odiou no mesmo

instante por ter uma reação tão infantil.

- Em que está pensando?

Ela puxou os joelhos contra o peito e os abraçou.

- Em nada.

- Nada. É claro. - A última palavra soou como se ele a prolongasse deliberadamente.

Donna jogou os cabelos e desviou o olhar, cerrando os punhos e apoiando as mãos

enluvadas no jeans.

A gargalhada dele a pegou de surpresa. O que a surpreendeu ainda mais foi que, no

momento seguinte, eles riam juntos. Donna gostaria de entender como sabia que ele era,

provavelmente, alguém que ria tão pouco quanto ela. E tinha a sensação de que o desconhecido

também sabia disso, e que compartilhavam um momento secreto de humor que podiam

esconder de outras pessoas, manter como um segredo só deles - estranhos unidos em um

contrato tácito de... *Alguma coisa*. Era emocionante e assustador.

Recuperando o controle sobre sua respiração, Donna olhou para o companheiro mais

uma vez.

- Então, qual é seu nome?

- Xan. E o seu?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Donna Underwood. - Ela se encolheu por dentro ao ouvir o som da própria voz. - Seu

nome é uma abreviação de Alexander?

- Ah. Linda e inteligente, essa Donna Underwood.

Ela poderia se sentir ofendida com o tom de voz, mas notou o brilho nos olhos dele e

decidiu que gostava de ser provocada por alguém que não fosse Navin.

- Não está gostando da festa, está? - ela perguntou.

- Não, como era de se esperar.

- Como assim?

Ele mudou ligeiramente de posição, e Donna conseguiu estudar seu rosto com mais

facilidade.

- Bem, não é muito comum alguém se divertir na própria festa, é? - Ela sentiu o rosto

quente e soube que corava outra vez.

- Ah, você é Alexander Grayson.

- É um prazer conhecê-la - ele respondeu, sorrindo daquela maneira estranha novamente,

como se sorrisse pela metade. - E ficaria ainda mais feliz se você se sentasse comigo aqui no

chão. Meu pescoço está doendo.

Ela queria dizer alguma coisa sofisticada e inteligente, talvez até perguntar por que ele

queria se sentar tão perto da beirada do telhado, por que não podia ir ele se sentar no banco,

mas algo na voz de Xan a fez hesitar, uma vulnerabilidade latente, mas visível, que a fez especular sobre esse jovem. Ela escorregou para a plataforma e tentou adivinhar de onde ele era.

Seu sotaque era vagamente britânico, ou parecia ser, com um toque de Boston nas vogais e algo mais, talvez. Algum acento um pouco mais exótico.

Ela cruzou as pernas e se acomodou mantendo uma certa distância do rapaz.

- Assim é melhor - ele disse. - Não é tão frio quando você fica aqui embaixo.

Donna sentia frio. Vestia mangas curtas, e só o veludo das luvas oferecia a ilusão de calor.

Ela se arrepiou e envolveu o corpo com os braços tentando aquecer-se, sentindo uma insuportável timidez sob o olhar atento desse desconhecido.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Xan ofereceu o suéter que ela já havia notado antes.

- Vista isto.

Donna hesitou, mas só por um momento.

- Obrigada.

Vestindo rapidamente o agasalho ainda quente, ela tentou não demonstrar sua reação ao

cheiro do dono daquele suéter. Desodorante ou loção de barba, talvez, fumaça de cigarro e mais

alguma coisa, algo que sugeria musgo e árvores e largos campos abertos de grama muito verde.

Intrigada, ela o encarou e se deparou com seu olhar curioso enquanto tentava ajeitar o cabelo despenteado.

- Então - ele disse. - Em que colégio você estuda?

Ele havia adivinhado sua idade, mas Donna tentou não demonstrar o quanto isso a incomodava.

- Não estou em nenhum colégio.

- Não? - Ele ergueu as sobrancelhas. - Está na faculdade?

- Não, estudo em casa. Estou no último ano. Ainda tenho de ir ao Ironbridge High para fazer provas, mas é só isso. Não faço parte daquilo tudo. Ele ameaçou um sorriso.

- Entendo o que quer dizer. Por que estuda em casa?

- Digamos que tive um desentendimento com uma porção significativa do corpo discente.

- Ah... - Xan mudou de posição, virando-se para ela, depois estendeu os braços acima da cabeça e bocejou barulhento. Donna não se deixou enganar pelos movimentos preguiçosos e pelos olhos sonolentos - sabia que ele era perspicaz sob o exterior desinteressado.

- E você? - ela perguntou.

- O que tem eu?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Ah, você sabe... Escolas, faculdade... - Ela deixou a questão morrer sem concluí-la.

Talvez fosse rude demonstrar que sabia que ele havia abandonado a faculdade.

- Comecei o curso superior no ano passado, mas não deu muito certo. - Ele a encarou com

aqueles olhos verdes. - Mas você provavelmente já sabia disso.

Donna ignorou o súbito rubor que fez ferver seu rosto.

- Ouvi alguma coisa, mas não costumo prestar atenção às fofocas - especialmente porque costumo ser o assunto.

Ele a estudou por um longo momento.

- Adoraria ouvir o que as pessoas falam sobre você, Donna Underwood.

Ela mordeu o lábio e mudou de assunto.

- Então, o que faz aqui, enquanto a festa acontece lá embaixo? Não devia estar

recebendo os convidados?

Sua risada ecoou com uma nota de amargura.

- Como se eu fosse o anfitrião perfeito.

- O que quer dizer?

- Nada. Só que concordo com coisas estúpidas quando estou entediado.

Houve um instante de silêncio. Donna mexeu na manga do suéter de Xan. Não sabia

o que dizer, e já estava se arrependendo novamente de ter ido até ali. Pensou em Navin lá

embaixo com todos os convidados, e desejou que pudessem simplesmente ir para casa. Se

não houvesse deixado o telefone celular no bolso do casaco, poderia ao menos saber que

horas eram. Seu estômago deu um pulo quando ela imaginou a tia voltando para casa. A

regra quanto ao horário de voltar era rígida.

- Que horas são? - Xan pegou o celular.

- Falta pouco para a meia-noite, Cinderela.

Ela sorriu.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Na verdade, preciso ir embora logo. Só tenho mais uma hora para chegar em casa. E

meu amigo deve estar procurando por mim.

Ele assentiu.

- Espero não ter assustado você. Às vezes sou um pouco... - Ele hesitou. - Um pouco

excêntrico, acho.

- Você se esforça para isso, então? - Donna provocou.

- Só quando quero impressionar garotas bonitas.

Bonitas? Esse cara ridiculamente lindo estava dizendo que *ela* era bonita? Donna

começou a se levantar, mas a mão dele pousou em seu braço e a deteve.

- Por que usa luvas? - Xan perguntou. - Não está na moda, está?

Donna tentou responder com tom leve.

- Acha que eu usaria esta coisa por estar na *moda*?

Ele fingiu refletir enquanto sorria.

- Falando sério, então. Por quê?

Donna sentiu o coração oprimido e teve uma certa dificuldade para respirar. Por que se

sentia tão compelida a contar a verdade para alguém que mal conhecia? Ela olhou para as mãos

escondidas pelas luvas.

- Porque sou diferente - respondeu por fim, mas com uma voz tão baixa que quase não

era audível.

- Eu também sou - ele anunciou quase no mesmo tom.

Os dois se entreolharam mais uma vez, os olhos escuros de Donna mergulhando nas profundezas verdes dos dele. Pedra e floresta. Ferro e folha.
- Eu sabia que... - Ela parou e recomeçou devagar. - Às vezes eu sei coisas sobre as pessoas. - Sempre tivera uma boa intuição. Os cantos da boca de Xan se ergueram.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- O que sabe sobre mim?
Donna fechou os olhos por um momento. Memórias espontâneas surgiram em sua mente, ocupando-a como um peso frio que tirava o fôlego. Recordações de uma floresta escura e sussurrante, uma clareira, e o som da morte seguindo seus passos. *Suas* lembranças, não dele. Pelo menos, acreditava serem suas recordações.
Ela baniu as imagens para o fundo da mente e abriu os olhos. Xan a observava com evidente curiosidade.
Há muito tempo não pensava no que havia acontecido com ela em Ironwood. Sonhara com tudo aquilo muitas vezes, mas só agora via as imagens com clareza estando acordada...
Donna tremeu e tentou sorrir, esperando que Xan não notasse.
- Bem, você é difícil de ler - ela conseguiu responder. Por que as memórias da Floresta de

Ironwood apareciam para ela agora com tanta facilidade, se estava tentando se concentrar em Xan?

O clima havia mudado, e ela se sentia muito perto de um acontecimento importante e assustador.

- Você também é, Donna Underwood. - Ele enfiou a mão em um bolso e tirou dele uma latinha de tabaco. - Você fuma?

- *Eca*, de jeito nenhum. - As palavras foram ditas antes que ela pudesse contê-las.

Xan não parecia ofendido. Pelo contrário, ele sorriu enquanto abria a lata. Seus dedos

eram longos e bronzeados, e havia uma graça fluida nos movimentos... Uma energia intensa

que a deixava sem ar enquanto o observava. Ele era diferente de todas as pessoas que havia conhecido antes.

- Você é realmente diferente, não é? - Era difícil entender por que estava fazendo esse

comentário. Talvez fosse a expressão vulnerável no rosto dele. Ou a maneira como ele

tentava esconder coisas, mas parecia convidá-la para entrar em seu mundo.

Xan assentiu bem devagar.

- Acho que todos temos segredos. Como se você estivesse escondendo alguma coisa

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

com essas luvas.

Ela foi a primeira a desviar o olhar. Não podia continuar com isso... Simplesmente

não podia se aproximar mais dessa pessoa. Acabara de conhecê-lo; *o que está acontecendo*

comigo? Ela pensou. Lá estava ela, tentada a revelar o segredo sobre como suas mãos haviam

sido reconstruídas, deixar fluir as palavras com a mesma facilidade com que os convidados

derrubavam cerveja no tapete lá embaixo. Ela mordeu o lábio e manteve a boca fechada.

Xan mudou de posição, cruzou as pernas e começou a espalhar tabaco sobre uma

folha de papel.

- Parece que não vamos mais compartilhar - disse, empregando novamente aquela

voz indiferente e o tom arrastado, preguiçoso.

Donna levantou-se muito depressa, e uma onda de tontura quase a derrubou.

- Eu tenho mesmo que ir. Preciso chamar um táxi.

- É claro - Xan respondeu, prendendo atrás da orelha o cigarro que acabara de fazer. -

Vou ajudar você a descer.

Ela recuou antes que a mão pudesse tocá-la.

- Não, obrigada. Posso ir sozinha.

Mas ele a seguiu da mesma maneira.

Quando chegaram ao quarto de onde ela saíra para a escada, Donna não soube o que

dizer. Alguma coisa em Xan despertava nela a sensação de estar conectada, embora

soubesse pouco, quase nada sobre ele. Era freqüentemente confortada pelo sentimento de

conexão que experimentava com Navin; ele a fazia sentir como se tivesse pelo menos um

arremedo de vida normal (o que quer que fosse isso). Mas com Xan era diferente.

Xan era diferente.

Donna despiu o suéter preto, sentindo de repente um calor exagerado e um certo constrangimento ao devolvê-lo. Seus olhos notaram o relógio digital no criado-mudo ao lado da cama desarrumada. A cama *dele*.

- Droga. Eu tenho mesmo que ir. Navin deve estar me procurando.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Navin? - Ele ergueu as sobrancelhas. - Ah, o namorado. - Era uma afirmação.

- Não, só um amigo. - Donna deu de ombros. - Meu melhor amigo, na verdade.

- Ah... - *Xan* passou a mão pelo rosto. - Posso telefonar para você? Acho que temos muito sobre o que conversar... - Por um momento ele soou inseguro, e essa hesitação deu a Donna a coragem para correr o risco.

- É claro. - Ela recitou seu número, enquanto *Xan* ia apertando as teclas de seu telefone celular.

Porém, quando ele deu um passo em sua direção, Donna teve de se esforçar para não correr. Afinal, quem diabos era Alexander Grayson? Mas ela se obrigou a permanecer onde estava. *Xan* estendeu a mão, e ela prendeu o fôlego enquanto, com grande delicadeza, ele

afastava uma mecha de cabelos que caía sobre seus olhos, prendendo-a atrás da orelha.

O calor se espalhou por seu corpo e ela tentou sorrir. Pela primeira vez, Donna percebeu que precisava olhar para cima para fitá-lo nos olhos. Xan era alto. Mais alto que Nav, ela pensou, e se sentiu imediatamente desleal.

A mão de Xan tocou seu ombro enquanto eles se encaravam. Em seguida, os dedos se moveram por seu braço, descendo até onde a luva encontrava a pele pálida do cotovelo.

Houve uma *faísca* repentina, como eletricidade estática - porém muito mais forte.

Donna afastou-se do toque de Xan ao sentir a dor nas mãos e nos braços. Era como uma câibra, mas uma sensação única que atacava ossos em vez de músculos. Ela lembrou a dor da infância - as múltiplas "cirurgias" nos braços deformados enquanto o Criador trabalhava nela com metal e magia, e a expressão no rosto de tia Paige quando ela ia visitá-la depois de cada procedimento.

- Que diabo foi isso? - Xan a fitava como se ela fosse alguma coisa preciosa e perigosa. Sua voz soava baixa, e os olhos brilhavam na penumbra do quarto. Ele esfregou as mãos como se estivessem frias e olhou para a porta entreaberta.

Donna engoliu em seco.

- O que foi *isso*? - A dor nos ossos era agora uma espécie de formigamento que se espalhava pelos braços. Precisava sair dali. Não sabia o que havia acontecido entre eles, mas pensaria nisso mais tarde, quando não precisasse suportar a intensidade do olhar de Xan.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ele franziu o cenho.

- Você também sentiu. Não diga que não sentiu. - Donna deu um passo na direção da porta.

- Foi só um choque elétrico. Nada muito importante.

Por um momento, ela se perguntou se Xan ia mesmo tentar impedi-la de ir embora. Seu coração disparou, e ela resistiu à tentação de friccionar os braços.

Mas Alexander Grayson ficou ali parado observando-a, quase como se pudesse enxergar *dentro* dela, se fizesse um esforço.

Donna caminhou apressada para a porta, olhando para trás apenas quando já passava por ela. Sem dizer nada, ela desceu a escada procurando por Navin. Como já previa, ele estava furioso.

- Onde estava? Procurei por você em todos os lugares, liguei no seu celular mais de cem vezes...

Donna pensou que ele parecia um pai que havia perdido o filho no shopping, mas conseguiu conter um sorriso.

- Não exagere - respondeu ela, verificando as chamadas perdidas no celular enquanto vestia o casaco. O número de ligações não atendidas a surpreendeu. - Ah, você ligou várias vezes, mesmo.

- É claro que liguei! - Navin praticamente explodiu. - Não sabia o que pensar. Já estava me perguntando se Melanie e suas comandadas haviam feito alguma coisa com você.

A preocupação era tocante, mas Donna se sentia distante dele, como se tudo que

acontecia ali passasse por um filtro, como se uma cortina se fechasse diante de suas emoções e

ela não sentisse mais as coisas com a intensidade de antes.

- Desculpe, Nav, mas o que imaginou que Melanie pudesse fazer comigo? Pelo que vi, ela

parece comer na palma da sua mão. - E também havia o fato de Melanie Swan nunca mais ter se

metido com ela diretamente desde o famoso incidente. Donna tentou pensar em outra coisa,

mas a lembrança persistia em brotar em sua mente como uma teimosa erva daninha.

- Cale a boca, Underwood. Não tente me distrair; você está muito encrencada. - Navin

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

aprontou para o relógio de pulso. *Merda.* - E vai ficar ainda mais encrencada se não chegar em

casa em meia hora, no máximo.

Donna ficou séria.

- Tia Paige não vai me fritar viva por isso...

- Eu não teria tanta certeza. Na última vez que levei você depois do horário, ela ameaçou me enfeitiçar.

- Ela estava brincando! - Tudo bem, sua tia gostava de cultivar uma espécie de personagem alternativo New Age para lidar com as pessoas que não pertenciam à Ordem, mas às vezes Nav levava tudo isso muito a sério. Estava meio convencido de que Paige era uma bruxa moderna - o que não era uma conclusão muito distante da realidade. Mais ou menos... - Escute, já pedi desculpas por ter deixado você preocupado. - Donna queria mudar de assunto, tirar a tia da conversa.

Navin passou um braço em torno de seus ombros e a afagou; ela soube que havia sido perdoada.

- O que estava fazendo, afinal?

- Respirando um pouco de ar fresco lá em cima, no telhado.

- No *telhado*?

Ela sorriu.

- Que lugar pode ser melhor?

Navin balançou a cabeça e sorriu sem muito entusiasmo.

- Você é bem esquisita, sabe?

Donna olhou para ele com ar inocente enquanto se dirigiam à porta.

- Pensei que andasse comigo justamente por isso.

- Sim, é exatamente por isso. - Navin revirou os olhos. - Vamos, já chamei um táxi.

Ela riu e abriu a porta da frente, mas hesitou ao ouvir passos apressados na escada atrás

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

deles.

- Donna, espere um segundo!

Virando-se devagar, ela viu Xan segurando sua echarpe prateada. Ela tocou o próprio

pescoço; por um tempo não a sentia ali. Teria deixado cair quando estavam no telhado?

Xan empurrou para trás a franja longa que encobria seus olhos. - Você derrubou isto aqui.

Navin olhou de um para o outro, e surgiu em seu rosto uma expressão que Donna jamais

vira antes. Com as faces muito quentes, ela odiou se sentir *culpada* de repente. Afinal, não havia feito nada de errado.

Ao pegar a echarpe da mão de Xan ela resmungou um agradecimento, esperando que

ninguém notasse como suas mãos tremiam. A dor nos ossos retornara, despertando nela a

vontade de envolver o corpo com os braços e esperar pelo alívio. A sensação - como se os ossos

fossem friccionados uns contra os outros - provocava lágrimas que inundavam seus olhos. Ela

pisçou para contê-las e tentou fingir que estava tudo bem.

Depois ajustou a echarpe em torno do

pescoço com dedos enrijecidos.

Xan sorriu.

- Combina com seu casaco.

- Ah... Obrigada. - Ela moveu os pés e decidiu que precisava apresentá-los.

Tocando a mão de Navin, disse: - Nav, esse é Xan ... Alexander Grayson. Nós nos

conhecemos lá em cima. Xan, este é meu amigo Navin Sharma.

Eles se estudaram daquela maneira típica dos garotos. Depois, Navin estendeu a mão.

- É um prazer conhecer você - disse, embora a voz sugerisse o contrário.

Donna não entendia o que estava acontecendo com ele, embora se sentisse grata por Nav

ao menos fazer um esforço para parecer simpático.

Xan apertou a mão dele.

- O prazer é meu. Espero que tenha se divertido.

- Sim, foi muito legal. Obrigado.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

A batida da música que pulsava na sala de estar reverberava sob os pés de Donna.

Ninguém falou nada, e Xan voltou a encará-la. Ele a fitava com aquela expressão estranha,

curiosa, como se ela fosse uma nova espécie que acabara de descobrir. Queria dizer a ele que era

rude encarar as pessoas, mas não faria isso na frente de Nav.

Houve um estrondo na sala, e Xan se encolheu. - Bastardos! O que será que quebraram agora?

Seus olhos buscaram novamente os de Donna. Ele ergueu as sobrancelhas, e ela quase riu.

Salva por um punhado de desastrosos, pensou.

- Desculpe - disse Xan, passando a mão pelo cabelo novamente.

- Preciso ir ver o que aqueles idiotas estão fazendo.

Donna assentiu.

- Tudo bem. Obrigada mais uma vez.

Xan se virou e caminhou na direção dos ruídos assustadores.

- Eu ligo para você - ele disse por cima de um ombro.

Donna queria desaparecer na poça de álcool do tapete. Por que ele havia dito isso? Os

homens eram idiotas, mesmo.

Ela olhou para Navin e se sentiu aliviada porque, aparentemente, ele nem havia reagido.

Talvez não houvesse escutado. Sim, podia ter esperança...

Eles saíram da casa. Donna chutou uma garrafa vazia para fora do caminho e olhou para o

outro lado da rua. Ela estudou a escuridão: alguma coisa se movera? Uma sombra magérrima se

escondeu atrás de um muro e ela quase gritou. Sua boca ficou seca e ela parou.

- O que foi? - Navin segurava o pesado portão de ferro no final da alameda na frente da

casa, pronto para abri-lo e sair.

- Espere. - Donna o segurou pelo braço; ela apertou com força excessiva, e o amigo gemeu.

Navin ficou sério, intrigado, e massageou o braço de um jeito exagerado. Ele estudou seu rosto por um instante.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Donna, qual é o problema?

Observando a rua, ela tentava engolir o nó que fechava sua garganta. Seu coração batia

acelerado. *Lá! Ali estava outra vez!* Uma silhueta pequena se movia com graça sinistra,

esgueirando-se por entre as sombras e escalando o muro do quintal vizinho.

- Viu aquilo? Alguma coisa pulou aquele muro, eu *vi*. - Ela sussurrava e sabia que devia parecer maluca, mas não conseguia se conter. Não sabia o que acabara de ver se esgueirando por entre as sombras, mas sabia que, o que quer que fosse, era mais sinistro que um gato de amanhã gigante.

- Não há nada ali, Donna. - Navin a olhou de um jeito estranho. - Tem certeza de que não bebeu?

- Cala a boca, você sabe que não.

- Na verdade, não tenho como saber nada, considerando como você decidiu passar a maior parte da noite no telhado. - Ele ergueu uma sobrancelha, algo que Donna sempre havia desejado conseguir fazer. Mas essa era uma expressão que nunca conseguira dominar. Nem mesmo com a ajuda especializada de Nav.

- Ah, esqueça. - Donna deixou escapar o ar que havia mantido preso sem perceber. -

Talvez eu *esteja* mesmo ficando maluca.

- Ficando maluca? Lamento informar que isso já aconteceu há muito tempo, Underwood.

Donna resistiu à tentação de demonstrar toda sua força física.

Porém, ela não conseguiu disfarçar o alívio quando o táxi chegou. Pelo menos Navin

voltara a brincar com ela - a tensão que surgira entre eles quando Xan se aproximara parecia ter desaparecido. Ela olhou por cima de um ombro quando se sentou no banco traseiro do carro, sabendo que não poderia ficar feliz enquanto não saíssem dali. Estava quase certa de que alguma coisa os estivera observando do outro lado da rua. A

sensação no estômago permaneceu com ela durante todo o trajeto de volta para casa.

DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Sempre que penso no "incidente" no Ironbridge High School - aquele que todos lembram,

mas fingem que não - tenho uma horrível sensação que afeta meu estômago. É como nervosismo,

mas um pouco pior. Mais doloroso. Envergonho-me do meu comportamento, mas estava me

defendendo, o que não pode ser considerado algo completamente ruim. Certo?

Só queria que as pessoas esquecessem de verdade - como se tivessem a memória varrida

num passe de mágica, ou algo assim - em vez de ter de fingir que nada aconteceu. Eventos que não

podem ser explicados de maneira racional não devem ser questionados. Mas pessoas como Melanie

Swan não esquecem com facilidade quando alguém as faz parecer estúpidas diante dos amigos.

Tudo que eu queria - tudo que sempre quis - era viver tranquilamente meus dias na escola.

Já era suficientemente ruim ser diferente por usar luvas o tempo todo; destacar-se desse jeito já é o

bastante para causar desconforto. Alguns alunos acreditavam que eu queria "lançar moda" e

faziam comentários maldosos quando pensavam que eu não estava ouvindo. Mas Melanie não se

incomodava se eu estava ouvindo ou não. Às vezes ela me perguntava diretamente: "Qual é o problema com suas mãos, Underwood? Está tentando parar de roer unhas?" Ou "Como consegue segurar a caneta com essas coisas?" E eu corava e me odiava por isso, virando-me e me escondendo atrás de Navin. Eu tentava ignorá-la - e me saí muito bem por quase dois anos.

Mas quando as pessoas deduziram que as luvas não eram só um acessório - que eu obtivera permissão especial para usá-las por causa de alguma coisa que havia acontecido comigo - Melanie não conseguira mais dominar a curiosidade. Para ser justa, ela não havia sido a única, mas há sempre um da gangue nesse tipo de situação. Eu era dispensada de algumas atividades esportivas e isso era algo que ela odiava (provavelmente nascera com pompons presos às mãos). Ela simplesmente não suportava o fato de eu ser tratada de maneira diferente.

Naquele dia, por alguma razão, Navin não estava na escola, e eu visava meu armário tentando encontrar um livro que tinha certeza de ter deixado lá no dia anterior. Melanie apareceu atrás de mim e me empurrou, tropecei e bati a cabeça no armário.

Eu ainda tentava tirar a cabeça do meu armário quando senti dois pares de mãos me agarrando dos lados, me segurando naquela posição e me impedindo de sair; de me levantar. E depois alguém agarrou minha mão direita e começou a puxar minha luva.

Ainda me lembro da descarga de adrenalina me inundando. Foi como a onda de calor que começava no meu coração disparado, se espalhava por todo meu corpo, e fazia minha cabeça zunir

com uma energia contida. Queria tirar aquelas mãos longe de mim. Não queria que ninguém visse minhas mãos e meus braços. Ouvi a voz de Melanie - "Veja, tem alguma coisa aqui!" E foi isso. Simplesmente perdi a cabeça. Soltei minha mão direita com um puxão violento, sem me importar por um momento com o fato de ficar sem a luva, e agarrei extremidades do armário com as duas mãos. Empurrei com

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

toda força dos dedos e das mãos - levantando o corpo com tanta vitalidade que joguei longe as pessoas que me seguravam.

E então me vi frente a frente com Melanie Swan, e com ela havia um grupo bem grande de amigos e curiosos espectadores. Alguém disse, "Olhem o armário" com voz fascinada, e eu me virei para olhar com todos os outros.

A porta estava aberta, mas onde eu a segurara, nas laterais, era possível as marcas que minhas mãos deixaram no metal. Era como se eu houvesse amassado um papel, dobrado um tecido qualquer.

- Que tipo de esquisita é você, Underwood? - Melanie perguntou olhando para mim. Seus olhos azuis e perfeitos transbordavam desdém e - notei com atenção - medo. - Sempre soube que havia algo de estranho com você.

- Deixe-me em paz. - Não consegui pensar em mais nada para dizer. Minhas mãos tremiam muito, mas eu fechei a porta do armário amassado, sabendo que não havia nenhuma possibilidade de trancá-la adequadamente, e não me importando nem um pouco com isso. Só queria uma desculpa para não ter de ver aqueles rostos, todas aquelas expressões. A porta estava torta, meio pendurada por uma dobradiça, e parecia abandonada e bêbada no meio da fileira de portas perfeitas. Mas Melanie ainda não se cansara de me atormentar. Olhei em volta com desespero, esperando por um milagre na forma de um professor passando por ali, mas aquele não parecia ser meu dia de sorte. Ela pousou a mão pálida e de unhas perfeitas no centro do meu peito e me empurrou contra a porta do armário. As unhas dela combinavam com minhas luvas vermelhas. - Fique fora do meu caminho, esquisita. Não sei se foi por ela me chamar de "esquisita" outra vez, ou se foi o jeito lento e exagerado como ela me empurrou. Não sei se ainda estava encharcada de adrenalina. Não sei o que foi, mas alguma coisa explodiu dentro de mim. Eu me aproximei dela tanto quanto pude sem pisar em seus pés delicados. - Acho que está cometendo um engano. É você quem vai ficar longe de mim. Virei-me para o armário, levantei o punho cerrado, e esmurrei a porta com toda força que tinha.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Com um barulho ensurdecador do metal, a porta inteira desmoronou para o lado de dentro, arruinada além de qualquer possibilidade de reparo. Houve uma exclamação coletiva dos espectadores, e eu me senti gratificada ao ver Melanie recuar alguns passos, os olhos muito abertos e assustados.

Dei alguns passos na direção dela.

- É isso que vai acontecer com você se me incomodar novamente.

Depois girei sobre os calcanhares e me afastei com as pernas tremendo, sem me incomodar

por ver as pessoas se afastarem e abrirem caminho para mim como se fossem o Mar Vermelho.

Sem me importar por ver que todas estavam chocadas e amedrontadas.

Naquele momento, tudo que importava era estar saindo vitoriosa daquela situação.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Donna afundou um pouco mais no assento e olhou para fora pela janela engordurada, praticamente sem ver o cenário pelo qual passava o ônibus. Não queria ir ver o Criador hoje, mas sua experiência com Xan na noite anterior a deixara suficientemente preocupada para querer submeter suas mãos e braços a um exame.

Ser cautelosa era sempre bom, embora fosse terrível levantar tão cedo em uma manhã de domingo.

Sentindo-se um pouco como Cinderela, ela chegara em casa depois de uma noite

longa, entrara sem fazer barulho e, cansada, descobrira aliviada que tia Paige já dormia; não havia esperado por ela, felizmente.

E então, naquela manhã, não vira nem sinal da tia, exceto por um bilhete avisando que

ela tivera de sair para uma reunião de última hora e se desculpando por ter de trabalhar em

um domingo, e antecipando que ela voltaria em tempo de passarem parte da tarde juntas.

Bem, pelo menos isso havia poupado Donna de dar explicações.

O sol de fim de outono iluminava as janelas do ônibus, criando desenhos no vidro

manchado. Donna traçou as formas com os dedos enrijecidos - hoje cobertos por luvas roxas -

enquanto via passar do lado de fora as largas ruas principais de Ironbridge. Aninhada em uma

área próxima de um rio, Ironbridge sempre havia parecido uma versão miniatura de Boston

para ela. Era um lugar encantador, embora fosse uma cidade pequena.

Ela fechou os olhos ao sentir mais uma onda repentina de dor.

Com as mãos cobertas cuidadosamente apoiadas sobre as pernas, esperou o espasmo

passar. Ir visitar o Criador hoje talvez não fosse uma idéia tão ruim. O enrijecimento das mãos

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

não era incomum, especialmente quando o clima ficava frio, mas aquela dor intensa era nova.

Sentia-se velha e cansada por causa dela, como se tivesse artrite, apesar da idade. Se o Criador

soubesse o que estava acontecendo com ela - o que causava aquelas sensações estranhas -

talvez pudesse dar uma solução para o problema. Era isso que ele fazia, afinal: consertava coisas.

Donna tentou esquecer a dor nos ossos e concentrar-se nas ruas por onde passava.

Ironbridge era como uma história para ela, um conto de fadas cheio de mágicas, julgamentos

e monstros escondidos nas sombras esperando por ela, prontos para roubar tudo que tinha de

mais importante. Como era praticamente órfã, Donna se sentia como as heroínas mais típicas

dos contos de fadas - exceto pelo detalhe de sua mãe ainda estar viva, ou levando uma vida

pela metade no Instituto.

Aos dezessete anos, Donna havia decidido que " finais felizes " não existiam para gente

esquisita como ela.

Finalmente o ônibus parou do lado de fora de um parque industrial. A cerca de aço

envolvia toda a área da propriedade como uma embalagem prateada. Donna se levantou

apressada e percorreu o corredor estreito do ônibus.

- Espere, vou descer aqui!

As portas já haviam sido fechadas, mas, com um sibilo irritante, se abriram novamente

para deixá-la passar.

- Obrigada - ela disse já descendo os degraus para a empoeirada calçada de concreto.

Quando o ônibus se afastou, Donna viu claramente a rua. Estava vazia, exceto por uma

senhora empurrando um carrinho de supermercado que parecia enferrujado, mas Donna

tinha a incômoda sensação de que, instantes antes, havia sido observada. Novamente.

Intrigada e séria, ela tentou se livrar do novo e enlouquecido nível de paranóia que a

atormentava agora. O fato de ter sido levada ao centro de uma ancestral sociedade secreta de

magia não significava que tinha de ficar obcecada como Quentin, Simon e os outros.

Fechando a jaqueta preta para proteger-se do ar gelado, Donna percorreu a rua

acompanhando o muro rabiscado e pintado. Carros passavam em alta velocidade, mesmo

àquela hora de uma manhã de domingo, porque o parque industrial ficava em um conhecido

atalho para o centro da cidade.

Ela chegou à entrada lateral que raramente era usada e empurrou o enferrujado portão

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

de ferro o máximo possível, até a corrente fechada com um cadeado impedir o movimento. O

espaço quase nem era suficiente para permitir sua passagem, mas ela se encolheu e se

espremeu até passar pela fresta.

O sol matinal era refletido pelas janelas altas e gradeadas do conhecido depósito de

pedras. Outras construções podiam ser vistas pelo terreno, embora algumas estivessem

vazias, graças à recessão. Aquele prédio em particular era a oficina do Criador desde que ela

conseguia lembrar, escondido em meio à constante movimentação de empresários e

produtores locais. Donna sabia que, não fosse pelas lesões em suas mãos, jamais teria tido um

motivo para ir até ali, nunca teria tomado conhecimento de tantos segredos da Ordem. O

Criador às vezes era sério e focado, mas também era falante quando trabalhava com ela.

Provavelmente, Donna sabia mais sobre os alquimistas do que tia Paige teria aprovado.

Donna bateu na pesada porta de madeira e esperou por um momento. Era comum não

haver resposta. O velho quase sempre estava envolvido com um ou outro experimento,

trabalhando nos finais de semana quando tudo ficava mais quieto por ali. Donna bateu na

porta mais uma vez, a mão doendo, e estava se preparando para tentar abrir quando alguma

coisa roçou seu ombro.

Ela gritou e se virou.

-Navin!

Navin derrubou a bicicleta com um estrondo e cambaleou para trás, caindo em cima

dela. Seu rosto refletia o choque que também estava estampado no de Donna, e o motivo era

o mesmo: nenhum dos dois esperava ver o outro ali.

O momento se prolongou. A cabeça de Donna girava. De onde Navin surgira? Ele a

seguira?

- O que está fazendo aqui? - Donna conseguiu murmurar com voz sufocada.

Navin a ignorou, levantou a bicicleta e examinou sem pressa a extensão dos danos.

Donna o conhecia muito bem.

- Pare de enrolar e comece a falar, Sharma. Você me *seguiu*? Por favor, não me diga que

virou um stalker, porque isso não seria legal!

Ele a encarou, os olhos castanhos tomados por uma mistura conflitante de culpa e raiva.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Vai me culpar por isso? Você tem muitos segredos, Donna. E depois do seu

comportamento estranho ontem à noite...

- Meu Deus, você *me seguiu*!

- Cala a boca, não pode me criticar. - Seus ombros estavam tensos sob a eterna jaqueta

de motoqueiro. - Conheceu aquele garoto na festa e não ia nem me contar. O que foi aquilo?

Donna abriu a boca para responder, mas calou-se imediatamente. Isso não os levaria a

nada. E o que poderia dizer? Ela o empurrou, usando mais força do que era necessário, mas isso a fez sentir melhor.

Navin quase caiu sobre a bicicleta novamente.

- Droga, mulher, pare de tentar me bater. Vou processar você por violência doméstica.

Eles se encararam sérios, e depois os lábios de Navin tremeram, e Donna sentiu a

própria boca se distendendo num sorriso relutante. - *Violência doméstica? Você ficou maluco, Sharma.*

- E eu repito, você tem muitos segredos, Underwood. O que é agora, uma espiã adolescente?

Ela quase riu.

- Não, definitivamente não.

Navin levou a bicicleta para perto do galpão e a apoiou à parede, do lado da porta.

- Então, aonde vamos?

Donna revirou os olhos, tentando controlar o pânico que ameaçava dominá-la.

- *Eu vou ver...* Um amigo da minha família. E você, não sei o que vai fazer, mas espero que se divirta.

Ela observou o rosto expressivo de Navin, onde era possível ver uma batalha de

variados graus de desapontamento, curiosidade e raiva.

Que emoção venceria? Nunca se acostumaria a mentir para Navin, embora tivesse

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

de mentir para ele na maior parte do tempo desde que se conheceram. E mentia

principalmente por omissão, o que preferia pensar que não contava. Mas sabia que

contava.

Tudo isso porque a Ordem do Dragão era muito severa com ela. Ainda uma

iniciante, não tinha nenhuma importância entre os alquimistas, exceto por ser filha de

duas de suas lendas e sobrinha de uma atual estrela em ascensão em sua hierarquia.

Donna pensou em tia Paige e no que ela diria se soubesse o que sua sobrinha estava

considerando fazer. Quanto estava perto de contar a verdade a Navin.

Pelo menos uma *parte* da verdade. Seria tão terrível assim? Podia responder essa

pergunta sem ajuda: *certamente* seria terrível.

Por isso ela o protegera durante todo esse tempo, por isso se dispunha guardar o

segredo da Ordem, apesar das mentiras. Navin tinha a bênção de uma vida normal.

Enfrentava suas perdas e tristezas, mas pelo menos as dificuldades tinham um sabor

humano. Donna queria proteger essa normalidade tanto quanto fosse possível. A idéia de

Navin sofrendo os mesmos pesadelos que ela tinha de suportar era horrível.

- Que lugar é esse? - ele perguntou olhando em volta.

- Ah, Navin ... Por que tinha de me seguir? - A voz de Donna era quase um

sussurro, mas sabia que ele a ouvira.

Navin ficou muito vermelho.

- Pensei que vinha encontrar aquele cara. Zod, ou sei lá como é o nome dele.

- É *Xan*, e você sabe muito bem. Idiota.

- Ei, você nem o conhece direito. E estava tão apavorada ontem à noite, quando

saímos da festa... Fiquei preocupado com você.

Donna queria acreditar nele; queria realmente acreditar que Navin agia daquela maneira movido por uma preocupação inocente com ela. Mas, considerando sua expressão agitada, sabia que havia muito mais por trás de seu comportamento inesperado. *Droga*. Ela o encarou por um instante e tomou uma decisão.

- Espere aqui um instante.
- Mas...

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Eu disse para *esperar*. - A força em sua voz se igualava àquela de seus braços. Donna ainda não sabia quanto revelaria, mas Navin estava ali, e precisava pensar em alguma coisa.

Mesmo que fosse embora e o levasse dali, nada o impediria de voltar sozinho e investigar, o que interromperia o trabalho do Criador. Donna não queria nem pensar no que aconteceria depois disso. A oficina era protegida pelo anonimato, embora estivesse à vista de todos, e parecia completamente abandonada, mas também era vigiada por guardiões mágicos que preveniam o Criador sempre que um desconhecido se aproximava. Era muito provável que a presença de Navin já houvesse feito disparar o alarme, tornando inútil qualquer tipo de precaução, mas ser cuidadosa era um hábito difícil de quebrar.

Ela empurrou a pesada porta da oficina do alquimista. Não era incomum encontrá-la

destrancada, motivo pelo qual Donna já estava preparada para a visão com que se deparou ao

entrar no espaço de iluminação amena. Navin a seguia de perto.

- Criador? - Sua voz soou fraca no espaço cavernoso.

Apesar de ser um lugar ocupado por tralha, metal e máquinas de todos os tipos, havia

ali uma estranha impressão de ordem. Donna estava habituada a ver pilhas de ferramentas e

retalhos de metal espalhados por ali, plantas e papéis espalhados sobre a grande mesa

localizada junto de uma parede lateral sob uma janela alta, e com o atual trabalho do Criador

ocupando o centro do galpão.

Hoje, porém, a desordem na oficina não tinha a marca pessoal de seu ocupante. Papéis

e pastas estavam espalhados pelo chão como confetes gigantescos; enormes chapas de aço,

normalmente empilhadas junto de uma parede nos fundos do depósito, haviam caído no chão

como se alguém houvesse tentado espiar atrás delas; a bancada de trabalho no centro do

galpão estava vazia de plantas e planos, que agora jaziam pelo chão amassados e rasgados.

Um prato e uma caneca foram quebrados, os cacos jogados ao lado da bancada.

- Criador! - Donna chamou, dessa vez mais alto.

- Que lugar é este? - A voz de Navin ecoava pelo espaço amplo.

- Shhh... Ele não está aqui. É estranho.

Um ruído mecânico soou de repente, e Donna teve de se abaixar quando um objeto

cortou o ar.

- O que foi isso? - Navin sussurrou apavorado.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Os dois cobriram a cabeça e se abaixaram novamente quando o som voltou a ecoar sobre eles.

Donna afastou o cabelo dos olhos e se levantou devagar.

- Tudo bem, são inofensivos. Os pássaros do Criador não oferecem perigo.

Normalmente ele não os deixa soltos...

Os dois cucos de relógio - ambos do tamanho de corvos grandes - eram feitos de

bronze, cobre e ferro, com brilhantes olhos prateados e asas polidas que refletiam a luz

natural das janelas muito altas. Eles descreviam arcos e subiam até o teto da oficina, e

finalmente pousaram em uma das vigas com um estalo das garras metálicas.

Os olhos de Navin estavam muito arregalados, cheios de um pavor que ela jamais vira neles antes.

- Esse... Seu Criador. Quem é, Donna? O Maravilhoso Mágico de Oz?

- Mais ou menos isso - ela resmungou, tentando escapar do interrogatório.

Mas Navin tocou seu ombro.

- Espere. Tenho um mau pressentimento com relação a tudo isso.

Donna soltou-se e caminhou cautelosa pelo mar de ferramentas afiadas e papéis

espalhados pelo chão. Olhando para cima mais uma vez , ela viu que havia uma importante rachadura em uma das janelas, e ela se espalhava como uma teia de aranha formando um padrão meio maluco. Seus olhos encontraram a cadeira de rodas super avançada do Criador, virada e jogada em um canto do galpão. O velho nem sempre precisava daquela cadeira para locomover-se - ele mesmo a construía, e ela parecia ter saído de uma história em quadrinhos

- mas recorria a ela quando as pernas ficavam muito fracas depois de um período de trabalho excessivo.
- O que aconteceu? - ela sussurrou.
- Não sei quem você está procurando, Donna, mas é evidente que não vai encontrá-lo aqui. Acho melhor irmos embora. - Navin soava tão nervoso quanto se sentia.

Donna ergueu o queixo.

- Não, alguém invadiu o galpão. Vou dar uma olhada na cozinha e no banheiro antes

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

de fazermos qualquer coisa.

- Acho que devemos simplesmente ir embora. E chamar a polícia.
- Você devia ir, Navin. Não devia nem estar aqui.

A voz de Donna tremia.

- Não vai me obrigar a sair, Donna. Você é minha amiga e acho que está com

problemas. Não vou deixá-la aqui.

A irritação a invadiu e ela cerrou os punhos. Ele não estava tornando a situação mais fácil.

- Nav...

- Alguma coisa não está certa... Até *eu* posso perceber, e nunca estive aqui antes. Eu

sinto que... Há algo errado. Vamos chamar a polícia e sair daqui.

Donna estreitou os lábios e balançou a cabeça, dirigindo-se ao fundo da oficina, para o corredor estreito.

- Mulher teimosa - Navin resmungou. Ele a seguiu, olhando para trás com evidente nervosismo como se esperasse ser atacado a qualquer momento. Donna não podia culpá-lo. Também tinha essa mesma sensação; um arrepio

persistente percorria sua nuca, e o estômago estava contraído como quando se sofre uma forte vertigem.

- Escute - ela murmurou.

Os dois pararam no início do corredor e prenderam a respiração. Havia um ruído baixo

vindo de algum lugar além do corredor, um som como o de unhas arranhando uma lousa, seguido por um estalo mais alto e agudo.

Eles se entreolharam. *O que é isso?* Navin perguntou movendo os lábios em silêncio, os olhos muito abertos.

Donna desviou o olhar de seu rosto apavorado, sentindo o medo desabrochar em seu

peito como uma rosa negra. Não podia ter certeza absoluta, mas tinha uma forte suspeita de

que o invasor não era humano. Nem animal. Odiava ter conhecimento dessas coisas sombrias

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

e nada naturais, mas uma pessoa nem sempre pode negar quem realmente é. Respirando

fundo, ela sufocou o pavor da melhor maneira possível e entrou no corredor escuro e estreito.

Ele era curto, e sua largura era suficiente apenas para ela e Navin caminharem em fila

única. E o trajeto terminava em uma parede branca. Havia apenas duas portas, uma de cada

lado deles, mais ou menos na metade do corredor. A cozinha ficava à esquerda, o banheiro, à

direita. Quando chegaram na porta da esquerda, Donna girou a maçaneta e a empurrou.

Nada. A cozinha era pequena, um espaço onde mal cabiam os dois.

Havia um *ping-ping-ping* constante da torneira sobre a pia. Donna tentou fechá-la, mas

ela continuou pingando. A janela pequenina, acrescida ao local quase como uma idéia

posterior à construção, era composta por um vitral de cacos coloridos cobertos por desenhos

rebuscados que impediam a visão do interior para quem estava do lado de fora. Porém, de

onde estavam era possível perceber que o sol matinal era pálido e fraco, agora que o inverno

se aproximava.

E então, eles ouviram novamente. *Scrap-scrap-clique-clique:* Donna e Navin pularam, e ele

tentou empurrá-la para trás de seu corpo. Impossível. Donna voltou ao corredor e ouviu o que acontecia atrás da outra porta. Sabia que o banheiro era quase tão pequeno quanto a cozinha; havia um pouco mais de espaço ali, mas não o bastante para muito mais que um vaso sanitário, uma pia, e uma banheira antiga e ornamentada. *Scrap-scrap-clique-clique*. O som causava em Donna um horrível arrepio que percorria a pele e atingia até os dentes. Navin a cutucou, e parecia se preparar para falar alguma coisa. Ela levou um dedo enluvado aos lábios e se virou para a porta. Inclinando-se, ouviu os sons além dela. Nada. Donna girou a maçaneta e empurrou a porta. Era preciso fazer esforço para lembrar que devia usar a força "normal". Se Navin não estivesse ali, poderia arrombar a porta sem nenhum problema. Estava emperrada. Ou trancada. - Preciso de ajuda - ela disse, puxando Navin para perto da porta. - Depressa! Os dois apoiaram o peso à madeira, empurrando com força. Donna olhou para a maçaneta.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Não pode estar trancada. Veja. Não há fechadura. Está emperrada, apenas. Vamos correr e empurrar. O que estiver do outro lado vai ceder, liberando a porta.

Navin grunhia enquanto empurrava a porta, apoiando-se ao batente para tentar acumular mais força. Ele atacava a parte superior, Donna empurrava a porção inferior, apoiando o peso do corpo na maçaneta enquanto empregava sua verdadeira força. Houve um estalo alto e a porta se abriu. Donna voou para dentro do banheiro. Navin quase caiu em cima dela. Uma cadeira de madeira lascada quase a derrubou. Devia ser ela o objeto usado para travar a porta.

Em pé sobre o vaso sanitário, tentando alcançar a pequena janela entreaberta, estava uma criatura que Donna só havia visto em seus pesadelos até aquele momento. Quando criança, costumava fazer um jogo no qual tentava desesperadamente convencer-se de que seres como esse não existiam. Não *de verdade*. Mesmo assim, sempre soubera que eles eram reais.

A criatura tinha pele marrom com manchas acinzentadas. Era vagamente humanóide, mas sua pele lembrava a casca do tronco de uma árvore muito velha. Embora tivesse aproximadamente a mesma altura de Donna, a criatura era espigada, com braços e pernas que eram só articulações e ângulos. Seu rosto era estreito e pontudo, com cabelos que lembravam musgo grosso e olhos negros e estreitos que brilhavam mesmo na iluminação fraca do banheiro. O corpo da coisa era recoberto por líquen e musgo, com erva trepadeira se

enroscando em torno de seus membros finos.

O que ela considerava mais chocante, porém, não era sua presença, mas o fato de ela não estar usando *disfarce* - de estar agindo como se nada tivesse a esconder. Então, com uma repentina compreensão, Donna percebeu que havia muito ferro por ali - a criatura não podia manter uma forma diferente nesse tipo de ambiente; seu glamour era praticamente inútil. A banheira de metal causava ao estranho ser todo tipo de problemas.

Donna tinha uma vaga noção da presença de Navin a seu lado, e ouvia sua respiração rápida e pesada. Por um instante sentiu pena dele, imaginando como devia ser difícil tentar entender o que estava bem ali, diante dele.

A criatura abriu a boca sem lábios, um rasgo escuro cortando seu rosto deformado.

Donna lembrou a sombra escura que vira do lado de fora da casa de Xan. Não estivera imaginando coisas, afinal.

Os elfos da floresta haviam voltado à cidade.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Scrap-Scrap-Clique-Clique.

O ruído arrancou Donna do transe. Ela agarrou o braço de Navin e o empurrou de volta para a porta.

- Saia.

- Donna...

- Saia! - ela gritou.

Donna moveu-se lentamente na direção da criatura - o elfo - caminhando com as pernas trêmulas, tentando parecer mais corajosa do que realmente se sentia. Ela também tentava ignorar a súbita e intensa dor nos pulsos. Imagens de pesadelo habitavam a periferia de seus pensamentos, e ela se esforçava para bloqueá-las, preferindo não lembrar. O cheiro de terra molhada invadia seus sentidos na medida em que ela se aproximava, fazendo tudo parecer mais real.

- Fique onde está - ela ordenou em voz baixa, mas com uma inconfundível nota de ameaça. Sentia o olhar penetrante de Navin, e pelo canto do olho ela registrou a surpresa no rosto do amigo. Droga, ele ainda estava no banheiro. E tentava protegê-la.

- O que está fazendo aqui? - Donna perguntou à criatura. - Onde está o Criador?

Não esperava realmente uma resposta. Não uma que pudesse entender, pelo menos.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Uma expressão manhosa surgiu no rosto do elfo - uma expressão tão humana que chegava a ser perturbadora. Os pés dele agarravam a beirada do vaso sanitário de cerâmica como raízes retorcidas.

E de repente a criatura se lançou sobre eles sem nenhum ruído ou aviso,

arremessando-se para frente e usando as pernas surpreendentemente fortes como alavancas.

Os dedos magros como galhos finos se enterraram nos ombros de Navin e seu peso o jogou

sobre a pia do banheiro. Todo ar foi expulso dos pulmões de Navin com um ruído audível, e

ele deixou escapar um grito sufocado quando as costas se chocaram contra a beirada da pia de cerâmica.

Desequilibrada, Donna se esforçou para não cair. Em pé, ela olhou em volta

procurando desesperada por alguma coisa que pudesse servir de arma. Os olhos se depararam

com um desentupidor de pia, e ela foi pegá-lo. Navin tentava remover as mãos deformadas do

elfo de sua jaqueta, mas a coisa era mais forte, e permanecia agarrada enquanto fazia aquele

barulho como um clique metálico no fundo da garganta. A boca aberta deixava ver dentes

amarelos e pontiagudos como agulhas. Ele tentava cravá-los no rosto apavorado de Navin.

Com um grito furioso, Donna começou a bater com o cabo de madeira do

desentupidor na parte de trás da cabeça do elfo.

- Solte-o!

A coisa chiou e se virou para ela, mantendo uma das mãos em Navin. Ele tentava pegar

a arma improvisada, arrancá-la de suas mãos trêmulas, mas Donna a segurava com força

descomunal. De repente ela teve uma idéia e virou o desentupidor, brandindo a parte de

sucção para o elfo. É claro, pensava, como se isso fosse dar certo.

Navin, que continuava tentando remover as garras do elfo de sua jaqueta e chutava

várias vezes suas pernas finas por medida de precaução, de repente parecia ter tido uma idéia,

também; Donna viu o brilho em seus olhos castanhos e soube que ele tramava alguma coisa.

Com um movimento dos ombros e um impulso violento, ele despiu a jaqueta e se afastou da criatura.

Agora estava livre, enquanto o elfo segurava apenas sua jaqueta de motoqueiro. Com

uma expressão quase humana de desgosto no rosto enrugado, a criatura jogou a jaqueta no

chão. Donna tirou proveito desse momento de surpresa e, sentindo-se só um pouco ridícula,

empurrou o desentupidor com a parte de sucção voltada para seu rosto, sorrindo ao ouvir o

som satisfatório da pressão. Ela empregava toda força que tinha, ignorando a dor cada

vez mais forte nas mãos, e girou a criatura mantendo seu rosto bem preso no

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

desentupidor. Os braços do elfo se moviam como se ele tentasse agarrar alguma coisa,

mas nada podiam fazer enquanto Donna - quase intoxicada com tanta adrenalina - o

empurrava na direção da banheira.

O desentupidor se soltou com um *pop* muito alto, e o elfo voou para dentro da

banheira, chocando-se contra a lateral e caindo com um grito que não era humano.

Imediatamente, fumaça começou a se desprender de seu corpo de terra, e ele continuou

gritando enquanto tentava escalar as laterais profundas da banheira.

O banheiro era rapidamente dominado por um forte cheiro de queimado, como

fumaça de madeira. Donna empurrou Navin para a porta.

- Venha, vamos sair daqui. Depressa!

Navin parecia estar paralisado, olhando de Donna para a banheira com uma

expressão chocada, mas ela não podia perder tempo se preocupando com isso agora.

- Por favor, Navin, reaja! - Ela o empurrou outra vez.

- Espere - disse ele. - Minha jaqueta.

- Esqueça a jaqueta! Corra!

Navin se desviou dela e pegou a jaqueta no chão. – Agora podemos ir.

Enquanto isso, a criatura ferida havia conseguido se arrastar para fora da banheira

e parecia indecisa, sem saber se devia tentar atacar as presas novamente, ou se fugia

enquanto podia. A fumaça dominava o ambiente, apesar da janela parcialmente aberta.

Recuando em direção à porta, Donna arremessou o desentupidor para a criatura que já se

virava com aquele som pavoroso e sibilante, observando-os de cabeça baixa, dividida

entre o ataque e a defesa.

- Navin, *vamos!*

Eles correram para fora do banheiro. Ao abrir a porta, Donna ainda viu o atacante

pela última vez, quando ele já saltava para a janela.

- Ele vai escapar - disse. - Talvez possamos pegá-lo do outro lado. - Navin a agarrou pelo braço.
- Como assim, "talvez possamos pegá-lo"? Você ficou *maluca*? Aquela coisa tentou me *morder*. Não vou dar a ela outra chance para arrancar um pedaço do meu rosto.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna sentia no peito o impacto das sucessivas descargas de adrenalina. Era difícil respirar.

- Tem razão, desculpe. Eu me empolguei.

O rosto de Navin empalidecera visivelmente, e suas pupilas estavam dilatadas,

tornando os olhos castanhos quase inteiramente negros.

- Você acha? - A voz dele tremia.

Respirando fundo, Donna tentou ter pensamentos mais calmos.

- Você está bem, Navin? - Sabia que a perguntava era ridícula, e teve certeza disso ao

ouvir as palavras saindo de sua boca.

Navin ainda parecia estar em estado de choque.

- O que era aquele... *Monstro*?

Alguma coisa se desfez dentro de Donna. O que devia dizer ao amigo? Como poderia

voltar a encarar Navin? Depois de tudo que haviam enfrentado juntos nos últimos anos - a

morte da mãe dele, que havia sido terrível, sua expulsão da escola, que também não havia

sido fácil - agora tinha de lidar com a dura tarefa de contar a verdade ao amigo. Seus piores temores se concretizavam, e não havia nada que pudesse fazer para modificar essa situação.

Não havia botão de retrocesso na vida real, por mais que ela desejasse poder voltar no tempo.

O que estavam vivendo agora não era nada parecido com as cenas dos inúmeros filmes que viram juntos, acomodados no quarto de Nav ou no dela, alheios ao mundo real e perdidos na fantasia.

Ela respirou fundo.

- Aquilo era um elfo da floresta... Ou um elfo das trevas. Esse é o nome usado com mais

freqüência hoje em dia. Fica mais fácil para a Ordem justificar a decisão de caçá-los.

- O que é a Ordem? E... Donna está falando sério quando diz que aquilo era um *elfo*?

Ela assentiu séria.

- Sim. Tia Paige diz...

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Sua *tia*? Que diabos está acontecendo, Donna?

Ela se deixou cair contra a parede, respirando o ar empoeirado do corredor estreito e

passando a mão enluvada pelo rosto, tentando dominar o cansaço.

- Escute, sei que tudo isso é difícil de entender. Mas você já sabia que havia coisas

estranhas em minha vida. Em mim. Quero dizer, sei que nunca conversei com você sobre essas coisas, mas... Nav, você não é burro. Você mesmo disse que me seguiu até aqui por causa de todos os supostos segredos que tenho escondido de você. - Ela se recusou a dar crédito à idéia de que talvez ele só a houvesse seguido por sentir ciúmes de Xan. Isso era mais do que podia processar nesse momento.

Navin passou a mão pelo cabelo despenteado, um gesto que manifestava frustração, enquanto a outra mão segurava a jaqueta contra o peito num gesto quase de proteção.

- Sim, mas eu não esperava que fosse *isso*. Quero dizer, ter uma tia paranóica é uma coisa, mas... *Elfos?* Tenha dó, Donna. Isso não é esquisito, isso é completamente maluco.

- Não podemos falar sobre isso agora; temos de sair daqui. - Navin prosseguiu como se ela não houvesse falado nada.

- E você lutou contra aquilo como se soubesse o que estava fazendo. O que *foi* aquilo?

Ela riu com amargura.

- Sim, é claro, eu sabia realmente o que estava fazendo. Garota Desentupidora de Pia.

- Bem, sabia muito mais do que eu. - Navin a encarou sério, com uma tensão desconhecida no rosto, e depois caminhou de volta para a oficina.

- Não fique zangado comigo, Nav. Por favor. Eu não suportaria. Ele suspirou.

- Não estou zangado. Estou só... Assustado, eu acho.

Durante todo o tempo em que mantinham essa conversa difícil, Donna olhava em volta com evidente receio, quase esperando ver o elfo ressurgir e atacá-los, apesar de saber que,

provavelmente, ele já estava longe dali. Ela não conteve um tremor ao lembrar o som que ele produzia e seus olhos escuros. Talvez nunca mais pudesse esquecer a imagem dos dentes afiados tentando destroçar o rosto de Navin.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna balançou a cabeça e tentou se concentrar no que o amigo estava dizendo.

- Quem é esse tal de Criador, aliás? - Ele vestia novamente a jaqueta, e Donna

constatou com alívio que parte da cor retornara a seu rosto. - Acha que aquela criatura tem

alguma coisa a ver com o fato de ele não estar aqui?

- Não sei - Donna odiava a sensação de insegurança, a incerteza. Estava tentando pensar no que devia fazer agora. Contar a tia Paige?

Ou procurar Quentin de uma vez? Alguma coisa acontecera com o Criador, e sua

primeira atitude deveria ser reportar o desaparecimento a Quentin Frost, o arquimestre da

Ordem - seu "líder" desde que conseguia lembrar. E precisava relatar também o atual estado

da oficina, e o fato de ter encontrado um elfo das trevas escondido no banheiro.

- Donna, você está escondendo alguma coisa - Navin falou com tom frustrado. - Precisa

me ajudar a entender tudo isso.

Ela suspirou.

- Eu conto mais em casa. - Ele a encarou determinado.

- Promete? Vai me contar *tudo*?

Donna abriu e fechou as mãos, tentando decidir quanto Navin poderia realmente

entender. "Tudo" seria demais até para uma pessoa de mente absolutamente aberta.

- Eu vou tentar, Nav. Isso é tudo que posso prometer.

E teria de ser suficiente por ora, por isso Donna deu as costas ao amigo antes que ele

pudesse dizer mais alguma coisa. O que faria agora? Tantos anos de segredo, e de repente a

tampa da Caixa de Pandora havia sido arrancada. Navin não a deixaria fechá-la novamente tão

cedo, e ela tremeu ao pensar em quais seriam as conseqüências, se começasse a revelar todos

os segredos da Ordem.

Donna não estava nem pensando nas possíveis conseqüências para ela mesma; o que

mais a preocupava era o que tudo isso podia significar para Navin. Ele era um inocente.

(Quentin o chamaria de "plebeu", um termo arcaico que ela odiava.) Mas como Navin Sharma

poderia ser considerado realmente inocente depois de ter estado frente a frente com aquele

elfo das trevas?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Nem mesmo os alquimistas conseguiam apagar a memória de alguém. Pelo menos, ela

acreditava que não.

Enquanto se afastava do edifício, Donna ia respirando o ar frio com imensa gratidão. O

que importava era que Navin estava seguro. De costas para ela, o amigo pegava a bicicleta que

deixara ao lado da porta, apoiada à parede. Donna sentia vontade de chorar, mas sabia que

isso não a ajudaria em nada. Seu dever era com a Ordem - com a tia. E isso tinha de estar

acima de tudo.

A porta da oficina - que eles tiveram o cuidado de fechar - se abriu de repente com um

estrondo. Navin quase foi esmagado por ela, e o coração de Donna disparou, batendo tão

depressa que ela sentiu uma súbita vertigem.

O criador surgiu na soleira, piscando para vencer o primeiro impacto do sol radiante.

- Criador! - Donna correu para ele. - Então está bem!

"Bem" era um exagero. O velho alquimista se apoiava em sua bengala e parecia frágil.

O fato de não estar na cadeira de rodas era, normalmente, um bom sinal - significava que

tinha força nas pernas nesse dia - mas não havia como não notar a palidez e as linhas pro-

fundas em seu rosto. E Donna vira a cadeira de rodas jogada em um canto da oficina. A

imagem a deixou com a boca repentinamente seca.

- O que faz aqui, criança? - A voz do Criador era rouca. Ele se dobrou ao meio

acometido por um ataque de tosse.

Perturbada, Donna não sabia o que fazer para ajudar. Não tinham um relacionamento

de grandes demonstrações de afeto. Conhecia o Criador desde sempre e o via com frequência

há dez anos, graças ao trabalho que ele fazia em seus braços e mãos, mas ele não era o tipo de

peessoa que alguém pensa em abraçar. Por isso ela se limitou a tocá-lo no braço com uma certa hesitação.

Quando a mão encostou-se à flanela escura da camisa que ele usava para trabalhar,

Donna sentiu um calor intenso radiando de seu corpo. Um calor que atravessava as luvas. A dor no pulso voltou.

- Criador, creio que não está bem. Deixe-me ajudá-lo. - Ela olhou para Navin,

esperando que ele entendesse a mensagem. Seu amigo se aproximava depois de ter saído com

dificuldade de trás da porta, e parecia pretender segurar o outro braço do homem. Não era uma boa idéia.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Talvez o Criador estivesse apenas cansado, mas havia nele um tipo de tensão que

Donna não estava acostumada a ver. Podia sentir no ar um cheiro forte de azedo; era um odor

parecido com o que fica na água de um vaso com flores velhas.

- Donna, acalme-se. Eu estou bem. - O Criador removeu a mão de seu braço com um

gesto firme. Porém, a fina camada de suor que cobria seu rosto e a ruga profunda entre as

sobrancelhas diziam o contrário: nada estava bem. Ele respirou fundo, fazendo um grande

esforço para manter-se em pé. - De verdade, estou muito bem.

Ela mordeu o lábio.

- É seguro entrar na oficina?

Ele assentiu.

- Sim, sim. Tudo já foi resolvido.

- Está dizendo que... - Donna não terminou a frase, mas tentou imaginar o que o

Criador havia feito para "resolver" as dificuldades criadas pelo elfo. Na última vez que o vira,

ele tentava fugir pela janela do banheiro. E o alquimista não estava por perto naquele

momento; tinha certeza disso.

- A criatura foi neutralizada. Era só um desgarrado. - Os olhos azuis do Criador

fixaram-se em Navin e ganharam um brilho mais intenso, sinal de atenção redobrada.

Donna se preparou para enfrentar dificuldades. Como explicaria sua presença? Essa era

uma violação da regra do sigilo, uma traição ao voto de confiança, algo que certamente não

seria perdoado.

- Não vai me apresentar ao seu amigo, Donna?

Navin deu um passo à frente e Donna estendeu a mão para segurar a dele. Ela a afagou

com delicadeza.

- Este é Navin Sharma. Navin, este é o Criador. Ele... Trabalha com minha tia. - Ela

respirou fundo. - Criador, peço desculpas por Navin estar aqui. Não vai mais acontecer... Foi

um erro.

A expressão do Criador suavizou-se.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Acho que podemos chegar a algum tipo de acordo, não é?

- Acordo? - Donna franziu a testa.

- Não quero que Paige fique preocupada com você e com o que aconteceu aqui. - Ele

inclinou a cabeça na direção da oficina. - Normalmente, meus experimentos não fogem antes de serem concluídos.

Experimentos? O estômago de Donna reagiu com uma repentina contração. Não estava

gostando disso. Desde quando os alquimistas faziam experimentos com elfos desgarrados?

Antes que ela pudesse falar alguma coisa, o Criador continuou:

- Se levar seu amigo embora e prometer que ele nunca mais vai voltar - aqui ele fez

uma pausa e olhou sério para Navin -, não falaremos com ninguém sobre o que aconteceu

aqui. Sobre *nada*. Entendeu? Não quero discutir minhas descobertas com Simon sem antes ter certeza de alguma coisa.

Simon? Simon Gaunt? O sócio de Quentin Frost. Os dois trabalhavam juntos há muito

tempo, desde que Donna conseguia lembrar, e Simon era o secretário da Ordem, além de

braço direito de Quentin.

Para ser bem honesta, Simon Gaunt a incomodava a ponto de causar arrepios, e Donna

não gostava nada de pensar que existia segredos entre ele e o Criador.

Não sabia exatamente o que estava acontecendo, mas, pelo que acabara de ouvir, o

Criador se dispunha a deixar passar em branco a visita de Navin à oficina, desde que ela não

mencionasse a presença do elfo das trevas no mesmo local. Pelo menos por ora. Bem, esse era um acordo que se sentia capaz de cumprir.

Mas alguma coisa estava errada. De onde o Criador havia surgido?

Percorrera toda a oficina e o corredor dos fundos, e não encontrara nem sinal dele. Ele

os vira chegar? Além disso, também era muito estranho que o Criador não estivesse zangado

com a presença de Navin, considerando que segredos eram parte integrante da vida para os

membros da Ordem. Por outro lado, a atitude razoável e compreensiva do Criador diante da

visita inesperada podia ser uma daquelas bênçãos inesperadas. Talvez não devesse ir contra a sorte, afinal.

E, é claro, se ignorasse o pedido do Criador e contasse a tia Paige tudo que havia

acontecido ali, corria o risco de ser mal interpretada. Não queria dar a impressão de que

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

estivera bisbilhotando, ou pior, demonstrar que suspeitava de que algo terrível acontecia na

oficina do Criador. Especialmente porque ele nunca havia dado motivos para ela pensar esse

tipo de coisa antes. A idéia de dizer a tia Paige que Navin encontrara um elfo a deixava

enjoada. Depois disso não haveria mais volta - nem para ela, nem para Navin.

Ela viu uma gota de suor escorrer lentamente pela lateral do rosto do Criador. Devia

estar exausto depois de lidar sozinho com o elfo das trevas, apesar de sua habilidade com a

magia. A alquimia - mágica de verdade - trata basicamente de transformação. É um tipo de

poder muito diferente daquelas coisas ridículas que as pessoas costumam ver nos filmes. Não

é só sacudir uma varinha e dizer algumas palavras; há muito trabalho envolvido. Preparativos

e rituais minuciosos. O Criador sempre disse que "magia é tecnologia", e Donna não havia

entendido esse comentário até a primeira vez em que estivera em sua oficina.

Erguendo os ombros, ela sorriu tensa para o velho alquimista. - Bem, vamos sair do seu

caminho, então. Não se preocupe, não direi nada. E Navin também não vai contar nada a

ninguém. - Ela o encarou com as sobrancelhas erguidas. - Ou vai?

Navin estivera acompanhando a conversa sem silêncio, apoiado à parede e com os

braços cruzados. Estava se esforçando ao máximo para parecer inofensivo e totalmente confiável.

Donna quase sorriu, apesar da tensão que pairava no ar. Ele era um péssimo ator.

- Oi? - Navin respondeu como se estivesse distraído.

- Acabei de garantir que você vai ficar de boca fechada sobre o que viu aqui. Estou certa?

- Certíssima - ele concordou, assentindo com tanto vigor que Donna pensou que

ele podia ter perdido o controle sobre os músculos do pescoço. -
Não vou dizer nada,
nem uma palavra. Nunca. Vou levar tudo isso para o túmulo e...
- Nav? - Donna o interrompeu.
- O que é?
- Cala a boca.
- Calei. - Ele usou a mão para fingir que fechava um zíper sobre os lábios, depois fechava um cadeado e jogava a chave imaginária por cima do ombro.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Revirando os olhos, Donna desejou poder fugir da terrível necessidade de contar a ele todas as coisas que fora obrigada a esconder por tanto tempo. A verdade era uma encosta escorregadia, e quando os fatos são expostos realmente ao mundo, é muito difícil não ganharem vida própria. Embora normalmente não acreditasse no poder da oração - desistira de tudo isso quando o pai havia morrido e a mãe adoecera - nesse momento estava disposta a tentar qualquer coisa, quase tudo. Engolindo em seco para tentar desmanchar o nó na garganta, Donna rezou para que revelar seus segredos não fosse o maior erro de sua vida. E rezou para que Navin não lhe desse as costas depois de saber toda a verdade obscura e retorcida.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna sentou-se de pernas cruzadas em sua cama, enquanto Navin se jogava (como é habitual) numa daquelas poltronas sem forma e molengas que havia no quarto dela. Eles haviam repetido esse ritual nos últimos três anos - conversando até tarde da noite no quarto de um dos dois, mesmo que houvesse aula no dia seguinte.

- Então - começou Navin.

- Então.

- Elfos. - Ele levantou uma sobrancelha.

- É isso aí.

- Não era muito parecido com Orlando Bloom...

Donna pegou a almofada mais próxima e arremessou contra a cabeça dele.

- Já estava me perguntando quanto tempo ia demorar...

- O quê? - Ele adotou um ar ofendido, os olhos castanhos cheios de indignação.

Donna forçou um sorriso, tentando sufocar o pânico. Estava muito cansada de pensar nisso tudo; por que não podia simplesmente ter uma vida normal?

- Terra chamando Donna - disse Navin.
- Desculpe. Eu só estava... Pensando.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Navin se levantou da almofada gigante e foi se sentar na cama ao lado dela. Ele passou um braço sobre seus ombros e, grata, ela apoiou a cabeça em seu peito, deixando-se envolver pelo calor de seu corpo.

- Donna, vai ficar tudo bem. Seja o que for, você pode me contar.
- Navin, não é tão simples...
- Então simplifique. Fale de uma vez que coisa é essa... O que isso *significa*.

- O problema é que não devo contar. *A ninguém*. Nem mesmo a você.

- Não vou dizer nada. Para quem eu contaria? Papai? Nisha? Ela abriria a boca para os amigos se eu dissesse qual é a cor das paredes do seu quarto. Imagine se falo sobre um assunto sério com ela.

Donna conteve um sorriso. A irmã mais nova de Navin não era conhecida por ser discreta.

- Ela ainda é nova.

- Ela tem quinze anos, e já devia saber manter a boca fechada. O problema é que ela é

fofoqueira. - Navin mudou de posição na cama, e Donna ergueu os olhos para encará-lo. - De

qualquer maneira, esqueça minha irmã. Fale sobre aquela coisa na oficina do Criador. O...

Elfo. E quem é o Criador? Qual é seu nome verdadeiro?

- Acho que devemos começar com ele - e com a Ordem. Você precisa saber disso antes

de poder entender as coisas mais malucas.

Navin assentiu, como se pudesse haver em tudo isso alguma coisa que não fosse maluca.

- Certo. A Ordem. Você falou nela quando estávamos na oficina. Tem alguma coisa a

ver com bruxaria? É um grupo ao qual sua tia pertence?

Donna suspirou.

- Sim, é um grupo ao qual tia Paige pertence... Um grupo no qual ela nasceu, como eu

também nasci... Mas que não tem nada a ver com bruxaria ou paganismo. Na verdade, o nome

completo é A Ordem do Dragão. Os membros são alquimistas, e é uma sociedade secreta que

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

existe há séculos.

- Por favor, não me diga que há dragões de verdade nessa história. - A expressão no

rosto de Navin sugeria sofrimento. - Estou tentando manter a calma aqui, mas isso pode estragar tudo.

Donna não conseguiu conter um sorriso.

- Não se preocupe, é só algo simbólico. Existem quatro Ordens alquímicas, mas a nossa

é a mais antiga e uma das únicas que ainda está ativamente envolvida em alguma coisa

mágica. O dragão sempre esteve ligado à alquimia, especialmente a grande serpente, o

ouroboros. Normalmente ela é mostrada formando um círculo, com a cauda na boca -

devorando-se.

- Magia? - Navin perguntou com voz fraca. - Está falando sério? É como em *Jovens*

Bruxas? Porque acho que isso é algo que consigo entender. Talvez.

Donna sabia que Navin só assistia ao filme *Jovens Bruxas* por causa de sua incrível paixão por Alyssa Milano.

- Está me ouvindo? - ela perguntou. - Foi você quem insistiu em saber a verdade. -

Estava tentando esconder o medo que sentia de afastar Navin cada vez mais com cada palavra que saía de sua boca.

- Estou ouvindo. Tudo bem. - A expressão em seu rosto dizia que ele estava qualquer

outra coisa, menos bem, apesar do entusiasmo com que esperava ela destruir toda sua visão

de mundo. - O que estava falando sobre... É... Oberon?

- Ouroboros. É um símbolo. Quer ver? - Donna se levantou da cama e foi até a estante

de livros, feliz por ter uma desculpa para se movimentar. Fazer alguma coisa. Ela pegou um

volume muito grosso em cuja capa havia uma brilhante coleção de símbolos do mundo todo,

voltou para perto da cama, sentou-se ao lado dele e começou a virar as páginas com ilustrações abundantes. Donna apontou para o que parecia ser um antigo brasão de bronze. A imagem era de uma serpente estilizada formando um círculo, boca e cauda quase impossíveis de distinguir. - Vê aqui? São muitos nomes, dependendo da cultura, mas o mais importante é o que ela simboliza. Tem alguma coisa a ver com "tudo é Uno", e nos lembra que o ciclo da morte e do renascimento pode ser considerado algo natural. Porém, a morte é algo que a alquimia procura derrotar. Havia uma parte da mitologia que ela não contou a Navin, aquela que guardava no coração de maneira muito especial desde a morte do pai. Só quando se "mata o dragão"

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

simbolicamente é possível ocorrer alguma transformação. Donna sabia que tinha um longo caminho a percorrer antes de se sentir preparada para enfrentar seu dragão pessoal - o monstro que havia destruído tudo de bom em sua vida - mas a certeza de que um dia o enfrentaria era o que a fazia seguir adiante, sobreviver a inúmeras noites longas e dolorosas. Navin parecia pensativo enquanto olhava para a imagem do ouroboros, e ela sabia que

o amigo devia estar refletindo sobre a própria perda. A doença e a morte da mãe dele foram

uma dura provação para todos os Sharma, mas Donna sabia que Navin ainda chorava a falta

da mãe todos os dias. Eles haviam conversado antes sobre como a crença da família, o

Hinduísmo, ajudara o pai a superar a perda; nessa época, Donna tivera de encenar toda aquela

coisa de paganismo quando eles comparavam experiências. Ela se perguntara como Navin

reagiria às idéias com as quais ela *realmente* havia sido criada - alquimia não era exatamente

um assunto muito fácil de entender, e era mais ciência que religião, apesar de muitos

detratores dizerem o contrário.

- Tudo bem - disse Navin. - Eu entendi. Alquimia, vida e morte, blá blá blá. O que

mais? Quero saber sobre as outras três Ordens. Você disse que são quatro.

Donna fechou o livro com força e o jogou no chão. Depois cruzou as pernas sobre a

cama e começou a contar nos dedos:

- A Ordem do Corvo, a Ordem do Leão, e a Ordem da Rosa. Ele a encarou intrigado.

- Rosa?

- O que há de engraçado nisso?

- Bem, há três Ordens que têm nomes de criaturas assustadoras.

E você me diz que

também existe a "Ordem da Rosa"? Fica meio patético, eu acho.

Donna revirou os olhos.

- Porque você não entende o Hermetismo.

- Hermeti... O quê?

- Esquece. Basta você saber que são quatro Ordens, a do Dragão, do Corvo, do Leão e da Rosa. Sempre foi assim. E como eu disse, as outras não são importantes hoje em dia. Quero dizer, exceto a Ordem do Corvo. Temos o que alguns praticantes da velha guarda chamam de Magia do Dragão, e eles têm a Magia do Corvo na Inglaterra. Mas cada Ordem é muito diferente das outras e tem uma missão distinta. Não vemos representantes das outras ordens

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

com muita freqüência. Uma vez por ano, no máximo.

Navin fez uma careta.

- No Congresso Anual de Alquimia?

- Isso é *sério*. - Donna bateu nele com a almofada sobre a qual se apoiava.

Esquivando-se do golpe com facilidade, Navin pegou um travesseiro e fingiu sufocá-la.

- E esse é o meu jeito de lidar com isso.

Donna o empurrou impaciente, embora não pudesse culpá-lo pela reação debochada.

- Tudo bem, então essa é a Ordem...

- Espere um minuto, Underwood, ainda nem começamos a aprofundar a questão anterior.

- Nav, não há tempo para nos prendermos a todos os detalhes.
Faço parte disso tudo

desde que nasci; falar sobre todos os aspectos levaria uma eternidade!

Ele ficou sério novamente.

- Eu sei disso. Mas o que *fazem* os alquimistas? Não vai me dizer que estão procurando

a pedra filosofal, não é? Já ouvi esse mito, mas... É real?

Donna cruzou os braços e se apoiou à parede. Não podia contar tudo a ele;

simplesmente não conseguia falar sobre a avidez da Ordem pela vida eterna e sua dedicação

inabalável a essa causa. Especialmente depois do incidente com o elfo das trevas, algo em que

não conseguia pensar sem sentir náusea. Precisava refletir sobre algumas coisas antes de falar

sobre tudo aquilo.

- E então? - Navin a cutucou com um joelho.

- É complicado, mas o que posso dizer é que existe ciência nisso tudo - e ela inclui

coisas como a pedra filosofal e o elixir da vida. - Notando que o amigo se preparava para dizer

alguma coisa, ela prosseguiu: - Transformação. Essa é uma ampla área de estudo e prática, um

campo vasto demais para ser abordado agora. Se já leu algum tipo de ficção sobre alquimia, se

ouviu as lendas, ou se assistiu a algum filme... Pelo menos já tem uma idéia. O Criador é um

alquimista muito poderoso. Ele cria coisas... Como o próprio nome sugere.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Navin franziu o cenho. - Que tipo de coisas?

Ela suspirou.

- Só... Coisas. Muitas e muitas coisas diferentes.

- Coisas mágicas?

- Sim, às vezes. Você viu algumas delas na oficina. - Ela cruzou novamente as pernas

sob o corpo e o encarou, desafiando-o a interrompê-la novamente. - E também tem os elfos.

- Ah, está pulando a parte da história em que vocês produzem ouro, mas quer que eu escute explicações sobre monstros. Que beleza.

Donna o ignorou e continuou falando, imaginando se era assim que sua tutora, Alma

Kensington, se sentia depois de anos lecionando para ela. Já estava exausta, e Navin só tomara conhecimento da realidade mágica de sua vida algumas horas antes.

- Pois bem, a criatura que encontramos hoje era um elfo da floresta, mas a Ordem

também o chama de elfo das trevas, porque eles estão entre as criaturas mais perigosas do povo das Fadas.

Navin inclinou-se para frente. - Povo das Fadas?

- Ah, sim. Desculpe. Na verdade, há um lugar... Faerie é o nome do mundo onde vive o povo das Fadas.

- Está falando sério? Quer que eu acredite que existe um lugar chamado *Faerie*?

Donna não sabia se Navin estava mesmo fazendo uma pergunta, ou se apenas manifestava espanto.

- Ah, sim... É um outro mundo que existe paralelamente ao nosso. - Ela viu a expressão

no rosto dele. - O que é? Acha que nosso mundo é o único que existe? Isso seria muito...

Limitado.

- Bem, me desculpe por ser *limitado*.

- Como eu dizia - Donna continuou, ignorando o comentário sarcástico -, os *seres*

deixaram este mundo e finalmente voltaram para seu próprio domínio, mas os elfos foram

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

deixados para trás. Eles se recusavam a pagar o dízimo, sabe...

- Espere um minuto. Dízimo?

- Sim, o dízimo que Faerie precisa pagar ao Inferno a cada sete anos.

- *Inferno?*

Donna segurou o braço de Navin, esquecendo por um momento sua força descomunal.

- Fale baixo - ela murmurou. - Não sei quando tia Paige vai voltar para casa.

- Droga, fique calma. - Os olhos de Navin estavam cheios de reprovação. - Vai me

deixar com um hematoma. - Ele massageou o braço sem encará-la.

Donna o abraçou - dessa vez com mais cuidado.

- Desculpe; mas ela não pode saber que contei essas coisas a você. Nunca.

- Tudo bem, Underwood. Já entendi. - Navin correspondeu ao abraço e afagou suas

costas rapidamente antes de se afastar.

Donna pigarreou e decidiu que talvez fosse mais fácil simplesmente continuar falando.

A situação estava ficando intensa demais.

- Não é como aquele de que fala o Cristianismo. Inferno é só um nome conveniente

para a esfera dos demônios - o Mundo Inferior. O dízimo é como uma multa. Uma espécie de

penalidade. Se não é paga, bem... Não sei realmente o que acontece. Mas os elfos se recusaram

a pagar a taxa aos demônios, e por isso houve uma guerra entre eles e o restante das criaturas

encantadas... O que resultou na decisão de deixar os elfos no mundo dos humanos. Todos se

tornaram maus e distorcidos, e quanto mais tempo passam aqui, piores eles ficam.

Donna deu de ombros, tentando lembrar as coisas que aprendera com Alma ao longo

dos anos. De acordo com o conhecimento alquimista, havia três raças principais, ou facções -

humanos, protegidos pelos alquimistas; os encantados, dos quais os elfos eram apenas uma

subcultura; e os demônios, sobre os quais ela sabia praticamente nada e preferia continuar

ignorando pelo resto da vida. Olhando para Navin, ela esperou que o amigo dissesse alguma

coisa.

Finalmente, ele falou:

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Se eles são elfos *da floresta*, onde vivem? Não sobrou muito da velha floresta de

Ironwood. Não é mais uma floresta de verdade, é?

- Não, e o pouco que sobrou está ameaçado. Se a Ordem pudesse decidir, ela teria sido

derrubada e ocupada por edifícios há muito tempo. Mas ambientalistas bem-intencionados

conseguiram impedir a realização desse projeto, pelo menos até agora. - Embora Ironwood

ainda fosse uma área protegida, Donna sabia que a Ordem não havia desistido. Tia Paige

trabalhava discretamente valendo-se de sua posição no gabinete do prefeito, e a Ordem

defendia a idéia - representada por diversos políticos - de que casas muito mais necessárias à

população deveriam ser construídas no local.

Navin parecia pensativo.

- Eu sempre estive do lado desses ambientalistas bem-intencionados...

- Sim, mas agora você sabe o que há na floresta. - Donna pegou um fio solto do

edredom roxo sobre o qual estavam sentados.

- Então, eles vivem lá, no que restou da floresta? Isso é...

- Maluco?

Ele riu, mas era uma risada tensa.

- Acho que sim. - Apoiado à parede, esfregou o rosto com as mãos. - Mas isso tudo é

maluco.

Donna assentiu com ar compreensivo, tentando esconder a crescente agitação. Não

podia evitar; estava analisando cada movimento que Navin fazia, procurando sinais de que as

informações eram demais para ele. Sinais de que o perderia. Até esse momento ele parecia

estar lidando bem com tudo - talvez bem *demais*.

- Como eu dizia - ela prosseguiu -, os elfos da floresta foram deixados para trás, então, sim, eles permaneceram basicamente nas florestas e nas terras em torno delas. Mas o progresso dos humanos começou a expulsá-los de seu habitat natural.

- É claro. Derrubando florestas, construindo casas no lugar delas, esse tipo de coisa...

- A Idade do Ferro - Donna anunciou com tom sombrio. - Ironbridge se expandiu

muito ao longo dos anos - de vilarejo a cidade, e de uma cidade pequena ao que é hoje. Pense

na área que ela cobre agora, e compare ao território que tinha antes. Algumas pessoas estão

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

morando no que antes foi um assentamento que pertencia aos encantados. Houve um tempo

em que a extensão da floresta era muito maior; por isso a ponte de ferro foi construída.

Ironbridge, você sabe, significa ponte de ferro. E a ponte foi feita quando a cidade ainda era

um vilarejo. Deveria servir para manter os elfos fora da área habitada por humanos. Agora

moramos no centro da antiga Terra dos Elfos.

- Cara, aposto que eles ficaram furiosos quando perderam suas casas.

- Eles as perderam mais de uma vez. Primeiro foram expulsos de Faerie - seu mundo,

depois foram arrancados de seu ambiente natural no mundo humano.

Navin parecia repentinamente preocupado.

- Então, o que pode impedi-los de vir destruir tudo, como fez aquele que esteve na oficina do Criador?

Donna balançou a cabeça.

- Você viu o que aconteceu com o elfo quando ele caiu na banheira. Essas criaturas não suportam contato ou proximidade com ferro - não por muito tempo, pelo menos. E sempre sofrem conseqüências físicas quando esse contato ocorre. Eles ficam fracos, magros; sua magia não funciona adequadamente. É claro...

A expressão de alívio que surgira momentaneamente no rosto de Navin desapareceu.

- O quê?

- Bem, eles se adaptaram. De todos os seres de Faerie, só os elfos das trevas possuem um tipo específico de magia, que é a capacidade de mudar de forma.

- Ah, que bom. Agora eles podem "andar entre nós". - Navin imitou sons assustadores de *Twilight Zone*.

Donna o encarou irritada.

- Eles podem mesmo. São capazes de mudar de forma, despir a própria pele e trocar por outra. Daí a expressão "pele de elfo". É como um disfarce.

- Então, como vamos saber que eles não estão invadindo Ironbridge?

- A Ordem tem magia própria, e pode usá-la para encontrá-los. É como se fosse

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

possível farejar os que tentam entrar na cidade. E não esqueça o que eu falei sobre o ferro - as

idades são construídas com esse material. Mesmo que se disfarcem, os elfos não conseguem

sobreviver aqui. É claro, eles até podem suportar o ferro por algum tempo, mas não por muito

tempo, e para isso precisam de uma fonte de poder adicional.

- Então, vamos ver se entendi isso direito. Os alquimistas - essas quatro Ordens -

assumem basicamente a missão de... O quê? Lutar contra os elfos? Contra todos os

encantados? Qual é o negócio, afinal?

- Acho que, historicamente, os alquimistas sempre foram os que se colocaram entre a

humanidade e o povo encantado - e aqui podemos incluir tudo que sai de Faerie. Mas, nos

tempos modernos, a situação é bem diferente. Os elfos das trevas são a única ameaça agora,

porque são os únicos que têm algum tipo de presença maciça, representativa. E mesmo assim,

essa população está diminuindo. É claro, há também os encantados errantes, desgarrados que

foram abandonados ou escolheram não seguir com seu povo quando Faerie foi isolada para

sempre.

Sem mencionar os mutantes e híbridos. Mas Donna decidiu que esse não era o melhor

momento para mencionar todos esses detalhes. Provavelmente, já havia encurtado a vida de

Navin em alguns anos com o que revelara.

Navin esticou as pernas.

- Então, presumindo que eu acredite em tudo isso - e eu não acredito, não se preocupe

- quando vai me contar sobre *isto*? - Ele apoiou a mão escura sobre a dela. As luvas sempre

havam sido uma barreira entre elas. - Não acha que já passou da hora?

Donna removeu a mão. Era uma atitude instintiva, mas ela se arrependeu no mesmo

instante, desejando poder voltar atrás. A dor e a rejeição nos olhos dele fizeram seu coração doer.

- Nav, eu...

- Donna! - chamou uma voz do pé da escada. - Cheguei!

Salva por tia Paige, ela pensou. Quem poderia ter imaginado? No último ano, ela

consequira escapar de dizer a Navin toda a verdade sobre o Incidente no Ironbridge High, e já

imaginava que o período de sorte chegava ao fim. Mas se enganara.

- Estou aqui em cima com Nav, tia Paige - ela gritou. Depois olhou para Navin,

tentando demonstrar com os olhos quanto lamentava por tudo. - Preciso ir falar com ela. Não

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

conversamos desde que minha tia voltou da viagem.

- O que vai dizer a ela?

- O Criador não quer que eu diga nada. - Donna deu de ombros, tentando ignorar a

dúvida que a atormentava. - Imagino que ele saiba o que está fazendo. - Havia algo de

estranho nessa situação, mas já tinha muito em que pensar no momento.

Navin levantou-se e esperou que ela o acompanhasse até a porta do quarto, mas Donna

notou que ele não a encarava.

- Vamos lá, então, vou cumprimentar sua tia, e depois vou para casa - ele disse. - Meu

pai já deve estar preocupado.

Eles ficaram ali por um momento. Donna gostaria de saber o que estava passando pela

cabeça do melhor amigo. Era uma pena que ser filha de alquimistas não desse a ela poderes

especiais - como telepatia, ou outras coisas igualmente legais.

Agora o rosto de Navin estava ainda mais pálido que de costume, e havia sombras

escuras sob seus olhos, olheiras que ficavam ainda mais evidentes em contraste com a pele

marrom. Às vezes acontecia quando ele estava muito cansado ou estressado; Donna já o vira

com aquela expressão em época de provas, e principalmente no período em que a mãe dele

estivera doente. A culpa oprimiu seu peito e ela teve dificuldade para respirar. Agora era por

sua culpa que Navin tinha aquele ar abatido. Sua culpa por ele estar chocado e aflito.

E ele também se sente traído, disse sua voz interior carregada de culpa. Como sempre,

Navin a surpreendeu. Ele segurou a mão dela e a afagou.

- Não fique tão preocupada, Underwood.

- Lamento muito por tudo isso - ela respondeu, incapaz de banir um leve tremor da voz

e odiando-se por soar tão fraca. - Se acontecer alguma coisa com você, a culpa vai ser minha.

- Pare com o drama. - Ele soltou sua mão e a abraçou. - Mulheres! Sempre exagerando tudo.

Ela bufou.

- Sharma, você sempre sabe o que dizer a uma garota. Por isso nunca teve uma namorada.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Quem disse que não?

- Eu saberia se tivesse. - Donna tentou sorrir enquanto se afastava dele. - Você sempre me conta tudo.

As palavras saíram de sua boca antes que ela pudesse impedir. Navin a estudou com cuidado. Ela nunca o vira mais solene antes.

Todo humor havia desaparecido, e a boca, normalmente tão rápida para sorrir, formava agora uma linha comprimida, tensa.

- Talvez eu não conte tudo, Don. Todos temos segredos. E eu aprendi isso hoje.

Ela mordeu o lábio. Droga, isso era algo que não poderia suportar; não conseguiria

continuar sem Navin a seu lado. Mas ele estava certo. Havia mesmo guardado segredos; talvez

demais, tantos que a sobrevivência de sua amizade poderia estar ameaçada. Sempre acreditara que não tinha escolha - a Ordem tinha suas regras, e ela as seguia por que... Bem, porque é isso que faz alguém que nasce e cresce entre alquimistas. Mas, é claro, agora conhecia uma importante, mas dolorosa verdade: a escolha sempre havia sido dela. Donna *escolhera* seguir as regras. E por causa dessa escolha poderia perder a pessoa mais importante em sua vida; poderia perder Navin.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Navin foi embora, e Donna ficou deitada na cama ouvindo os sons familiares da tia na cozinha, lavando pratos e canecas. Contemplara relutante a idéia de descer para o chá, mas não queria encarar a tia enquanto ainda se sentia tão confusa com relação a tudo.

Devia estar fazendo o dever de casa, mas não conseguiria se concentrar em

Literatura Hermética com tudo que havia acontecido desde a noite anterior. Engolindo em seco, tentou pensar em alguma outra coisa, algo reconfortante e normal.

O fato de tia Paige estar preparando o chá da tarde parecia ridiculamente

mundano à luz dos acontecimentos recentes. Normalmente elas passavam algum tempo

conversando aos domingos - um tempo que não tinha nenhuma relação com a educação

e o treinamento de Donna ou com o trabalho de sua tia. Paige passava a semana toda muito ocupada e era comum que estivesse fora aos sábados, o que fazia do domingo o único dia em que podiam ter algum tempo juntas. Donna pensou na conversa com Navin. Não só havia quebrado um dos votos mais sagrados da Ordem, como envolvera o amigo de um jeito que o colocava em risco. Havia revelado praticamente tudo. Tudo bem, não tudo, talvez, mas *muito*. Ainda não havia mostrado a ele as mãos e os braços, mas, sem dúvida, esse seria o próximo passo. Lembrava-se do choque e do cuidadoso controle com que Navin havia tentado disfarçá-lo enquanto ouvia seu relato, e como ele a olhara antes de ir embora. O desapontamento e a preocupação - a sombra em seus olhos indicando que ele quase não podia reconhecê-la - tudo isso ficaria com ela para sempre. Aquele olhar, principalmente, era sua culpa. Quando se permitia acreditar que tudo poderia acabar bem, que Navin lidava bem com as coisas, ela se afastara do contato físico. Ele havia finalmente perguntado sobre suas mãos - algo que jamais fizera antes - e ela se afastara.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Que bela amiga ela era, Donna pensou.

Seu telefone apitou e ela o pegou da mesa de cabeceira. Esperava que fosse Navin dizendo que estava bem, que não havia enlouquecido completamente pensando em todas as coisas que ela dissera. Mas o número no visor era desconhecido. Donna estranhou. Não costumava receber mensagens de texto de muitas pessoas. Quase sem respirar, e lembrando subitamente de um par de olhos muito verdes, ela leu o torpedo várias vezes antes de finalmente compreender seu significado:

Por favor, me encontre para um café. Precisamos conversar. X

Por um momento insano, Donna pensou que a imagem havia sido encerrada com um

beijo. Depois lembrou que X era a inicial de Xan. *Dã.*

Ela mordeu o lábio e tentou não ficar muito animada. Ou muito nervosa. Então, ele

queria encontrá-la. Isso não significava nada. Não era um encontro de verdade. As mãos

pareciam ter perdido a agilidade enquanto ela segurava o telefone, sem saber como

responder. Depois, ela sorriu e começou a digitar.

Pensei que ia LIGAR para mim. Mas você está escrevendo. ;-)

A resposta chegou segundos depois:

Acho mais fácil assimilar um não por escrito...

O sorriso de Donna tornou-se ainda mais largo, e um sentimento morno e delicioso

desabrochou em seu peito. Seu coração parecia estar mais leve e, pela primeira vez naquele

dia, a sombra da preocupação começou a se perder no fundo de seus pensamentos.

Eles ficaram trocando mensagens, combinando um encontro no centro de Ironbridge

às quatro e meia da tarde do dia seguinte, porque Donna tinha aula com Alma Kensington e

não poderia marcar nada para antes disso. Não ia precisar nem contar a tia Paige sobre o encontro, já que sempre ia encontrar Navin depois da aula e raramente voltava direto pra casa ao sair de Frost Estate.

Olhando para o telefone celular, Donna se perguntou como seria possível concentrar-se em alguma outra coisa até a hora marcada para o encontro.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Donna! - Tia Paige chamou. - Não vai descer? O chá está pronto. - Donna pulou da cama sentindo-se culpada.

- Já estou indo!

De repente estava nervosa por ter de passar um tempo com a tia; nunca conseguira esconder nada dela. Ela tentou banir da mente os pensamentos relacionados a Xan e Navin, e especialmente os que estavam ligados ao Criador, mas ... Tinha certeza de que o velho alquimista escondia alguma coisa. Mais inquietante em tudo isso era ele não ter se mostrado nem incomodado com a presença de um elfo das trevas em sua oficina. Um elfo que, a julgar pelo que dissera, ele mesmo escondia ali. Era quase como se isso fosse *normal*. E a palavra "experimento" fazia soar todo tipo de alarme. Balançando a cabeça, Donna calçou os chinelos felpudos e macios e desceu correndo

para ir encontrar a tia.

- *Esta noite?* - Donna espantou-se.

Tia Paige comprimiu os lábios e passou a mão na cabeça.

- É só uma vez por mês. Não estou pedindo demais, Donna. - Ela usava seu tom de voz

neutro e equilibrado, um traço bem conhecido de sua personalidade.

- Não posso sair hoje à noite. - Os jantares mensais com os alquimistas eram algo que a

incomodavam cada vez mais com o passar dos anos. Era como ser doutrinada. Se havia uma

coisa que ela odiava acima de tudo era não ter *escolha* - algo comum na vida em que nascera.

Tia Paige a encarava, desviando o olhar apenas para dobrar as mangas do suéter

vermelho. As roupas casuais de hoje davam a ela uma aparência pouco menos insignificante:

alta, Paige Underwood costumava usar calça social preta feita sob medida. Ela era irmã do pai

de Donna, três anos mais jovem que ele, e era muito respeitada entre os alquimistas. A

Ordem havia organizado uma festa grandiosa em seu aniversário de quarenta anos, com a

presença de diversos membros de outras Ordens. Quentin Frost transformara sua

propriedade em um local fabuloso. Fora instalada uma tenda branca e espaçosa, o serviço

havia sido impecável, a comida fora perfeita, e havia música ao vivo.

É claro, Donna teria preferido comemorar o aniversário da tia de maneira mais

tranquila, mas Quentin nem ouvira sua sugestão. Não para uma das "Irmãs Lua" da Ordem -

um nome muito antigo para as mulheres alquimistas e que Donna sempre achara divertido.

Aparentemente, era um título que ela poderia ostentar, se seguisse os passos dos pais e se tornasse iniciada aos dezoito anos. Não era algo em que ela gostasse de pensar, porque não

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

era algo que ela queria fazer. Apenas não tivera coragem para dizer isso a alguém. E não estava inteiramente certa sequer de que a ouviriam, se ela decidisse falar.

O rosto de tia Paige estava tenso, como sempre. Ela trabalhava no gabinete do Prefeito de Ironbridge e, para todos os efeitos, era uma superintendente muito dura. Mas Paige funcionava bem sob pressão, e Donna sabia que o verdadeiro motivo pelo qual ela mantinha esse emprego era para poder transmitir à Ordem toda e qualquer informação privilegiada e relevante. Não era incomum alquimistas ocuparem cargos elevados; há séculos, em países como a Grã-Bretanha, pensava-se que alguns alquimistas eram espiões reais.

Donna não respondeu, e tia Paige cruzou os braços.

- E por que não pode ir comigo esta noite? Tem planos com Navin? - O complemento

"outra vez" pairou no ar sem que as palavras fossem ditas.

- Não, é que... - Donna engoliu em seco e mexeu o chá. - Eu estava pensando em visitar

mamãe hoje à noite. - Tudo bem, era uma desculpa, mas precisava mesmo ir ver a mãe. Há muito tempo não a via.

O tom de sua tia tornou-se mais suave.

- É mesmo? Que ótima notícia... Ela vai ficar feliz por ver você.

Donna duvidava disso. Na maioria das vezes, Rachel Underwood não reconhecia a própria filha quando recebia sua visita no exclusivo e caríssimo Instituto. Os residentes eram idosos, em sua maior parte, mas havia um punhado de pacientes mais jovens, a mãe de Donna entre eles. Ninguém sabia ao certo o que fazer com ela - Rachel não era exatamente maluca, mas também não era... *Normal*. Era como se houvesse um vazio onde antes existira uma pessoa. Uma pessoa linda, vibrante, que agora era uma casca vazia que raramente falava.

Toda aquela vitalidade havia desaparecido depois de uma noite de terror na floresta.

- Bem, não vou lá há semanas - Donna concluiu.

- Mais um motivo para ir, então.

Tia Paige assentiu com firmeza, como se a questão estivesse encerrada. Em sua cabeça, provavelmente estava.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD

Visitar minha mãe é sempre difícil. 'Difícil': essa palavra não serve nem para começar a descrever a situação, mas se eu tentasse escrever o que realmente sinto, começaria a chorar. E prometi a mim mesma há algum tempo que nunca mais ia chorar por minha mãe.

Enquanto esperava para poder entrar - em pé no conhecido hall de entrada da instituição médica com seu cheiro de pinho, lavanda e o cloro mais forte que se pode encontrar - senti uma

mistura de esperança e desânimo. Não consigo deixar de esperar, mesmo depois de tanto tempo,

que minha mãe melhore de alguma maneira.

Como que por magia. Sim, isso seria fabuloso.

Então, o que aconteceu foi que perdi pai e mãe depois de meu pai ter me salvado dos elfos

das trevas - depois de o Monstro da Floresta ter arruinado minhas mãos e me marcado para

sempre por ser diferente. Mamãe fazia parte do grupo de alquimistas que vinha logo atrás, os

que tentavam impedir meu pai de ir ao encontro da morte. Isso foi o que tia Paige me contou; eu

me lembro de muito pouco do que aconteceu naquela noite. Era muito jovem, e é quase como se

houvesse uma nuvem cinzenta sobre todos os acontecimentos registrados em minha mente.

E há os sonhos. Mas eu nem sei que parte deles é real, e que parte eu criei em minha imaginação.

Sabemos que os elfos fizeram alguma coisa com minha mãe - usaram seu mojo para

atingi-la enquanto ela estava no território deles - mas ninguém sabe ao certo o que eles fizeram.

O que significa que é algo que não pode ser desfeito. Quentin diz que, se os alquimistas

pudesse ter certeza do que realmente aconteceu, teriam mais chances de consertar o que foi feito. De consertar minha mãe. O palpite do Criador era que eles haviam conseguido se apoderar de uma mecha de cabelos dela durante a luta. Os elfos fazem uma magia muito poderosa usando mechas de cabelo; feiticeiros do mal podem usar cabelo humano para invadir os sonhos da vítima e levá-las lentamente à loucura. Para mim, é óbvio que foi isso que aconteceu, mas, mesmo que seja esse o caso, precisávamos saber onde estava essa mecha de cabelo para termos alguma chance de curá-la. Então, até lá, ela ficaria naquele estado intermediário, internada no Instituto. Na maior parte do tempo ela fica sentada, olhando para a janela. Mamãe gosta de ver o céu, eu acho. Às vezes ela fica completamente comatosa, enquanto em outros períodos é possível até conversar

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado com ela. Porém, nunca se sabe se ela vai lembrar quem você é. Hoje era bom vê-la, apesar de tudo. Fiquei surpresa com o alívio que senti por poder me sentar ali com ela. Segurar sua mão e fitá-la nos olhos. Olhos lindos que ainda são de um tom que mistura cinza e prata - os meus são uma imitação muito ruim dos dela, mas eu lembro que

meu pai costumava nos comparar e dizer que eram os olhos que nos faziam parecer irmãs. Ela ria disso.

Lembranças são coisas estúpidas. Por que só consigo recordar coisas bobas? O belo

cabelo ruivo de minha mãe desbotara, e o grisalho na parte frontal se espalhou desde que eu a

vira pela última vez. Peguei a pesada escova de cima da cômoda que parecia ter saído de um

antiquário e comecei a escovar os cachos longos, dedicando-me a uma mecha de cada vez,

trabalhando com calma e de maneira metódica até ver os fios brilhando como madeira

envernizada.

Ela tolerava minha atenção em silêncio, e me perguntei se ela imaginava que eu era só

mais uma pessoa cuidando de suas necessidades básicas.

Mas pela primeira vez em meses, era como se ela pudesse realmente lembrar quem eu

era. Quando me movi para devolver a escova à cômoda, ela agarrou minha mão e tentou dizer

alguma coisa - mas as palavras não passavam por seus lábios.

Pelo menos, não no início. Não

até ela se inclinar subitamente para frente em sua cadeira e me olhar nos olhos com uma

intensidade que quase me matou de medo. Ela ficou naquela posição por muito tempo - tive a

impressão de que foram horas, embora, é claro, tenha sido apenas um minuto, dois, no máximo.

Nenhuma de nós falava, e eu sentia meu coração bater muito depressa. Talvez ela estivesse

lembrando alguma coisa.

Mamãe disse:

- Nós tentamos salvar você.

Muitas e muitas vezes, apenas essas quatro palavras: - Nós tentamos salvar você.

E depois, enquanto ela ainda estava falando, entoando as palavras como um mantra, minha mãe foi até o criado-mudo ao lado da cama e abriu a gaveta. Ela vasculhou seu conteúdo pelo que me pareceu muito tempo, e finalmente retirou dela um pequeno porta-jóias de madeira. Mamãe levantou a tampa da caixa de onde retirou uma pequenina bolsa de macio veludo negro que colocou na minha mão. - Nós tentamos salvar você - ela repetiu, assentindo com firmeza como se confirmasse o que dizia. - Nós tentamos salvar você.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Depois de um tempo, uma enfermeira entrou no quarto e teve de aplicar um sedativo, porque minha mãe estava ficando agitada. Eles tentaram me convencer a ir embora, mas ninguém me faria sair dali, não quando havia uma chance de mamãe dizer mais alguma coisa. Em que ela estava pensando? Salvar-me do quê? Dos elfos? Queria que ela tivesse conseguido dizer mais coisas - essa situação era a mais próxima em que eu estivera de ouvi-la falar alguma coisa que parecia estar relacionada àquela noite. Fiquei ao lado da cama, ouvindo o som de sua respiração e os ocasionais resmungos e ruídos que ela fazia enquanto dormia. A bolsa que ela havia me dado continha um lindo

bracelete de prata delicadamente entalhado e certamente mágico. Ele fez um barulhinho de sinos quando o levantei para enxergá-lo melhor perto do abajur. Eu o guardei no bolso da calça jeans, seguro dentro da pequenina bolsa, e resolvi deixar para examiná-lo melhor mais tarde. Sei que o bracelete deve ser importante, mas naquele momento tudo que eu queria ir ficar com minha mãe. Observei seu belo rosto devastado recuperando as linhas calmas de antes. Um dia vou descobrir o que aconteceu com ela, e vou encontrar um jeito de trazê-la de volta.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna tentava controlar o nervosismo enquanto esperava por Alexander Grayson no meio da Ironbrige Common. Havia sonhado acordada durante as aulas com Alma, e a tutora até comentara sobre a falta de atenção de sua aluna. Mas Donna não se sentia culpada por isso. As aulas de segunda-feira normalmente eram compostas por lições "regulares", coisas que devia estar aprendendo no colégio; como poderia se concentrar na Declaração da Independência, se em pouco tempo iria encontrar um garoto absurdamente lindo?

O centro exato de Common era um ponto de encontro comum para amigos e amantes.

Os olhos de Donna buscaram a velha passarela de madeira, e ela se sentou em um banco vazio. De repente sentia-se encabulada e mal vestida no jeans desfiado, apesar de ter

acrescentado a túnica prateada e as luvas de veludo preto, suas preferidas, quando se

preparara depois da aula em um dos luxuosos banheiros da ampla mansão de Quentin Frost.

O grosso casaco de lã cinza e as sapatilhas prateadas completavam o conjunto, e o cabelo,

escovado às pressas, fora deixado solto. Ele crescia depressa, e já alcançava quase os ombros.

Ver o cabelo longo e rebelde da mãe na noite anterior despertara em Donna o desejo de cortar

o dela novamente, como fizera no ano passado, para horror de sua tia.

Não conseguia lembrar a última vez em que se sentiu tão nervosa; estava

amaldiçoando o estômago fraco, que parecia dar saltos dentro dela. O ar frio de novembro a

obrigava a se encolher dentro do casaco, e ela lamentava não ter calçado as botas. Toda

essa preocupação com cabelo e roupas não fazia parte do comportamento habitual de

Donna, mas pelo menos dava a ela algo em que pensar.

A Common estava movimentada, mesmo àquela hora de uma tarde de segunda-

feira; pessoas voltavam do shopping aberto recentemente e das lojas em torno dele,

enquanto outras aproveitavam o tempo livre depois do horário escolar. A escuridão já

envolvia o cenário da ponte, envolvendo a copa das árvores num manto negro aveludado;

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

a única luz provinha dos postes posicionados estrategicamente ao longo de cada alameda.

Não havia lua, e as estrelas eram recobertas por uma camada de nuvens.

Donna tocou o bracelete encantado que agora estava preso ao seu pulso. Ele havia

passado o dia todo em seu bolso, dentro da bolsinha de veludo. Queria saber por que a

mãe havia lhe dado a pulseira, e o que ela significava. Quando o examinara na

privacidade de seu quarto, sentira um formigamento familiar assim que o metal entrara

em contato com sua mão. De uma coisa estava certa: o bracelete continha magia,

encantamentos entalhados na prata. Queria muito perguntar a tia Paige se ela sabia

alguma coisa sobre o significado do bracelete, mas era tão raro algo incomum acontecer

quando ia visitar a mãe, que queria guardar a lembrança como alguma coisa só delas.

Pelo menos por mais algum tempo. Logo a tia veria o bracelete, se decidisse usá-lo com regularidade.

Um instante depois, todos os pensamentos sobre braceletes com potencial mágico

desapareceram de sua mente quando Xan apareceu caminhando em sua direção, as mãos

nos bolsos do casaco preto, o cabelo cor de âmbar refletindo a luz sempre que ele passava

sob um poste de iluminação.

- Desculpe, eu me atrasei. - A voz dele era ofegante, como se houvesse corrido.

- Está frio. - Donna tentou sorrir, mas descobriu que a boca não funcionava

adequadamente. Soava tão arfante quanto ele, mas havia passado os últimos dez minutos sentada naquele banco.

Xan estava diante dela.

- Então, quer ficar sentada no frio, ou vamos sair daqui e tomar um café?

- Vamos tomar café. - Se limitasse suas respostas ao mínimo, talvez não fizesse papel de idiota.

Eles caminharam lado a lado e em silêncio por um tempo, e Donna aproveitou

para olhar de soslaio para Xan algumas vezes. Ele mantinha a cabeça baixa, olhando para

o caminho que se estendia diante deles, para o chão coberto de folhas, e foi assim que ele

conseguiu desviá-la de uma pilha de cacos de vidro. Donna pôs as mãos nos bolsos do

casaco - não para aquecê-las, mas porque tinha medo de que ele segurasse uma delas.

- Então, aonde vamos? - ela perguntou.

- Vamos tomar um café. Caramba, você tem memória curta, Donna Underwood.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela o encarou com ar debochado. - Você entendeu a pergunta.

- Pensei em experimentarmos o Mildreds. Vamos entrar e conseguir um lugar

entre os turnos da tarde e da noite.

- Tudo bem, boa ideia. - Era surpreendente como sua voz soava normal, neutra,

como se passear por Ironbridge Common com um garoto lindo fosse a coisa mais comum

do mundo. Ela levantou os olhos e viu que Xan a encarava com uma expressão quase

voraz. Desviando o olhar com esforço, tentou decidir se estava cometendo um erro, se

não havia sido imprudência ir encontrar um rapaz estranho que mal conhecia.

Mas ao sentir o estômago dar um pulo e o rosto queimar, ela pensou: *Como posso*

resistir?

O caminho que Xan escolhera seguia por entre muitas árvores; devia haver duas

dúzias de mudas plantadas recentemente entre outras árvores já meio crescidas. A

iluminação intermitente dos postes de luz parecia ser ainda menos intensa ali, como se as

lâmpadas fossem separadas por espaços maiores, e a luminosidade quase não alterava em

nada a escuridão da noite.

Havia menos gente naquela parte de Common, e a área era bem afastada da

estrada principal. Se Donna se esforçasse, poderia ouvir o barulho dos automóveis além

da área de densa vegetação, mas, caso contrário, os sons que os cercavam eram só os da

natureza - aves se acomodando para o descanso noturno e chamando os parceiros, e uma

misteriosa, indefinível e grave vibração que era como o som de muitos sapos. O

conhecimento de Donna sobre a vida selvagem era patético, mas sentia-se renovada

caminhando ao ar livre com Xan a seu lado, simplesmente apreciando o cenário.

Ele também parecia em paz ali, com as mãos ainda nos bolsos e a cabeça erguida, os olhos verdes atentos e brilhantes.

Donna foi a primeira a quebrar o silêncio. - Então, esse é um atalho comum?

Xan a encarou.

- Sim, evita a volta maior que teríamos que dar contornando a estrada ao norte; é muito...

Mas ele não conseguiu terminar o que ia dizer, porque uma sombra do tamanho de um

homem saltou sobre ele e o derrubou. Donna ouviu o ar sendo expulso dos pulmões de Xan,

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

um som surpreso que foi interrompido quase imediatamente, sufocado pelas mãos que apertavam seu pescoço.

- Xan! - Donna correu na direção dos dois corpos, que agora rolavam pelo chão e espalhavam folhas secas e deslocavam um ninho de esquilos adormecidos.

Xan parecia ter adquirido a supremacia, e agora estava sobre o atacante desconhecido.

Donna se perguntou como ele havia conseguido modificar a situação tão depressa, mas a

dúvida deixou de ser importante quando ele conseguiu enxergar pela primeira vez a *pessoa*

com quem Xan estava lutado. À primeira vista, seria possível confundi-lo com um sem-teto,

um mendigo comum; só mais um homem das ruas com seu casaco roído por ratos e vários

cachecóis escondendo seu rosto. Donna viu lampejos da pele muito branca e da barba negra e

emaranhada antes de ele se soltar e ficar em pé.

Xan se levantou com um salto, uma manobra cuja agilidade Donna julgou

surpreendente. O que era aquilo? Como era possível?

Mas, antes que ela pudesse fazer qualquer coisa, o Sem-Teto Maluco a agarrou pelo

braço e puxou. Donna esperava sentir aquele cheiro horrível de corpo humano sem banho,

mas tudo que o olfato registrou foi o aroma rico de terra e um leve odor de guarda-chuva úmido.

- Tire a mão de mim! - Donna lutou contra ele, mas tinha as costas comprimidas contra

o peito do desconhecido, e ele a envolvia com os braços, prendendo os dela junto do corpo.

Xan estava abaixado diante deles, o cabelo espetado para cima e os olhos verdes

brilhando intensamente na escuridão quase total.

- Tire as mãos dela, homem. - Sua voz era baixa e vibrava com uma fúria reprimida

com grande esforço.

Donna ouviu a emoção nas palavras de Xan com a mesma facilidade com que ouvia a

própria respiração, agora dominada pelo pânico. De alguma forma, saber que esse garoto que

mal conhecia se dispunha a protegê-la a encheu de coragem.

Mas havia algo muito importante que Xan não sabia sobre ela.

Donna Underwood não precisava de proteção. Não quando tinha a magia alquímica correndo pelos braços e nas mãos. Não quando era uma aberração da natureza.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Respirando fundo, ela cerrou as mãos com força e levantou os dois braços. O sujeito que a segurava era forte, mas Donna apostava em sua própria força. O atacante gritou surpreso ao ser deslocado. Ele cambaleou para trás, tentando manter o equilíbrio depois de tropeçar em um galho caído no chão. Agora era Xan quem a observava perplexo. Donna se sentia bem por ser capaz de cuidar de si mesma. Não era sempre que ficava satisfeita por ser diferente, mas essa era, definitivamente, uma dessas ocasiões. Donna e Xan estavam agora lado a lado, encarando o desconhecido que parecia determinado a atacá-los. Por que diabos um homem das ruas atacava dois adolescentes? Donna não era estúpida a ponto de acreditar que aquele era um bizarro encontro casual. Ela olhou rapidamente para Xan.

- Vá por aquele lado, eu vou pelo outro. Talvez juntos possamos dominá-lo.
- Xan ergueu as sobrancelhas.
- Eu sabia que havia alguma coisa em você que me agradava.

O atacante investiu contra os dois mais uma vez, e eles se separaram para cercá-lo. O encontro dos três corpos causou um impacto que Donna sentiu como uma vibração, uma onda que a percorreu da cabeça aos pés. Ela foi jogada para o lado, e não conseguiu segurar o braço que ameaçava arrancar sua cabeça. Que belo plano... Olhando para a alameda mais próxima, ela percebeu que nos minutos que haviam passado lutando contra o Sem-Teto Maluco não havia aparecido ninguém por ali - ou, se havia movimento, ninguém havia parado. Era mais provável que não houvessem sido vistos, cercados como estavam pelas sombras da vegetação e das árvores meio crescidas. Era o local perfeito para uma emboscada. Xan estava no chão novamente; o desconhecido o imobilizava e tudo indicava que ele não se livraria tão cedo. Donna olhou em volta, tentando encontrar um galho ou alguma outra coisa que pudesse utilizar como arma, mas era difícil enxergar no escuro, e o constante movimento da luta tornava tudo mais confuso. Seus olhos encontraram as mãos do atacante, que empurravam a cabeça de Xan contra a terra do chão. Havia alguma coisa entranha nelas - um borrão, um movimento em torno delas, uma espécie de brilho luminoso - ela não sabia definir, mas era quase como se estivesse

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

acordando e seus olhos ainda não funcionassem normalmente.

Xan continuava resistindo,

lutando com selvageria, tornando ainda mais difícil obter o foco, mas não havia como não

notar o estranho halo cercado as mãos e o rosto do atacante - as únicas duas partes visíveis

de seu corpo, já que todo o restante era mantido oculto pelas roupas largas provavelmente

doadas pelo Exército da Salvação.

- Xan, afaste-se dele! - Donna gritou com a voz trêmula. Claro, isso era exatamente o

que Xan estava tentando fazer, mas ela não conseguiu se conter.

Uma sensação horrível se

espalhava por seu peito a partir do estômago. Seus braços começavam a doer muito, uma dor

horrível, e a sensação de alfinetes e agulhas perfurando os dedos. Arrancava lágrimas de seus olhos.

O Sem-Teto Maluco aproximou o rosto do de Xan e... Que diabos ele fazia? Donna viu

com repugnância como os dentes do sujeito pareciam repentinamente mais afiados, como se

fossem muitos e o excesso não coubesse dentro da boca.

Isso não é um sem-teto, Donna pensou. Não era um mendigo qualquer tentando roubá-

los.

As mãos que agora apertavam o pescoço de Xan de repente pareciam garras. Quando

Donna concentrou toda sua atenção nas duas figuras rolando pelo chão frio, ela conseguiu

enxergar através do disfarce do elfo da floresta.

Não, isso não podia estar acontecendo. Não ali - não no Common, e durante um

encontro. Mas seu "par" estava sendo atacado por uma criatura com muitos dentes e uma

força sobrenatural que era completamente desproporcional ao seu tamanho; seu *verdadeiro*

tamanho. Por poder agora enxergar através do disfarce do elfo, Donna via que as roupas do

Sem-Teto Maluco eram parte de uma ilusão - nada daquilo era real - e Xan tinha um elfo da

floresta sentado sobre seu peito, enterrando as garras em seus pulsos e tentando cravar os dentes afiados em seu pescoço.

- Pare! - ela gritou, correndo para frente, ignorando a dor lancinante nos braços. O elfo

estava em seu habitat natural - cercado por grama e árvores, sem edifícios, carros, ou outras

estruturas criadas pelo homem para incomodá-lo. Não havia ferro ali.

Não há ferro, Donna pensou, exceto pelo metal em meu corpo. Sufocando o terror que

crecia dentro dela e causava ânsia de vômito, ela arrancou a luva de veludo da mão direita e

correu para a criatura que era personagem principal de seus pesadelos. Esse era o segundo

que saía de seus sonhos em alguns dias, e agora sabia que alguma coisa séria estava

acontecendo. Não especulava mais sobre desgarrados casuais ou "experimentos" do Criador -

isso era outra coisa.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

E era muito, muito real.

As nuvens escolheram esse momento para se abrirem. A lua minguante derramou sua

luz prateada sobre as tatuagens que recobriam o dorso da mão de Donna. Mal era possível ver

a pele em meio aos padrões prateados gravados nela para sempre. Xan estava ocupado demais

para notar alguma coisa nesse momento, mas isso não significava que ele não descobriria a

verdade no instante em que ela dominasse o elfo da floresta.

Bem, havia coisas piores. Uma delas seria ver Xan ferido por essa criatura, e ela não ia

permitir que isso acontecesse.

Os olhos negros do elfo se voltaram para ela no momento da aproximação, mas era

tarde demais para uma reação, porque Donna já o atacava. Ela agarrou o braço fino e rangeu

os dentes para suportar a dor imediata nos ossos de seus dedos.

Quando o ferro puro em suas mãos entrou em contato com o braço do elfo das trevas,

a fumaça se despreendeu da superfície seca de seu ombro, e a criatura rugiu com uma fúria

sobrenatural. Ele soltou Xan e tentou se livrar de Donna jogando-a longe com a mão livre. Ela

se esquivou do contato - bem em tempo - mas continuou segurando o braço do elfo e o

arrastou para longe de Xan. Ela tentava não pensar no cheiro de madeira queimada. Seus

olhos se enchiam de lágrimas com a fumaça que pairava densa no ar, e o pavor cresceu

quando Donna notou quanto a nuvem escura já estava alta, e continuava subindo. *Droga.* Era

proibido acender fogueiras em Ironbridge Common, e a última coisa de que precisavam era uma patrulha florestal se dirigindo ao parque para verificar o que estava acontecendo.

Xan levantou-se cambaleando, limpando as roupas e olhando para Donna com grande

espanto. Não era horror, ela notou aliviada, mas alguma coisa que mais parecia admiração. E

avia algo mais, também, mas ela não conseguia identificar o que era. Não sabia se era bom

ou ruim, mas os olhos dele brilhavam na escuridão enquanto a viam dominar o ruidoso elfo.

Antes que ela pudesse pensar mais na reação de Xan, a criatura conseguiu agarrar seu

antebraço - ainda coberto pelo tecido espesso da luva - e tentou soltar-se.

De repente Xan também estava lá, e a coisa não teve a menor chance de dominá-la.

Juntos, eles empurraram o elfo contra um tronco de árvore, e Xan despiu seu longo casaco

preto e o jogou sobre a cabeça do elfo.

Donna se perguntava se ele ainda via um sem-teto, mas duvidava de que o disfarce se

mantivesse, depois de ela ter segurado a criatura com toda força de suas mãos de ferro.

Gostaria de saber como Xan lidava com a revelação de que monstros existiam; teria mesmo de

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

repetir a experiência dolorosa de explicar toda essa loucura a um amigo?

Porém... Xan não parecia chocado.

Quando Donna já começava a pensar que tudo chegava ao fim, com o elfo dominado

sob o casaco de Xan e seu novo amigo sentado sobre a criatura, enquanto ela recolocava a

luva com mãos trêmulas, o elfo conseguiu se libertar e ficar novamente em pé. Droga, essas

coisas eram escorregadias.

E agora, o casaco atrapalhava mais Xan do que o elfo - ele não conseguia dominar a

criatura, que já fugia correndo por um espaço estreito entre duas árvores. O casaco se

enroscou em um galho, e o elfo da floresta escapava.

Mas Xan - além de ser incrivelmente ágil e muito corajoso, porque não se deixava

intimidar por um oponente que nem era humano - também era *veloz*. Ele foi atrás do elfo,

deixando Donna com o coração aos saltos e a garganta oprimida, dominada por uma aflição

que crescia a cada segundo. Ela se perguntava se devia segui-los, mas tinha certeza de que não

conseguia alcançá-los. E talvez se perdesse, e nesse caso não conseguiria mais encontrar Xan.

Mordendo o lábio e esfregando os braços para mantê-los aquecidos, ela já começava a

questionar sua decisão de ficar esperando, quando viu os cabelos brilhantes de Xan surgirem

em um local diferente no pequeno bosque de árvores ainda novas.

Ele não estava ofegante, mas as faces estavam coradas, provavelmente mais pelo frio do

que pelo esforço. Os dois se entreolharam através da pequena distância que os separava.

O que tudo isso significava? Donna lutava contra o pânico e tentava pensar na melhor maneira de lidar com isso. Devia admitir que sabia que criatura era aquela?

Xan foi o primeiro a romper o contato visual para ir buscar o casaco no meio de alguns arbustos. Ele o sacudiu e vestiu, passando as duas mãos pela cabeça enquanto mantinha os olhos fixos no chão por um instante.

- Xan... - ela disse.

- Donna...

Os dois pararam de falar.

Xan caminhou na direção dela. - Primeiro as damas.

Ela se manteve séria.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- O que aconteceu com... Você sabe...

- Ah, você se refere ao *elfo*? - A voz dele transmitia rancor, mas Donna sabia que não era por ela. De alguma maneira, sabia que a nota distinta de desgosto se relacionava exclusivamente aos elfos.

Tudo bem, então ele sabia o que era a criatura. *Alexander Grayson sabia o que era um aterrorizante elfo da floresta*. E essa noite agora era, oficialmente, mais esquisita que qualquer outra. Sem saber o que dizer, Donna manteve a boca fechada e apenas o observou. Mal

conhecia Xan, mas alguma coisa os conectava. Tinha a horrível sensação de que, mais cedo ou mais tarde, descobriria o que era.

De repente Xan cambaleou, e a dor se estampou em seu rosto enquanto ele apertava as costelas. Com o coração disparado, Donna correu para perto dele e parou, sem saber se devia ou não tocá-lo.

- O que aconteceu? - ela perguntou, sentindo-se inútil enquanto ele se encolhia e dobrava, respirando com dificuldade.

Xan estendeu uma das mãos.

- Não - ele disse, a voz enfraquecida pela tensão. - Não é nada.

- *Nada?* - De repente ela estava zangada. Na festa ele havia se mostrado muito disposto a se aproximar dela, e agora a mantinha distante. - Você está machucado. Deixe-me ver...

Xan empurrou a mão dela.

- Já disse que não é nada. Aquela coisa me mordeu antes de fugir. Eu quase consegui segurá-lo.

Pelo menos agora ele conseguia ficar em pé e ereto, e Donna percebeu que a raiva que ouvira na voz dele não havia nascido apenas da dor, mas da frustração - da decepção por não ter conseguido impedir a fuga daquela criatura.

- Ele *mordeu* você? - Donna tentou abrir o casaco de Xan para examiná-lo. - Onde?

Aquelas coisas são danosas...

- Sim - ele respondeu, afastando-se do alcance de sua mão. - E você parece saber muito sobre elas.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna mordeu o lábio. Ela estava preocupada com Xan - com quanto ele podia estar

ferido - mas também estava apavorada com quanto havia revelado dela mesma. Era como se

alguém houvesse declarado aberta a temporada de exposição de seus mais sombrios segredos, e não gostava nada disso.

Não gostava nem um pouco.

- Escute. - Ela ergueu o queixo e olhou nos olhos de Xan. - Sim, eu sei coisas sobre eles.

Mas você também sabe. E foi *você* quem disse que tínhamos sobre o que conversar. Por isso viemos nos encontrar aqui.

- Então, vamos conversar. - A proposta soava como um desafio.

- Não vou falar sobre esse assunto aqui... De jeito nenhum.

- Não tem ninguém aqui para escutar, Donna. - Xan abriu os braços mostrando o

espaço em volta, o vazio entre as árvores e as alamedas desertas.

Donna engoliu em seco, sentindo que de repente estava muito sozinha. Queria que

Navin estivesse ali, o que era um desejo idiota, considerando o esforço que fazia para protegê-

lo de toda aquela loucura. - Estou com frio e com medo, Xan. Não quero conversar aqui.

Ele se encolheu novamente, tocando as costelas como se as examinasse

cautelosamente.

- Desculpe, você tem razão. Estou me comportando como um canalha. Vamos para a minha casa.

Ela hesitou só por um momento.

- Desde que me deixe examinar esse ferimento.

Um sorriso distorcido substituiu a expressão de dor em seu rosto.

- Você só quer me ver sem camisa.

Donna sentiu as faces coradas.

- Vai sonhando. Vamos sair daqui, venha.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela se virou e começou a caminhar, tentando fingir que não ouvia a risada suave atrás dela.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Quando eles entraram na rua do bairro residencial, uma área repleta de carvalhos e casas, Donna sentiu um arrepio na nuca. Ela olhou para trás, mas não viu nada de incomum.

Queria se livrar da sensação de estar sendo seguida, mas olhava para trás a todo instante, tentando identificar uma sombra ou um movimento.

Não era de estranhar que se sentisse tão paranóica - agora tinha *provas* de que havia

elfos da floresta andando pela cidade (e o que acabaram de encontrar não fizera questão de

ser discreto). Há muito tempo um encantado das sombras não entrava em Ironbridge; deviam

ter lá suas razões, mas Donna não queria saber quais eram elas. Ela se arrepiou com o ar da noite.

- Chegamos - Xan anunciou, parando em um determinado ponto da rua.

Estavam na frente da conhecida casa de três andares quase idêntica às dos vizinhos,

exceto pelas janelas com venezianas de cores vibrantes. Donna não conseguia determinar de

que cor elas eram, porque enxergava pouco com a iluminação pública fraca, mas tinha a

impressão de que eram vermelhas. O lugar parecia diferente de como o vira no último sábado,

embora ela não identificasse com precisão essa diferença. Era alguma coisa relacionada ao

fato de ter estado com Navin naquela ocasião, e de, por mais que houvesse protestado contra

a ideia de ir àquela estúpida festa, ter havido um elemento de aventura no evento.

Mas dessa vez? Dessa vez as coisas eram muito diferentes, e isso certamente não era

uma aventura.

Xan subiu a escada de três degraus enquanto tirava do bolso da calça jeans um molho

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

de chaves.

- Bem, vamos entrar.

Donna respirou fundo, percebendo que estivera olhando fixamente para as janelas.

Ainda estava na calçada, e Xan segurava a porta aberta esperando por ela.

- Desculpe - Donna murmurou. - Estava tentando pensar em um jeito de devolver a

tampa ao seu lugar. - A imagem da Caixa de Pandora surgira em sua mente - e agora não

conseguia se livrar dela, e não só com relação a Navin. Era como se alguma coisa a obrigasse a

aceitar a entrada de pessoas em sua vida, independentemente do que desejava a Ordem do

Dragão.

O rosto dele refletia confusão. - Ah... Que tampa?

Ela sorriu e balançou a cabeça. - Nenhuma, esqueça.

Xan ainda a fitava intrigado quando Donna passou por ele para entrar na casa.

- Pronto - ela disse satisfeita ao dar os toques finais no curativo.

- Acabei.

Xan ergueu uma sobrancelha.

- Muito bom. É a primeira vez?

Droga, ela pensou. Outro cara em sua vida capaz de fazer aquela coisa com a

sobrancelha. Ela tentou não corar e, pela primeira vez, conseguiu manter o controle. Xan era

realmente muito bonito, com rosto de maçãs salientes e um jeito envolvente. Estar perto dele,

sentar-se ao lado dele - na *cama* dele - fazia sua pele vibrar.

Eles estavam no quarto de Xan novamente; ele havia dito que o material de curativo

ficava no banheiro do andar de cima, e Donna acreditara. Não pensara que ele só queria atraí-la de volta para o quarto, não quando sangrava terrivelmente. Donna recusara-se a falar sobre elfos e insistira em examinar os ferimentos antes de qualquer outra coisa.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Não que fosse uma especialista em primeiros socorros, mas pelo menos sabia *alguma*

coisa sobre o tipo de dano que as criaturas podiam causar.

Donna havia se esforçado muito para não pensar em como o peito de Xan era forte

enquanto examinava a marca deixada pelos dentes serrilhados do elfo. Esse não era o

momento apropriado para agir como uma adolescente.

Mas eu sou uma adolescente, queria gritar. Era muito injusto - por que essas coisas

tinham de acontecer? Por que não podia ter uma vida normal? Imediatamente, Donna ficou

furiosa com ela mesma pelo ataque de autopiedade. Estava determinada a aceitar a vida como ela era.

É claro, apesar das boas intenções, nem sempre obtinha sucesso nessa empreitada.

Xan havia levantado a camisa cinza para ela poder examinar os cortes na região das

costelas do lado esquerdo. Já era possível ver um hematoma sobre a pele dourada, mas os

cortes propriamente ditos eram poucos.

Quando guardou o material, Donna passou a pensar imediatamente no que viria a

seguir. Eles teriam de enfrentar a tão temida conversa? Alguma coisa havia posto esse garoto

lindo em sua vida, e estava apavorada e animada para descobrir que motivo era esse.

- Donna, olhe para mim. - Havia novamente aquela nota de vulnerabilidade na voz de

Xan. - Há algo que preciso mostrar a você. Talvez... Seja mais fácil do que conversar,

simplesmente. Quer entender como sei sobre aquelas coisas, não quer? Sobre os encantados?

Donna não respondeu, e ele se colocou na frente da porta do quarto, já começando a

desabotoar a camisa.

- O que está fazendo? - A voz dela soou fraca e ofegante. - Já fiz todos os curativos.

- Ah, por favor! - Ele parecia irritado. - O que está achando que eu sou?

Ela riu com evidente nervosismo. - Desculpe.

- Deixe-me acabar com isto. - Xan terminou de desabotoar a camisa sem desviar os

olhos dos dela. Era um olhar intenso e estranho, e ela se perguntou se não devia estar

apavorada.

- Espere um minuto - Donna falou finalmente. - Acho que está havendo um mal-

entendido aqui.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Fique quieta e confie em mim. - O tom da voz dele a fez parar. O que havia nesse garoto que despertava nela o desejo de confiar nele?

Os dedos de Xan pareciam firmes quando ele abriu o último botão da camisa. Ele se

virou para a porta, de costas para ela, e deixou a camisa escorregar dos ombros e cair no chão.

A pele em suas costas era tão suave e dourada quanto no peito.

Os ombros eram largos, e os músculos eram firmes e esculpidos. A calça jeans um

pouco abaixo da cintura deixava ver que ele se mantinha em perfeita forma física.

Mas não era nada disso que chamava a atenção de Donna. Não foi nada disso que a fez

sufocar uma exclamação chocada provocada por um estranho tipo de reconhecimento.

Sobre as omoplatas de Xan havia duas cicatrizes de vários centímetros de

comprimento recobertas por tecido irregular. As cicatrizes tinham três cores, branca, rosa e

magenta. Essa combinação de cores contava a lenta e dolorosa história de um processo

gradual de cicatrização. Os sinais se destacavam contrastando com a tonalidade dourada da

pele.

Com uma das mãos sobre a boca, Donna aproximou-se dele, apesar do horror.

Precisava *ver*. Se Xan decidira confiar nela - alguém que mal conhecia - a ponto de mostrar as

cicatrizes, ela podia ao menos demonstrar o respeito merecido por tal revelação. Poderia tocá-

lo, se quisesse, pois agora estavam bem próximos, e queria desesperadamente se aproximar

ainda mais de Xan nesse momento. Ela chegou a erguer a mão, mas voltou a pousá-la sobre o ventre.

De perto, podia ver em detalhes o tecido cicatrizado profundamente, muito abaixo da superfície da pele, não só nela. Não sabia o que causara os ferimentos e deixara marcas tão

fundas, mas tinha certeza de que, o que quer que fosse, havia doído muito.

Era inimaginável. Bem, talvez não inimaginável... Sentia nas mãos e nos braços um formigamento de pura solidariedade quando, inclinando a cabeça para enxergar melhor à luz

fraca do quarto, ela examinou as marcas impressionantes. Tristeza oprimiu sua garganta

quando pensou que a cura havia deixado sinais tão horríveis. Vê-las despertava nela uma

imediate gratidão pelo Criador, pelo cuidado que havia recebido depois de sofrer seus terríveis ferimentos.

Donna deixou escapar o ar dos pulmões e voltou a se concentrar no quarto. Em Xan.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- O que aconteceu? - Sua voz era baixa, mas firme.
- Acho que você já sabe. - Ele falava de um jeito abafado, ainda exibindo as costas onde havia um mapa de perda e história.

Balançando a cabeça, mesmo sabendo que ele não podia vê-la, Donna tentou explicar:

- Não, eu não sei. *Não sei.*

- Esse é o lugar de onde arrancaram minhas asas.

- Asas - ela repetiu com voz fraca.

Xan virou-se para encará-la, e Donna não teve mais que olhar para as terríveis

cicatrices. Ele se abaixou para pegar a camisa do chão e a vestiu rapidamente, deixando-a

desabotoada.

Donna ficou ali por um momento, imóvel, respirando lentamente e recuperando a

calma. Controle-se, ela disse a si mesma. Você consegue permanecer tranqüila diante de tudo

isso.

Outro pensamento invadiu sua mente: *Não é interessante que eu não duvide dele Nem*

por um segundo? Podia atribuir tal fato a sua criação distorcida.

- Não está falando muito - Xan comentou, o rosto agora destituído de todos os traços

anteriores de confiança. Havia uma linha profunda entre suas sobrancelhas, e os olhos

pareciam pesados e cansados. Sombras dançavam por seu rosto e pareciam se prolongar até o

pescoço.

- Não sei o que dizer - Donna respondeu, gesticulando com as mãos enluvadas

enquanto tentava encontrar as palavras certas. - Não entendo por que está me mostrando

essas marcas. Xan, *suas costas...*

Ele deu de ombros. - Já me costumei.

Donna sentiu uma dor no peito, uma dor que podia ser quase comparada àquela que

experimentava nas mãos e nos braços.

- Não, isso não é verdade. Como pode ser? Ninguém nunca se acostuma com isso.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- E como *você* pode saber?

- Experiência própria.

E Donna fez algo que nunca imaginou que faria. Ela engoliu em seco, depois, com

cuidado e sem nenhuma pressa, tirou as luvas de veludo, um gesto que até poderia ser

considerado burlesco. Exceto por um detalhe: uma experiente dançarina burlesca não teria as

mãos trêmulas como as dela estavam agora. Jogando os cabelos para trás, tentou encarar Xan

e sustentar seu olhar enquanto levantava as mãos sem luvas, as palmas voltadas para baixo.

Foi uma das coisas mais difíceis que ela já fez.

Do meio do antebraço até a ponta dos dedos, braços e mãos eram cobertos por um

complexo trabalho artístico em prata. Era como uma tatuagem criada com uma espetacular

tinta prateada com o qual o artista havia desenhado curvas e traços complexos; voltas se

repetiam do antebraço até os pulsos, e deles para o dorso das mãos e por cada dedo. Se você

olhasse depressa, havia uma ilusão de que as mãos e os braços eram feitos de metal - mas,

quando se olhava com atenção, era possível perceber um padrão delicado fechando a pele.

O que as pessoas não sabiam era que as marcas eram resultado de uma espécie de

cirurgia mágica realizada não só na superfície da pele, mas dentro dela também. Havia procedimentos realizados na infância, momentos que ela preferia não lembrar. Não porque sentira dor naquele momento, mas por causa do estranho e frio metal que agora envolvia seus ossos. O Criador podia ser um mestre artesão, mas às vezes, Donna tinha dificuldades para apreciar um trabalho que a fazia sentir tão *fria*. Mas essa estranha beleza fazia parte dela agora, para sempre. Sua pele nunca ardera nem se bronzeara ao sol, nem queimara com água quente demais. Xan não disse nada por um tempo que pareceu longo demais. Donna engoliu em seco e se obrigou a encará-lo, notando que ele a estudava com atenção. Era como se estivesse fascinado pelas cintilantes espirais prateadas que contornavam os pulsos e subiam para os cotovelos. Seus olhos brilhavam mais que nunca, fixos nela.

- Eu sabia que tinha de haver uma razão para nos conhecermos. Você é como eu.

Entende?

Donna não conseguiu evitar um sorriso pálido, triste.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- E você me entende também. - Ela pôs as luvas de volta, concentrando-se na tarefa

para não ver o ardor nos olhos de Xan. Havia um zumbido em seus ouvidos e ela se sentia um pouco tonta.

- Obrigado - Xan falou com voz grave.

- Por quê?

- Por confiar em mim.

Donna deu de ombros, um gesto meio desajeitado, e o silêncio caiu novamente sobre

eles, levando-a a pensar se não havia acabado de cometer um terrível engano. O que estava

fazendo? Teria perdido o juízo? Enquanto contemplava o estado de sua sanidade, o silêncio se

prolongou e adquiriu uma nova qualidade. Era como se agora contivesse algo mais pesado -

mais real, de alguma maneira - e Donna não sabia ao certo se queria que esse momento se

desdobrasse em outros ainda mais intensos. Ela se moveu com evidente desconforto.

- Ainda não sei o que dizer, Xan. - Ela mordeu o lábio inferior. - Isto é... Minha vida

tem tido coisas bem estranhas, mas até agora um garoto com asas não fazia parte desse conjunto de coisas.

- Não tenho mais asas - ele respondeu com a voz neutra, vazia.

- Desculpe, eu só... - Donna balançou a cabeça, incapaz de continuar. O que poderia

dizer? Ela forçou um sorriso. - Não me diga que é uma espécie de anjo caído, por favor.

Porque isso é algo com que eu não saberia lidar.

Xan riu.

- Quer dizer que poderia lidar com outra coisa?

- Acho que não acredito em anjos, é só isso. E se você fosse um, eu seria forçada a

reavaliar minhas crenças. E não estou preparada para isso.

- Não se preocupe, Donna Underwood. Não sou um anjo. - Um sorriso lento iluminou

seu rosto.

Ela riu, mais uma forma de aliviar a tensão do que uma demonstração de humor.

- Que alívio...

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Os dois ficaram em silêncio por mais um momento. Mas Donna não conseguiu se conter. Precisava falar.

- Então, você é um encantado. - Porque, francamente, o que mais ele poderia ser?

Xan sobressaltou-se, seus olhos se encheram de espanto e surpresa, e depois expressaram alguma emoção que era muito parecida com alívio. Ele respirou fundo.

- Só meio encantado.

- Meio encantado. - Ela assentiu, como se confirmasse alguma coisa para si mesma. É claro, sabia que havia seres meio encantados entre os humanos.

Além do acasalamento entre espécies, algo que devia ter acontecido ao longo de muitos séculos, antes mesmo de as fadas terem deixado esse mundo de vez, havia o reduzido número de encantados que ficara para trás. Portanto, não era inconcebível que existissem filhos mestiços de humanos e encantados andando por aí, escondidos entre os primos humanos. Mas ela nunca imaginara que uma dessas crianças tivesse *asas de verdade*.

Ou *tivera* asas. Sua garganta se fechou com o sofrimento: tristeza pelo que Xan havia perdido, mas também pela solidão que ele devia experimentar. Ela olhou para o relógio sobre o criado-mudo - o mesmo que vira na primeira vez em que estivera ali. Noite de sábado.

Parecia ter sido há tanto tempo! Mas havia sido há dois dias, apenas.

Donna se sentia muito cansada. Seus ombros doíam e a garganta arranhava. Esperava não estar ficando doente.

- Preciso ir. Vou jantar com Navin hoje à noite - o pai dele me convidou. Havíamos combinado que iríamos tomar um café, apenas.

Xan era educado demais para apontar que ela só fizera planos com o amigo como uma espécie de rede de segurança, uma via de escape para a situação que envolvia café e um desconhecido.

- Sempre fugindo, exatamente como Cinderela. - Seu rosto revelava desapontamento,

mas ele a ajudou a vestir o casaco e arrumou a gola. - Ainda não sei nada sobre você.

- Não é verdade. Acabei de lhe mostrar algo que poucas pessoas sabem sobre mim.

Xan empurrou os cabelos para longe dos olhos. A franja precisava de um corte.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Ver é uma coisa, mas agora vou ficar aqui fazendo suposições, sem saber se elas

fazem sentido ou não.

Donna suspirou.

- Eu sei. Sinto muito.

- Então, pode me encontrar amanhã?

Tinha de reconhecer que ele era persistente. - Acho que sim...

- Muito obrigado pela demonstração de entusiasmo. - Um sorriso bailou em seus

lábios.

Donna gostaria de saber como Xan ainda encontrava algum motivo para sorrir em um momento como esse.

- Não é nada disso. Só acho que essa situação é muito...

- Quente - Ele ergueu as sobrancelhas.

- Eu ia dizer intensa - ela respondeu, tomada por uma repentina tentação de bater nele.

- *E* quente - Sua voz tinha uma nota esperançosa, mas Donna sabia que tudo era só

uma brincadeira para provocá-la. Por que os garotos tinham de fazer isso sempre? Ela

balançou a cabeça e decidiu ignorar.

- Podemos nos encontrar amanhã, depois da minha aula.

Xan insistiu em levá-la de volta ao Common. Ela não protestou, não depois do

encontro com o elfo. Não houve mais nenhum incidente, embora ela tenha perdido o ar por

um instante quando passaram por um sem-teto que dormia em um banco com um cobertor

de jornal.

Estava ficando tarde e ela se sentia esgotada, tanto que lamentava ter feito planos para

o jantar. Se fosse só Navin, ele entenderia sua necessidade de ir para casa e descansar, mas

não podia desapontar a família de Navin. Não se sentia confortável cancelando um

compromisso com tão pouca antecedência. Ele havia sido gentil por convidá-la e, de qualquer maneira, queria mesmo ir se certificar de que Navin estava bem. Precisava ver com os próprios olhos que ele preservava sua sanidade mental, que não estava enlouquecendo aos poucos com todo esse novo conhecimento. Toda essa loucura. Para ser bem honesta, Donna

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

precisava saber se Navin ainda era seu amigo. A lua encurvada brilhava alta no céu. Ela olhava regularmente para o rapaz que caminhava em silêncio a seu lado. *Estou me apaixonando por ele*, Donna pensou. E em seguida: *Isso é ridículo*. Provavelmente, só se sentia atraída por ele por causa das coisas que tinham em comum. Isso fazia muito mais sentido. Quando passaram pelos porões nos limites do Common, ela olhou para Xan.

- Pode me deixar aqui. Obrigada. Não estou muito longe.
- Deixe-me levá-la até sua casa. - Estavam parados, se olhando de uma maneira intensa e grave.
- Melhor não.
- Ah... - Ele parecia sério. - Não quer que seu *amigo* nos veja juntos. - A insinuação era clara.

- Navin é meu amigo, já disse. - Ela tentou superar a irritação que sentia ganhar força. -

É que... Ainda não contei a ele sobre você.

Xan franziu o cenho.

- Ele me conheceu no sábado.

- Sim, mas não sabe que vim encontrá-lo hoje à noite.

- E você vai contar a ele. - Não era uma pergunta. Soava mais como um desafio.

- Talvez. Mas o que conto ou não conto a Nav não é da sua conta.

Ela viu quando o músculo de sua mandíbula ficou tenso. Xan parecia prestes a dizer

alguma coisa, mas se deteve, respirou profundamente e passou a mão pelo rosto.

- Certo. É claro. Só queria que pudéssemos passar mais tempo juntos, mais nada.

Ela assentiu e decidiu que era melhor não insistir no assunto. Xan era uma pessoa

muito intensa, e isso às vezes podia ser assustador, mas, naquelas circunstâncias, não podia criticá-lo por isso.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Tudo bem. Boa noite. Até amanhã.

- Boa noite... - Ele deu um passo na direção de Donna.

Donna recuou e quase tropeçou na calçada. Virando-se depressa, ela foi para casa sem olhar para trás.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





- Essa foi a melhor refeição que comi em eras - Donna falou com o estômago muito

cheio. Apesar de cansada, estava feliz, afinal, por ter aceitado o convite para esse jantar. -

Obrigada, Dr. Sharma. Sei que teve muito trabalho.

- Trabalho nenhum, Donna. É sempre um prazer tê-la conosco à nossa mesa. - O pai de

Navin sorriu benevolente para Donna e para os dois filhos, mas ficou sério quando o olhar

normalmente afetuoso encontrou a filha.

De cabeça baixa, Nisha estava ocupada digitando uma mensagem no celular. Seus

longos cabelos negros brilhavam banhados pela luz da lâmpada, fazendo Donna pensar nas

asas de um corvo. Donna a cutucou discretamente por baixo da mesa.

Os grandes olhos castanhos de Nisha se ergueram com evidente irritação, mas, ao

perceber que o pai a encarava com ar severo, sua expressão suavizou-se. Olhando para Donna com gratidão, ela guardou o celular no bolso do jeans skinny, tendo de se levantar para isso, e finalmente o Dr. Sharma sorriu satisfeito. Navin começou a tirar os pratos da mesa, e Donna levantou-se rapidamente para ajudá-lo. O Dr. Sharma os deteve com um gesto.

- Não se preocupe com isso hoje, filho... Dê atenção para sua convidada. Nisha e eu vamos lavar a louça.

Nisha olhou feio para Navin, mas não discutiu a decisão do pai. Donna tentou sorrir ao ser chamada de "convidada" de Navin.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela freqüentava a casa da família há três anos, e o Dr. Sharma ainda a tratava como uma ilustre visita cada vez que a recebia. Era agradável, tinha de admitir.

No andar de cima, no pequeno quarto de Navin, ela se deitou na cama para dar mais espaço ao estômago.

- O jantar estava uma delícia.

Era bom estar fazendo alguma coisa normal com o amigo.

Chegava até a ousar

acreditar que tudo ia ficar bem entre eles.

- Sim - Navin concordou, examinando uma confusa pilha de CDs.

- Ele e mamãe

costumavam cozinhar juntos quando éramos mais novos. Agora ele diz que se sente feliz por não ter deixado todas as tarefas domésticas para ela, ou se sentiria inútil.

Donna sorriu.

- Ele faz um ótimo trabalho.

Navin se sentou ao pé da cama, com as costas apoiadas à parede.

Eles ouviam o CD de músicas tranquilas, trilha sonora de um filme com o qual Navin

andava encantado ultimamente - e Donna se deixou acalmar pela atmosfera confortável de

simplesmente estar na companhia do amigo.

- Nav... - Ela se sentou e apoiou-se à cabeceira.

Os olhos castanhos de Nav eram suaves enquanto ele esperava para ouvi-la. Estava

dando um tempo a ela, o que Donna apreciava, mas, por outro lado, ele poderia tornar as

coisas mais fáceis preenchendo essas lacunas, esses silêncios prolongados.

Suspirando, ela estendeu os braços e segurou as mãos dele.

- Estou muito feliz por ter me convidado para vir esta noite.

Ele franziu a testa.

- Papai queria que você viesse. Por que eu me oporia?

- Ah, Nav, você sabe por quê. Depois de tudo que contei... - A voz dela sumiu, e seus

olhos se fixaram no psicodélico protetor de tela do monitor do computador sobre a

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

escrivaninha. Qualquer coisa para evitar o olhar de Navin. Como poderia dizer que não sabia como continuar vivendo se ele não fosse mais seu melhor amigo? Navin tocou seu queixo, puxando-o de forma a obrigá-la a olhar para ele.

- Está tudo bem, Donna. Não vou dizer que isso é fácil - entender e aceitar tudo isso e ajustar minha cabeça às novidades, adaptar minha visão de mundo - mas vou me esforçar. E ainda estou aqui.

Donna sentiu um calor lento se espalhar por seu peito, afastando os últimos fios gelados do medo.

- Você é muito importante para mim. Sabe disso, não é? Ele sorriu. - Uau, deve estar estressada, Underwood. Admitindo seus verdadeiros

sentimentos por mim? Eu devia gravar o que está dizendo. Donna o empurrou, tomando cuidado para controlar a força. - Isso foi patético. É assim que quer merecer o título de super-herói?

- Oh, ha, ha. Que engraçadinho. Talvez possa formar uma dupla comigo. Garoto

Desentupidor de Pia.

- Não, meninas são melhores parceiras que os garotos - Navin sugeriu, empurrando a mão dela de volta. - Devia aprender a se colocar no seu lugar, sabia?

O que aconteceu em seguida foi uma luta, mais cócegas do que qualquer outra coisa, mas totalmente divertida e, provavelmente, muito barulhenta, também. No meio dessa guerra, Donna se pegou pensando se não estavam velhos demais para isso, e também lembrou

que o Dr. Sharma e Nisha estavam ali, naquela mesma casa, não muito longe deles. Mas em

seguida decidiu: *Ah, que diabo!*

Ofegante, Donna finalmente se afastou e sentou para arrumar o cabelo e ajeitar o suéter.

- Você é um fracote, Sharma.

- Ah, sim, é claro. Eu só estava me controlando.

- E acha que eu não estava? - ela sorriu fingindo crueldade.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Navin também se sentou, apoiando os cotovelos nos joelhos e observando a amiga com

uma expressão subitamente séria.

- Então, o que vai fazer?

- Sobre o quê? - De repente ela pensava novamente em Xan - na pele macia do ventre,

um contraste cruel com as cicatrizes em suas costas - e teve de se controlar com grande esforço.

- Sobre tudo isso. - Navin revirou os olhos.

Donna deu de ombros.

- Não sei. Vou continuar me escondendo e mentindo para minha tia? Não. Posso

acabar bem encrencada se não contar a ela sobre as coisas que vi nos últimos dias. A Ordem

não gosta de brincadeiras; você não sabe como é.

Ele franziu o cenho.

- Sim, bem, eu saberia, se você começasse a conversar mais comigo.

Ela suspirou. - Você sabe que só não falo porque não posso. E fiquei com medo de contar para você.

- Com *medo*? Do quê?

- De perder você - ela falou em voz baixa. Por um momento Donna desejou que a cama

a tragasse enquanto, impotente, esperava em vão pela garantia de que esse seu medo nunca se concretizaria.

- Ei, você nunca vai me perder, Underwood. Vai ter de me aturar pelo resto da sua vida.

Está ouvindo?

Donna deu de ombros e tentou acreditar nele. Odiava-se por soar tão patética.

- Também estava protegendo você. Isso tudo é perigoso. Existem coisas nas quais você nem acreditaria.

- Acho que acreditaria em qualquer coisa que você me contasse, nessa altura. Ontem

eu vi um *elfo*, lembra? - Ele sorriu para ela daquele jeito rápido, típico.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Isso é verdade. - Ela sorriu sem muito entusiasmo. *Teria sido só ontem?*

- Se servir de alguma coisa, acho que estou começando a entender por que escondeu

tanta coisa de mim.

Ela se moveu na cama com evidente desconforto.

- Eu não queria esconder nada. Muitas vezes senti vontade de falar com você, contar tudo.

Ele deu de ombros.

- Não se preocupe. Agora eu já estou me informando por conta própria.

- Você está? - Donna sentiu que as têmporas começavam a doer.

Oh, Deus, ela pensou, por favor, não permita que ele cometa nenhuma estupidez.

- Para começar, estive perguntando ao meu pai sobre alquimia. - Navin parecia tão

orgulhoso dele mesmo, que Donna não se sentiu com coragem para desapontá-lo. Mas ela

pensou por um momento... Sim, teria de furar sua bolha de entusiasmo.

- Seu *pai*? - ela indagou. - O que perguntou a ele? Estamos no século vinte e um;

quando as pessoas querem se informar sobre algum assunto, sempre começam pelo Google.

- Você está realmente engraçada hoje, sabe? Mas, falando sério, eu sabia que meu pai

poderia me ajudar com esse assunto; ele adora filosofia indiana. Parece que a alquimia era

estudada na Índia há séculos. É realmente muito interessante...

- Tenho certeza que sim. - Donna o encarou com firmeza. - Mas talvez possamos

guardar essas lições para outra oportunidade? Tenho mais que o suficiente delas em casa.

- Tudo bem, mas vou guardar todas essas informações para você. É muito legal.

Donna não conseguiu conter um sorriso, mas, ao mesmo tempo, estava em pânico

imaginando sobre o que Navin havia conversado com o pai. É claro, o Dr. Sharma era legal

como pai, mas não podia permitir que Navin corresse riscos. Não só por seu bem, ou para proteger o segredo da Ordem, mas pela segurança dele mesmo.

- Navin, você *foi* cuidadoso com o que perguntou, não foi? - Donna mordeu o lábio,

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

esperando não dar a impressão de que não confiava nele. Ele revirou os olhos.

- Não, eu contei tudo sobre você e a Ordem do Dragão. Ainda não cheguei na parte dos elfos do mal, mas é só uma questão de tempo.

Donna corou e deixou escapar um suspiro aliviado. - Cala a boca.

- Escute, eu não teria de fazer todo esse trabalho de detetive se você se abrisse um pouco mais comigo. Certamente há coisas que agora já pode dividir comigo, não? Você já me contou tudo aquilo, não há motivo algum para ainda guardar segredos.

Ela respirou fundo.

- Ah, não estou gostando nada disso.

Navin sorriu nervoso, puxando os joelhos contra o peito e abraçando-os.

- Não tem um jeito simples de perguntar isso, e vou dar a impressão de que fiquei

completamente maluco, mas... Eu preciso saber. - Foi a vez dele inspirar profundamente.

- Você é humana, não é, Don? Não que isso faça alguma diferença para mim, juro. Sabe

que sou um cara que defende a igualdade de oportunidades.
Apertando as mãos com força e ignorando a culpa que a invadia como uma onda,
Donna forçou um sorriso.
- É claro que sou humana, idiota. O que acha? Que de repente vou ter presas na boca,
ou me transformar em lobisomem na próxima lua cheia?
Ele deu de ombros, e seu rosto se tingiu de um rubor gracioso. -
Francamente, com
tudo que tenho visto e ouvido? Preciso verificar. Espere um pouco, já respondo com um pouco mais de certeza.
Donna sufocou a culpa. Não estava realmente mentindo para ele. Ela *era* humana. Tudo bem, talvez houvesse passado por uma *melhoria* depois dos ferimentos, mas isso não a tornava menos que humana. Pelo menos, era isso que Tia Paige sempre dissera. Na opinião de sua tia, as modificações que o Criador havia implantado para salvar seus braços e mãos a tornavam "mais que humana". O que soava um pouco melhor.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ou não?

- Você fica bonitinho com o rosto vermelho, Sharma. - Provocá-lo era a melhor saída.
Ele a encarou sério.
- Eu não fico vermelho.

- É claro que fica. Está vermelho agora. - Donna riu e sentiu que algumas preocupações

se dissipavam diante daquele sorriso lento de Navin, como nos velhos tempos.

- Você é maluca. Toda essa magia deve ter mexido com sua cabeça.

- Não sou maluca.

- É claro que é. Está suspirando por um cara que abandonou a faculdade e não tem

nada melhor para fazer do que organizar festas para garotos tontos como nós.

Foi a vez de Don ficar vermelha. Ela ainda nem tivera a oportunidade de falar sobre

Xan.

- Cala a boca, Garoto Ciclista.

As provocações e a luta recomeçaram, e dessa vez eles *realmente* fizeram muito

barulho e tiveram de parar de repente depois de uma delicada batida na porta. Era o Dr.

Sharma.

Em voz baixa, os dois continuaram conversando por muito tempo.

Donna contou a Navin sobre o Monstro Wood, os elfos caçadores, sobre a noite em

que perdera o pai no bosque, sobre as diversas cirurgias e tatuagens mágicas que foram

necessárias para curá-la dos ferimentos. Era quase como se as revelações anteriores de Xan a

houvessem preparado para isso, como se houvessem tido um ensaio para a Grande Apresen-

tação. Durante muitos anos, a ideia de contar a Navin a horrível verdade havia sido tanto um

sonho quanto um pesadelo para Donna; era como se esperar que ele ainda a aceitasse depois

disso fosse uma expectativa irreal.

Ela viu o rosto bondoso e familiar do melhor amigo relaxar enquanto a ouvia, e torceu para não acabar magoando-o sem querer.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Mais tarde, já em seu quarto, onde chegou bem depois de sua hora de voltar para casa,

Donna despiu-se e jogou as roupas na cadeira de vime no canto. Ela vestiu o pijama e

massageou os braços e as pernas doloridas. Era bom poder tirar as luvas, mesmo que isso

implicasse olhar para aqueles desenhos complexos. Bem, não era como se não as houvesse

tirado várias vezes essa noite. Talvez devesse começar a deixar as luvas em casa. O que tia

Paige ia pensar disso?

Ela engoliu em seco ao lembrar o olhar de Navin quando finalmente mostrara a ele a

verdade - as tatuagens que a tornavam "mais que humana" e muito mais perigosa que as

meninas comuns de dezessete anos. A reação de Navin? Incrível! Ele havia segurado suas

mãos e falado que, para ele, não importaria se estivesse coberta da cabeça aos pés com folhas

roxas. Ela ainda era Donna; ainda era sua melhor amiga.

Ele era incrível e, não pela primeira vez, Donna se perguntou o que havia feito para

merecer um amigo tão bom e leal. Suspirando, ela acendeu o abajur e apagou a luz principal,

indo até a janela para verificar se estava fechada. Quando afastou a cortina, ela pensou ter ouvido alguma coisa além da janela; como alguma coisa raspando e fungando. *E agora?*

Prendendo o fôlego, Donna inclinou o corpo para encobrir o brilho da luz do abajur na vidraça, e assim enxergar melhor do lado de fora. Seu quarto ficava no fundo da casa, por isso a paisagem que via consistia de alguns quintais e alamedas, com os prédios mais altos do centro de Ironbridge além deles. Era difícil enxergar alguma coisa além do quintal escuro da casa de sua tia, mas ela se esforçou.

Alguma coisa pulou a cerca, uma sombra com cauda longa e olhos grandes que refletiram a luz da lua. Só mais uma droga de gato.

Ela suspirou aliviada e, com determinação, fechou a cortina. Não tem nada lá fora,

Underwood, disse a si mesma. Vá para a cama.

Mas, é claro, não conseguia dormir, e a mente vagava por todas as coisas que haviam acontecido. Primeiro, o elfo da floresta na oficina do Criador. O velho alquimista havia dito que "resolvera o problema". Como ele conseguira se livrar do elfo era algo que Donna nem sabia se queria saber, mas o que quer que houvesse acontecido enquanto ela estivera na oficina, certamente não era alguma coisa que ele quisesse compartilhar com tia Paige nesse momento.

E era estranho que o Criador houvesse mencionado Simon Gaunt.

O secretário da Ordem estava envolvido nos supostos experimentos do Criador? Mais importante, poderia descobrir tudo isso sem alertar alguém de suas suspeitas?

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Depois ela e Xan foram atacados por um segundo elfo quando estavam em Ironbridge

Common. Seria esperar demais que tudo isso fosse só uma seqüência de coincidências. Talvez

o elfo fosse mesmo um desgarrado, mas, nesse caso, por que ele não estava no que restava da

Floresta de Ironwood com os outros desgarrados? O fato de os alvos do ataque terem sido a

filha de um alquimista e um híbrido de humano e encantado indicava alguma coisa muito

mais sinistra que um simples encontro aleatório.

Donna não era ingênua o bastante para acreditar que dois elfos do mal num espaço de

poucos dias não eram ocorrências dignas de preocupação; sem mencionar sua quase certeza

de que alguma coisa havia observado Navin e ela do lado de fora da casa de Xan depois de

terem saído da festa.

Então, por que não ignorava simplesmente o aviso do Criador e contava tudo para tia

Paige? Essa era a grande questão - talvez até maior que tudo mais que estava acontecendo. O

que a impedia de desabafar, entregar esse fardo tão pesado aos alquimistas?

Antes mesmo que a seqüência de perguntas ocupasse por completo seus pensamentos

já tão perturbados, ela encontrou a resposta. Não era uma questão de confiar ou não na tia; a questão era que, cada vez mais, desconfiava da Ordem. Donna nunca se sentira muito à vontade com a organização que praticamente comandava sua vida - uma sociedade secreta que mantinha em segredo fatos que podiam ter a ver com ela e até coisas sobre seus próprios pais. Donna tinha uma terrível suspeita de que todas essas coisas estavam relacionadas, mas não sabia como as peças desse quebra-cabeça se encaixavam. É claro, isso não significava que não poderia descobrir. E começaria amanhã mesmo.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna estava sentada no estúdio de Simon Gaunt, uma sala com revestimento de madeira no Frost Estate, e tentava não dormir enquanto Alma Kensington tagarelava sobre teoria da alquimia. Sua professora falava sobre a *prima materia* - a matéria-prima -, algo em que Donna sabia que devia estar mais interessada, mas era difícil se concentrar em alguma coisa depois do que havia acontecido com ela e Xan na noite anterior.

E depois do que compartilhara com ele e Navin. Esperava que a culpa não estivesse estampada em seu rosto.

Seus olhos encontraram uma das telas penduradas nas paredes do estúdio, retratos de alquimistas mortos há muito tempo. O sujeito no quadro era um homem de aparência

fantasmagórica com um solidéu preto e vestes elisabetanas; seus olhos eram fundos, e ele

tinha uma barba branca desalinhada. A inscrição sob a tela dizia: AQUELE QUE NÃO ENTENDE DEVE APRENDER OU FICAR EM SILÊNCIO.

Essas palavras eram atribuídas ao Dr. John Dee, matemático, astrólogo, e Mago

Mestre. Quentin havia dito a ela certa vez que Dee podia ter sido até um espião de

Elizabeth I na Inglaterra, embora tudo isso fosse apenas lenda.

Donna suspirou. Se as palavras do Dr. Dee mereciam credibilidade, ela realmente

devia ficar de boca fechada sobre todas as coisas que aconteciam ultimamente, porque

certamente não as entendia. Havia muito sobre a Ordem do Dragão que não compreendia,

e aquelas coisas que iam ficando claras não despertavam nela um sentimento muito agradável.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Alma Kensington escolheu esse momento para virar a cabeça de cabelos loiros e

cravar nela os olhos azuis claros. Seu nariz reto e o queixo pontudo combinavam com as

linhas longas e os ângulos do corpo. - Donna, não se sente bem?

Donna sentiu um sorriso duro, quase uma careta, distendendo seus lábios.

- É só cansaço, Alma. Desculpe.

A professora ergueu os ombros, alcançando o máximo de sua estatura nada insignificante.

- Talvez eu deva conversar com sua tia. Isso parece estar acontecendo com muita frequência ultimamente... - Ela deixou a voz morrer aos poucos, transformando o silêncio num aviso claro.

Rangendo os dentes para conter um bocejo, Donna se sentou ereta na cadeira de couro verde e balançou a cabeça. Ela engoliu o bocejo para conseguir falar.

- Eu estou bem realmente. Só fiquei acordada até tarde, lendo.

- Espero que tenha sido uma leitura interessante - Alma respondeu com frieza antes de se virar para a apresentação de PowerPoint na tela retrátil.

Finalmente chegou a hora do almoço, e Donna escapou satisfeita da escola improvisada para ir respirar um pouco de ar puro no vasto terreno de Frost Estate.

Tremendo de frio, ela cruzou os braços e começou a percorrer os jardins, percebendo a gradual desolação que a aproximação do inverno ia espalhando pelas belas plantas e flores.

Os canteiros de arranjos elaborados tinham uma ordem e um propósito subjacente que um observador casual não perceberia: tudo era organizado de acordo com as regras da

sagrada geometria. Esse era um dos projetos mais queridos de Quentin, e tia Paige certa

vez dissera a Donna que os jardins protegiam a propriedade de ataques. Havia arcos e

redemoinhos elaborados se cruzando em linhas diagonais em cores vibrantes. Alguns dos

arranjos florais de aparência mais caótica eram, na verdade, projetados com todo cuidado

para repetir padrões geométricos e ângulos precisos. Visto do alto, todo o conjunto parecia

fascinante - como uma mensagem secreta que só as estrelas podiam ler.

No canto a leste do terreno, ao longe, havia uma constante coluna de fumaça

brotando do chão e subindo para o céu. Donna havia visto a mesma paisagem no frio e no

calor, em todas as estações, independentemente de haver ou não folhas para serem

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

queimadas. Tia Paige dizia que era só uma fogueira, mas, nesse caso, por que então ela queimava o ano todo?

Ela voltou cedo para dentro da casa e se forçou a comer um sanduíche que o pessoal

da cozinha mandara. Não sentia fome nenhuma, mas ia mordendo o lanche, mastigando e

engolindo enquanto andava pelos corredores. Cenas do elfo atacando Xan voltavam

constantemente à cabeça, e também as do elfo atacando Navin na oficina do Criador no dia

anterior. Soprando o ar, ela se sacudiu mentalmente e mudou de direção, saindo do

caminho de dois membros da equipe de funcionários de Quentin. Eles discutiam algum

trabalho que seria feito no prédio e seguiram adiante por um dos inúmeros corredores

ricamente acarpetado. Alma ainda não devia ter retornado do almoço, por isso Donna decidiu ir à biblioteca principal passar o tempo. Ela sempre se perguntava como seria morar em uma casa tão grande, o que, aparentemente, havia sido considerado quando ela ficara órfã. Normalmente acabava chegando à conclusão de que seria complicado demais; as restrições e o decoro forçado a levariam à loucura. Além do mais, morar com Quentin e Simon seria *esquisito*. Era sempre muito grata a tia Paige por ter tomado para si a responsabilidade de acolher e criar uma menina tão machucada e traumatizada. Tia Paige sempre a tratara com atenção e bondade - sua marca pessoal de bondade *prática*, certamente, mas isso sempre havia sido suficiente. Se algumas vezes ela era um pouco severa, Donna concluiu, devia ser porque nunca tivera marido e filhos; ela não era uma figura naturalmente maternal. E, é claro, tia Paige sempre parecia ocupada demais para ter uma família, dedicada como era ao trabalho e às demandas da Ordem. Donna parou no final de um corredor silencioso no piso térreo e passou pelas portas elegantes da biblioteca favorita de Quentin Frost. Quando era mais nova, o arquimestre parecia ser alguém distante, misterioso. *Quase mágico*, o que não se distanciava muito da realidade. Não que visse Quentin com muita freqüência, nem mesmo agora. Ele se tornara mais e mais recluso com o passar dos anos, e Donna só o vira meia dúzia de vezes, talvez, no último ano, ou nos jantares de domingo que tia Paige a

incentivava a freqüentar ou, muito raramente, quando ele "saía do retiro" para dar uma aula prática. Mas quando ela era jovem, às vezes ele a encontrava em sua biblioteca olhando as centenas de livros que ocupavam as prateleiras, e se mostrava verdadeiramente encantado por ela demonstrar um interesse tão grande.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Outro nome dado a essa biblioteca era "Salão Azul", por razões óbvias. O conjunto de três peças no centro do espaço amplo era revestido com o mais macio veludo azul royal, e as paredes eram de um delicado amarelo claro com pequeninas estampas florais.

Pessoalmente, Donna achava tudo meio ultrapassado, mas Quentin gostava de ter salas com temáticas de cores.

A sala de estar no interior da biblioteca não era exceção. O sofá ficava na frente de uma mesinha de jacarandá, e sobre ela ficava o passatempo preferido das noites de

Quentin e Simon: um jogo de xadrez. Mas não era um jogo comum; não havia nada de ordinário nele, além do desenho do tabuleiro. Aquele era um xadrez elementar, algo que os alquimistas haviam desenvolvido a partir do jogo tradicional. Donna ainda não havia

aprendido a jogar - as peças tinham nomes diferentes e eram associadas a estrelas e planetas. Para ela, sempre havia parecido confuso, nada que ela pudesse se imaginar jogando.

Navin ia adorar, provavelmente.

Em um canto da sala havia um robusto relógio de pêndulo entre duas grandes estantes. Ela se aproximou do objeto familiar, aspirando o cheiro do lustra-móveis e piscando os olhos lacrimejantes. O relógio fora limpo recentemente, e brilhava refletindo a luz das lâmpadas radiantes no teto.

Donna olhou com mais atenção ao perceber que o relógio havia parado. Ela verificou a hora em seu telefone celular e olhou novamente para o mostrador do relógio ornamental - sim, ele havia parado vinte minutos atrás. Ela deslizou as mãos pela madeira lisa da caixa, sentindo o resíduo pegajoso do produto para polimento e notando a gordura na luva de veludo verde. Como seria possível abrir o relógio? Não havia nenhum mecanismo ou trava evidente. Olhando para o mostrador de marfim com seus grandes numerais romanos e os ponteiros curvos ainda parados e silenciosos, Donna tocou o vidro que cobria o conjunto e tateou as emendas, procurando alguma possível abertura. Ao menos poderia verificar se era possível acertar a posição dos ponteiros para o horário correto.

Concentrada, Donna se ergueu na ponta dos pés com as duas mãos sobre o vidro do mostrador, olhando nas laterais e atrás da caixa. Talvez algum lugar *atrás* do relógio...

- O que pensa que está fazendo? - falou uma voz aguda atrás dela. Se fosse possível

pular um pouco mais alto, Donna sabia que, naquele momento, teria pulado.

Ela gritou e saltou, depois se virou para ver quem era o dono da voz tão severa.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Eu fiz uma pergunta, mocinha - Simon Gaunt continuou, seu rosto muito austero e

os olhos verdes refletindo suspeita. -Eu... Eu...

- Sim?

Donna engoliu em seco, tentando desesperadamente banir do rosto a expressão de

culpa, e ressentindo-se por ele a fazer se sentir como uma criança. Afinal, não havia feito

nada de errado. Além do mais, era estranho que o normalmente inabalável Simon estivesse

tão... Agitado? Ansioso, até. *Ora, ora, isso é bem interessante...*

Ela compôs uma expressão de comportamento impecável.

- Vim olhar os livros, Simon. A Sala Azul sempre me fez sentir...

Em paz.

- Tão em paz, que aparentemente - ele respondeu com tom seco -, você examinava a

mobília, em vez de escolher um livro para ler.

- Eu só estava *olhando*. Não estava fazendo nada de errado.

Queria entender como o

relógio funciona, só isso. - Donna se encolheu por dentro ao ver a incredulidade passar

pelo rosto de Simon, quase sempre suave e tranqüilo. - Ele parou, entende?

As sobrancelhas grisalhas e perfeitamente penteadas se ergueram. - É mesmo? Eu

não sabia que tinha um interesse tão grande por horologia. Preciso contar a Quentin;

tenho certeza de que ele vai ficar fascinado. Vai ter algo para conversar com ele.

Horologia? Puxa, isso soava muito chato! Donna tentou sorrir, afastando-se do

relógio de pêndulo e caminhando até o sofá, onde jogou a mochila sem nenhum cuidado.

- Não. - Esperava parecer mais confiante do que se sentia. - Eu só estava curiosa.

-Hmmm.

A resposta de Simon soou ríspida, mas pelo menos ele havia parado de encará-la

com aquela hostilidade declarada. Donna havia ficado chocada com seu comportamento e

com o tom de voz. Sim, o secretário da Ordem era desagradável com muita freqüência,

mas, mesmo para ele, isso era bastante bizarro. Ele não estava apenas zangado; parecia...

Amedrontado. Essa atitude defensiva e maluca com alguma coisa tão inocente quanto um

simples relógio a enchia de suspeitas. O que Simon estava tentando esconder?

A qualquer minuto, elfos da floresta sairiam em bandos do relógio, libertando-se do

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

cativeiro depois dos misteriosos "experimentos" de Simon e do Criador?

Banindo essas fantasias da mente, ela tentou se mostrar polida e arrependida; de

nada serviria enfrentar Simon agora.

- Eu sinto muito, Simon. Era só interesse, realmente. Vou voltar para os meus livros.

Simon olhou para a mochila sobre o sofá.

- Que você ainda nem pegou da mochila, pelo que posso notar. - Ela caminhou até o

sofá com as pernas trêmulas e sentou-se. - Sim, aqui estão eles. Tenho algumas devoluções

para a biblioteca. - Ele continuava parado na porta, observando cada movimento de

Donna.

Ela se esforçava para sustentar o olhar penetrante, mas era difícil.

Sentia um estranho arrepio provocado pela sensação de que ele estava tentando enxergar dentro dela.

Simon empurrou para trás algumas mechas de cabelo castanho que insistiam em cair sobre sua testa úmida. - Bem, e então? Não vai pegar os livros?

- O quê?

- Seus livros, Donna. Não vai tirá-los da mochila?

Com as mãos trêmulas e um intenso nervosismo, ela começou a abrir o zíper da mochila. Tentava não sentir o olhar severo de Simon e concentrar-se apenas na intenção de pegar o primeiro livro que os dedos encontraram.

Tomada por forte alívio, mas contendo o suspiro que o delataria, Donna olhou para uma velha cópia de *Frenchmans Creek*.

- Achei - ela disse ofegante. Esperava que Simon não percebesse que o livro nem pertencia às prateleiras de Quentin.

- Excelente. - Simon esfregou as mãos, provocando um som de contato entre superfícies secas, ásperas. Sem dizer mais nada, ele se virou e saiu da biblioteca.

Donna deixou cair sobre as pernas o clássico de Du Maurier, uma história que

mesclava aventura e romance, e cobriu o rosto com as mãos. O que havia acontecido ali?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela sabia que a Ordem tinha muitos segredos - muitos deles desconhecidos por ela, coisas

que ela jamais saberia - mas Simon acabara de tratá-la como se fosse uma criminosa. Ele

parecia proteger o relógio. Mas, se o segredo era tão importante assim, porque ele era

exibido orgulhosamente em uma sala pública? Passara boa parte da vida olhando os livros

dessa biblioteca. Por outro lado, nunca havia prestado atenção ao relógio antes. Era só um

relógio algo que, como o próprio Simon havia comentado, integrava a mobília.

Mas, assim que concluiu esse pensamento, outro se formou: *um esconderijo óbvio.*

Esse era sempre o melhor lugar para esconder as coisas, já que, quanto mais importante era

proteger um certo segredo, mais difícil se tornava encontrar um esconderijo infalível para

ele. Por que não deixá-lo ali, onde todos podiam ver, e onde ninguém jamais imaginaria

que poderia haver alguma coisa incomum?

Ainda tremendo, Donna cruzou as pernas sobre o sofá e esperou o coração voltar a

bater no ritmo normal. Não conseguia desviar os olhos do grande relógio de pêndulo. A

mente estava repleta de possibilidades. O que podia ser tão importante que o secretário da

Ordem se descontrolava, chegando a gritar com ela por ter ousado se aproximar disso?

Quanto mais pensava no assunto, mais percebia que as respostas para todas essas questões

poderiam estar bem ali na Sala Azul - na biblioteca de Quentin.

Se Simon Gaunt pensava que havia conseguido demovê-la da intenção de continuar investigando, estava muito enganado.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD

Ser criada como filha de alquimistas é uma grande porcaria.

O que torna tudo ainda pior em muitos sentidos, porém, é que meus pais são muito

conhecidos e, ainda hoje, lembrados como heróis - como sempre me contam. O nome

Underwood é respeitado. Dá para imaginar a pressão que isso exerce sobre mim? Sério, se eu

dissesse a todo mundo que só queria ir para uma faculdade comum depois de terminar o

colégio, talvez viajar um pouco e depois estudar literatura, ou até fazer alguns cursos de

redação criativa... Bem, minha vida não teria mais nenhum valor.

A Ordem tem investido em mim, entenda. Essas minhas tatuagens não foram baratas.

Minha infância foi tomada por treinamentos, aulas, cirurgias nos braços, e exercícios

para aprender a controlar minha força - um "lamentável efeito colateral" (palavras do

Criador) do ferro que me mantinha inteira.

Seria ótimo ser só uma adolescente.

Mas onde está a justiça de uma adolescente no mundo moderno ter de seguir regras

ultrapassadas registradas em livros empoeirados escritos há séculos? Regras criadas por um sistema patriarcal branco que trata as mulheres como seres delicados e frágeis e as chama de coisas estúpidas, como irmã Lua: Argh.

Homens como Quentin Frost. Não é que ela seja uma pessoa ruim. Não acredito nas coisas divididas em boas ou ruins, pretas ou brancas; a vida raramente é simples assim.

Quentin é um homem bem razoável, mas é justamente esse o ponto. Mais um cara branco e velho nos dizendo o que é melhor para os alquimistas e como eles devem sobreviver no Novo Mundo.

Ou homens como seu tenebroso parceiro, Simon. Francamente, não entendo o que

Quentin vê nele. Eu me lembro dos dois sempre juntos, antes mesmo do ataque na Floresta Ironwood.

E tem também o Criador; alguém de quem sempre gostei e em quem confiei, mas

agora... Agora não sei de mais nada.

Quero muito sair de tudo isso.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Mas, de vez em quando, eu me pergunto o que meus pais pensariam sobre isso. Talvez

eu deva ficar e tentar mudar as coisas de dentro. Paige adora me dizer que faço parte da Nova

Geração - que o futuro da alquimia está nas mãos dos jovens. Até onde eu sei, sou a única pessoa com menos de vinte e um anos na Ordem do Dragão. Existem alguns jovens iniciados em outras Ordens, mas, por alguma razão, a nossa está envelhecendo.

Durante minha recuperação - depois de o Criador me ter marcado com ferro e magia, quando meus braços eram como asas quebradas sobre a cama, inúteis e pesados - Quentin

foi me visitar. Eu já estava em casa. (Nossa velha casa, mais perto de Frost Estate e mais longe do centro de Ironbridge.) Não conhecia Navin. Tinha oito anos de idade, sentia dores

constantemente, e só conseguia pensar em minha mãe e meu pai.

Como Patrick Underwood podia estar morto?

O que havia acontecido com Rachel, sua bela e talentosa esposa?

Eu não era capaz nem de compreender essas questões - muito menos respondê-las -

mas ali estava, vivendo com uma tia que mal conhecia.

Foi quando Quentin começou a visitar a casa de Paige, sentar-se ao lado da minha

cama na poltrona de estofamento roxo e ler histórias como a Ilha do Tesouro, por exemplo,

ou o Conde de Monte Cristo, ou Grandes Esperanças. Livros que o pai havia lido para ele,

como ele me disse. Eram contos cheios de aventura e dificuldades, e essas histórias me

mostravam que havia um jeito simples de escapar da dor - tanto física quanto emocional -

que eu estava enfrentando.

Ele até me apresentou a algumas novelas que minha mãe adorava, o que despertou

meu amor eterno por Daphne du Maurier. Ele sorria com sua barba de Papai Noel enquanto

lia histórias de piratas, contrabandistas, e assustadoras governantas. Naquela época seu rosto tinha poucas rugas. Bem menos do que agora. Jamais esqueci a bondade de Quentin naquele tempo. Mas, ao mesmo tempo, eu lembro que Simon Gaunt nunca o acompanhou nessas visitas.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





O Mildred's era um pequeno café que ficava aberto das oito às oito na maioria dos dias.

Era um local muito apreciado por estudantes, mas também era possível encontrar ali

profissionais de terno e gravata em reuniões sigilosas, equilibrando seus laptops e lattes sobre

mesas pequeninas. Ninguém sabia quem era Mildred, ou se havia mesmo uma Mildred no

comando do café, mas todo mundo que freqüentava o lugar era bem recebido e podia

saborear o melhor muffin de cranberry da Nova Inglaterra.

Xan empurrou a porta de vidro e esperou Donna entrar na frente dele. Ela se sentiu

aliviada por poder escapar do frio, deliciando-se com o calor e o clima, com o cheiro de café e

guloseimas. Enquanto Xan fazia o pedido, ela ia guardar lugar no sofá duplo que, por algum

milagre, estava desocupado. O café estava cheio, e era possível ver sacolas de compras embaixo de várias mesas. Ela se sentou e tirou o casaco. Passara a tarde toda pensando no estranho comportamento de Simon, mas não havia sido difícil esquecê-lo assim que havia saído de Frost Estate. Quando Xan chegou com duas canecas fumegantes e os muffins precariamente equilibrados em uma bandeja de plástico azul, Donna refletiu mais uma vez sobre o que estava acontecendo - sobre com quem estava se relacionando. Ela notou duas garotas em uma mesa próxima olhando para Xan de um jeito que acreditavam ser discreto, e depois se aproximarem para cochichar. *Crianças*, ela pensou. Depois sorriu da ironia. Não estava fazendo exatamente a mesma coisa? - Então... - Xan despiu o casaco e o deixou sobre o encosto do sofá. - Aconchegante aqui, não? - Ele se sentou ao lado dela, a coxa quase tocando a de Donna quando tentou se ajeitar com um pouco mais de conforto.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Como os garotos fazem isso? Como conseguem parecer tão à vontade com eles mesmos e o mundo que os cerca? Ela ainda ficava muito abalada com tudo, e achava

extremamente difícil esconder os sentimentos. Tia Paige certa vez a acusara de "ser transparente demais", embora Donna ainda não conseguisse entender por que isso podia ser ruim.

Xan bebeu um pouco do café.

- Eu sinto muito por ontem à noite, pelo que pode ter parecido para você. O episódio

com a camisa. - Ele balançou a cabeça e sorriu. - Aquilo foi meio maluco.

- Eu praticamente cresci com a loucura, então... Tudo bem. - Donna ia retirando

pequenas porções do muffin, mas não as comia. - Não consigo imaginar o que você deve ter

passado. Como você... Você sabe... Perdeu o que tinha.

- Não consegue? - Os olhos dele brilhavam muito. - Depois do que me mostrou, acho

que você entende muito bem.

Ela baixou os olhos, sem saber o que dizer.

Xan estendeu a mão e tocou sua luva verde. Quando ela as escolhera naquela manhã

antes de ir à aula, a cor despertara nela a lembrança dos olhos de Xan.

Ele pigarreou, como se estivesse inseguro sobre alguma coisa. - Posso vê-las de novo?

Donna olhou em volta. O café estava lotado. - Aqui?

- Aqui.

Era surpreendente. Ela respirou fundo, encarou Xan e, mantendo as mãos e os braços

abaixados para escondê-los das outras pessoas, removeu lentamente as belas luvas e enrolou

as mangas do suéter. Durante todo o tempo, ela olhava com nervosismo para as outras pes-

soas; não tirava as luvas em um lugar público há anos. Havia algo tão obviamente *absurdo* nas

marcas, que temia as reações que elas podiam causar. Certamente não queria ter de começar a explicá-las - ninguém poderia acreditar que eram só tatuagens comuns.

Mas ali, sentado a seu lado, havia finalmente alguém que sabia alguma coisa sobre como ela se sentia. Xan estendeu a mão e tocou seu pulso com delicadeza.

Foi quando ele se encolheu e afastou a mão rapidamente. - O que foi? - Donna perguntou assustada.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Xan deu de ombros e sorriu, um meio sorriso.

- Nada, eu... Está tudo bem. Só não sabia que ainda podia ser afetado pelo ferro. Já faz tanto tempo...

Vermelha, Donna tentou se desculpar, mas as palavras ficaram presas na garganta. Era

inacreditável. *Finalmente encontro um cara de quem gosto, e ele é alérgico a mim!*

- Estou bem, de verdade - disse Xan, colocando a mão sobre a dela.

- Está vendo? Foi só um momento. Você deve ter ferro puro nas mãos.

- Sim, eu praticamente brilho com o excesso de metal. - Não conseguia banir da voz a nota de amargura.

- Sou meio humano, por isso estou acostumado a viver no mundo de ferro. Só tenho problemas quando a situação é extrema. - Ele devia ter notado a expressão de angústia no rosto dela, porque riu. - Ei, não se preocupe. Dizem que os opostos se atraem, não é?

Donna sorriu, deixando-se animar pelo toque da mão dele. Mas a decepção foi inevitável quando ele a removeu.

- Isso dói? - Xan perguntou.

- Não o tempo todo - ela admitiu. - Às vezes, sim, e ultimamente tenho tido umas pontadas. - Ela não revelou que essas dores agudas estavam piorando, especialmente quando entrava em contato com os elfos das sombras. - Na maior parte do tempo é um sentimento estranho. Como se minhas mãos e meus braços estivessem frios, muito frios, de um jeito profundo. É como se nunca houvessem sido quentes de verdade, entende?

- Eu não as sinto frias.

E então, quando ele aproximou a mão para tocar a dela mais uma vez, as marcas brilharam de um jeito ainda mais intenso e começaram a se *mover*, deslizar e rastejar por sua pele, cintilando sob a luz da lâmpada.

Xan afastou a mão rapidamente. - O quê...

Donna olhava para a mão em choque.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Isso não acontecia há anos. Pensei que houvesse parado. - De repente não sabia o que

pensar. O que estava acontecendo? Seria essa parte da razão para a dor que sentia

ultimamente? Ou tinha alguma coisa a ver com Xan, afinal?

- Elas se *mexem* - Xan sussurrou fascinado.

- O Criador as fez, então, sim, há vida nelas. Ele faz um trabalho mágico com o metal.

Ferro e prata são suas especialidades, e ele uniu os dois para... Bem, você sabe... Me consertar.

O ferro puro é maleável, menos denso. - Ela olhou para Xan, incrivelmente grata por estar

conversando com alguém que entendia essas coisas sem ela ter de explicar cada detalhe. -

Você já sabe que o ferro mais puro do nosso planeta vem do espaço...

- Sim, eu sei - ele respondeu. - Meteoritos.

- Exato. A prata foi misturada a esse ferro por ter qualidades antibacterianas. Caso

contrário, eu poderia ter morrido de intoxicação por ferro quando fiz a primeira tatuagem.

Xan segurou novamente as mãos dela e virou as palmas para cima. - Não há nada nessa

parte das mãos.

Donna assentiu.

- Nunca houve.

Na parte interna dos braços, as marcas que começavam nos pulsos iam subindo até a

dobra do cotovelo. O movimento circular ia se tornando menos lento; os símbolos

serpenteavam por sua pele como se decidissem para onde ir e como parar, que padrões criar.

Donna estava aliviada por aquele canto do café ter uma iluminação mais amena, e por estar praticamente protegida dos olhares de outros frequentadores pelo corpo de Xan, que se debruçava sobre ela para olhar melhor as tatuagens. Donna pegou as luvas e começou a colocá-las de volta.

- Acabou o show - disse, tentando sorrir enquanto abaixava as mangas do suéter. A mandíbula doía.

Xan empurrou os cabelos para trás, para longe do rosto, e sua pele dourada brilhava com algo mais que só o calor do café.

- Por que as esconde? É fácil entender por que eu não quero exibir minhas cicatrizes, mas as suas... São lindas.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Chocada, Donna tentou esconder as mãos. - Elas não são bonitas. Não diga isso.

- Por que não? Esse seu... Criador fez um trabalho fabuloso. Lágrimas brotavam em seus olhos.

- Como posso ver toda essa beleza, se cada vez que olho para elas... Todas as vezes ...

Sou obrigada a lembrar o que perdi? Não só o que aconteceu com minhas mãos, mas com minha família. Com meus pais.

A expressão de Xan era sombria enquanto ele a ouvia. Ele bebeu um gole de café, e Donna notou que sua mão tremia.

- O que aconteceu com você? - ele perguntou finalmente. Depois de respirar fundo, ela

começou a contar o conto de horror de sua vida. Para ela não existia o brilho dos contos de

fada da Disney; era só a escuridão fria de Grimm.

- Meus pais pertenciam a Ordem do Dragão, uma antiga sociedade secreta de alquimia

com muitas responsabilidades, algumas delas desconhecidas por mim. Não tenho ideia de que

responsabilidades são essas, e na maior parte do tempo não *quero* saber. A lenda conta

histórias dos alquimistas, mas só posso contar a você o que *eu* sei. A Ordem tem duas tarefas

principais: guardar o segredo da imortalidade, e proteger os humanos do outro mundo. O

que, é claro, inclui os habitantes de Faerie.

Xan sentou-se sobre uma das pernas, totalmente atento ao que ela dizia.

- Eu sei um pouco sobre a Ordem.

- É mesmo? Isso é... Incomum.

- Está esquecendo quem eu sou.

- Não. - Seus olhos buscaram os dele. - Não, isso é algo que jamais posso esquecer.

Ele falou como se não a houvesse escutado.

- Disse que seus pais "pertenciam" a Ordem - no passado. O que aconteceu?

- Meu pai morreu me protegendo dos elfos da floresta quando eu tinha sete anos.

Minha mãe está em uma clínica bastante segura. Ela sofreu alguns... Danos. Não sei o que

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

aconteceu com ela; não exatamente. - Donna removeu a mão da dele, mesmo sabendo que a intenção era confortá-la. - Não precisa ter pena de mim, Xan. Não suporto isso.

Ela respirou fundo. Isso era muito mais difícil do que imaginava que seria.

Normalmente, se esforçava para seguir adiante, não ficar presa a coisas que não podia mudar, mas conhecer Xan trouxera tudo de volta. - Por favor - ela pediu com a voz embargada pelo desespero.

- Converse comigo sobre alguma coisa qualquer. Só por um minuto. Pode me falar sobre *seus* pais?

- Tudo bem. - Xan se ajeitou no sofá e esfregou as mãos. Ele parecia nervoso. - Meu pai é de Faerie - não sei, uma espécie de guerreiro encantado. Nunca o conheci, só sei quem é pelo que descobri anos mais tarde. Minha mãe humana morreu no parto.

Donna tentou se concentrar no sofrimento *dele*, mas as lágrimas ameaçavam transbordar de seus olhos a qualquer momento.

- Seu pai ainda está vivo, então?

- Talvez. - Os encantados têm vida longa, embora não sejam imortais. Pelo que sei, é possível que ele nem saiba que eu existo. Deve estar vivendo muito feliz em Faerie, sem se incomodar com o momento de fraqueza que teve com uma mulher humana. - Os olhos dele eram distantes.

De repente Donna se sentia cansada, como se um grande peso repousasse sobre seu

peito e o coração houvesse se tornado uma pedra.

- Xan, é muito difícil, não é? Saber todas essas coisas. Tê-las como parte de nossa vida,

mas tentar fingir que tudo é normal. Apesar de ter Navin, eu me sinto muito sozinha. E

depois me sinto culpada por *pensar* nisso. - Havia muitas outras coisas que ela queria dizer,

mas a garganta estava oprimida e ela não conseguia continuar.

- Culpada? - Xan se inclinou na direção dela. - Por quê?

- Por ser desleal com Navin, esconder tantas coisas dele e por tanto tempo, durante

todos esses anos desde que o conheci. Nós dividimos muitas coisas - vivemos em casas

vizinhas e passamos muitas noites juntos, e como eu o recompensava pela companhia, pela

amizade? Mentindo o tempo todo, desde que nos conhecemos.

- Às vezes é melhor proteger as pessoas que você ama.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Como se soubesse do que está falando. - A voz dela era suave, com uma nota de

leveza, mas essa suavidade era forçada, e ambos sabiam disso.

- Bem, minha experiência é limitada, é verdade. Meus pais humanos me adotaram

apesar das cicatrizes, mas é claro que nunca souberam o que elas representam; o que

significam sobre quem e o que sou. Há coisas em minha vida no período anterior à adoção

que nem eu consigo enfrentar. Como posso tentar dividi-las com mais alguém? - Xan parou

por um momento, deixando a ironia de suas palavras pairar no ar carregado entre eles. Depois

prosseguiu: - E francamente? Eles nunca se importaram de verdade. Eu era só mais uma posse

para eles, não uma pessoa que realmente quisessem.

Donna franziu a testa.

- Uma *posse*? Como assim? - Não conseguia imaginar como era não ser desejado.

Embora suas lembranças da vida antes do ataque fossem vagas, elas eram felizes. Sabia que

havia sido amada por Patrick e Rachel Underwood, e isso a sustentara ao longo dos anos de sofrimento, luto e confusão.

- Eles já eram ricos quando me adotaram, mas eram idosos, também - bem, idosos

demais para adotar um bebê, mesmo com todo dinheiro que tinham. Naquele tempo, o

melhor que conseguiram encontrar foi uma criança com cicatrizes e lapsos de memória. Mas

acho que eles queriam se sentir. .. *Completo* como uma família, entende? Como se ter um

filho fosse um item na lista das coisas que nunca puderam fazer, e eles queriam reduzir essa

lista.

- Xan, isso é horrível. Sinto muito.

Ele deu de ombros. - Esconder coisas deles foi ficando menos importante com o passar

do tempo. Eles são pessoas ocupadas e passam muito tempo fora do país; desde que se

divorciaram, ficou ainda mais fácil escapar pelas brechas. Fui emancipado aos dezessete anos.

Minha mãe havia ficado com a custódia, e ela nem tentou protestar quando entrei com o

pedido de emancipação. Atualmente ela voltou a morar na Inglaterra. Meu pai me deixou ficar na casa de Ironbridge, onde moro desde que abandonei a faculdade.

Donna tentou imaginar como devia ter sido a vida de Xan. Só conhecia uma parte muito pequena de sua história, mas sentia que seu coração se abria mais e mais para ele a cada nova revelação. Havia alguma coisa em Alexander Grayson que era forte e, ao mesmo tempo, vulnerável. Como se ele tivesse todas as razões que alguém podia querer para viver mergulhado na autopiedade, mas ele se recusava a sucumbir. Carregava a tristeza com dignidade. Era animador, considerando como todos os outros jovens em Ironbridge High

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

deprimiam diante da menor provocação. O silêncio se prolongou trazendo com ele instantes de tensão. Os ruídos das outras pessoas em volta se uniram numa espécie de barulho de fundo.

Donna foi a primeira a falar.

- Acho que o café logo vai fechar.

Xan olhou para a tela do telefone celular.

- Ainda temos mais algum tempo; o suficiente para você me contar sobre seus braços.

O que aconteceu... Quando seu pai morreu?

- Eu me lembro de ter corrido pela floresta, fugindo de um bando de elfos que me

seguiram gritando. É tudo muito confuso; não sei nem o que eu estava fazendo lá. Tia Paige

diz que fui levada pelos elfos, mas... - Ela uniu as mãos e estremeceu enquanto as retorcia. - -

Honestamente, Xan, eu não tenho certeza de nada disso. Não entendo por que ou como eles

teriam conseguido me tirar de uma casa protegida por magia alquímica.

- O que você lembra?

- O som - ela falou. - O barulho que eles faziam era *aterrorizante*.

Alguns elfos

cavalgavam uma criatura que poderia ter saído dos piores pesadelos de qualquer pessoa, ou

de um filme de terror - um cachorro preto gigante com olhos amarelos e fumaça cinzenta

brotando da boca.

- Um Skriker.

- Isso! - Percebendo que falara alto demais, Donna olhou em volta e baixou a voz. -

Sim, é isso mesmo. Mas eu só descobri muito mais tarde, é claro. Porque pesquisei o folclore.

Xan assentiu muito sério.

- É a versão encantada de um cão de caça. Mas essa não é uma lenda britânica?

- De onde acha que os encantados vieram? Não são americanos, pelo que sei. - Donna

sorriu dessa ideia.

- É, acho que não. - Ele deu de ombros. - Então, foi assim que se machucou?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Os lábios dela tremiam, mas Donna continuou falando. Era bom poder conversar com

alguém que entendia esse mundo estranho e terrível.

- O Skriker me atacou, e eu levantei as mãos numa tentativa de me defender. Quando

ele me mordeu, não senti o que esperava sentir ao ter a carne rasgada por dentes, e em

seguida vi que sua boca estava cheia de chamas. Mas eram chamas frias. Muito frias. - Donna

se sentia congelar no café, e tomou vaga consciência do braço de Xan em torno de seu corpo.

Mas precisava terminar. Precisava acabar com isso, ir até o fim.

Com a voz ainda mais baixa, ela prosseguiu.

- Minhas mãos e meus braços queimaram e congelaram, ao mesmo tempo. Os

ferimentos eram graves. Meu pai me arrancou dos dentes do Skriker e me fez correr, apesar

da dor. Não havia sangue, mas era como se meus braços caíssem. Ele disse que os outros

alquimistas estavam a caminho, e que eu poderia encontrá-los, se *continuasse correndo*. Mas

eu não fui muito longe. Como poderia deixá-lo? - Os olhos dela se encheram de lágrimas, e

ela encarou Xan. - Meu pai morreu me salvando.

Donna não se lembrava de ter visto o pai cair, mas voltara a vê-lo depois de tudo isso -

tinha quase certeza. Havia uma imagem que aparecia em alguns de seus sonhos; uma imagem

de Patrick Underwood deitado em Ironwood, imóvel e frio como o reflexo da lua no rio. O

mais frustrante, porém, era que só recordava fragmentos daquele tempo, e muitos eventos

esquecidos eram relatados pela tia e por outros membros da Ordem desde que fora acolhida

por eles. Já não sabia mais o que realmente lembrava, e que trechos haviam sido relatados por adultos bem-intencionados.

- E esse alquimista de quem falou - o Criador - ele consertou suas mãos? - Xan

perguntou em voz baixa.

Donna inspirou profundamente, tentando recuperar a calma.

- Sim. Ele é um homem incrível, com muito conhecimento e poder. Tenho sempre a impressão de que ele existe há muito mais tempo do que parece. Os olhos de Xan brilhavam, mais verdes que nunca.

- Acha que ele poderia fazer alguma coisa por mim? Sempre sonhei encontrar algum

meio de recuperar minhas asas.

- Eu... Não sei. - Ela o encarou, sentindo certo entusiasmo ao pensar nessa

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

possibilidade. Uma imagem repentina das aves mecânicas na oficina do velho alquimista

surgiu de repente em sua mente. - Acho que podemos falar com ele. - Só não sabia como explicaria esse novo amigo ao Criador. Primeiro Navin, agora Xan. Talvez acabasse muito encrencada com os alquimistas, mas não conseguia resistir à esperança que via no rosto de Xan. Não tinha coragem de matá-la. Ainda não.

- Xan - ela disse, falando sem pensar muito para não perder a coragem -, pode ... pode me contar como perdeu suas asas?

- Perdi... Sim, é uma forma interessante de colocar a situação. - Ele riu, mas a risada soou desprovida de humor, implacável e dura como um vento gelado. - Minhas asas foram arrancadas de minhas costas antes de terem se desenvolvido completamente. Foram tiradas pelos elfos das sombras.

Donna sentiu o mundo parar. Em parte, temia desde o princípio que ele dissesse isso, e agora o horror subia por sua espinha como um dedo gelado.

- O que aconteceu?

- Quando eu nasci, depois da morte de minha mãe, fui tirado do hospital por seres encantados e substituído por um changeling. Ela mal conseguia acompanhar o relato.

- Espere um minuto. Você viveu em Faerie?

- Não, eu vivi na Terra dos Elfos. Honestamente, não me lembro de muita coisa do tempo que passei lá - e o tempo existe de um jeito diferente nas terras sem sol. Lembro imagens, sons... É mais como um sonho. - Xan parecia estar se esforçando para recordar. - Ou um pesadelo.

Ele se virou e olhou para a janela, além dela, para algum lugar distante.

Donna tocou a mão dele; cetim verde sobre pele dourada.
Pesadelos eram algo que ela
entendia.

Xan pigarreou, mas não removeu a mão, não interrompeu o
contato. - O que lhe
mostrei ontem à noite - aquelas cicatrizes nas minhas costas -
isso é uma lembrança
permanente do tempo que passei com os elfos. Uma lembrança
da minha verdadeira origem,
e de como ela me foi roubada sem eu nem saber por quê.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Mas você escapou.

Ele assentiu.

- E caí nos braços das autoridades. Registros foram investigados,
apelos nacionais

foram emitidos, tudo para tentar encontrar os pais daquele
menino estranho que havia saído

da floresta. Tenho recortes de jornais, sabe... - A voz dele
silenciou.

Os dois perceberam a garçonete parada ao lado da mesa.

- Desculpem, mas vamos fechar. - Ela segurava uma bandeja
cheia de pratos e copos, e

parecia impaciente. A emoção pairava no ar entre Xan e Donna -
uma corrente elétrica tão

intensa que era admirável que o cabelo da garçonete não
sofresse os efeitos da estática.

Eles vestiram os casacos e se dirigiram à porta.

Todos no café já pareciam ter ido embora, mas Donna não conseguia se lembrar de nada. Havia estado perdida em suas recordações, imersa na terrível história de Xan, e a experiência havia sido semelhante à de ficar presa em uma bolha de vidro. Sair para o ar gelado deveria ter sido um cruel toque de despertar, mas, apesar da tristeza, ainda sentia uma centelha de calor em seu peito, uma fagulha que brilhava cada vez que ela olhava para o rapaz que caminhava a seu lado. Ela sorriu quando Xan segurou sua mão. Dessa vez ele a levou até sua casa. Quando Donna se virou para passar pelo portão e entrar, não foi muito longe. Xan ainda segurava sua mão. - O que foi? - Ela o estudou, preocupada. Havia um sorriso em seus lábios, como se ele pensasse em provocá-la, mas hesitasse. - Não está esquecendo alguma coisa? - Xan perguntou. Donna franziu o cenho. - Ah, acho que não. Estou? - Não era para ter sido uma pergunta, mas o sorriso cada vez mais largo no rosto dele a confundia e perturbava. Era um alívio vê-lo sorrir outra vez depois de tudo que haviam compartilhado no Mildred's,

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Os dedos dele seguravam seu pulso. Ela olhou para baixo quando Xan a puxou, mas

deu alguns passos trôpegos, quase cambaleando. Sua mão livre tocou o peito largo e se apoiou nele. Seu coração batia tão depressa que ela julgava poder sentir o eco até nos dedos dos pés.

Tudo que conseguia ver eram os olhos de Xan - eles pareciam sobrenaturais iluminados pela lâmpada da rua.

Quando ele a beijou, Donna não teve chance de se esquivar ou dizer alguma coisa. As

mãos quentes seguravam seu rosto e ele guiou sua boca, colocando-a exatamente onde queria.

Ela se sentia fraca, tonta, tomada completamente pela sensação dos lábios dele nos

dela; o jeito como se moviam com uma combinação perfeita de calor delicado e pressão

persistente. Sentia um vago sabor de pêras, um toque sutil de tabaco. Donna gostaria de saber

se estava fazendo a coisa certa, mas ninguém faz esse tipo de pergunta. Estava atordoada,

tonta, mas da melhor maneira possível, de um jeito que não queria que acabasse nunca.

Mas acabou. Depois de um tempo Xan afastou-se, e ela abriu os olhos para fitá-lo. O

sorriso havia voltado, mas agora era um sorriso *bom*, feliz.

Ela não sabia se conseguiria falar, não depois disso. Talvez nunca mais.

- Uau... - Tudo bem, ainda conseguia falar... Mas não planejava dizer isso em voz alta.

A risada de Xan soou trêmula, sem nenhuma autoconfiança. - Sim, isso resume tudo muito bem.

Donna queria beijá-lo outra vez. É claro, podia beijá-lo, mas a ideia fez seu estômago

dar um salto mortal. Era melhor entrar enquanto ainda conseguia andar em linha reta.

Ela tentou sorrir.

- Boa noite. Obrigada por... Você sabe... Pela conversa.

- Obrigado a você também. Eu telefono amanhã - ele avisou com voz rouca.

Quando entrou em casa, Donna ainda tentava imaginar como sobreviveria ao resto da

noite. Não só por causa de Xan, mas porque voltaria a pensar no que acontecera com Simon

Gaunt em Frost Estate.

Tudo era estranho e confuso, e nesse momento não sabia o que pensar.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

E para dar cores ainda mais vibrantes ao quadro de aflição, lá estava Navin. O

relacionamento com ele vivia um momento delicado, o fato de ele *parecer* estar se ajustando a

esse novo nível de loucura não significava que tudo ia correr bem de agora em diante.

Quando ela finalmente conseguiu adormecer, as sombras voltaram ainda mais escuras

que antes para atormentar seus sonhos.

Estava em um quarto cheio de relógios de pêndulo, todos badalando a meia-noite em

um coro lamurioso - e no meio do eco vazio das badalas, ela ouvia alguém repetindo seu

nome, gritando por socorro. Mas os relógios faziam tanto barulho que era impossível decifrar

quem precisava dela, e cada vez que ela tentava sair do quarto, via-se diante de mais um

relógio impedindo a passagem. Todos os caminhos eram bloqueados.

As paredes azuis eram cobertas de estantes - prateleiras com livros em todas as paredes

- e havia nelas material de leitura para ocupar muitas vidas. Mas ela não conseguia ler os

livros. Não conseguia abri-los, porque estavam fechados com pregos. Cada um deles.

Simon estava sentado em um sofá de veludo, esperando por ela, e o Criador

permanecia de costas enquanto examinava o mostrador de um dos relógios. Quando Donna

tocou seu ombro ele se virou devagar para fitá-la... Mas seus olhos eram órbitas vazias, e seus

dentes eram afiados e pontiagudos.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Donna olhou para o celular pelo que parecia ser a centésima vez desde que acordara.

Nenhum sinal de Navin, e também não havia percebido nenhum movimento na casa vizinha.

Quando acordara de um de seus sonhos e olhara pela janela do quarto no início da madru-

gada, alguma coisa na casa dos Sharma despertara nela uma estranha sensação de... Vazio.

Não era comum que Navin não respondesse suas mensagens de texto e não retornasse

as ligações. Ontem à noite, antes de deitar, havia tentado entrar em contato com ele várias

vezes.

Donna saiu de casa e fechou a porta, tentando não deixar que os pensamentos

relacionados a Xan ocupassem sua cabeça durante todo o dia. Lembrar o beijo da noite

passada era suficiente para deixá-la arrepiada. Mal podia esperar para vê-lo outra vez, mas

ainda estava um pouco nervosa com tudo isso. Ela balançou a cabeça e fez um esforço valente

para focar os pensamentos em outras coisas.

Tia Paige saía para o trabalho às sete e meia, como sempre, e Donna iria sozinha para

a mansão, onde teria as aulas do dia. Hoje trabalharia com Quentin em alguns exercícios

práticos, uma dessas raras ocasiões em que o arquiteiro aparece para compartilhar seu

conhecimento com um possível iniciado. Não era algo que ela esperasse com ansiedade -

especialmente depois do que havia acontecido no dia anterior. Talvez Simon não houvesse

contado nada. *Sim, talvez.*

Donna olhou para a porta da casa dos Sharma e decidiu fazer uma última tentativa

antes de ir para a aula. Já corria o risco de se atrasar, mas não conseguia tirar da cabeça o

silêncio de Navin. É claro, já havia acontecido uma vez, quando o celular fora roubado e ela

passara horas tentando telefonar, enquanto ele estava na delegacia preenchendo toneladas de

formulários. Mas quais eram as chances de a mesma coisa ter se repetido?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Quando Nisha abriu a porta, segundos depois do toque da campainha, Donna quase pulou de susto.

- Nisha! Está em casa!

A jovem jogou para trás os cabelos longos usando uma das mãos, enquanto escovava os

dentes com a outra. Ela assentiu e removeu a escova da boca para falar em meio a uma

profusão de espuma branca. - Meu avô ficou doente ontem. Nós fomos visitá-lo e voltamos tarde. Mas agora ele já está bem.

Donna quase nem registrou a notícia da doença do avô do melhor amigo, porque foi

inundada por um grande alívio. Era ótimo ouvir uma explicação razoável para o desaparecimento de Navin.

- Vocês todos foram? Navin também?

- Sim. E ele acabou de sair. Foi para a escola há um minuto.

Talvez ainda consiga

alcançá-lo no ponto de ônibus, se correr.

- Navin foi para a escola de ônibus? Por quê? - Nisha revirou os olhos.

- Ah, eu não sei. Acho que houve algum problema com a bicicleta. Ele estava bem

irritado com isso. - A menina olhou para o relógio cor de rosa no pulso fino e fez uma careta,

tentando não babar pasta de dente. - Estou atrasada, Donna. É melhor me apressar.

- É claro, desculpe. Obrigada, Nisha.

A irmã de Nisha fechou a porta e foi terminar de escovar os dentes e fazer o que quer

que fosse necessário para preparar-se, antes de sair e começar mais um dia de poses e afetação

no Ironbridge High.

Segurando a bolsa para impedir que ficasse batendo contra o corpo, Donna correu de

volta à rua, virando à esquerda na primeira esquina e caminhando para o ponto de ônibus no

final dessa avenida. Os tênis de lantejoulas pretas batiam contra o piso da calçada. Ela tentava

concentrar toda sua energia em chegar ao ponto de ônibus em tempo de ver Navin antes de

serem separados por mais um dia de aulas.

Talvez ele houvesse perdido o celular ao sair correndo para ir ver o avô; isso

explicaria por que ele não havia respondido nenhuma mensagem.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Não queria pensar na possibilidade de Navin estar questionando sua amizade com ele.

Talvez ele não estivesse se adaptando tão bem quanto esperava.

Ela continuou correndo, quase derrubou uma mulher cheia de sacolas e empurrando um carrinho de bebê, e viu o ponto de ônibus e o ônibus ao mesmo tempo. Olhando desesperada para as pessoas que esperavam em fila sob a cobertura, ela pensou ter visto a jaqueta vermelha e preta de Navin. Apesar do cansaço, Donna continuou correndo e arfando, tentando ignorar o peso da bolsa cheio de livros.

- Navin! - ela gritou, ainda longe do ponto. - Navin, espere! Era ele, sem dúvida nenhuma; Donna o viu subir no ônibus e mostrar o passe ao motorista. Ainda correndo, ela sentiu o pânico brotar e inundá-la como água de uma fonte.

Sentia na boca um gosto desagradável, e não sabia se era consequência da corrida ou do medo de perder o amigo.

Quando ela chegou ao ponto, o ônibus estava saindo. Pulando em cima do banco de madeira do abrigo da parada de ônibus, ela tentou enxergar a conhecida jaqueta de Navin ou seu cabelo escuro, e se sentiu com um pouco mais de sorte quando o coletivo teve de parar para deixar passar um automóvel que saía de uma vaga de estacionamento sem olhar pelo espelho.

Praticamente voando de cima do banco e correndo atrás do ônibus, ela chegou a ter esperança de que alguém lá dentro avisasse ao motorista de que ele devia parar. Se conseguisse localizar Navin, chamar sua atenção... Só um olhar, um momento, um contato visual...

Então, por uma das janelas empoeiradas bem no meio do ônibus, ela o viu. A cabeça de

Navin estava apoiada no vidro; ele usava fones de ouvido e movia a cabeça acompanhando o ritmo da música. Donna olhou desesperada para o carro que impedia o trânsito, e que agora fazia um retorno bem no meio da rua, e se sentiu grata pelo oportuno momento de barbeiragem.

- Navin! - ela gritou, mesmo sabendo que era inútil. Tomada pela frustração, desceu da calçada para a rua, passando por entre os carros estacionados para bater na janela perto de Navin. *Por favor; Navin*, ela pensava. Talvez devesse usar o celular novamente. O ônibus acelerou forte, preparando-se para partir. Droga.

Nesse momento, o sol pálido da manhã incidiu sobre a janela em um determinado

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

ângulo, atravessando a camada de poeira e fuligem, deixando ver claramente o interior do ônibus. Ela fitou o olhar em Navin, tentando fazê-lo virar e olhar para fora. Ele não podia sentir sua presença ali? Qual era o problema com ele? Dedos de sol tocaram seu rosto... Reflexos azulados dançaram em seus cabelos... E então Donna viu *através dele*. Num momento era Navin sentado no banco do ônibus, real e

sólido com a cabeça apoiada à janela. No momento seguinte era como um fantasma, uma concha vazia, um recipiente físico contendo uma sombra negra e distorcida, membros finos e ombros magros, dedos crispados segurando o assento da frente enquanto o ônibus partia lentamente.

Donna caiu para trás quando o ônibus se afastou emitindo uma coluna de fumaça escura. Ela cobria a boca com a mão, sufocando um grito chocado.

- Oh, meu Deus, meu Deus - repetia muitas vezes como um mantra. - Oh, por favor, não. Não. Não.

Parada olhando para o ônibus cada vez mais distante, paralisada pelo choque e pelo

terror, ela tentava se convencer de que o que acabara de ver era só um truque, efeito da luz do

sol. Talvez houvesse tido um momento de cegueira provocado pelo reflexo do sol na janela.

Porém, enquanto outros pensamentos iam surgindo e formando uma pilha de

frustradas tentativas de racionalização, ela compreendeu que travava uma batalha perdida. A

dor intensa que sentia na alma era prova de que não se enganara. A forma que vira por um

instante era verdadeira - aquilo ocupava o lugar de Navin.

Com tanto metal em volta para distrair e distorcer a magia do elfo, seu disfarce se

tornara precário. Era difícil para ele manter uma aparência enganosa e convincente. Ele até

havia conseguido manter o disfarce por algum tempo, até a luz do sol atravessá-lo. Naquele

momento Donna enxergara a realidade. E devia ser uma criatura muito forte, ou ela não

conseguiria manter seu glamour nem por um instante dentro de um ônibus inteiramente feito de metal.

Como era possível? E o que ele estava fazendo? A criatura iria mesmo ao colégio no lugar de Navin?

Percebendo que ainda estava na rua, Donna voltou para a calçada e para o ponto de ônibus, caminhando devagar. Ainda precisava esperar outro ônibus, o que a levaria para um dia de aula com Quentin, mas não sabia como poderia se concentrar nos estudos. Sentada no banco de madeira sob o abrigo, mordendo o lábio inferior, Donna pensou se seria possível escapar das aulas de hoje.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Navin havia desaparecido. Ela quase chorou ao pensar nisso. O que ia fazer? Sabia que

sua reação era patética e inútil, mas não conseguia se conter. Mas em seguida, uma parte mais

forte dela se manifestou - a voz que ela gostava de pensar que era do pai: *Você vai encontrá-lo,*

Donna. Vai descobrir o que aconteceu com ele e vai trazê-lo de volta.

E o Criador, também.

É claro! De repente sentia vontade de bater a cabeça no muro por ser tão burra. Talvez

o Criador houvesse parecido estranho no domingo por que... Bem, porque na verdade não era o Criador. Tudo agora estava ficando claro, e uma nova gama de dúvidas e questões surgia clamando desesperadamente por respostas.

Donna sabia que precisava lidar antes com o problema imediato - Alma Kensington esperava por ela em Frost Estate. Ela apertou as teclas do celular e esperou pela ligação direta com a professora.

- Kensington - anunciou a voz do outro lado.
- Alma, é Donna.
- Donna, está tudo bem?
- Na verdade, não. Receio não me sentir muito bem. Estou no ponto de ônibus, mas sinto uma terrível dor de cabeça e estou meio tonta.
- Acha que consegue voltar para casa sozinha? - Havia preocupação genuína na voz normalmente fria e profissional de Alma, mas Donna só se permitiu sentir culpa por estar mentindo.
- Não é longe, obrigada. Eu consigo chegar lá.
- Bem, é melhor tomar cuidado, especialmente na rua. Vou ligar para sua tia e avisá-la.

Ótimo, agora tia Paige também ficaria preocupada. Donna só esperava que a tia não pensasse em voltar para casa na hora do almoço para ver como ela estava. Depois de se despedir e desligar o telefone, ela começou a andar na direção de sua casa, mas não tinha a menor intenção de ficar lá bancando a inválida. Precisava de um plano. Principalmente, precisava tentar entender como os elfos da floresta haviam se fortalecido a ponto de se infiltrarem na cidade.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

E o mais importante: por que um deles perambulava por Ironbridge na pele de Navin Sharma?

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Imóvel na cama, com os olhos fechados para concentrar-se, o primeiro impulso de

Donna foi ir à oficina do Criador para ver se ele agia de maneira estranha. Nesse caso,

bem... Tinha cada vez mais certeza de que sabia por quê. Tudo indicava que Navin não

era o único com um dublê andando pelo mundo em seu lugar.

A ideia a encheu de medo, mas isso explicaria as mudanças no comportamento

recente do Criador, a sensação de que alguma coisa estava fora do lugar. E havia a dor

nas mãos. Ela a atribuíra ao elfo da floresta no banheiro, mas agora que pensava nisso, a

sensação começara novamente enquanto estava do lado de fora da oficina do velho alquimista.

Era quase como se o ferro em suas mãos e nos braços reagisse à magia dos

encantados.

Ela estremeceu. Ir à oficina sozinha talvez não tivesse sido uma boa ideia. O lugar

era muito quieto, muito escondido, com grande potencial para um ataque.

Levantando-se da cama, Donna ergueu os ombros e tomou uma decisão. Pegaria

um táxi para Ironbridge Hall e veria se havia algum sinal de "Navin" na escola. Talvez o

elfo aparecesse para marcar presença, e desaparecesse em seguida. Se isso acontecesse,

talvez ainda pudesse alcançá-lo e talvez até seguir a coisa.

Se fosse necessário, ela o enfrentaria.

Navin - o *verdadeiro* Navin - precisava dela. Donna faria o que fosse necessário para trazê-lo de volta.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Do lado de fora dos portões de Ironbridge High, Donna sentiu um nervosismo que

ameaçava dominá-la e abalar sua determinação. A escola era local de muitas lembranças

dolorosas. Certamente não gostava de voltar, mas agora estava ali, pensando em passar por

aqueles portões para procurar por Navin. Faria qualquer coisa por ele, e entrar em um lugar

que se tornara o inferno na terra não era nada comparado à possibilidade de perder Nav.

A primeira aula já começara, e Donna conseguiu entrar no prédio sem ter de falar com

nenhum conhecido. Mantinha a cabeça baixa, só por precaução, e andava depressa

demonstrando uma determinação que não sentia.

A secretaria era o mesmo lugar agitado e agradável de sempre. Pela janela larga sobre o

balcão ela viu duas mulheres equilibrando pilhas de papel, e reconheceu um de seus antigos

professores travando uma batalha com a fotocopadora atrás deles. Donna esperava que ele

não reconhecesse sua voz; não estava com disposição para ter uma conversa educada com o

Sr. Jackson sobre amenidades. Uma das recepcionistas levantou o olhar dos arquivos e sorriu.

- Oh, olá, querida. Não tocou a campainha? - A mulher de meia-idade aproximou-se do

balcão e abriu a portinhola da janela. Seu rosto era redondo, com linhas nos cantos olhos e

um sorriso que deixava Donna mais à vontade.

- Acabei de chegar - ela falou. - Ainda sou aluna, mas estudo em casa. Só venho para as

provas.

- Tem alguma identificação?

Donna pegou o cartão plastificado, contendo um suspiro de alívio quando a mulher

assentiu depois de examiná-lo.

- Estou esperando meu amigo sair da aula. Vamos juntos a um lugar e está ficando

tarde.

- Qual é o nome dele?

- Navin Sharma. Último ano.

A mulher se aproximou de um terminal de computador e começou a digitar,

acompanhando com olhos atentos as informações na tela.

Donna tentou não demonstrar impaciência, mas com toda doçura e simpatia da recepcionista, ela não parecia ter pressa. Não podia perceber quanto isso era importante?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Quando Donna já pensava seriamente em arrebentar a janela com um soco, pular o balcão, e empurrar a mulher para longe para olhar ela mesma o horário de aulas de Nav, a

recepcionista virou-se e caminhou sem pressa até o balcão.

- Ele está na aula da Sra. Kramer, eu acho. Sala 203. Espere, vai precisar de um crachá...

Dane-se o crachá, Donna pensou furiosa, correndo para a escada e para o segundo

andar, na ala mais antiga da escola. Só dispunha de mais cinco minutos antes do intervalo da manhã.

Ela se aproximou o máximo possível da Sala 203 e espiou através do desenho

quadriculado do visor de vidro na porta, fazendo o possível para esvaziar a cabeça de

pensamentos que pudessem ser detectados. Se alguém a visse ali, só poderia esperar que o

chão se abrisse e a engolisse. Melanie Swan devia estar naquela aula com Nav, e esse era um confronto que preferia evitar.

Estudando cada cabeça debruçada sobre livros, esperando que a Sra. Kramer não

notasse sua presença, Donna quase gritou de alívio quando viu a nuca de Navin e suas omoplatas salientes sob a camiseta branca. A eterna jaqueta estava pendurada nas costas da cadeira. Superado o alívio inicial, ela teve de lembrar que aquele *não era* Navin. Mesmo assim, seria melhor ter certeza antes de pular em cima dele gritando "elfo".

Com o coração disparado, Donna se afastou da porta e ficou esperando no corredor, tentando decidir o que fazer agora. O "inimigo" estava bem ali, sentado em uma sala de aula como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo. Por um segundo, Donna pensou em invadir o escritório do Prefeito e contar tudo a tia Paige; mas como poderia explicar por que não dissera nada antes? É claro, o Criador - se aquele fosse *realmente* o Criador - a encorajaria a guardar segredo sobre o que acontecera na oficina, mas e quanto ao dia seguinte? Na segunda-feira ela e Xan haviam sido atacados por um desgarrado em Ironbridge Cornmon, e ela não contara nada à tia. Mas não queria falar com tia Paige sobre Xan, e essa era uma daquelas situações que acabara ganhando importância por conta própria - Donna nunca teria imaginado que uma visita ao Criador e o surgimento de um elfo das trevas na cidade teriam posto em movimento todos esses acontecimentos. Às vezes, quanto mais tempo você mantém um segredo guardado, mais difícil se torna contá-lo depois. Havia aprendido essa lição da pior maneira possível depois de três anos guardando segredos de Navin. E, é claro, se conversasse com tia

Paige, ela levaria o problema à Ordem. Donna estava convencida de que essa não era a melhor ideia.

O sinal da escola soou, fazendo seu coração bater ainda mais depressa. Feliz por não

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

estar com as mãos suando, ela as esfregou na calça jeans do mesmo jeito. Umedecendo os lábios, ouviu a atividade frenética que se desenvolvia à sua volta. Cadeiras arrastadas, portas abrindo e fechando, e passos que lembravam uma manada de elefantes na escada.

A porta da sala de aula da Sra. Kramer se abriu, e os alunos saíram numa procissão

barulhenta e animada. Donna estava parada à esquerda da porta, de costas para a parede,

esperando que a maioria dos ex-colegas de sala seguissem na direção oposta, para a escada.

Mantinha-se alerta, esperando que a coisa disfarçada de Navin aparecesse.

Para sua alegria, apenas uns poucos alunos notaram sua presença, e todos desviaram os

olhos prontamente, como se vissem uma miragem. Melhor assim. Mas sua sorte chegou ao

fim quando Melanie Swan passou balançando os cabelos brilhantes. Virando-se para o outro

lado, na direção contrária à dos colegas de sala, Melanie passou por Donna e quase esbarrou

nela. Ela hesitou, olhando em sua direção duas vezes numa seqüência rápida, intrigada. Teria

sido engraçado, se Donna tivesse tempo para rir.

- Underwood, o que faz aqui? Hoje é dia de provas *especiais*? -

Algumas amigas de

Melanie riram.

- Não tenho tempo para você - Donna respondeu calma, mantendo os olhos fixos na porta.

- Ah, está esperando pelo *namorado*, não é?

- Melanie, não se meta comigo. Não estou com disposição para isso, sério.

- Ah, é mesmo, está naqueles dias? Pensei que ainda nem houvesse começado com

isso. - Melanie riu da própria piada, apoiando as mãos na cintura e erguendo os ombros para

tirar proveito da altura e exibir o corpo esguio.

Uma pequena multidão começava a se formar em torno delas quando Donna viu o

dublê de Navin saindo da sala e se dirigindo à escada.

- Desculpe, Mel. Tenho coisas mais importantes para resolver. -

Ela forçou passagem

entre as garotas, disposta a seguir a única pista disponível para encontrar Navin.

A mão que a segurou pelo ombro e puxou de volta quase a derrubou. Endireitando-se e

girando sobre os calcanhares, Donna se viu frente a frente com Melanie, quase com o nariz

colado no dela.

- Nós ainda não terminamos essa conversa, Underwood.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate...Cuidado

Não podia acreditar que Melanie Swan realmente havia se atrevido a tocá-la. As outras garotas acompanhavam a cena com interesse, pressentindo um momento de agitação no meio

do dia, e alguns outros alunos se aproximavam curiosos.

Tentando manter a calma, já bem

próxima do fim, Donna olhou para trás, sabendo que cada segundo que passava levava Navin

para mais longe dela.

- Já disse que não tenho tempo pra essa bobagem agora - Donna falou com cuidado,

pronunciando cada palavra com clareza. Ela começou a se virar, furiosa ao ouvir alguns

suspiros frustrados, como se as garotas lamentassem não poder assistir a uma briga, afinal.

- Não vai escapar dessa vez, *esquisita* - Melanie falou ressentida.

- Seu amiguinho não

está aqui para proteger você.

- Não preciso de ninguém para proteger-me - Donna falou, sentindo que estava à beira

de perder a cabeça. - Ou já esqueceu?

- Ah, escutem só - Melanie debochou. Ela estendeu a mão e agarrou a gola da jaqueta

de Melanie.

O instinto assumiu o comando. Donna segurou o pulso de Melanie com a mão

enluvada e apertou, primeiro sem muita força, depois aumentando gradativamente a pressão

para obrigá-la a soltar a gola de sua jaqueta. Sentia o contraste do confronto. Aço envolvendo

cetim.

- Ai, me solte! - Melanie gritou, sua voz totalmente destituída da confiança anterior.

Tudo que ela expressava agora era dor.

Olhando a garota nos olhos, Donna continuou segurando seu pulso e empurrando-a

para trás, apertando com mais força e sustentando o sorriso tenso, gelado.

- Nunca mais ponha as mãos em mim, *Mel* - ela falou em voz baixa. Melanie Swan

choramingou e tentou se libertar dos dedos que eram como tiras de aço espremendo seu

pulso, mas era impossível removê-los. Lágrimas inundaram seus olhos; os outros alunos

começaram a cochichar e olhar para Donna com medo. Ela já havia visto aquela expressão

antes, mas dessa vez não sentia vergonha.

Sem dizer nada, ela soltou o pulso de Melanie, virou-se e caminhou para a escada,

mantendo os ombros eretos e a cabeça erguida, ouvindo os comentários preocupados das

amigas de Melanie e dos observadores curiosos que a cercavam, e tentando sentir remorso

pelo que acabara de fazer.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Mas tudo que conseguia sentir era uma fúria fria, dura. Agora não conseguiria mais

encontrar a criatura.

Perdera Navin de vista.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Tentando engolir a ira e a decepção, Donna andava de um lado para o outro na rua do

Ironbridge High, passando várias vezes pela porta do colégio.

Havia em sua boca um gosto

amargo do qual não conseguia se livrar.

O dia se estendia diante dela, horas vazias que poderia ocupar *fazendo* alguma coisa

para encontrar Nav. Ela pegou o telefone celular do bolso da calça jeans, digitou um número e

esperou, ainda andando de um lado para o outro na frente da escola.

- Sim?

- Xan, sou eu. Donna.

- Eu sei. - Ela podia ouvir o sorriso na voz preguiçosa e tentou ignorar o calor que se espalhava por seu corpo.

- Xan, preciso de ajuda. - Pronto, havia falado. Não havia mais como recuar agora.

- O que posso fazer? - Não havia hesitação na resposta. Apenas a certeza de que ele estaria do seu lado para tudo.

Donna fechou os olhos por um momento, deixando-se envolver pelo agradável sentimento de não estar sozinha, apesar de Navin ter desaparecido.

- Meu amigo Navin está com problemas e preciso encontrá-lo. Eu estava seguindo a coisa que poderia me levar até ele, mas a perdi de vista.

- Coisa? Então não estamos falando sobre uma pessoa?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela deixou escapar uma risada nervosa.

- Não, é óbvio que não. Escute, Xan... Isso pode ficar perigoso. Não precisa se envolver, se não quiser.

- Eu ainda nem sei o que vou ter que fazer, sei?

- Desculpe, não estou fazendo muito sentido. Preciso...

A pergunta segura de Xan a interrompeu: - Onde quer que eu vá encontrá-la?

Aliviada, Donna revelou onde estava e se preparou para esperar.

Ele chegou em um Volvo de aparência potente. A pintura vermelha brilhava ao sol, e os

diversos amassados na lataria davam ao veículo uma aparência doméstica, familiar. Donna

nunca sentira vontade de aprender a dirigir (tinha de considerar aquela força descomunal

aparecendo em momentos de muita pressão), mas conseguia se imaginar dominando aquele

automóvel. Talvez com Xan sentado do seu lado, orientando-a com paciência e perseverança.

Xan a ouviu tranqüilo enquanto as palavras jorravam de sua boca. Ela falou de suas

novas suspeitas sobre o Criador, e o informou sobre o dublê de Navin e como ela vira através

de seu glamour quando ele entrara no ônibus. Sabia que Xan estava mais preocupado com o

Criador, provavelmente, já que esperava obter a ajuda do alquimista no futuro, mas tomou o

cuidado de não focar esse aspecto. Ele a ouvia com serenidade.

E o que esperava? Depois de tudo que Xan havia enfrentado na vida - e considerando o

que ele *era* - certamente já era seu amigo, embora só se houvessem conhecido três dias antes.

E, para ser franca, sabia que agora eram mais do que amigos. Não só por causa das horríveis

verdades que compartilhavam, mas pelo que havia acontecido na noite anterior a caminho de

casa. Donna pensou no beijo e sentiu o estômago se contrair.

Xan ainda não a beijara hoje. Depois de estacionar o carro (do qual o pai pretendia se

livrar, ele contou), Xan a abraçara com força e a segurara pelos ombros para fitá-la em

silêncio.

- Você pode fazer alguma coisa? - Donna perguntou. Estavam do outro lado da rua, na

frente da escola, apoiados na parede de tijolos de um velho edifício de apartamentos. O sol se

movia devagar pelo céu de um azul surpreendente. Ela tentava não soar tão desesperada

quanto se sentia, mas sabia que não obtinha bons resultados.

Seus olhos ardiavam com o

esforço de conter as lágrimas, e estava irritada por se deixar dominar pelas emoções. Precisava

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

de foco, ou não conseguiria descobrir o que havia acontecido com Navin; ela passou as mãos pelo rosto.

- Poderia, talvez... Não sei... Rastrear o elfo de algum jeito? Por isso pedi pra você vir

até aqui. Foi neste lugar que o vi pela última vez.

Xan parecia estar em dúvida.

- Não sei, Donna. Toda magia que eu poderia ter - ou *deveria* ter - foi prejudicada pela

retirada das minhas asas. Sou apenas meio encantado. Posso fazer algumas coisas, mas não são mais que truques baratos.

Ela suspirou frustrada, deixando de lado temporariamente a curiosidade sobre que

"truques baratos" ele seria capaz de fazer.

- Mas deve haver *alguma coisa* que possamos tentar. Não vou deixar as coisas como

estão. Aquela criatura estava bem aqui!

Ele a fitou com aqueles olhos verdes, e esse olhar fez seu coração bater mais depressa.

- Tem alguma coisa, mas não sei se vai funcionar. Já faz muito tempo desde que tentei

pela última vez encontrar os Antigos Caminhos.

Os olhos de Donna se acenderam.

- Sabe como entrar na *Terra dos Elfos*?

- Não se anime muito. Eu sabia. Não tenho mais certeza, mas vale a pena tentar. - Os olhos de Xan foram momentaneamente encobertos por uma sombra, como se ele tentasse capturar uma lembrança. - Quando eu era mais novo - depois da adoção - eu tinha muitos sonhos. Sonhava com os elfos e com o que eles haviam feito comigo. Era tudo muito confuso. Meus pais adotivos me levaram a um terapeuta infantil, e fui incentivado a pensar nos sonhos como um processo simbólico. Não como eventos reais. Donna tocou seu braço. - Mas eram eventos reais. - Sim, eram. E um dos sonhos recorrentes era de mim mesmo correndo, fugindo de Ironwood, seguindo por um caminho que eu vira os elfos trilharem muitas vezes antes, quando me mantinham cativo.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Um dos Antigos Caminhos - Donna murmurou, tentando controlar o entusiasmo crescente. Ela estava surpresa por perceber que os pensamentos se voltavam para a tia e a Ordem. Se *eles* soubessem como entrar na Terra dos Elfos, isso poderia representar um fim para o impasse que se mantinha há tantos anos. Os alquimistas poderiam expulsar os elfos de uma vez por todas.

Xan comprimiu os lábios antes de dizer:

- Sei o que está pensando, mas não tenho certeza de que minha memória é confiável. E

é necessário lembrar que qualquer passagem para *qualquer* reino encantado, mesmo que seja

só um lar temporário aqui no nosso mundo, é sempre protegida. Além disso, as portas se

movem quando são descobertas. Uma porta pode estar em centenas de lugares diferentes,

dependendo do dia. Só nos resta esperar que essa passagem que eu conheço ainda esteja no

mesmo lugar - o que é possível, se ninguém passou por ela na última década, pelo menos.

Donna assentiu.

- Tudo bem, não planejo promover uma batalha contra os elfos. Não de imediato. Por

enquanto, só quero encontrar Navin. E o Criador.

- Se é que eles o pegaram, também.

- Tenho certeza disso. - E tinha, realmente. - Nav é meu melhor amigo, Xan. Não

consigo me lembrar de um único dia em que não tenha falado com ele. Preciso encontrá-lo. É

uma necessidade egoísta, eu sei...

Ele balançou a cabeça.

- Não, não, eu entendo. Perdi um amigo da mesma maneira.

Nossa amizade é a única

razão pela qual sei alguma coisa concreta sobre o meu passado.

- Xan parou e engoliu em

seco. - Aconteceu no ano passado...

- Oh, meu Deus! Eu sinto muito. - Donna tocou seu braço, sentindo uma intensa

tristeza arder em seu peito.

Ele removeu sua mão, mantendo os olhos fixos em um ponto distante e a mandíbula

tensa.

- Não consegui mudar nada, e eu *deveria* ter sido capaz disso.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela não sabia o que fazer.

- Sinto muito - repetiu, sentindo-se infeliz e inútil.

Xan pôs as mãos nos bolsos do casaco, e seus ombros caíram.

Donna nem conseguia imaginar quanto toda essa situação o afetava, mas precisava

considerar que, talvez, ele preferisse não voltar a ter contato com os elfos das trevas. Sabia

que ele fazia esse esforço por sua causa - que fazia tudo isso por ela - mas não sabia o que

fazer com esse conhecimento. Ela mordeu o lábio, certa de que deveria se desculpar mais uma vez.

- Esqueça - ele falou com tom sombrio. - Bem, acho que vamos mesmo para Ironwood.

Eles seguiram pelo caminho mais curto para os limites da cidade e estacionaram perto

do início da linha verde de Ironwood. Era hora do almoço, e o sol de final de outono brilhava

no céu claro; a luminosidade aquecia o rosto de Donna, apesar do ar frio. Ela fechou os olhos para saborear a sensação deliciosa.

- Vamos, não vai conseguir um bronzado com esse sol pálido - Xan comentou com expressão debochada.

- Eu sei - ela respondeu dando de ombros. - Mas é tudo tão lindo! Adoro o outono e o

inverno - sempre gostei. Não acha que há algo de magnífico nessa época?

- Sim, um frio magnífico. Mais nada. Agora vamos. - Ele se virou e começou a caminhar

para a entrada da floresta.

Donna suspirou e o seguiu.

A cerca baixa que marcava o limite da área era velha e estava destruída em alguns

pontos, sinal evidente da falta de manutenção. Do lado de fora dessa cerca havia uma fileira

de postes de iluminação pública cercando toda a área como sentinelas austeras - uma

fortificação metálica destinada a criar uma prisão para o que restava da Terra dos Elfos.

Donna seguiu Xan pelo portão que marcava a entrada, olhando para trás, para o

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

tráfego na estrada principal. A sensação era de sair de um mundo para entrar em outro. Um

caminho de folhas e gravetos se abria diante deles, sob uma cobertura diversificada de copas e galhos de formatos variados.

Ali tudo era mais quieto. Os sons da estrada eram abafados pelos troncos de árvores, e

de repente tudo parecia distante. Donna respirou fundo, esquecendo por um instante o que

deveriam estar fazendo e deixando-se apreciar o frescor e as fragrâncias das diferentes

madeiras. Mas logo ela foi empurrada de volta à realidade.

- Temos de seguir adiante - disse Xan. - Eu saberei se nos aproximarmos do Antigo Caminho.

Ela o segurou pelo braço.

- Espere um segundo. Como vai saber?

- Honestamente, não tenho a menor ideia. É como se houvesse alguma coisa dentro do meu peito, algo que me puxa para lá. Não consigo dar uma explicação melhor do que essa.

- Como um ímã?

- Sim, é mais ou menos isso. - Xan balançou a cabeça, claramente frustrado e irritado com o fato de ter de contar com alguma coisa que estava além de sua capacidade de controle.

Eles caminharam em silêncio por um tempo. Donna ouvia os sons da vida selvagem, tentando entender como um lugar que tivera participação tão marcante em seus pesadelos podia parecer tão bonito, agora que estava realmente ali outra vez. Há dez anos não caminhava por entre aquelas árvores. Contendo um arrepio, ela fechou a jaqueta sobre o peito.

Queria que Xan segurasse sua mão como ele havia feito na noite anterior, mas tinha a impressão de que ele estava perdido em pensamentos.

Folhas e galhos estalavam sob seus pés. A escuridão crescia na medida em que percorriam as alamedas estreitas entre as árvores. Apesar das folhas caídas, as copas ainda eram suficientemente frondosas para esconder o céu azul além delas. O sol podia ser visto apenas em finos raios de luz amarela incidindo por breves instantes por entre as árvores,

antes de desaparecer novamente e reaparecer mais adiante, em uma lacuna entre os galhos.

Donna reduziu a velocidade dos passos e franziu a testa.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Veja, aqui o caminho se divide em dois. Para onde vamos?

Xan caminhou até a bifurcação, apoiou a cabeça em um tronco de carvalho e fechou os

olhos. Donna o observava e tentava não pensar em como o cabelo caía sobre sua testa, dando

a ele uma aparência mais jovem do que seus dezenove anos. De repente ela pensou em Navin

e no que podia estar acontecendo com ele, mas tentou não ser impaciente. Recusava-se a

pensar que Navin podia estar em qualquer outra condição que não fosse vivo e bem - só

precisavam encontrá-lo, e então tudo se ajeitaria.

Xan abriu os olhos e apontou para o caminho do lado direito. -

Por aqui.

- Tem certeza?

Ele deu de ombros.

- Não, mas é o melhor que temos no momento. - Ele a encarou.

- Você se lembra de alguma coisa aqui?

- Não, já disse, não me lembro de nada. - Donna engoliu em seco ao pensar no pai. -

Meus sonhos mostram uma clareira, só isso, sempre a mesma coisa, mas não sei se esse lugar

existe mesmo, ou se é só parte da minha imaginação.

Xan segurou a mão dela. Os dedos fortes envolvendo os dela, ocultos pela luva, faziam

Donna se sentir e segura.

- Talvez a encontremos - ele falou.

Tentando sorrir, Donna afagou a mão dele, ignorando a lembrança do que fizera com o

pulso de Melanie algumas horas atrás. Às vezes se assustava com a força das próprias mãos,

mas tinha a impressão de que só fazia aquela coisa *realmente* maluca de força descomunal

quando emoções e adrenalina atingiam níveis elevados, fora do comum.

Xan a fitou nos olhos.

- Donna, estou muito feliz por ter encontrado você.

Ela respirou fundo.

- Ei - ela falou, tentando manter a voz tranqüila. - Eu encontrei você, não esqueça.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Fico feliz por ter enxergado além do meu comportamento estúpido naquela noite em

cima do telhado. Agi como um idiota.

- Não, não agiu. - Bem, talvez um pouco. - Ela mordeu o lábio para não sorrir.

- Sim, eu fui um idiota, e nós dois sabemos disso. Eu estava me exibindo, ou não, estava

me escondendo atrás de uma fachada misteriosa que não tem nada a ver comigo. - Ele riu. -

Não o tempo todo, pelo menos.

Eles seguiram pelo caminho da direita, caminhando em silêncio.
Donna se descobriu pensando no relógio de pêndulo de Quentin.
Talvez devesse ir dar

mais uma olhada nele no dia seguinte, quando voltasse para as aulas com Alma.

E então ela parou de andar, assustada com a parada brusca de Xan, que caminhava

diante dela. Ele olhava para a vegetação à esquerda, e seus olhos refletiam um tormento que a

deixou apavorada, ofegante de medo.

- Xan, o que foi? - Donna perguntou, aproximando-se sem saber se devia ou não tocá-

lo. Ele parecia ter se transformado em pedra, a mandíbula tensa e a pele, normalmente

dourada, pálida sob a luz incerta e fraca do sol.

- É aqui.

Ela olhou em volta, tentando entender como ele podia saber.
Todas as árvores

pareciam iguais, apesar de ser uma área de vegetação mais densa e menos claridade. Xan

olhava para um ponto qualquer entre as árvores, para uma região de vegetação abundante e

arbustos de folhas longas. Donna não via nada de incomum ali.

Não no início, pelo menos. Mas quando suas mãos começaram a pulsar e ela sentiu a

conhecida dor nos pulsos e nos braços, surgiu forte a suspeita de que podiam estar no local

certo, afinal.

Xan segurou sua mão outra vez, e ela envolveu os dedos dele com profunda gratidão.

- Donna, tem certeza de que quer continuar? - Ela assentiu.

- Certeza absoluta. - Seu estômago reagiu, mas não havia alternativa. Precisava ir atrás

de Navin.

Xan abandonou a trilha, levando-a com ele. Eles começaram a caminhar por entre a

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

vegetação densa, abaixando-se quando os galhos mais inclinados bloqueavam a passagem e

tocavam cabelos e rosto. Donna tentava ignorar a dor constante nas mãos, apoiando-se em

Xan e tentando se concentrar na difícil tarefa de não ser atingida por um galho baixo.

Depois de passar entre duas árvores especialmente frondosas, Xan afastou os ramos e

esperou Donna passar por baixo de seu braço, pela abertura improvisada. O silêncio fazia seu

coração bater tão alto, que ela se perguntava se Xan poderia ouvi-lo.

Donna atravessou o túnel formado pelos galhos e saiu em uma pequena clareira. Não

era a clareira de seus sonhos - não, essa tinha uma área suficiente apenas para os dois

permanecerem em pé, juntos, sobre as folhas que cobriam o chão. Troncos de árvores

delimitavam o espaço reduzido, alguns recobertos por um musgo tão denso que o cheiro de

umidade se tornava enjoativo.

Mesmo sem sua história com os alquimistas, Donna teria percebido que estava em um

lugar mágico - e também não era uma magia benéfica. Havia um sentimento opressivo que

não vinha apenas das árvores que os cercavam. O ar era tão pesado que parecia comprimir

seus ombros, prejudicando a respiração. Ela olhou para Xan tentando descobrir se ele

também experimentava essa sensação de opressão.

Ele a fitou com as sobrancelhas erguidas. - Tudo bem? - perguntou.

Donna balançou a cabeça.

- Não está sentindo nada?

- Estamos nos aproximando do portal. Aqui o poder dos elfos é mais forte. Deve ser

isso que você está sentindo.

- Mas você não sente esse... *peso*?

- Tenho sangue de encantado, não esqueça. É claro que posso sentir a energia - uma espécie de vibração em torno de nós - mas isso não é inteiramente ruim.

Donna sentiu um arrepio percorrer todo seu corpo. Os olhos de Xan eram mais verdes

que nunca; ardiam com um fogo que parecia queimar no interior de esmeraldas, confirmando

sua condição de híbrido, não inteiramente humano. Ela respirou fundo.

- Então, e agora?

- É isso. - A voz dele era firme - toda a insegurança de antes parecia ter desaparecido.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Agora era evidente que algo além de sonho e lembranças o conduzia. Agora ambos eram orientados por um conhecimento enraizado, profundo.

- Mas... Não há nada aqui. - Donna olhou em volta, tentando determinar se havia deixado de ver alguma coisa.

- Ainda não - Xan confirmou, abaixando-se e deslizando a mão pelo chão de terra

escura. Ele pegou um punhado de terra, folhas e gravetos, depois se levantou e a encarou mais uma vez. - Ponha sua mão na minha para tocar esta substância. Donna fez como ele sugeria. - O que está fazendo?

- Abrindo a porta.

Xan fechou os olhos por um momento. Donna tinha quase certeza de poder ver uma

luz escapando por entre suas pálpebras, mas ele abriu os olhos antes que pudesse ter certeza.

- Tive a sorte de encontrar alguém depois de um tempo - um mentor que me guiou

pelos ensinamentos básicos, me informou sobre meu legado.

- Gostaria de saber mais sobre ele algum dia.

- *Ela* - corrigiu Xan. - Uma boa amiga.

Donna ignorou com determinação a pontada de ciúme que apareceu de maneira

inesperada. Esse não era o momento de ser imatura. O fato de o mentor de Xan ser uma

mulher não significava nada.

Os olhos dele tornaram-se mais suaves.

- Ela é a amiga que morreu no ano passado.

Oh. Agora, sim, podia se sentir uma cretina egoísta completa. - Xan, eu...

Ele balançou a cabeça.

- Agora não - disse. - Preciso me concentrar.

E Donna esqueceu tudo. Chocada, ela viu Xan tornar-se mais etéreo, menos sólido.

Havia uma qualidade translúcida na pele dourada. E ela sentiu uma onda de calor invadindo

seu rosto. O sopro de ar quente parecia vir de... Xan. E ali estava o cara que não conseguia

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

fazer magia de verdade, só truques baratos. *Ceeeerto.*

Ele falou:

- Procuramos o Antigo Caminho e nos aproximamos do portal.

Tenho em minha mão a

terra para invocar o poder em meu sangue - o sangue de meus ancestrais. Solicito que nos seja

concedida entrada para esse lugar de sombras. Viemos em paz.

Abra!

Donna se assustou e pulou quando ele gritou a última palavra, mas não soltou o

punhado de terra e galhos que eles seguravam juntos. O ar diante deles parecia tremer e

ganhar densidade, e por um momento a escuridão a envolveu.

Era um tipo peculiar de

escuridão, com uma textura própria. O cheiro pesado de terra úmida invadia seus sentidos,

doce e sufocante como melado.

Depois de um instante a luz pálida retomou, e entre os troncos de árvores muito

próximos surgiu uma nova passagem, quase um caminho de conto de fadas levando ao que

parecia ser uma caverna de três vias. Os galhos se curvavam formando uma espécie de toldo -

um túnel vivo.

Donna olhou para Xan, tentando descobrir se já podia soltar a terra e os galhos, e

sentiu certo alívio quando ele jogou tudo no chão. Limpando os resíduos de terra das luvas,

ela examinou a entrada que se abrira.

- E eu pensando que você não conseguia fazer nenhuma magia. Ele evitava encará-la.

- Ah, isso não é realmente minha magia. Só abri uma porta para o outro mundo. Há

muitas dessas portas por aí. Você só precisa procurá-las e saber onde olhar. - Ele olhou para o

túnel de folhas. Vamos acabar com isso de uma vez.

Donna percebeu que, de repente, ele ficava muito pálido. Como poderia culpá-lo?

Depois de tudo que perdera pelas mãos dos elfos, Xan se dispunha a voltar espontaneamente

ao território das criaturas. Por ela. E ela mesma lutava contra um asfixiante sentimento de

medo, tentando não pensar na criatura de pesadelos que havia provocado seus ferimentos. O

Monstro da Floresta, como ele se tornara conhecido em seus sonhos. O Skriker.

Xan segurou a mão dela novamente, puxando-a para frente, e eles pisaram no caminho

secreto - o Antigo Caminho. Quando Donna pisou no tapete de pinhas, foi quase como se

atravessasse uma membrana viva - invisível, mas presente, sem sombra de dúvida. Seus

ouvidos estalaram quando ela penetrou naquele novo domínio, descendo pelo túnel de folhas

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

e galhos. Ela tornou consciência de um som, uma espécie de sussurro que parecia vir de todas as direções.

Donna engoliu em seco e ignorou a sensação de que era observada, uma sensação que causava um incômodo arrepio. Precisava concentrar-se nos próprios passos, em colocar um pé adiante do outro. *Preciso pensar apenas em Navin*, ela disse a si mesma com firmeza. *É por isso que estou aqui*. A culpa apareceu de repente, criando uma sensação física de opressão no peito que a impedia de respirar direito: seu amigo só havia sido levado por causa dela. Disso estava certa.

Agora, só precisava descobrir por quê.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Era como andar por um corredor sombrio. Donna segurava a mão de Xan com toda

força que ousava empregar, pisando em folhas secas espalhadas pelo chão da Terra dos Elfos,

na companhia de um meio-humano que só havia conhecido alguns dias antes. Estavam na

última casa que restava para os elfos da floresta. E o lugar parecia horrivelmente real.

Uma clareira se abriu diante deles, e Donna percebeu que ela era maior que a anterior.

Prendendo o fôlego, ela sentiu um raio de sol tocá-la quando passaram por uma fresta entre

as copas das árvores. Mas a luminosidade desapareceu em seguida, e eles foram lançados mais

uma vez na escuridão quase completa enquanto se dirigiam à abertura mais adiante. Ela se

descobriu andando mais depressa agora, só para poder chegar o quanto antes ao espaço

aberto da clareira - para escapar da sensação de opressão provocada pelas árvores que a cercavam e cobriam.

Quando eles saíram do túnel, Donna lutava para controlar a respiração enquanto examinava as criaturas familiares que vagavam pela clareira. Elas pareciam mais retorcidas e grotescas que nunca sob as sombras mutantes dos galhos. Ela sentiu Xan afagar sua mão, como se quisesse transmitir segurança, e a apertou sem se atrever a encará-lo.

Essa clareira era parecida com aquela de seu sonho, mas não havia o tronco de árvore no centro. Em vez disso, havia uma cadeira de madeira entalhada, um trabalho rústico, mas estranhamente belo, com um acabamento irregular que parecia fazer parte de algo vivo.

Era uma espécie de trono, envolto por plantas trepadeiras e outros tipos de vegetação, com flores brancas espalhadas pelo chão em torno dele.

Sentada no trono havia uma figura de forma humana, aparentemente esculpida em madeira. Por um momento Donna pensou se ela - porque era evidentemente "ela" - usava um

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

disfarce de elfo para mudar de forma de alguma maneira, mas uma espécie de intuição dizia

que aquela era a aparência real da criatura. Ela parecia mais encantada, menos retorcida do

que os outros elfos, como se houvesse menos terra em sua composição. As pernas de Donna

tremiam enquanto ela contava seis elfos em pé formando um semicírculo em volta do trono,

aparentemente algum tipo de guarda. Eles se reuniram e cochicharam, observando os recém-chegados com desconfiança.

- Sejam bem-vindos - disse a mulher sentada no trono, e sua voz soou como o farfalhar

de folhas. - Seja bem-vinda Donna Underwood, do mundo de ferro.

Em seguida ela riu, e seu rosto cor de castanha se enrugou em linhas cruéis, enquanto

a boca sem lábios se abria. O cabelo de musgo era longo e grosso, e havia sobre sua cabeça

uma guirlanda de flores brancas e espinheiro. Havia um cinturão de grama em torno da

cintura esbelta, e os olhos de Donna se arregalaram quando ela percebeu que havia tufo do

que parecia ser cabelo humano pendurados nele. Mechas de elfo. Se a lenda tivesse algum

fundo de verdade, os cabelos pertenciam a mulheres cujas almas haviam sido aprisionadas.

Ela perdeu o ar. *Mãe*, pensou, tentando dar uma olhada melhor no cinto.

Mas a coisa voltava a falar:

- Venha cá, criança. Deixe seu companheiro híbrido onde ele está. - A voz dela sibilava com um desdém claro.

O som causou em Donna uma reação incômoda e tornou ainda mais intensa a dor nos

braços e nas mãos. Ela tentou encontrar forças para falar, dando alguns passos adiante e

ignorando a mão de Xan puxando-a de volta, tentando impedir a aproximação.

- Como sabe meu nome?

- Nós nos lembramos de você, Donna Underwood. Não se lembra de nós? - A voz da

criatura era gentil e mortal ao mesmo tempo, uma espécie de farfalhar de folhas que era tão

expressivo quanto a mais humana das vozes.

Donna ergueu o queixo.

- Sim, eu me lembro de alguns de vocês. Mas não de *você*.

- Ah, porque era muito pequena. Por favor, vamos fazer as apresentações como é

apropriado. Eu sou a Rainha da Floresta - governante da Terra dos Elfos, de tudo que resta do

nosso território - e esses são meus súditos, os elfos da floresta. Tenho muitos nomes, mas

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

alguns me chamam de Aliette.

- *Aliette?* Isso não é francês? - Donna tentou conciliar o nome com a estranha mulher diante dela.

A Rainha da Floresta, Aliette, a encarava com olhos inexpressivos. - Isso é o mais

próximo que vai chegar do meu verdadeiro nome com sua linguagem limitada. E é o suficiente.

- Gostaria de poder dizer que é um prazer conhecê-la - Donna resmungou. Estava

apavorada, mas havia algo de tão surreal no cenário e na situação, que podia quase acreditar

que tudo aquilo acontecia com outra pessoa. Ou talvez fosse só mais um sonho.

Xan olhou para ela como se quisesse perguntar alguma coisa, mas foi obrigado a olhar

novamente para a Rainha da Floresta, porque agora ela falava diretamente com ele.

- Seu nome é desconhecido para nós, criatura meio-encantada, mas você não pertence a este lugar.

- Não foi o que alguns de seus *súditos* pensaram quando tentaram me matar na Terra

dos Elfos. - A voz dele tremia, mas não era de medo. A fúria contida com grande esforço o

fazia parecer mais poderoso e mais velho do que era.

- É mesmo? - a Rainha perguntou com tom desinteressado. - Bem, talvez isso tenha

mesmo acontecido. Mas o que passou, passou.

Xan aproximou-se de cabeça erguida.

- Como se atreve a me ignorar? Não vai me pôr de lado com essa facilidade, *majestade*.

Exijo reparações pelo que perdi.

Os olhos de Aliette tornaram-se ainda menores, mais estreitos.

Se tivesse lábios, Donna podia imaginar que estariam comprimidos numa expressão de escárnio.

- Você não está em posição de exigir nada, *mestiço*.

Donna acompanhava a conversa com atenção, mas não havia entendido o que Xan

dissera sobre "reparações". E tivera a impressão de que o motivo dele para estar ali era ajudá-

la a encontrar Navin. E o Criador. Ela o puxou para obrigá-lo a olhar em seus olhos, ignorando

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

sua resistência enquanto, com ousadia, dava as costas para a rainha. - O que está *fazendo?* -

ela sussurrou.

Xan estava agitado e arfante.

- Desculpe. Quando a vi sentada ali e... Aquelas *coisas* em volta dela... - Xan umedeceu

os lábios e olhou para o chão. - Por um segundo perdi a cabeça...

Ela tocou seu rosto, um gesto rápido que, esperava, transmitisse solidariedade e

compreensão.

- Tudo bem, Xan.

A voz da rainha soou forte, fazendo o coração de Donna disparar quando ela se virou

para o trono outra vez.

- Estamos perdendo tempo com essa tolice trivial, e tenho certeza de que não é isso

que eu quero... Não quando há tanta coisa em jogo. - A boca da rainha se elevou nos cantos,

uma paródia debochada de um sorriso humano.

- Gostaria de saber por que invadiram minhas terras. - Aliette se ajeitou no trono, os

galhos e folhas fazendo barulho em torno dela como se fossem agitados por um vento frio. Ela

olhava para Donna. - O que tem a me dizer, Donna Underwood dos alquimistas? Você, que

agora chamamos de Bruxa de Ferro.

Bruxa de Ferro? Do que essa coisa estava falando? Donna apertou os olhos e cerrou os punhos. O nome devia ser uma menção às tatuagens, com certeza, mas como Aliette sabia sobre elas? Bem, não havia tempo para refletir sobre o estranho nome - quase um título - que lhe fora dado pela rainha. Ela fez o possível para ficar quieta, ignorando os elfos de madeira em torno da clareira. Ela e Xan estavam praticamente presos ali - se corressem, não tinha certeza de que poderiam escapar. Então, o que tinha a perder insistindo nos objetivos que a levaram até ali? Donna registrou com gratidão a pressão suave do braço de Xan em suas costas, a mão dele em torno de seus ombros. Ela olhou diretamente para a Rainha da Floresta.

- Não sei o que isso quer dizer - ela falou com tom formal. - Só quero saber o que fez com meu amigo, Navin Sharma. E o alquimista chamado de Criador.

A rainha gargalhou, um som estalante, depois sorriu.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- O garoto está seguro conosco, e vai continuar aqui até você me trazer o que necessito.
 - O que é?
 - O segredo da vida eterna, minha cara. O que mais poderia ser?
- Donna recuou um passo.

- O quê? Já não viveu o suficiente? É praticamente imortal! -
Sabia do que a rainha
estava falando, mas não pretendia atender à exigência.
- Você sabe que isso não é verdade, menina. Vivemos muito, mas
não tanto quanto
antes. Os elfos adoecem e morrem, graças à doença contagiosa
do mundo do ferro. Se eu não
encontrar novos meios para garantir nossa sobrevivência, logo
não seremos mais do que
espectros. - Ela cravou em Donna os olhos vazios. - Tudo que
sempre quisemos foi viver nossa
vida independente dos outros grupos, livres das regras de nossos
primos encantados.
Donna fez um som que denotava incredulidade. - E não foi isso
que conseguiram?
A voz da rainha era mais baixa que antes.
- O preço tem sido... Mais alto do que imaginávamos.
- Tome cuidado com aquilo que deseja, majestade - Donna
respondeu amargurada,
sem conseguir se conter. Essa criatura que mantinha seu amigo
prisioneiro ousava reclamar
das conseqüências das escolhas que fazia.
Xan deu um passo à frente antes que Aliette pudesse responder.
- Só queremos
recuperar nossa gente e ir embora. Só isso. - Donna foi tomada
por uma súbita compreensão,
seguida imediatamente por mais confusão.
- Entendo por que capturou o Criador e o mantém refém; ele é
um inimigo poderoso e
pode lhe dar poder entre os alquimistas. Mas Navin... Ele só tem
importância para mim.
- Como você, Donna Underwood, tem importância para nós -
respondeu a rainha.
Donna sentiu a apreensão dar um nó em seu estômago. Ela ficou
em silêncio e tentou

não tremer enquanto as palavras da rainha ecoavam baixas pelo ar da floresta.

Aliette deslizou os dedos marrons pelo líquen que cobria os braços do trono.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Há tanta coisa que você não sabe, filha dos alquimistas. Devia perguntar ao seu

arquimestre o que estava fazendo em Ironwood há dez anos.

- Do que está falando? - Donna não conseguiu se conter. -

Quentin e a Ordem me

resgatavam de seu povo.

A rainha parecia... Entediada, ou ela daria essa impressão, se fosse possível seu rosto

registrar tal emoção.

- E por que, exatamente, nós a roubaríamos de sua cama, criança tola? Como

poderíamos conseguir tal coisa no mundo de ferro, onde você era tão protegida?

O rosto de Donna perdeu toda cor; sentia a pele tensa, a cabeça repentinamente leve,

girando. Um leve zumbido nos ouvidos a fez pensar que talvez desmaiasse. Não entendia o

que essa criatura estava dizendo.

O braço de Xan a envolveu mais uma vez, apoiando-a e compartilhando seu calor.

- Não dê ouvidos a ela, Donna. A intenção é apenas confundir você.

- Acredite no que quiser - disse Aliette. - Para mim não faz diferença.

- Não está fazendo nenhum sentido, majestade. Então, como posso acreditar em suas

palavras? - Era bom ouvir sua voz tão firme.

A rainha deu de ombros, derrubando algumas folhas que estavam sobre eles.

- O que importa é que temos o que você quer, e você tem acesso ao que *nós* queremos.

Proponho... Um acordo. Uma troca de recursos.

Donna balançou a cabeça com um crescente sentimento de pânico. - Não tenho

"acesso" a nada! - Era loucura dessa criatura pensar que ela, uma simples adolescente, ainda

nem completamente Iniciada, teria acesso ao mais precioso segredo dos alquimistas.

O rosto da Rainha da Floresta se contorceu em mais um sorriso, o que aprofundou as

rachaduras na casca de árvore que recobria seu rosto.

- Vai me dar o elixir da vida. O segredo da vida eterna está contido naquelas poucas

gotas escondidas pelos comandantes da Ordem, e nós estamos morrendo. Os elfos da floresta

adoecem; só posso dar a eles o poder de que disponho, e o mundo de ferro afeta até mesmo a

mim. - Seu rosto expressava astúcia.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Sei que os alquimistas têm o segredo - estão trabalhando para replicá-lo. Traga-me o

frasco com o elixir, e eu libertarei seu amigo.

Donna podia sentir um forte sabor metálico na boca, e percebeu que havia mordido a

língua. A mente tentava processar o que tudo isso significava, mas era difícil pensar com

clareza enquanto os elfos em torno dela sussurravam e resmungavam, balançavam e andavam

de um lado para o outro. De fato, circulava um boato entre os alquimistas das quatro Ordens

de que a Ordem do Dragão ainda possuía um pouco do elixir.

Mas, mesmo que isso fosse

verdade, Donna nunca estivera inteiramente convencida do suposto poder do elixir. Havia

visto muitas coisas estranhas em dezessete anos, mas acreditar que existia mesmo alguma

coisa capaz de garantir a imortalidade e curar feridas mortais era ir longe demais. E apesar

dos boatos, nunca vira nenhuma evidência de que Quentin Frost ou o Criador guardavam o

elixir da vida.

Mas agora tudo indicava que havia sido ingênua, e seu melhor amigo poderia pagar por

isso. A Rainha da Floresta esperava por sua resposta. Ela umedeceu os lábios e tentou manter

uma expressão de neutralidade, pensando no elfo das trevas que havia atacado Xan e ela em

Ironbridge Common, e no outro na oficina do Criador. Sem mencionar sua quase certeza de

que *alguma* coisa observava Navin e ela quando saíram da festa na casa de Xan. Os elfos a

seguiram - perseguiram seus passos, conheciam lugares que freqüentava e pessoas que faziam

parte de sua vida. Pessoas que ela amava, como Navin. E isso os tornava vulneráveis. *Isso* era o

que acontecia com pessoas que eram malucas o bastante para gostar dela.

Donna ergueu os olhos e rangeu os dentes. Era hora de parar. Hora de abandonar a autopiedade. Ela encarou a Rainha da Floresta. - Como posso

saber que vai honrar qualquer tipo de acordo que fizermos?

A rainha ficou em pé, levantando-se lentamente do trono de madeira e ajeitando a saia

de folhas com um som estalante e baixo antes de poder descer do tablado. Sua pele de casca

de carvalho parecia mudar e adquirir novas formas enquanto ela se posicionava a uma

distância menor de Donna e Xan, olhando-os do alto de sua impressionante estatura. Ela era

alta e ereta como uma árvore altiva, intocada pelo tempo e pelos elementos, apesar da

declaração de que o mundo do ferro a estava enfraquecendo.

Quando ela se curvou para Donna, sua voz chiou como um vento raivoso soprando em uma floresta.

- Eu lhe mostro seu amigo como um sinal de boa vontade. Mas saiba, Donna

Underwood, que vai me trazer o elixir, ou nunca mais terá seu amigo de volta.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Cerrando os punhos com força para suportar a dor intensa nos ossos e no coração,

Donna não disse nada. Todo seu corpo parecia estar tremendo; por mais que tentasse, não conseguia impedir os tremores. E mais uma vez o braço de Xan envolveu seus ombros. Ele estava incrivelmente calmo - ou parecia estar, pelo menos - e Donna se sentia grata por isso.

Podia apenas imaginar a dor que ele devia ter sentido, mas era possível que a explosão anterior o estivesse ajudando a lidar com circunstâncias que deviam ser extremamente difíceis para ele.

A rainha cochichou uma ordem para o elfo da floresta mais próximo, e ele desapareceu no meio das árvores do outro lado da clareira. Donna saiu do círculo protetor formado pelo braço de Xan e olhou em volta, tentando entender aquele lugar. Ela olhou de soslaio para a rainha, que permanecia imóvel como uma estátua. Por um momento Donna teve a impressão de que ela era feita de pedra, não de madeira.

Ao ouvir passos no meio da vegetação densa, ela se moveu dando um passo à frente, dizendo a si mesma que tinha de ficar calma. Pensar em rever Navin afastava da mente todos os outros pensamentos, deixando-a cheia de esperança e inquietação na mesma medida. *Por favor, faça com que ele esteja bem.* A urgência de correr ao encontro de Navin era quase irresistível.

E então ele estava ali, entre dois elfos de madeira, aparentemente inteiro, exceto por mancar um pouco e ter um enorme calombo do lado direito da cabeça. Mesmo de longe conseguia ver as sombras escuras em torno de seus olhos, e seu coração doeu por ele. Seus

braços eram mantidos amarrados às costas por uma espécie de videira muito resistente. A

fúria a dominou, e ela teve de fazer um grande esforço para conter o impulso de atacar as criaturas que o seguravam.

- Navin! - Foi impossível sufocar o grito. Xan tocou seu ombro, tentando convencê-la a manter uma atitude racional, mas ela o empurrou.

- Donna? - Havia insegurança na voz de Navin, o que não era surpreendente. Aquelas criaturas tinham o poder de mudar de forma e, ali, estavam em seu elemento natural, com um poder maior do que tinham no mundo de ferro. Como saber o que Navin estava pensando?

Então, Donna teve de considerar a possibilidade de que nem fosse o verdadeiro Navin em pé diante dela, com o jeans rasgado e o cabelo despenteado. Não, ela pensou. Não podia se deixar minar pela dúvida não permitiria que isso acontecesse. Esse era seu amigo. Tinha de ser.

- Navin, vou tirar você daqui. - A voz dela tremia, mas Donna tentava sorrir para ele.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Um esboço de sorriso distendeu seus lábios.

- Ah, é, Underwood? Você é qual exército? - Os olhos dele buscaram Xan, e ele franziu a testa.

- Lembra-se de Xan, não é, Nav? Ele veio nos ajudar.

Nav assentiu devagar, olhando de Xan para Donna, e para Xan novamente. De repente

seu sorriso tornou-se triste, como o sorriso de alguém que está dizendo adeus.

- Não acredito que eles me deixarão ir, independentemente do que você faça. O

Criador também está aqui, mas só o vi duas vezes.

Donna odiava ouvi-lo falar com aquele tom tão resignado, mas se sentia mais animada

depois de ouvir as notícias do Criador. Ela se esforçou para soar confiante.

- Agüente firme. Vou levar você para casa, prometo.

A Rainha da Floresta parou diante dela, bloqueando sua visão. - Agora sabe que ele

está seguro e vai continuar assim, desde que você traga o que necessito ter. - Ela bateu os

dedos de galhos diante de seu rosto. - Deixe nossa casa agora, e saia por onde entrou. Não

volte sem o elixir. Fale com alguém sobre isso, e seu amigo morre. O velho pode não ter tanta

sorte. - A ameaça pairou no ar venenosa, sugerindo algo pior que a morte.

Donna engoliu em seco e tentou falar, mas não sabia o que ainda havia para ser dito. A

Rainha saberia se fosse pedir ajuda à Ordem? Sem dúvida, os elfos da floresta a vigiavam -

podiam se mover como sombras quando queriam. Isso era algo que já sabia.

Aliette falou novamente.

- Você tem até o amanhecer.

Amanhecer? O pânico a dominou, e ela sentiu dificuldade pra continuar respirando. Já

devia ser meio da tarde, o que deixava pouco mais de doze horas para a realização do

impossível.

- Esse tempo não é suficiente. - Tentava não parecer tão patética quanto se sentia.

Dando um passo à frente, ela injetou mais força nas palavras seguintes. - Não vou conseguir voltar no prazo que estipulou. Isso é loucura!

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

A Rainha da Floresta não respondeu. Em silêncio, ela se virou e foi para o outro lado da

clareira. Os elfos que por ali estavam se aproximaram, fazendo sons estranhos no fundo da

garganta, dando a impressão de que pretendiam escoltar Donna e Xan para fora da clareira.

Donna gostaria de saber se algum deles era capaz de falar, como sua rainha. Ela olhou para

Navin, sentindo o desespero invadi-la ao vê-lo ser levado por guardas. Nav olhou para trás

uma última vez; seus olhos se encontraram por um instante.

Naquele momento, Donna tentou comunicar tudo que estava sentindo e pensando.

Um único olhar *podia* realmente transmitir milhares de coisas, e esperava transmitir pelo

menos uma pequena fração delas ao amigo.

Xan agarrou sua mão e a puxou para o túnel. - Venha, Donna, é melhor sairmos daqui.

- Não posso deixá-lo. Simplesmente *não posso*.

Ele a puxou para perto.

- Você vai voltar para buscá-lo, você prometeu.

- Prometi, não foi? - Donna choramingou, sentindo as lágrimas inundarem novamente

seus olhos. - Eu nunca quebro uma promessa. - Porém, antes mesmo de acabar de falar, ela já

se perguntava como poderia cumprir essa promessa em especial. Doze horas para descobrir

onde os alquimistas guardavam o elixir. A missão era impossível e injusta, mas nem por isso menos real.

Eles voltaram pelo caminho de sombras, passaram pelo portal aberto, e retornaram à

pequena clareira. Percorrem a floresta, onde houve um momento de tensão no qual Xan não

sabia ao certo se estavam indo na direção certa, e finalmente eles reencontraram a estrada além dos limites de Ironwood.

Quanto mais se afastavam do portal encantado, menos intensa era a dor nas mãos de

Donna, mas o coração doía mais a cada passo, porque ficava cada vez mais longe de Navin.

Ela tentou pensar no novo dilema: como encontraria alguma coisa que nem sabia com certeza

se existia? E mesmo que conseguisse encontrar, ia mesmo entregar o elixir os inimigos dos

alquimistas? Não, ela disse a si mesma. Não pense nisso ainda. Um passo de cada vez.

Encontraria um jeito de entrar na mansão de Quentin Frost e descobriria os segredos

que ele escondia lá - mesmo que para isso tivesse de invadir a casa à noite, quando ele, Simon, e todos os outros moradores estavam dormindo.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna tocou a delicada pulseira com o amuleto de prata em seu braço e tentou não

pensar na mãe. Quase havia deixado o bracelete na bolsinha escondido entre as roupas

íntimas na gaveta da cômoda, mas algo a fizera pegá-lo no último instante. Sua mãe havia

desejado que ela ficasse com a pulseira, e talvez o amuleto lhe desse sorte esta noite. Logo

Xan chegaria para buscá-la, e teria de sair de casa para ir encontrá-lo sem tia Paige saber disso.

Ia precisar de toda sorte que pudesse ter.

Felizmente, Donna tivera uma ideia sobre onde começar essa busca impossível, e era

o melhor que tinha nesse momento. A única coisa que tinha. Sua "pesquisa" havia sido

apenas um cruzamento de dados e informações, uma comparação de todas as menções a

relógios e tempo com o elixir da vida, e o número de resultados fora uma agradável surpresa.

Nem precisara usar o Google; os livros de escola cobriam o assunto. Aparentemente, as

receitas alquímicas europeias exigiam sempre que o elixir fosse guardado dentro de um

relógio, um gesto simbólico que representava a lendária capacidade do elixir de retardar os

efeitos do tempo em quem ousasse usá-lo. Um relógio em particular surgiu na mente de

Donna quando ela estudou esses textos. Embora não ousasse esperar que as coisas fossem

tão fáceis, pelo menos tinha agora um lugar por onde começar.

Donna pegou o casaco no armário, sentindo-se confortável e grata com a grossura do

tecido de lã. O casaco era longo e a protegeria bem nessa fria noite de novembro. A cor

cinzenta combinava bem com a natureza secreta da operação, e ela usou um chapéu de lã

preta para cobrir os cabelos, mais uma medida de precaução.

Ela apagou a luz e abriu a porta do quarto devagar, olhando na direção do quarto de

tia Paige. A luz que via por baixo da porta significava que, provavelmente, sua tia

adormecera lendo na cama. Aliviada, Donna fechou a porta novamente.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Depois respirou fundo e fez algo que não fazia desde o início da amizade com Navin, quando costumavam se visitar depois de as luzes terem sido apagadas, quando os adultos responsáveis acreditavam que eles dormiam. Ela pulou a janela e, usando a treliça meio podre e o cano da calha como apoio, desceu até o térreo. A força mágica nas mãos e nos braços sempre tornava a tarefa mais fácil do que deveria ter sido. Donna bateu a caneca somente duas vezes, o que interpretou como um bom sinal; talvez a sorte estivesse ao seu lado, afinal.

A lua estava quase cheia, e ela apreciava a luminosidade, embora também se preocupasse com a maior probabilidade de ser vista, caso alguém estivesse olhando pela janela dos fundos de uma das casas. Enchendo a cabeça com pensamentos invisíveis, ela correu para o fundo do quintal, pulou a cerca, e percorreu a alameda que levava à rua principal.

Xan a esperava lá, conforme prometera, apoiado em seu carro e segurando o celular como se esperasse uma ligação. Ela havia dito que, se tivesse problemas para sair de casa, ele teria de criar algum tipo de distração para encobrir a fuga. Felizmente, essa parte do plano

não havia sido necessária. Um sorriso de alívio iluminou o rosto de Xan no momento em que ele a viu.

Donna sorriu de volta e tocou a mão dele.

- Obrigado por estar me ajudando, Xan. - Erguendo-se na ponta dos pés, ela o beijou no rosto.

Ele deu de ombros, mas seus olhos transbordavam uma forte emoção.

- Tudo bem.

Donna se sentou no assento do passageiro e prendeu o cinto de segurança, tentando normalizar a respiração. Isso era loucura, sabia, e estavam correndo um grande risco.

Tentava não pensar muito adiante, mas já eram onze horas, e só dispunham de mais

algumas horas antes do amanhecer. Estava mesmo planejando entregar algo tão valioso ao

inimigo eterno dos alquimistas? Como explicaria isso à tia Paige - ou a qualquer outro

membro da Ordem? Seria uma traidora. E o que o pai pensaria dela, se ainda fosse vivo?

Donna banuiu essas dúvidas da mente, olhando pela janela e vendo as luzes das ruas de Ironbridge do lado de fora.

Faria o que fosse necessário para salvar Navin. Ele não havia pedido para ser

envolvido nessa história - não se oferecera para tornar-se objeto de barganha entre facções

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

rivais de encantados e mortais, frações de grupos remanescentes de um tempo quando as coisas deviam ter sido muito mais simples. Navin era um espectador inocente, e não o deixaria sofrer por algo que ele nunca poderia entender completamente, por mais que tentasse.

Eles se aproximaram da Mansão Frost e estacionaram o carro na esquina, caminhando até o portão principal. Seria difícil entrar sem alertar ninguém, Donna sabia, especialmente porque havia guardiões mágicos espalhados pelo local.

Xan considerou o problema quando eles se aproximaram do muro do lado sul da propriedade.

- Acho que vamos conseguir passar. Você não é uma ameaça para eles - vem aqui o tempo todo para ter suas aulas - duvido que sua presença dispare algum alarme.

Donna franziu a testa. - E você?

Ele empurrou o cabelo para trás, tirando-o dos olhos.

- Não sei. Se tivesse o poder que deveria ter, poderia me tornar invisível a praticamente todos os espiões mágicos. Mas...

Donna tocou seu braço.

- Tudo bem. Vamos ter de arriscar. Talvez você tenha alguma proteção natural que desconheça.

- Talvez. E desde que abrimos aquela porta para o outro mundo eu me sinto

diferente, de algum jeito. Como se alguma coisa despertasse dentro de mim. - Ele deu de

ombros. - Não sei o que isso significa - ou se significa alguma coisa. Mas pode ser um bom sinal.

Ele se virou e escalou o muro com relativa facilidade. Mais uma vez, Donna

testemunhou a demonstração de agilidade; seria essa habilidade parte do legado de

encantado? Xan se agachou sobre o muro envolto pela escuridão, e por um momento ela só

conseguiu ver uma sombra coberta por um conhecido manto escuro. Seus olhos verdes e

brilhantes lembravam os de um gato.

E no instante seguinte ela foi puxada para cima sem nenhuma cerimônia,

esperneando um pouco enquanto, com a ponta dos tênis, tentava encontrar algum ponto de

apoio na superfície lisa do muro. Quando se abaixou ao lado de Xan, ela respirou fundo para

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

acalmar-se.

Sem dizer nada, eles pularam para o outro lado, para dentro da propriedade Frost.

Donna olhou para a mansão de Quentin e mordeu o lábio, tentando decidir o que

fazer. Se pudesse ter esperado até a manhã seguinte para procurar pistas durante o horário

de aulas... Mas não havia tempo para isso. Navin e o Criador só tinham até o amanhecer. Ela

olhou para Xan e tentou adivinhar em que ele estava pensando. Estavam do lado de fora da janela da Sala Azul, mas Donna não contava com as

venezianas fechadas e trancadas por dentro. É claro, poderiam arrombá-las, provavelmente,

mas que tipo de ruído fariam com isso? E, no dia seguinte, a invasão ficaria óbvia.

Ela olhou para Xan e levantou as sobrancelhas. - Alguma ideia?

- Acho que devemos tentar a porta dos fundos.

Ele pôs as mãos nos bolsos do casaco e seguiu na frente, contornando a casa,

confirmando que todas as luzes estavam apagadas na parte de trás, como na frente. Os

moradores já haviam ido se deitar, com certeza (Quentin e Simon não eram jovens, e Donna

sabia que eles costumavam se recolher por volta das dez da noite durante a semana), e eles

estudaram a porta dos fundos.

- Eu poderia arrombar, provavelmente - disse Donna -, mas não quero acordar todo mundo.

Xan se abaixou e estudou a maçaneta.

- Acho que a fechadura é fácil de destravar. Tenho certeza de que há guardiões

mágicos, mas eles só protegem contra ameaças importantes à segurança; ninguém espera

um invasor que saiba abrir portas com grampos. Ou um cartão de crédito, ou qualquer coisa

pontiaguda. - Ele retirou a carteira do bolso interno do casaco.

Donna estudava o chão, depois bateu os bolsos em busca de um grampo, um clip, ou

qualquer coisa útil. Pena não ser o tipo de garota que usa lindas presilhas de cabelo, porque

então poderia oferecer uma delas a Xan, e tudo seria mais fácil.

Quando ela enfiou as mãos

nos bolsos, alguma coisa pontiaguda entrou em contato com seu pulso esquerdo, dentro da luva. *Espere*, ela pensou. *Talvez eu tenha aqui alguma coisa que podemos usar.*

Ela removeu com cuidado a pulseira com o amuleto. Havia apenas seis deles na corrente de prata, todos soldados e presos ao elo. Donna sorriu. Uma dos amuletos era uma

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

pequenina réplica de uma adaga. Agradecendo a mãe em pensamento, ela removeu a luva, segurou o amuleto entre o indicador e o polegar, e puxou. Olhando com pesar para o elo partido, Donna entregou a miniatura de adaga a Xan.

- Perfeito - ele murmurou, e começou a trabalhar.

Ela o viu manipular a fechadura com grande concentração. Xan só interrompeu o

trabalho uma vez para sorrir para ela, antes de retomar esforço. Donna achava toda a

manobra muito complexa. Xan segurava cartão de crédito entre a porta e o batente, onde

ficava a lingüeta da fechadura, e introduzia a miniatura de adaga na fechadura, girando-a de

um lado para o outro com muito cuidado. Ele ficou ali abaixado por algum tempo, o casaco

arrastando no chão atrás dele. Em um certo momento, Donna teve certeza de ouvi-lo

sussurrar alguma coisa, e ela viu os lábios se moverem em silêncio como se acompanhassem os movimentos das mãos.

Depois de mais alguns minutos - e alguns palavrões e grunhidos de Xan - houve um *clic* abafado e a porta se abriu. - Viu? - ele disse triunfante. Donna o observou desconfiada.

- Como aprendeu isso?

O rosto dele era sério, fechado.

- Você não sabe tudo sobre mim, Donna Underwood.

- Parece que não. - Mas ela não insistiu, pelo menos de imediato. Estavam penetrando no corredor escuro da mansão, e ela assumiu a dianteira para indicar o caminho até a Sala Azul, guardando o amuleto de miniatura de adaga no bolso da calça jeans, e certificando-se de esconder o bracelete dentro da luva. Xan havia levado uma lanterna que pegou no carro, mas Donna não queria correr o risco de usá-la enquanto estavam andando por ali. Ela usava o telefone celular para iluminar apenas a área em que pisavam no corredor.

Andar por uma casa grande e escura no meio da noite - enquanto os moradores dormiam tranquilos em seus quartos no andar de cima a deixava incrivelmente nervosa. Pelo menos o tapete grosso abafava o ruído dos passos.

Quando eles já se aproximavam da entrada da biblioteca, o relógio anunciou meia-

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

noite. Alguém havia consertado o relógio de pêndulo depois que Simon a encontrara examinando o mecanismo, tentando fazê-lo funcionar. Donna parou de respirar enquanto as doze badaladas soavam do lado de fora da biblioteca, rangendo os dentes até o silêncio absorver a vibração. Ela percebeu que Xan segurava sua mão, algo que ainda nem havia notado; a pressão suave friccionava a luva de veludo contra a palma sensível. A sensação de estar cercada pela escuridão, com as badaladas da meia-noite ao fundo, era íntima e reconfortante. Quando o relógio finalmente concluiu seu anúncio, Donna usou a mão livre para abrir a porta. Eles entraram na biblioteca, e Xan fez um gesto avisando que ia acender a lanterna. Ela assentiu, esperando enquanto ele ajeitava o ângulo do raio de luz e o apontava para o relógio de pêndulo. As estantes em torno dele pareciam sinistras à meia luz, com as sombras dançando sobre os livros e despertando em Donna a lembrança do pesadelo recente. Tentando ignorar as imagens sombrias que invadiam sua mente, ela se aproximou do relógio com cautela e ficou ali parada. Apenas olhando para ele. Tudo bem, assim não ia conseguir nada. Ela estendeu a mão enluvada para o mostrador do relógio, tremendo quando as sombras na parede se moveram acompanhando a lanterna de Xan. Os dedos deslizaram pelo vidro que cobria o mecanismo, tentando encontrar algum detalhe que ela

poderia ter perdido antes. Se Simon não a houvesse interrompido, agora poderia poupar um bom tempo na busca. Deixando de lado essa irritação, ela se concentrou na tarefa. Tinha de haver um jeito fácil de abrir essa coisa. Seria realmente tão simples quanto abrir a caixa e encontrar o elixir lá dentro? Donna sorriu. Sim, podia ter esperança. Respirando depressa, ela deslizou os dedos pela parte de trás do relógio, pela madeira que guardava as engrenagens, procurando algum tipo de trava. Os dedos encontraram uma pequena saliência na madeira com grande alívio, ela virou o fecho e ouviu um *clic* promissor. Recuando e apoiando os dedos trêmulos na madeira polida da frente da caixa, Donna tentou entender o que havia conseguido fazer. De início, nada parecia diferente, e ela olhou para Xan com expressão confusa. Depois, ela sentiu o ar frio roçando seu rosto quando a caixa do relógio de pêndulo se abriu. A parte da frente se moveu, e Donna teve de pular para trás para não ser atingida por ela. Quando se aproximou novamente, ela notou que não havia mecanismo visível nem fechadura na superfície lisa da porta. Um arrepio percorreu suas costas. Ela fez um gesto impaciente, pedindo a Xan para

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

iluminar o interior do relógio. Depois se inclinou e tentou enxergar alguma coisa no meio das peças complexas, engrenagens e parafusos feitos de bronze, esperando encontrar ali um frasco esperando por ela. Talvez o recipiente estivesse envolto em seda negra, como as cartas de tarô de sua tia, para impedir que a energia negativa pudesse atingir o conteúdo. Mas não havia nenhum frasco. Porém, no fundo da caixa, repousando inofensivo no piso de madeira sob o principal mecanismo e o pêndulo de bronze do relógio, havia uma alavanca de aço com cabo de madeira. Ela estendeu a mão ansiosa. - Espere - Xan cochichou, segurando seu cotovelo. A lanterna projetou um raio que, por um momento, dançou pela sala num frenesi trêmulo. - Você não tem nem ideia do que isso pode fazer. Mordendo o lábio, Donna o encarou tentando demonstrar mais confiança do que sentia. - Deve haver alguma coisa aqui. Por que haveria uma trava secreta para abrir o relógio, se ele não esconde nada? E olhe... - Ela apontou para a caixa onde havia apenas o mecanismo comum, engrenagens e peças que compunham todos os relógios parecidos como aquele. - Não há mais nada lá dentro, então *isso* deve ser o que estamos procurando. Eu sei que é. Relutante, ele soltou o braço de Donna, que se virou novamente para a alavanca. Com

o coração batendo muito depressa, sentindo o suor escorrer pelas costas, ela segurou a alavanca com força e empurrou, notando com que facilidade o mecanismo mudava de posição. Era como se fosse usado regularmente e mantido lubrificado.

O relógio inteiro se afastou silenciosamente da parede. Só alguns centímetros, mas o

suficiente para ficar claro que havia uma porta atrás dele.

- Uau - Xan murmurou. - Legal!

Donna tentava conter a agitação.

- Vamos - ela disse. - Uma porta secreta que Simon ficou desesperado para proteger

deve guardar alguma coisa muito boa. Vamos lá.

Ela puxou o relógio para mais longe da parede e passou pela abertura, antes que Xan

pudesse fazer alguma coisa estúpida, como se oferecer para ir primeiro. *De jeito nenhum,*

Donna pensou. O tempo estava passando, e nada a impediria de encontrar um meio de salvar Navin.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

O corredor era revestido por pedras cinzentas e tinha piso de terra batida. Ele ficava

mais frio na medida em que ia se afastando da entrada por onde eles passaram. O terreno

parecia ter uma leve inclinação, e Donna logo percebeu que eles desciam, provavelmente

para um porão. Mas não era um porão dentro da casa - devia estar localizado do lado de fora, em algum ponto do terreno, ainda na propriedade, mas fora das paredes da mansão.

Não era necessário usar uma lanterna ou outro tipo de iluminação além do telefone celular, graças às estranhas pedras coloridas incrustadas nas paredes do túnel em intervalos regulares. Donna nunca vira nada parecido com elas, mas as pedras produziam luminosidade natural suficiente para que ela e Xan pudessem percorrer todo o corredor sem tropeçar um no outro.

O cheiro, por outro lado, era repugnante. Lembrava ovos podres com vinagre amargo, e Donna teve de cobrir o rosto com um

lenço para evitar a ânsia de vômito. Xan não parecia se incomodar tanto, embora comentasse que era "bem nojento". Donna sabia que experimentos alquímicos

freqüentemente utilizavam enxofre, e sua antecipação crescia quando ela pensava na possibilidade de ter encontrado o laboratório de Simon Gaunt.

Todos sabiam onde ficava o laboratório de Quentin - não era segredo para ninguém que ele gostava de passar boa parte das manhãs por lá, e Donna chegara até mesmo a ver o

interior do laboratório pelo vão da porta uma vez, quando ainda era bem pequena. O

estúdio e oficina do arquimestre ficavam no último andar da casa, em um sótão

especialmente reformado isolado do restante da casa de eventuais ruídos e cheiros. Mas

ninguém sabia onde Simon trabalhava em suas experiências de alquimia, ou mesmo se ele

tinha um laboratório próprio. Nada disso era surpreendente, já que como secretário oficial

da Ordem, ele não era muito mais que um administrador glorificado. Há muito tempo

Donna suspeitava de que Quentin havia criado essa vaga para Simon por causa do relacionamento pessoal entre os dois.

Depois de uma curva acentuada do túnel, eles chegaram repentinamente à porta de

carvalho mais pesada que Donna jamais vira. Por um momento ela entrou em pânico; não

podia ter feito tudo isso por nada. Se a porta estivesse trancada, sua força seria suficiente

para arrombá-la? A aparência da madeira era sólida, e ela podia ter alguma trava mágica.

Pelo menos o cheiro ruim parecia estar desaparecendo - ou ela estava se acostumando ao odor.

Donna examinou a porta e respirou aliviada. Não parecia haver nenhuma trava nela.

A única coisa visível - exceto pela maçaneta de ferro pintado de preto - era uma estranha

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

inscrição gravada em uma placa pendurada na altura dos olhos:
NOSSO TRABALHO COMEÇA NA ESCURIDÃO E NA MORTE

- Animador - Xan comentou.

- É, os alquimistas são sempre companhias muito divertidas -

Donna respondeu

com um suspiro pesado.

- Para ser bem sincero, eu diria que sua companhia tem me proporcionado os

melhores momentos da minha vida. - Sua expressão era totalmente honesta, mas Donna

não conseguiu evitar o olhar que lançou na direção dele. Xan pensava mesmo dessa

forma? Agitada, ela disse a primeira coisa que passou por sua cabeça:

- Sim, porque sou *muito* especial.

Ele franziu a testa. - Não faça isso.

- Isso o quê?

- Não se deprecie. Você não devia fazer isso, Donna.

Ela deu de ombros, desconfortável com a atenção excessiva.

- Bem, não consigo entender como passar tanto tempo comigo pode ser

divertido. Tudo bem, se acha "divertido" ser atacado por elfos e enfrentar as piores

criaturas dos seus pesadelos, então, sim, talvez tenha razão.

Os olhos dele brilhavam na quase completa escuridão.

- Você esqueceu de incluir a parte em que o cara beija a garota linda.

Donna ficou aliviada por haver tão pouca luz ali no fim do corredor; não queria

que ele visse como estava vermelha. Ela o ignorou e tentou abrir a porta, feliz ao sentir

que a maçaneta girava sem oferecer resistência.

Quando entraram na sala do outro lado, Donna logo percebeu que estavam em

um verdadeiro laboratório de alquimia. O conteúdo daquele espaço era material de

lendas - uma reprodução quase perfeita das descrições que lera nos livros acadêmicos

que estudava sob o olhar atento de Alma. Mas era muito mais. Esse laboratório era *real* -

havia ali um sentimento de vida e trabalho, uma sensação de que alguma coisa mágica

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

era preparada em algum lugar. Comparado ao clima desse laboratório, o de Quentin

Frost era só uma sala sem graça; quase um brinquedo de criança. O que era estranho,

Donna pensou, considerando que Quentin devia ser o líder da Ordem - o arquimestre.

A evidência diante de seus olhos parecia indicar que Simon Gaunt era muito mais

que um mero administrador. Talvez ele fosse um verdadeiro mago, algo incomum entre

as modernas Ordens alquímicas. Bem, pelo menos suas suspeitas a respeito do

comportamento de Simon se confirmavam. Sempre soubera que ele guardava segredos,

como se existisse algo de sombrio em sua vida.

No centro do grande espaço aberto diante deles havia uma estrutura cilíndrica

alta feita com tijolos. Era quase da altura de Donna, e olhando de perto ela percebia que

a estrutura era uma espécie de fornalha. Xan se aproximou para examinar a construção.

O calor se desprendia dos tijolos em ondas, e Donna compreendeu que aquilo era um

atanor - um forno que, tradicionalmente, era mantido aceso durante a maior parte do

ano.

Ela agarrou o braço de Xan, lembrando no último minuto de não fazer muita

força.

- Agora eu sei de onde vem a fumaça! - disse animada. Xan soltou o braço.

- Que fumaça?

- Ah, desculpe. - Donna balançou a cabeça lentamente e tentou ficar calma. - A

fumaça que vejo o ano todo nas partes mais afastadas do terreno, além do jardim.

Devemos estar bem embaixo dos limites da propriedade.

- Então, o que é essa coisa? Já notei que é um forno, mas o que ele faz?

Donna sorriu.

- Deixe-me apresentá-lo ao Henry Devagar. - Ela abriu o braço descrevendo um

arco, debochando e fazendo um gesto formal, como se o apresentasse ao atamor.

- Henry Devagar? - Xan também sorria. A animação de Donna era contagiante, evidentemente.

- É uma espécie de apelido, por causa do serviço constante e confiável prestado

por ele. O atamor queima lentamente em todas as estações, e raramente desaponta seu

dono. Sem fogo não há alquimia. Tudo começa aqui.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Quem poderia imaginar que alquimia era algo tão interessante?
Porque isso *era* interessante. Talvez, se Alma a deixasse ver de verdade todas

aquelas coisas, teria prestado mais atenção aos estudos.

Seus olhos já varriam o restante do espaço. Em uma das paredes, recipientes de

vidro de formas e tamanhos variados pendiam de ganchos de madeira, formando uma

fascinante coleção. Donna reconhecia alguns deles dos livros, mas outros eram

completamente misteriosos. Ela tocou com reverência alguns recipientes cujos desenhos

vira nos livros.

Do outro lado da sala, a parede se abria numa alcova pequena e escura. Donna

caminhou até lá e constatou que a alcova era, na verdade, uma passagem para outra

câmara - esta bem menor que a principal, com espaço suficiente apenas para uma

cortina cinza que ia do teto ao chão. A pesada cortina pendia de um cano que era

dobrado em intervalos regulares formando um quadrado; era como uma gigantesca

cortina para chuveiro. O quadrado delimitado por ela lembrava o cenário de um

mágico, despertando na mente de Donna a imagem de que, se entrasse no quadrado,

poderia desaparecer.

De repente ela percebeu o que era aquilo e sentiu a boca seca.

Estava diante da área mais sagrada do laboratório de um alquimista, o oratório -

um espaço para meditação e silenciosa contemplação. Donna estendeu a mão, como se

ela tivesse vontade própria, para tocar o tecido da cortina.

- O que é isso? - Xan perguntou.

Ela se sobressaltou, culpada e estranhamente feliz pela distração, e voltou à sala

principal para ver o que ele havia encontrado.

Um cano de cobre se estendia pela parede num louco padrão de ziguezague.

Donna o seguiu até sua fonte no chão: um grosso recipiente em forma de pêra feito de

um material indefinível. *Simon tinha um condensador espiral* - isso era loucura. Uma

antiga peça de aparato, o condensador espiral era usado para isolar as essências vivas de

qualquer substância. Se ela se lembrava bem, o condensador era parte importante do

processo usado para criar *homunculi* - pequenos seres artificiais nos quais se infundia a

força vital de uma variedade de compostos químicos.

- Xan, é isso! - Donna cobriu a boca com a mão, percebendo que havia

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

praticamente gritado. Não que isso tivesse alguma importância real ali embaixo, mas...

Precaução nunca é demais.

Xan olhou para o condensador como se pudesse começar a produzir o elixir a

qualquer momento.

- Essa coisa cria o elixir da vida?

- Não, não... Não foi isso que eu quis dizer. - Donna moveu as mãos, engasgando

com as palavras pelo excesso de entusiasmo. - Isto é um condensador espiral. Tudo bem, a explicação é longa e absolutamente tediosa, mas acredite em mim, esse aparelho é utilizado em um processo que cria, supostamente, miniaturas de formas de vida. Mas eu não sei se ele funciona *sem* o elixir.

Xan não parecia impressionado. - Então... ?

- *Então?* Por que ele manteria a droga do condensador espiral aqui no laboratório, se não fosse usá-lo? Seria inútil - esse aparelho não funciona sem uma gota do elixir misturada a outros componentes. Seria necessário preparar essa mistura toda vez que ele fosse operado. - Donna nunca havia pensado que se sentiria tão grata pelas intermináveis horas de estudo de tratados históricos sobre a prática da alquimia.

- Essa coisa é muito rara, não é? - Xan perguntou, começando a entender a situação.

- Sim! - ela confirmou, balançando a cabeça com tanto vigor que seu pescoço começou a doer. - Francamente, não acho que ele seria instalado aqui só "por acaso".

O que significava que devia haver por ali um pouco do elixir da vida. Donna caminhou até o centro do laboratório e começou a verificar tudo que havia na sala, tentando decidir onde um mago esconderia algo tão importante. Como a Ordem havia conseguido guardar um segredo tão estupendo? Nações teriam guerreado por conhecimento e poder como o que era guardado nessa sala. Pessoas haviam morrido na

busca pela vida eterna. No entanto, ali, em uma casa velha na periferia de Ironbridge, ela estava prestes a fazer possivelmente a maior descoberta de todos os tempos.

Sentia dor de cabeça só de pensar nisso.

Donna notou uma bancada de trabalho em um canto mais escuro, e sobre a

bancada havia uma variedade de objetos de aparência bem interessante. Ela

praticamente correu até lá e começou a estudar peças de metal, moedas de ouro,

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

recipientes com ervas e compostos minerais, e todo tipo de parafernália mística.

- Não fique aí parado - ela disse, olhando por cima de um ombro.

- Venha me

ajudar a procurar.

Xan se aproximou e começou a analisar os objetos do outro lado da bancada.

- O que estamos procurando, exatamente?

- Um frasco de vidro contendo um líquido.

Ele parou a busca e levantou uma sobrancelha, apoiando a lateral do quadril na bancada.

- E de que cor é esse líquido? - Donna mordeu o lábio.

Oh, por favor, memória, ela pediu. *Não falhe agora.* - É... vermelho?

- Você não parece ter muita certeza.

- É vermelho. - Ela assentiu para enfatizar a afirmação.

- Tudo bem.

- Ou... Avermelhado.

Xan revirou os olhos e voltou a procurar.

Havia prateleiras sobre a bancada - todas cheias de artefatos ainda mais

intrigantes, e também pastas e caixas cheias de papéis.

Considerando que Simon era o

responsável pela organização e administração da Ordem, ele não demonstrava muita

habilidade para o ofício em seu laboratório, Donna pensou.

Ela se levantou na ponta dos pés, e os dedos entraram em contato com algo

sólido em uma das prateleiras mais altas. Era como uma pedra lisa - talvez algum tipo

de entalhe ou incrustação. Esticando o braço tanto quanto podia, ela tentou agarrar o

curioso objeto. A textura e a temperatura sugeriam que podia ser feito de mármore; ou

algum tipo de metal, talvez? Quando os dedos se fecharam em torno da base pesada e

ela puxou o objeto para baixo, Donna ouviu um *clic* sinistro.

A estátua de bronze na mão dela começou a gritar.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



Donna gritou e soltou a estatueta.
Ela caiu no chão de pedra com um barulho assustador, mas a
cabeça de bronze
continuou gritando. Seus lábios se retorciam numa grotesca
expressão de dor, a boca
permanecia muito aberta e dela saía um grito *humano*.

- Faça ele calar a boca! - Xan berrou, seus olhos verdes expressando desespero e terror.

- Não sei como! - Donna respondeu, olhando apavorada para a coisa que se balançava

para trás e para frente no chão. Os olhos vazios e o nariz curvo davam ao rosto masculino

uma aparência como a de uma gárgula, mas a intenção nítida do escultor era reproduzir

uma cabeça humana de cabelos encaracolados - também feitos com bronze - e uma boca

pequena e fina que continuava gritando.

Xan a empurrou e levantou o pé calçado com uma bota pesada. - Não, espere - Donna

gritou, agarrando-o pelo casaco e tentando puxá-lo para trás.

Mas, ou ele não a ouvia em meio ao barulho dos gritos, ou preferiu fingir que não

ouvia, porque, no instante seguinte, Xan pisou no rosto de metal.

- Ugh! - a estátua gemeu antes de silenciar.

Por um momento, o único som no laboratório era o ronco abafado do Henry Devagar.

Donna inspirou profundamente e olhou para a cabeça de bronze, que agora era só uma

estátua comum, inanimada - um antigo busto retratando um homem que devia ter sido um

alquimista no passado. Seus olhos eram mortos e vazios, e havia alguma coisa

inegavelmente... *má* naquela cabeça.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Estátuas gritando levavam toda a situação a um novo nível de loucura. Até onde ia o conhecimento de Donna sobre alquimia, isso era algo de que não se tinha notícias - era um

tipo de magia que fazia sua pele arrepiar e punha em pé os cabelos mais finos em sua nuca.

Era um sistema de alarme, certamente: havia disparado algum tipo de aviso sonoro mágico

quando retirara a estátua da prateleira. O que Simon Gaunt estava *fazendo* nesse

laboratório? O lugar não era só o espaço de trabalho de um alquimista, e seria capaz de apostar a vida nisso.

Donna passou a mão sobre a boca e continuou olhando para a cabeça silenciosa de metal.

- O que acha que devemos fazer com ela?

Xan parecia tão abalado quanto ela.

- Não tenho ideia. Essa é sua área de especialização, não minha. Ela estremeceu.

- Não sei nada sobre *isso*.

- Talvez seja melhor colocarmos a estátua de volta onde você a encontrou.

As palavras mal haviam acabado de sair de sua boca, quando o som abafado de passos

além da porta os alertou para a aproximação de alguém.

- Droga! - Donna respirou fundo e pegou a cabeça do chão, praticamente

arremessando a estátua de volta à prateleira de onde a tirara. Em seguida ela olhou em volta,

tentando encontrar um esconderijo decente. Se alguém os encontrasse ali, estariam mortos.

Donna seria levada à presença de Quentin, e sua tia ficaria horrorizada e desapontada - sem mencionar o pequeno detalhe relativo à presença de um meio-encantado que agora sabia sobre certos segredos alquímicos. Ela tentou nem imaginar qual seria a reação de Simon; invadir o espaço privado de um alquimista e tocar suas ferramentas mágicas teria sido considerado uma ofensa grave nos velhos tempos. As penas para esse crime eram severas. Seus olhos focaram a alcova onde ficava o oratório. Já era grave estar dentro do laboratório, mas o que considerava fazer agora era um sacrilégio. Mas que opção tinha? Os passos se aproximaram e pararam de repente.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Aqui - Donna sussurrou, puxando Xan para a pequena câmara. Não havia tempo para dúvida ou hesitação. Eles se esconderam atrás da cortina, e ela arranjou o pesado tecido com todo cuidado permitido por suas mãos trêmulas.

- Que lugar é este? - Xan cochichou?

- O oratório. Este deve ser o altar de Simon. - Donna olhou para a sólida mesa de madeira, única coisa a ocupar o espaço apertado, além deles mesmos. Ela tentou engolir a culpa.

A porta do laboratório foi aberta, depois fechada com força. Donna pulou, agarrando o casaco de Xan como se talvez pudesse se esconder dentro dele. Ela percebeu que os braços de Xan a envolveram, e apesar do medo de ser descoberta, o abraço era maravilhoso, tão... Seguro e quente, embora odiasse a sensação despertada por ele, a de que *precisava* dessa segurança. Não queria ser a garota patética que estava sempre correndo para os braços do garoto e pedindo ajuda. Mas, às vezes, como aprendia rapidamente, não havia problema nenhum em reconhecer a necessidade de ajuda e apoio. E era bom sentir que podia contar com mais alguém, além de Navin. Só para variar. Ao pensar nisso, uma imagem de Navin exausto e aflito invadiu sua mente já ansiosa, e Donna se afastou de Xan e olhou em volta. Não sabia quem estava na sala lá fora, mas ouvia a pessoa resmungar enquanto ajeitava as coisas sobre as bancadas. Não podia ter certeza de que era Simon, mas estava quase certa disso. Ele havia escutado os gritos da estátua e corrido para o laboratório? Mas estavam tão longe... Talvez o secretário da Ordem não conseguisse dormir e estivesse se ocupando com o trabalho para passar o tempo.

- Temos que sair daqui - Xan murmurou.

Que comentário óbvio, Donna pensou. Ela o ignorou e começou a verificar os objetos sagrados sobre o altar. Além de alguns medalhões com símbolos alquímicos de vários componentes e um recipiente que parecia conter sal, o principal objeto sobre o altar era uma caixa de tampa de bronze do tamanho do porta-jóias de sua mãe.

Mas ela sabia que a caixa não era um porta-jóias. Prendendo o fôlego enquanto

estendia a mão, Donna se perguntou se teria coragem de olhar o que havia dentro dela.

Aquilo era uma incubadora, o recipiente tradicionalmente usado para guardar a *prima*

materia - a matéria prima.

Era estranho pensar que Alma havia falado demoradamente sobre o assunto ainda

essa semana, durante uma de suas aulas. Teria sido ontem? Ela ficou séria e tentou lembrar.

Podia ter sido no ano passado.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Se a incubadora continha mesmo alguma *prima materia*, então estava muito

encrascada. Ninguém além do alquimista que a encontrava podia tocá-la ou mesmo *olhar*

para ela. O que sempre havia parecido meio bobo para Donna. Afinal, não se pode criar a

matéria prima; como um dos tijolos da realidade, ela simplesmente *existe*. Então, como é

possível que pertença a alguém, seja quem for?

Ah, bem, ela pensou. Tarde demais para arrependimentos.

A caixa estava selada, sem nenhuma abertura visível, mas Donna sabia que sob o

cobre ela era feita de madeira rústica, quanto mais natural, melhor. Não se surpreenderia se

ela fosse entalhada em cortes de árvore de Ironwood. Parando para ouvir o que acontecia lá

fora, no laboratório, ela escutou ruídos de vidro tilintando e o ronco da fornalha, agora mais

alto. A porta de Henry Devagar devia estar aberta.

Donna pegou a incubadora e pensou no que Simon Gaunt podia estar fazendo,

guardando um pequeno pedaço do universo em seu laboratório.

Diante dos olhos atentos de Xan, ela amassou a caixa entre as mãos como se

amassasse urna folha de papel. A madeira sob a cobertura de bronze rachou com um estalo,

e o barulho fez seu coração bater tão forte que ela teve certeza de que poderiam ouvi-lo,

mesmo com todo o barulho do carvão sendo jogado na fornalha.

Donna ficou quieta por um instante, quase sem respirar, olhando para os olhos verdes

de Xan, mas nada aconteceu. Ela começou a remover os pedaços da tampa quebrada da

incubadora, soltando-as da base rachada.

Donna não se surpreendeu ao ver o punhado de terra preta que caiu sobre o altar. O

que quase a fez cair de susto foi o frasco de vidro meio enterrado na substância escura e

granulosa.

Com o coração na boca, ela o extraiu com cuidado da caixa destruída. O frasco estava

inteiro. Era do tamanho de um dedo mínimo, comprimento e espessura, e continha duas ou

três gotas de um líquido vermelho como sangue.

Xan a encarou e os dois suspiraram aliviados.

Ele balançou a cabeça, e um sorriso nervoso distendeu seus lábios.

- Essa foi por pouco - Xan sussurrou. - Você podia ter quebrado o recipiente.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna se sentia enjoada. Quase destruíra sua única chance de salvar Navin.

Mas *não* destruíra, e agora tinha em mãos algo que supostamente podia criar nova

vida, curar todas as doenças, e até conferir imortalidade. Ela olhou para o brilho vermelho e girou aquelas poucas e preciosas gotas dentro do frasco.

O elixir da vida bem ali, no laboratório de Simon. Talvez a terra na incubadora nem

tivesse importância; podia ser só um pouco do piso do jardim usado como disfarce, uma

forma de esconder o verdadeiro conteúdo da caixa. Inspirando profundamente, Donna

enfiou a mão no bolso do casaco e pegou a bolsinha onde guardava o bracelete com os

amuletos, presente de sua mãe. Ela guardou o frasco dentro da bolsa e a guardou novamente

no bolso, empurrando-a para o fundo.

Não conseguia acreditar no que acabara de fazer. Agarrara o prêmio; agora, tinham de

pensar em um jeito de sair dali inteiros. A segurança de Navin e do Criador dependia de

conseguir levar o elixir para os elfos da floresta.

Mas seria mesmo capaz de entregar algo tão valioso?

Ela ouviu a porta do atemor sendo fechada com um som metálico que ecoou até no

interior da pequena câmara onde estavam escondidos. Simon devia ter terminado de abastecer o Henry Devagar. Donna cutucou Xan e puxou sua cabeça para baixo para poder cochichar perto de sua orelha.

- Talvez ele só tenha vindo para isso. - Seu rosto quase tocava o dele.

Xan assentiu.

- Certo. Acho que alguém precisa manter aquela coisa acesa, principalmente se ele funciona o ano todo, como você disse.

Os passos se afastaram lentamente. Donna imaginava que se dirigiam à porta. *Oh, por favor*, ela implorou. *Faça-o ir embora*.

A pesada porta de madeira se fechou.

- Agora! - Donna sussurrou. - Temos que sair daqui.

- Espere, deixe-o ir mais longe - Xan sugeriu sério, resistindo enquanto ela o puxava para a cortina que já havia afastado.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Não quero ficar presa aqui - Donna repetiu. - Venha, Xan, *por favor*. Precisamos ir embora!

Eles correram de volta à câmara principal. Donna umedeceu os lábios e examinou a área. Segurando a mão de Xan, ela correu para o outro lado do laboratório, rangendo os dentes quando passaram pela estante onde estava a estátua.

A cabeça de bronze acordou.
Ela parecia ter se recuperado do impacto causado pelo pé de Xan, e começou a gritar como se alguém ameaçasse derretê-la. O *que não seria uma má ideia*, Donna pensou, tomada repentinamente por um impulso selvagem.
Passos ecoaram do lado de fora, voltando ao laboratório. Xan ameaçou correr para o oratório.
Donna balançou a cabeça.
- Não! Ele vai olhar lá dentro!
Ele franziu a testa por um instante, depois olhou para a porta.
Donna entendeu a sugestão sobre onde deveriam se esconder, mas não estava inteiramente convencida de que ia funcionar.
Mas quando a maçaneta da porta se moveu, ela decidiu que esse era o melhor plano que tinham no momento.
Os dois se jogaram sob uma bancada de trabalho, espremendo-se no espaço entre as pernas do móvel. Era um espaço bem pequeno, mas eles conseguiram desaparecer no exato instante em que a porta se abriu e alguém entrou no laboratório.
A estátua de bronze continuava gritando - diretamente acima deles. Donna especulou se a coisa não poderia enxergar. Era assim que ela funcionava? Ou simplesmente fazia aquele barulho horrível sempre que alguém a incomodava; alguém particularmente idiota como *ela*. Donna olhou furiosa na direção do barulho e tentou não pensar no fato de estar praticamente sentada no colo de Xan. Não havia espaço para se mover - nem para *respirar*, quase. Ela tentou imaginar como ele lidava com isso, considerando quanto era mais alto que ela.

Os braços de Xan a enlaçaram e ele a puxou contra o peito. Donna estivera tentando

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

impedir *algumas* partes do corpo de entrar em contato direto com o dele, mas era

impossível, e suas pernas doíam em resultado do esforço. Pelo menos agora podia relaxar e

se apoiar nele, sem ter a sensação de que cada músculo do corpo ia explodir. Ele era tão

quente... já havia notado isso antes, como na noite em que Xan a beijara.

A imagem invadiu seus pensamentos, e ela o encarou. O nariz quase tocou o dele. Era

possível ver as linhas de riso que cercavam seus olhos, mesmo à meia-luz. Ele devia estar

sorrindo, mas estava perto demais para poder ver sua boca.

Como ele podia sorrir num

momento como esse? O garoto definitivamente tinha um gosto pelo perigo, e isso era algo

que a atraía. Sempre fora cuidadosa, e agora conhecia alguém que assumia riscos e flertava

com ela quando estavam a segundos de serem descobertos.

Era totalmente sexy.

De onde estavam encolhidos eles podiam ver um par de pernas se aproximando da

bancada. Donna prendeu a respiração e imaginou que estava invisível. As pernas estavam

vestidas por uma calça de pijama cor de vinho que era um pouco curta, revelando tornozelos

brancos e finos e pés cheios de veias espremidos em chinelos marrons. *Eca.* Era Simon, sem dúvida nenhuma.

- Silêncio - o alquimista disse com voz fria.

Donna se assustou, e só o reflexo rápido de Xan a impediu de pular e bater com a

cabeça na parte de baixo da bancada. Ela se concentrou em reduzir o ritmo da respiração.

E também rezava para o sistema de alarme da estátua não ser capaz de apontar onde estavam.

Milagrosamente, o bronze respondeu ao comando de Simon. Um silêncio abençoado reinava agora no laboratório.

Ele parou diante da estátua e se ergueu na ponta dos pés. - Alguém mais esteve aqui?

Donna tinha certeza de que podia sentir na boca o gosto do medo.

Seu coração batia muito depressa. Ou eram os batimentos de Xan que estava

sentindo? Colados como estavam, era impossível determinar onde terminava um e

começava o outro. Suas pernas estavam emaranhadas nas dele e o rosto repousava no ombro

largo de Xan. A mão dele segurava sua nuca com uma firmeza gentil, o polegar se movendo

sob sua orelha num gesto repetitivo que traía nervosismo.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

A estátua de bronze falou, quase relutante, como se as palavras fossem arrancadas

dela. Sua voz era aguda e soava distante.

- Duas pessoas, mestre. O oratório.

Donna sentiu um forte alívio. Com o nariz colado ao rosto de Xan, ela respirou fundo.

Mas se recompôs quando os pés de Simon voltaram à alcova.

- Pronto? - ela perguntou, olhando para Xan com evidente determinação.

Ele assentiu, e os dois saíram de baixo da bancada e correram pela sala, para a porta

aberta e para o corredor.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





Donna correu até ter a impressão de que o peito ia explodir. Os pulmões queimavam,
as pernas eram como duas pedras muito pesadas, mas ela continuava correndo sem olhar para trás, e continuou até chegarem ao outro extremo do corredor.

Xan tomou a dianteira quando eles passaram pela abertura atrás do relógio de pêndulo, depois bateu a porta. Donna se encolheu ao ouvir engrenagens e peças variadas sacudindo dentro da caixa de madeira. - Ops - ele disse.

Donna o encarou.

- Vai acabar acordando o resto da casa.

- Bem, desde que não haja outra saída secreta para o *laboratório secreto* - ele levantou

e abaixou as sobrancelhas algumas vezes numa careta engraçada. - O cara de chinelo não vai poder sair de lá.

Donna resistiu à tentação e revirar os olhos.

- Como se ele não soubesse operar o mecanismo da porta pelo lado de dentro. O

laboratório secreto é *dele*.

Xan deu de ombros.

- É melhor sairmos daqui. Já temos o que viemos buscar.

Donna assentiu, tocando o pequeno volume no bolso do casaco.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Só precisava ter certeza de que estava mesmo ali. O *elixir!* Mal podia acreditar,

mesmo depois de tudo. Ela verificou se a caixa do relógio estava corretamente fechada, e

depois olhou para o mostrador de marfim mais uma vez.

- Droga - resmungou. - Olha *só*, parou!

Xan se aproximou intrigado.

- É, e olhe *só* a hora. Pouco depois da meia-noite, exatamente quando o abrimos.

- Não podemos nos preocupar com isso agora.

Usando o celular como fonte de iluminação mais uma vez, Donna correu para a porta

da biblioteca e examinou o corredor silencioso para ter certeza de que não havia ninguém

ali. Estava se preparando para sair, quando ouviu um *clic* metálico em algum lugar acima deles.

Seu coração disparou, e ela ficou onde estava. Não conseguia deixar de pensar que, se

sobrevivesse àquela noite, certamente viveria alguns anos menos depois de toda essa tensão.

Xan tocou seu ombro.

- Acho que era uma porta se fechando.

- O quê? - Donna perguntou, tentando manter a voz baixa, apesar do pânico.

- Tem alguém descendo a escada.

Donna prestou atenção.

- Tem certeza?

- Absoluta. Tem alguém andando por aí - tive a impressão de que *subiram* a escada, e

agora estão descendo de volta. - Talvez estejam apenas indo à cozinha...

Ele comprimia os lábios numa linha severa.

- Ou talvez estejam vindo para cá.

Donna foi até a janela e a abriu completamente. - Por aqui, depressa.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- O que está fazendo? - Xan cochichou aflito.

- Temos que sair daqui. *Agora!*

Depois de olhar para a porta pela última vez, ele a seguiu até a janela e começou a

destravar as venezianas, empurrando-as contra as paredes externas da casa.

- Você primeiro - disse Donna.

- Não seja idiota e...

Ela o empurrou. Com força.

- Não temos tempo para discutir. Você. Primeiro. - Cada palavra foi pronunciada de maneira firme, enfática, enquanto os olhos permaneciam fixos nos dele. Não deixaria ninguém de quem gostava se ferir por causa dela. Nunca mais. Eles ainda estavam ali quando as pancadas soaram atrás do relógio de pêndulo.

Xan resmungou um palavrão e jogou as pernas para o outro lado da janela. Mesmo estando no térreo, a altura ainda era considerável. A janela ficava sobre um jardim que, com canteiros cavados, parecia estranhamente um fosso, embora Donna nunca houvesse pensado nisso antes.

Ela olhou para Xan mais uma vez antes que ele desaparecesse. Tinha um mau pressentimento que se manifestava na forma de um intenso desconforto no estômago - como se alguma coisa ruim fosse acontecer, mas ela não conseguisse precisar o que era. Xan tocou seu rosto e ofereceu um sorriso rápido. E no instante seguinte ele desapareceu, virando-se e pulando da janela para a grama lá embaixo.

Ele aterrissou com um baque audível que a fez se encolher. Donna subiu na janela, inclinou o corpo para frente e conteve um grito chocado ao sentir o ar gelado no rosto. Ela passou uma perna por cima do parapeito, apoiando o pé em uma saliência de pedra, enquanto o outro ainda estava dentro da sala.

Naquele momento, quando Donna olhava para baixo e via Xan parado esperando ela saltar, a luz da Sala Azul foi acesa. Ela virou e se viu diante de Quentin Frost, que permanecia parado na porta ainda vestindo o pijama sob um roupão azul marinho. Donna

virou a cabeça rapidamente, de forma que ele só pudesse ver seu cabelo coberto pelo chapéu de lã preta.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Ei, você! - Quentin gritou. - Pare!

Um baque final do outro lado do relógio acompanhou as palavras do arquimestre, e

Donna arriscou um olhar por cima do ombro. Simon passava pela abertura estreita.

Ela não hesitou; segurando o casaco para evitar que ficasse enroscado na janela,

Donna se jogou para o outro lado. Não havia tempo para sentir medo - Donna apenas

confiava que Xan a ampararia quando ela caísse como uma pedra em cima dele. O estômago

subiu até sua garganta enquanto ela caía. O ar gelado passava por seu rosto e ela abriu os

braços, como se pudesse voar.

Donna aterrissou com um estalar generalizado dos ossos, embora Xan a houvesse

amparado antes de ela realmente chegar ao chão. Esparramada sobre seu peito, ela sentiu

uma onda de culpa e adrenalina ao sentir os braços envolvendo seu corpo; podia ouvir sua

respiração pesada perto da orelha esquerda.

Eles se soltaram, e Donna sentiu um arrepio quando as mãos dele tocaram de raspão

suas costelas enquanto Xan a ajudava a ficar em pé. Ela olhou rapidamente para a janela.

A silhueta de Simon Gaunt estava recortada contra a luz do interior da sala, sua mão

direita erguida como se ele pretendesse arremessar alguma coisa. Donna agarrou o braço de

Xan e o puxou com desespero. - Corra!

Eles correram para o muro da propriedade. Donna fez uma curva para a direita,

buscando a proteção de um pequeno aglomerado de árvores, mas Xan parecia preferir uma

rota mais discreta. Ela respirava ofegante e sentia o coração bater forte no peito, olhando

para trás de tempos em tempos; as luzes se acendiam em todas as janelas da mansão,

iluminando o gramado bem cuidado.

Num último esforço, Donna alcançou o muro depois do que pareceu uma eternidade,

ofegando e curvando-se para frente numa tentativa desesperada de recuperar o ar. Xan

esperava por ela - ele nem parecia cansado, aliás - e Donna conseguiu enxergar por entre as

árvores a casa iluminada. E também viu duas pessoas percorrendo o jardim. Simon já devia

ter acordado os criados. Não havia muita gente procurando, mas os que se moviam pelo

terreno eram suficientes para tornar urgente a necessidade de saírem dali o mais depressa

possível. Conhecia Simon Gaunt, sabia que ele provavelmente já havia chamado a polícia,

Donna pensou com amargura. Ele era sempre muito eficiente e correto com as questões

administrativas, mas alguma coisa dizia que dessa vez seria diferente. Ele já devia ter

encontrado a incubadora em seu espaço de meditação.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

E já devia saber que o elixir desaparecera.

Xan a ajudou a subir no muro e pular para o outro lado, e os dois correram juntos até

o carro. Tudo indicava que haviam conseguido, mas Donna não se sentiria segura enquanto

não colocasse uma distância segura entre eles e Frost Estate.

Quando eles arrancaram em alta velocidade - com Xan olhando pelo retrovisor para

verificar se eram seguidos - Donna sentiu um profundo desânimo. Ela tirou o chapéu de lã e

abriu o casaco, tentando entender qual era o problema com ela.

Estavam conseguindo

escapar, não?

E então ela soube. A inquietante constatação a dominou como um caso grave de

intoxicação alimentar. Ela deslizou as mãos pelos braços, verificando as mangas do casaco só

por precaução.

- Merda - resmungou. - Meu bracelete com os talismãs desapareceu.

Havia revisto todas as possibilidades centenas de vezes, mas sabia que devia ter

perdido a pulseira em algum lugar da casa de Quentin. Pior que isso, ela provavelmente

caíra no laboratório de Quentin. E ela imaginando que a pulseira lhe daria sorte. Donna

enterrou a cabeça entre as mãos e gemeu.

- Talvez ela tenha caído do lado de fora, em algum lugar do jardim; isso não seria tão grave. - Xan sugeriu.
Donna suspirou com uma mistura de exaustão e desânimo.
- Como, exatamente, isso "não seria tão grave"? Não acha que Quentin - ou Simon, pelo menos - vai tomar providências para que todo o terreno seja revistado?
Xan olhou para ela por um instante, depois voltou a olhar para a estrada, dirigindo com atenção e segurança.
- Pensei que você houvesse dito que o bracelete era novo. Talvez eles não liguem a peça a você.
Donna balançou a cabeça e olhou para ele com ar culpado.
- Não é tão simples. Sim, a pulseira com os amuletos é nova *para mim*, mas ela foi de minha mãe. Mamãe me deu o bracelete quando fui visitá-la no final de semana. Mesmo que Simon não saiba que a pulseira pertenceu a minha mãe, minha tia com certeza sabe.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela acionou o mecanismo do vidro elétrico e esperou paciente que a janela se abrisse.

Ar fresco sempre a ajudava quando sentia a mente confusa e cheia como um aspirador de pó; costumava dar longas caminhadas sempre que precisava pensar com clareza. Perder o

pai e a mãe (sem entender realmente o que havia acontecido com a mãe), além dos problemas que enfrentara na escola, a fizera sentir que estava distante do mundo. Caminhar a ajudava a sentir que restabelecia a conexão com seu ambiente físico, pelo menos. Gostaria de poder sair do carro agora e caminhar de volta para Ironwood. Donna pôs a mão no bolso do casaco e sentiu o formato reconfortante do frasco.

Retirando-o do bolso, ela sentiu seu peso como se avaliasse quanto valia. Quanto estava disposta a ceder - o que estava *realmente* disposta a sacrificar por Navin?

Ela fechou os olhos, sentindo a brisa fria brincar com seus cabelos, e depois de um instante voltou a abri-los. Donna pigarreou.

- Não consigo acreditar que a Ordem teve o elixir durante todo esse tempo - disse em

voz baixa. - Sempre suspeitei de que eles estavam trabalhando para produzir mais, porque

restava muito pouco deste elixir - ou nada, mesmo. Mas o elixir da vida é composto por um

número absurdo de ingredientes, e pode haver até *quinze etapas* a seguir em sua criação. A

pedra filosofal é necessária para o estágio final do processo; ela é como o fósforo que acende o pavio.

E, é claro, Donna pensou, a pedra filosofal estava desaparecida há séculos. Sua última

localização conhecida? Londres, Inglaterra.

Xan parecia disposto a dizer alguma coisa, mas depois se voltou para a janela como se

alguma coisa houvesse corrido entre os arbustos ao lado da estrada. *Só um gato, talvez um*

gambá, Donna pensou, sentindo o coração disparar. Todas as sombras pareciam ter algum

potencial de perigo. Ela tentou lembrar-se de respirar.

- Talvez o frasco seja realmente tudo que resta - Xan comentou.

E ela já havia

pensado nisso, é claro - e a ideia não servia para diminuir a culpa que sentia por *considerar* a

possibilidade de entregar o elixir ao inimigo.

Donna encheu os pulmões com o ar gelado mais uma vez, a última, antes de fechar a

janela. Tinha a sensação de que sua cabeça poderia explodir; a dor que começara a sentir na

nuca agora se espalhava pela cabeça inteira. Ela se virou para olhar para Xan, que dirigia o

carro a caminho de Ironwood.

- Então, o que vamos fazer com o elixir? - ele perguntou de repente. - Não podemos

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

simplesmente entregá-lo à Sua Maldade Real como se fôssemos crianças bondosas e obedientes.

Donna passou a mão pelo cabelo embaraçado, empurrando algumas mechas para longe do rosto frio.

- Francamente? Não tenho a menor ideia. Por mais que eu queira salvar Navin - e

acredite, eu o salvarei de um jeito ou de outro - quanto mais penso nisso, mais me assusta

imaginar que os elfos terão o elixir. Quem sabe para que eles o querem realmente?

- Bem, se vamos falar com franqueza, preciso confessar que não sei nem quem são os homens maus nessa história. - Ele a fitou rapidamente. - Não me entenda mal, Donna, mas pelo que vi até agora essa sua Ordem do Dragão parece ser bem sombria.

Por um momento ela não soube o que dizer. A questão era que... Xan estava certo. Ao longo da última semana - e mesmo antes disso sentira sua confiança na "correção" da Ordem começar a desmoronar. É claro, agora sabia que o Criador não estava fazendo experiências com elfos da floresta em sua oficina, mas esse conhecimento não restaurava a fé. Pelo contrário, só aumentava sua confusão.

- Eu sei - ela falou. - O que acabamos de ver no laboratório de Simon... - Ela parou de falar e deixou escapar um suspiro frustrado. Nunca vi nada parecido antes.

- Está falando sobre a estátua possuída? Sim, aquilo foi *horrível*.

- Acha que ela estava possuída? - Donna se arrepiou. - Senti alguma coisa... errada, sabe? Algo distorcido e sombrio.

- O que quer que fosse, tivemos sorte por ela não ter conseguido nos ver embaixo da

bancada. Cheguei a ter certeza de que seríamos pegos.

Esse era um sentimento que Donna podia deixar para trás.

Quanto ao restante da

história, não tinha certeza. E cada minuto que passava agora os levava para mais perto da

Rainha da Floresta e os elfos; mais perto da possibilidade de salvar Navin.

E ainda não sabia que diabo ia fazer.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





As copas altas e verdes e os galhos longos de Ironwood esperavam silenciosos sob uma lua cheia cercada de nuvens. Donna sentiu um arrepio, mesmo estando agasalhada com o casaco longo e o chapéu de lã. Queria que Xan a abraçasse, mas, imediatamente, ela se censurou em pensamento por pensar nisso enquanto Navin corria perigo tão grande. Qual era o problema com ela? Donna suspirou, e se surpreendeu ao perceber que ainda estava abalada depois da fuga de Frost Estate. Caminhavam por entre as árvores, procurando a entrada do Antigo Caminho que haviam usado antes. Donna estava quieta desde que entraram na floresta; não conseguia parar de pensar sobre o que iam enfrentar, e em tudo que acontecera com ela desde que

conhecera Xan na festa do sábado passado. A mão se fechou num gesto instintivo em torno da bolsinha dentro do bolso do casaco, como se quisesse se certificar de que ela ainda estava lá. De alguma forma, o simples fato de saber que o frasco ainda estava seguro e com ela dava forças para seguir adiante. De repente Xan parou com os olhos muito abertos. O som que ele ouvira fez o sangue de Donna congelar nas veias. Ao longe, gritos sobrenaturais ecoavam por entre as árvores, fazendo doer os ouvidos e tremer os dentes. Donna tinha a impressão de que o coração havia parado de bater; todo seu corpo era dominado repentinamente por uma intensa fraqueza. Temia estar a um passo de um desmaio. Era como um grito estridente, um berro que afetava seus nervos como unhas arranhando um quadro negro. O som trazia à cabeça a imagem de uma criança pequena sendo assassinada.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Se não soubesse tudo que sabia, poderia até pensar que eram raposas. Como gostaria que fossem apenas raposas.

Xan a encarou, e ela soube que seu medo era evidente. O rosto dele expressava algo

que Donna não conseguia identificar. Seus olhos eram guardados, o brilho natural se reduzia a um tom profundo de musgo, mas havia alguma coisa em sua expressão que a levava a pensar que ele não estava tão calmo quanto queria parecer.

- O que foi isso?

Donna engoliu em seco, sem conseguir desfazer o nó que se formara na garganta.

- *Isso* foi um sinal para nos movermos o mais depressa possível. Ele a impediu de continuar e passar na sua frente, segurando-a pelo braço.

- Isso é o que eu *penso* que é?

Sabia que se colocava na defensiva, que isso era horrível, mas não conseguia evitar.

- Não sei o que pensa que é, Xan. Não leio pensamentos.

Inabalável, Xan deslizou a mão por seu braço até segurar a mão dela. - O Skriker.

Era uma afirmação, por isso ela não se deu ao trabalho de responder, embora não

tentasse soltar a mão dele quando voltaram a caminhar.

Xan se afastou da trilha principal, e eles começaram a luta contra galhos baixos e

samambaias que Donna reconhecia da primeira visita que fizeram juntos à floresta, e mais

uma vez ele ia afastando os galhos para deixá-la passar sem se ferir.

Chegaram à pequena clareira e ficaram juntos, bem perto um do outro. As árvores

pareciam se debruçar sobre eles, projetando sombras e mais sombras sob o luar. Donna

estremeceu, sentindo aquele mesmo peso sobre os ombros e a mesma pressão na nuca. Ela

tentava respirar com um mínimo de normalidade enquanto esperava o cheiro horrível de

umidade e decomposição, de troncos de árvores cobertos por líquens e musgos, mas era

impossível não sentir o odor. Ela torceu o nariz.

Xan repetiu o ritual mágico que abria passagem para o Antigo Caminho, recolhendo

terra e folhas do chão úmido. Donna sabia que, quando ele levantasse a cabeça, seus olhos

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

estariam novamente brilhando como esmeraldas. Quanto mais se aproximavam do coração

de Ironwood, mais encantado ele se tornava. A ideia a assustava e excitava.

Ele parou diante dela, as mãos cheias de terra e galhos. - Segure minha mão como na última vez, Donna.

Ficaram ligados por natureza e magia enquanto Xan falava as palavras ancestrais que

abririam a porta para a Terra dos Elfos. A pele de Xan ia se tornando mais dourada e

cintilante, como se competisse com o luar frio que os envolvia, e seus olhos brilhavam

intensamente. Donna prendeu o fôlego ao sentir o poder se manifestando em suas

entranhas, e esperou pelo início da forte dor nas mãos.

A repentina onda de escuridão os envolveu, bloqueando momentaneamente toda luz,

e o cheiro de umidade e decomposição tornou-se mais intenso. O aroma quase a fez vomitar

ao penetrar pelos lábios entreabertos e descer pela garganta.

Em seguida a escuridão se dissipou; Donna sentiu um forte alívio ao ver novamente o brilho do luar entre as árvores altas. E lá estava o Antigo Caminho, com árvores frondosas dos dois lados da trilha e uma cobertura verde de folhas que davam à passagem a aparência de um túnel. Folhas secas e pedaços de galhos estalavam e farfalhavam sob seus pés quando ela assumiu a dianteira, apesar dos protestos de Xan. Eles seguiram em frente, aproximando-se da clareira onde ela sabia que Navin os esperava. Pensar no confronto com os elfos da floresta fazia o estômago se revoltar e o coração bater mais depressa, mas ela tentou acalmar o ritmo da respiração e pensar apenas no melhor amigo. Ele precisava de sua ajuda.

A cobertura de folhas finalmente se abriu, e eles encontraram a clareira. Donna se surpreendeu ao ver o céu sobre sua cabeça mais uma vez. Ele parecia diferente, de algum jeito, como se alguma coisa no mundo houvesse mudado e estivessem agora em outro continente. Ainda era noite, e a lua espiava por trás de nuvens passageiras cercadas por estrelas cintilantes, mas tudo parecia estar mais perto do chão, como se só precisasse levantar o braço para tocar o céu de veludo.

A clareira estava vazia, o trono de madeira no centro parecia estar desocupado há anos. Musgo cobria as laterais e o assento, e Donna se perguntou se era possível o tempo passar em um ritmo diferente ali. Havia uma qualidade atemporal e intocada no ar, como se ele não fosse respirado há séculos e Donna e Xan perturbassem essa imobilidade simplesmente por estarem presentes.

Ela se virou lentamente, olhando em volta tomada por um pressentimento que deixava a boca seca e o peito apertado.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Isso é estranho. Esperava encontrar a mesma cena de antes. Imaginei que ela estaria esperando por nós.

Xan assentiu.

- E que ela saberia no exato instante em que alguém violasse a passagem entre nosso mundo e a Terra dos Elfos.

Donna se aproximou do trono, tomada por uma repentina frustração. Aliette estava

brincando com eles? Tudo isso era um jogo? Ela havia mentido?

- Nós nem sabemos onde eles estão mantendo Navin prisioneiro. O que vamos fazer?

Um raio de luar incidiu sobre o limite mais distante da clareira, onde surgia a Rainha

da Floresta acompanhada por seis guardas. Ela simplesmente se materializou entre as

árvores e caminhava lentamente para eles, o brilho pálido da lua dando à pele marrom

acinzentada uma aparência doentia e velha. Por alguma razão, eles agora pareciam menos

substanciais que antes. Mais fracos. Talvez a rainha não houvesse exagerado ao comentar seu declínio.

Donna gritou ao reconhecer Navin, que era arrastado de baixo de uma das árvores

por um dos elfos da floresta. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas e ele parecia

cansado, esgotado, mas estava *ali*. Donna queria desesperadamente ir ao encontro do amigo,

mas sabia que era inútil até mesmo tentar. *Ainda não*, ela pensou. *Seja paciente*.

Os olhos escuros de Navin se acenderam quando ele a viu. Donna tentou sorrir para

tranqüilizá-lo, mas só conseguiu oferecer um sorriso pálido. De repente a garganta estava

seca, e era difícil engolir o nó que ameaçava sufocá-la.

- Donna, não devia ter voltado - Navin falou, e sua voz soou surpreendentemente forte.

Ela balançou a cabeça.

- Não seja ridículo. Eu *nunca* o abandonaria!

O sorriso familiar passou rapidamente pelo rosto dele.

- Sei, é claro, Underwood. Foi o que você me disse no sábado à noite, antes de me deixar com o Esquadrão Nerd.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Donna riu. Não conseguiu se conter. Era um alívio estarem brincando e fazendo

piadas - mesmo que fossem ruins. Era simplesmente maravilhoso.

A Rainha da Floresta se dirigiu ao trono e acomodou-se altiva, esperando que os subordinados se aproximassem dela. Dois elfos empurraram Navin para frente, até posicioná-lo ao lado do trono de madeira entalhada. A criatura que parecia ser responsável pelo prisioneiro enfiou os dedos de galhos no ombro de Navin e o pôs de joelhos.

- Trouxeram o que pedi? - O rosto marrom da rainha tinha mais linhas que antes, e seus olhos negros eram fundos e sem vida. Havia algo de inegavelmente *cansado* em Aliette.

Donna percebeu de repente que, como os elfos agora se moviam com liberdade pelo mundo

do ferro, usando glamour elaborado para sustentar seus disfarces, o poder necessário para

isso devia ser extraído dela. A Rainha da Floresta era a principal fonte de energia para os de sua espécie - mas de onde *ela* tirava seu poder?

- Sim, está aqui comigo, majestade. - A voz de Donna soou clara. Ela pensou na mãe e tentou ver os tufo de cabelo presos ao cinturão de Aliette, mas havia muitas sombras dificultando a visão.

A rainha pulou para frente, sem conseguir conter a ansiedade. - Então me entregue

logo, menina, e poderá levar o garoto daqui. - Xan olhou para Donna com evidente

nervosismo, e ela o fitou por um instante tentando transmitir segurança; sabia quanto ele

queria assegurar também a libertação do Criador.

- Não sairemos daqui sem Navin e o Criador - ela disse. Sua voz soou firme. Mais uma

vez, a mão de Xan repousava sobre a parte inferior de suas costas, confortando e amparando.

- Não creio que tenha sido esse o combinado - respondeu a Rainha da Floresta. Os

elfos da floresta fizeram ruídos estalantes e altos e se uniram, como se estivessem se abaixando e preparando um ataque, os olhos negros estudando Donna com maldade e de um jeito muito ameaçador.

- Não pode ter pensado que eu deixaria o Criador aqui, certo? - Donna perguntou, engolindo o medo com grande esforço. - Ou partimos em segurança levando os dois conosco, ou não terá nada de mim.

Aliette rosnou, e seu rosto rachado assumiu mais do que nunca a aparência de casca de árvore.

- E o que - criança tola - vai me impedir de *tomar* o elixir de você?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

- Bem, eu sei que o que encontrei é tudo que resta. As últimas gotas do elixir da vida.

Se me obrigar, tomarei providências para que nunca ponha as mãos nele.

Os olhos da rainha tornaram-se frestas pequeninas, e a boca sem lábios tornou-se uma linha fina e furiosa.

- Como ousa me ameaçar?

A voz dela afetava os nervos de Donna e provocava uma imediata reação do

estômago. A dor nas mãos ficou mais forte, mas ela se recusava a dar sinais de medo.

Donna deu um passo à frente, livrando-se da mão restritiva de Xan. - Ou deixa todos nós irmos embora em segurança, ou vou destruir o elixir. - Esperava realmente que o rosto transmitisse convicção, e que a rainha não pudesse ouvir as batidas frenéticas de seu coração.

As árvores cochichavam e balançavam suas folhas enquanto a Rainha da Floresta se levantava do trono. Ela agarrou Navin pelo cabelo e puxou sua cabeça para trás. A rainha segurava uma faca feita com algum tipo de madeira escura; ela parecia lisa e afiada, e o cabo tinha uma forma encurvada que se encaixava perfeitamente entre os dedos deformados.

Donna sufocou um grito e tentou correr até Navin, mas seu caminho foi imediatamente bloqueado por dois elfos da floresta. Ela sentiu um braço de Xan envolver sua cintura e puxá-la para trás, e seus pés foram arrastados na terra fria quando ela tentou resistir.

- Solte-me! - Donna gritou.

Xan a segurava com força e a sacudiu, sussurrando em seu ouvido: - Pare com isso,

Donna. Ela não vai fazer nada enquanto tivermos o elixir. - A boca praticamente tocava sua orelha, o rosto encostava em seus cabelos.

Ela se soltou do abraço ofegando, depois ficou imóvel como uma pedra, olhando com

fascinação horrorizada para Aliette, que deslizava a estranha lâmina pelo pescoço exposto de

Navin, bem em cima da região distendida sobre o pomo de Adão.

- Bem, bem... - A expressão da Rainha da Floresta podia ser um sorriso, se ela

possuísse um rosto humano. - Talvez você possa ser convencida a agir de forma razoável, afinal, Donna Underwood.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

A respiração de Navin era pesada, mas seus olhos escuros encontraram os de Donna e não havia medo neles.

- Seja lá o que eles estiverem exigindo, não ceda. Não por mim - ele murmurou.

Donna o ignorou e tentou manter a expressão controlada. - Se fizer algum mal ao meu amigo, *já* terá o que quer.

- Parece que estamos em um impasse - respondeu a rainha com aquela voz de folhas

mortas. - Que infortúnio.

- Só haverá infortúnio se você machucar um dos meus amigos.

Xan assentiu, juntando-se a ela.

- Sim, e isso inclui o Criador.

- Exato - Donna o apoiou. - Nós ainda nem sabemos se ele está bem.

A Rainha da Floresta fez um ruído contrariado, mas fez um gesto chamando uma das

criaturas que estavam mais perto. Ela cochichou alguma coisa naquela estranha linguagem

de estalos e arranhaduras, e o elfo correu para o meio das árvores.

Momentos mais tarde, Donna viu o Criador sendo empurrado para a clareira. O velho

alquimista parecia estar ileso, sem nenhum ferimento, pelo menos superficialmente; ele caminhava com dificuldade, mancando muito, mas isso era normal, e também parecia mal-humorado e cansado, com folhas e pedaços de galhos enroscados na barba e nos cabelos grisalhos, mas, exceto por esses detalhes, tudo parecia estar muito bem. Donna quase sorriu

- o Criador era um guerreiro, não duvidava disso, e ele já provara sua coragem e tenacidade muitas vezes quando discutiram sobre seu tratamento e reabilitação.

- Criador! - ela chamou.

O homem olhou em sua direção e não conseguiu disfarçar o choque. - Donna! O que faz aqui, criança?

Ela quase revirou os olhos por ter sido chamada de "criança" por mais uma pessoa, mas estava satisfeita demais por vê-lo, por isso não se importava realmente.

- Correndo o risco de parecer um personagem de filme clichê, estou aqui para salvá-lo.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

O Criador não entendeu o comentário divertido, mas ela percebeu alívio e preocupação disputando o espaço do rosto cansado. A rainha se manifestou.

- Está vendo? Aqui está seu Criador. Inteiro, apesar do que fez e faria à minha espécie.

Donna tentou não demonstrar nenhuma reação, e mordeu o lábio para controlar-se.

O que Aliette queria dizer? Antes que pudesse pensar mais nisso, a Rainha da Floresta se

ergueu até atingir sua altura máxima e olhou para baixo, para o pequeno grupo reunido em volta do trono.

- Onde está o elixir da vida?

Os olhos do Criador se arregalaram sob as sobrancelhas grisalhas e espessas. Ele

olhou para Donna, que se recusou a encará-lo.

- Eu darei o elixir assim que libertar os prisioneiros. Eles ficarão esperando por mim

na porta, e depois todos nós iremos embora juntos.

A Rainha da Floresta chiou.

- Já demonstrei boa vontade... Eu lhe dei o menino humano e o velho mago. Você

ainda não provou nem que tem o elixir.

Donna engoliu em seco. Ela estava certa. Aliette levava seus amigos - substituíra-os

por dublês, e estava disposto a tudo e a qualquer coisa em sua intenção de salvar seu povo.

Porém, havia algo de importante em uma demonstração de boa vontade.

Devagar, Donna levou a mão ao bolso.

Assim que ela se moveu, os elfos estalantes se adiantaram, percorrendo a distância até

ela e provocando um sentimento claustrofóbico. - Esperem! -

Donna falou. - Só vou mostrar

o elixir a vocês. - Sentia-se pressionada. Eles estavam perto demais para que pudesse fugir,

mas ainda tinham um último - e potencialmente letal - obstáculo para superar. Agora Donna

sabia que não poderia de jeito nenhum dar algo tão poderoso aos elfos, quaisquer que fossem as dúvidas que ainda tivesse sobre a Ordem. Nada disso tinha importância: não se o elixir realmente curasse e criasse vida nova, ou se conferisse imortalidade àqueles que o bebiam. A situação parecia maluca, mesmo com a criação que tivera - mas, por outro lado, hoje havia escutado os gritos de uma estátua de bronze. Sua vida passara a um novo nível de

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

loucura, e não correria nenhum risco. Ela umedeceu os lábios secos e agarrou a bolsinha no bolso do casaco. Usando o polegar e o indicador, ela apertou uma vez, rapidamente e com pressão suficiente para conseguir o que ela queria... Só teria uma chance, e se cometesse algum deslize ou erro de cálculo, por menor que fosse, tudo estaria acabado para eles. Donna prendeu a respiração e tirou o frasco da bolsinha com todo cuidado, segurando-o de forma a deixar a luz da lua incidir no líquido vermelho dentro dele. Era como se o recipiente contivesse algumas gotas de sangue extraídas de um dedo furado para um exame simples. O Criador se lançou para frente, oscilando terrivelmente apesar do apoio da bengala.

- *Não!* Não pode dar isso a eles, Donna.

Sentindo a culpa crescer dentro dela ao ver o Criador cair de joelhos, Donna não pôde deixar de pensar que o medo do velho alquimista colaboraria com sua causa. Com certeza, a Rainha da Floresta não poderia duvidar agora de sua intenção de entregar o elixir.

Seus olhos se encheram de lágrimas de alívio quando ela viu Aliette entregar a lâmina a um elfo que esperava ao lado dela, de forma que ele pudesse usá-la para cortar a corda que amarrava as mãos de Navin, O Criador foi posto em pé e levado para perto de Navin. Ele mancou sem pressa na direção de Donna.

- Criador - ela sussurrou quando ficaram bem próximos. Hesitante, estendeu a mão coberta pela luva de veludo e se surpreendeu ao sentir a pressão dos dedos inesperadamente fortes envolvendo os dela.

- É bom vê-la, criança. Só queria saber qual é seu plano. - Seus inteligentes olhos azuis pareciam olhar dentro dela, e Donna teve de se esforçar para resistir ao desejo de abraçá-lo, - Tem um plano, não tem? - ele continuou em voz baixa.

- Confie em mim.

Donna não teve tempo de dizer mais nada antes de se virar para Navin, que caminhava em sua direção com muito cuidado para não tropeçar nos arbustos. O hematoma em seu rosto começava a aparecer mais roxo e preto contra sua pele marrom mas os olhos estavam intactos.

Ela correu para Navin e o abraçou, apoiando o rosto em seu peito magro enquanto sentia as lágrimas transbordando dos olhos. Enterrando o nariz em seu ombro, Donna

aspirou o cheiro familiar da jaqueta de couro falso. Uma das mangas estava rasgada, mas vê-

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

lo ali inteiro e vestido com ela - poder abraçá-lo - a enchia de uma felicidade tão grande que quase podia esquecer onde estavam e o perigo que ainda corriam.

- Donna - ele falou, a boca apoiada em seu cabelo. - Você está bem? - Ela se afastou de

Navin por um momento.

- *Eu?* Sim, estou bem. E você?

- Cara, estou muito melhor agora - ele respondeu com tom enfático.

- Xan! - Donna chamou. - Você precisa levá-los de volta à porta - espere por mim, mas

não por muito tempo... - A voz dela desapareceu.

Os olhos de Xan brilhavam com uma fúria contida com muito esforço.

- Eu não vou simplesmente "esperar" por você, Donna. Se não chegar na porta dentro

de cinco minutos, virei buscá-la.

Donna soprou o ar num gesto de frustração.

- Você precisa esperar, Xan, esse é o acordo. Vá na frente - precisa ajudar o Criador - e

eu vou terminar esse assunto com a Rainha da Floresta. Depois irei encontrá-los. É simples. -

Ela ergueu o queixo como se desafiasse alguém ali a contrariá-la.

Então o Criador falou, surpreendendo a todos.

- Donna, você não tem *realmente* o elixir, tem? - Ele cochichava, como se tentasse se

fazer ouvir apenas por ela.

Donna sustentou o olhar preocupado.

- Criador, precisa ir com os outros agora.

- Entende o que aconteceria se eles se apoderassem disso, não é? - insistiu o

alquimista, erguendo a voz por causa da apreensão.

Na verdade, Donna pensou, *não sei. Não sei nada*. Tudo que podia fazer era confiar no

próprio coração e ter esperanças de estar fazendo a escolha certa.

Os olhos e a voz dela eram confiantes quando olhou para Navin.

- Por favor, ajude-o

no Caminho - Donna pediu, indicando o Criador. - Xan irá na frente para abrir o portal. - Ela

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

olhou para Xan e assentiu uma vez, esperando que ele fosse capaz de levar todos dali em segurança.

Não sabia o que aconteceria depois da partida dos amigos, mas estava decidida e

impedir que qualquer outra pessoa corresse mais riscos por causa dela. Não outra vez. Essa

era sua chance de oferecer reparação por tudo que Navin havia passado.

A voz áspera de Aliette cortou o ar, fazendo Donna pular.

- Você deve deixar a Terra dos Elfos e nunca mais voltar. - Ela olhou para Xan. - Vou tomar providências para que a porta que você abriu permaneça fechada, *mestiço*. Nunca mais tente usar os Antigos Caminhos.

Donna viu Navin olhar para Xan com evidente curiosidade e suspirou, sabendo que, se saíssem todos inteiros dessa, teria muitas explicações a dar. Xan segurou a mão dela e a afagou, tentando comunicar alguma coisa. Donna sentiu o peso da tristeza, mas não permitiria que isso a detivesse. Queria muito dizer algo a ele - alguma coisa significativa sobre como se sentia desde o primeiro encontro. Mas tantas coisas aconteceram e ainda aconteciam, que era quase como se não houvesse tempo suficiente. Ela queria que Xan soubesse quanto se tornara importante para ela em poucos dias, mas era como se sua boca não funcionasse como de costume. A ligação entre eles sugeria muito sofrimento e perda, de fazer parte de algo que era maior que eles mesmos, e de todos os dons que possuíam, mesmo que estivessem ocultos sob uma capa de cicatrizes.

Depois de um instante Nav a abraçou e levou o Criador para o túnel formado por folhas escuras e farfalhantes. Xan correu para alcançá-los, olhando para trás uma vez e lançando em sua direção um daqueles olhares determinados - Donna sabia que o olhar dizia *tome cuidado, ou vai se arrepender*.

E agora Donna Underwood estava sozinha no centro de Ironwood, sob o céu escuro e denso, encarando a Rainha da Floresta, cercada por seis elfos deformados. A lua os espiava ainda por trás de nuvens, mas elas se dissipavam.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado





- Entregue o elixir – exigiu a Rainha da Floresta.
Donna começou a recuar para a extremidade da clareira,
tentando colocar a maior
distância possível entre ela e o trono.
- *Agora!*
A voz de Aliette parecia a de unhas passando em um quadro
negro, aquele tom de
causar arrepios. Donna se encolheu ao sentir uma dor horrível
nas mãos e nos braços; ela
cerrou os punhos e conteve a respiração até o espasmo passar.
Tinha a impressão de que,
quanto mais energia a Rainha da Floresta gastava, mais suas
mãos doíam. Rangendo os
dentes, ela deu mais um passo para trás.
- Está bem aqui, majestade - disse, fazendo um grande esforço
para empurrar as
palavras por entre os dentes cerrados. Ela segurava o frasco com
dedos trêmulos, temendo

que, a qualquer momento, o vidro se quebrasse. E continuava recuando com passos arrastados.

Os olhos negros e profundos da rainha eram agora frestas transbordando crueldade.

- Aonde vai? - ela falou em voz baixa, mas com um tom tão irritante que Donna quase caiu de joelhos.

Mas não se deixaria dominar. Mordendo a parte interna da boca, ela tentou ignorar o

pulsar doloroso nas têmporas. Depois de um segundo, voltou a sacudir o frasco.

- Aqui, pegue.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

A um gesto da Rainha da Floresta, um dos elfos se adiantou, estudando Donna com

seus olhos muito antigos. Ele se movia de lado como um caranguejo, cercando-a e se

arrastando da esquerda para a direita, obrigando-a a se virar também para manter o frasco

seguro, embora visível. Donna estendeu o braço devagar, segurando o recipiente de vidro

diante da criatura, esperando que só *por mais um segundo* ninguém notasse as preciosas

gotas de líquido pingando da rachadura cada vez maior no vasilhame.

Quando o elfo chegou mais perto com um movimento repentino, Donna respirou

fundo e arremessou o frasco através da clareira, tão longe quanto podia. Dolorosamente consciente de que havia acabado de jogar fora gerações de estudo e pesquisa, ela viu o frasco girar sob o céu enluarado e depois cair no meio dos arbustos. O elfo correu atrás dele, e Donna se virou e correu pelo corredor de três vias, sufocando um grito ao tropeçar na raiz de uma árvore. Felizmente, ela conseguiu evitar a queda e recuperou o equilíbrio rapidamente. A escuridão a envolveu, mas ela seguiu adiante, sem se incomodar com o chapéu que caiu, sem parar para pegá-lo, apenas correndo e correndo ao longo do antigo caminho, espalhando folhas mortas e galhos em todas as direções. Corria mais depressa do que jamais imaginara ser possível - com o ar frio cantando em sua garganta e o peito distendido ao máximo. O que quer que acontecesse, teria de começar a se exercitar regularmente de agora em diante. Ela tentou não pensar no que poderia estar atrás dela, ou se era perseguida ou não. Reduzindo a velocidade ao se aproximar do fim do túnel, ela viu Xan esperando para puxá-la pela porta. Os outros já estavam do lado do mundo mortal.

- Eles estão atrás de você? - Xan perguntou, olhando por cima de seu ombro e direcionando a luz da lanterna para o caminho que Donna acabara de percorrer. Sua respiração criava pequenas nuvens brancas na frente de seu rosto.

- Acho que não - disse arfante, tentando regularizar a respiração. Xan deu um passo

para o lado para deixá-la passar, puxando-a para ter certeza de que passariam juntos pelo

portal. Ele segurava em uma das mãos a necessária porção de terra e gravetos, folhas mortas

e musgo, e ela apoiou a mão protegida pela luva azul sobre a mistura, esperando pela

sensação vertiginosa de mover-se sem sair do lugar.

De repente eles saíram da pequena clareira e caíram na relva.

Donna ainda olhava para

trás, para a porta invisível. Xan a fechara e jogara fora a terra e os galhos, mas isso não

significava que os elfos não poderiam abri-la pelo outro lado.

Mas quando cambalearam por entre os arbustos e Donna amaldiçoou os espinhos que

arranhavam seu rosto, ela começou a pensar que talvez os elfos houvessem desistido. Talvez

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

agora estivessem seguros, e nesse caso todos poderiam ir para o carro de Xan e voltar para a

cidade, para uma vida mais próxima da normalidade (qualquer que fosse o significado disso

para eles). Recusava-se a pensar no que aconteceria quando a Rainha da Floresta

encontrasse o frasco quebrado.

Recusava-se a pensar agora nas conseqüências que teria de enfrentar quando a

Ordem soubesse de tudo.

Xan segurou a mão dela e a puxou para o caminho principal. Eles passaram por uma

área de vegetação densa, com árvores altas e galhos que se enroscavam sustentando um telhado de samambaias e folhas variadas que impediam a visão da lua. Donna chutou uma

raiz exposta e parou por um momento, puxando a mão de Xan para fazê-lo esperar.

- Tudo bem? - ele perguntou ansioso. - Temos que continuar andando. Navin e o

Criador esperam por nós lá na frente. Falta pouco...

Donna se abaixou para amarrar o tênis, feliz por dispor de um momento para

recuperar o fôlego.

- Como eles sabem que caminho seguir?

- O Criador - Xan respondeu simplesmente.

É claro, o Criador conhecia bem a floresta e seu entorno, depois de tantos anos

lidando com a ameaça dos encantados. Donna se levantou e ajeitou o casaco em torno do corpo.

- Pronto, podemos prosseguir.

As palavras haviam acabado de sair de sua boca quando ela ouviu novamente: o som

que atormentava seus pesadelos e não a deixaria ter paz enquanto vivesse: o grito

sobrenatural do Skriker rasgando os ouvidos e vibrando em seu corpo. Dessa vez o som

estava muito mais próximo, mas, mesmo que não estivesse, agora estava sintonizada com ele

de alguma forma - cada grito a levando para mais perto daquela horrível lembrança.

Não era de espantar que os elfos não os houvessem perseguido.

Para que se dariam ao trabalho, se a Rainha da Floresta soltara seu bichinho de

estimação para ir pegá-los?

Donna agarrou o braço de Xan, esquecendo por um momento a força que tinha nas

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

mãos, e o pânico invadiu seus olhos.

- Xan, temos que sair daqui.

A voz dela tremia, e ela se odiava por sentir tanto medo, mas a dor nos braços era a

lembrança viva de que tinha motivos para temer. O terror dominava sua mente, banindo

todos os outros pensamentos e prejudicando a habilidade de movimento.

Xan a sacudiu.

- Vamos, Donna, o que está esperando?

Eles correram, sem dar importância aos galhos que batiam no rosto, sem dar atenção

à direção que seguiam. Donna esperava que estivessem no caminho principal, mas não podia

ter certeza. Estava muito escuro, e eles corriam muito; a lua se escondera atrás de uma

camada repentina de nuvens densas, e ela só conseguia ver as silhuetas sinistras das árvores

e dos galhos retorcidos.

O grito aterrorizante soou de novo, dessa vez do lado esquerdo, e no instante

seguinte Donna se sentiu erguida no ar e jogada sobre Xan.

Houve um breve instante de

confusão durante o qual ela não soube se ele a havia empurrado para protegê-la, ou se

ambos haviam caído com o impacto do berro pavoroso.
Donna se levantou, tentando colocar Xan em pé com todo cuidado para não feri-lo com sua força descomunal. Seu coração ficou apertado quando viu o sangue escorrendo de um corte na testa dele. O rosto de Xan tinha uma tonalidade cinzenta, e o sangue grosso já coagulava na raiz dos cabelos, brilhando sob um raio de luar que vencera a barreira de nuvens e copas de árvores. O solo era coberto de pedras; ele devia ter batido a cabeça. Esperava que Xan estivesse apenas inconsciente. Por um momento foi como se o tempo houvesse parado - Donna deixou de se preocupar com o Skriker, os elfos da floresta, o elixir da vida - tudo em que conseguia pensar era Xan deitado no chão, imóvel. Os braços dele a envolviam, protegendo da criatura sombria que agora bufava e arfava em algum lugar além do círculo de árvores, amparando-a na queda. Ele a protegera e, por isso, não conseguira se defender. Gemendo de medo, Donna se debruçou sobre o peito de Xan tentando ouvir sinais de vida, aproximando a orelha de sua boca. Ele estava tão quieto, com o rosto tão frio, que foi impossível não se lembrar de quando, ainda criança, se debruçara sobre o pai desse mesmo jeito. Mas dessa vez sentia um sopro de vida, embora fraco. O hálito que acariciava seu rosto era prova de que Xan ainda vivia. Inundada pelo alívio, estava prestes a ouvir seu peito, só

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

para ter certeza, quando o grito voltou a ecoar na floresta. Donna cobriu as orelhas com as mãos, tentando bloquear o barulho aterrorizante.

Encolhida sobre o corpo de Xan, tentou imaginar se a criatura havia mudado muito em todos esses anos.

Estranho, pensou, o jeito como a mente funciona quando estamos diante da morte.

Levantando-se, Donna olhou para a floresta dominada por sombras. Não tinha mais a

menor ideia de onde estava - nenhuma pista de onde poderiam estar Navin e o Criador. Mais

uma vez, estava sozinha com o Monstro da Floresta. E dessa vez o pai não iria salvá-la.

O estalo de um galho quebrado precedeu por uma fração de segundo a aparição do

Skriker. Por alguma razão, Donna esperava que ele parecesse menor, agora que ela havia

crescido, mas o cachorro gigante ainda tinha o tamanho de um pequeno cavalo. Donna

recuou devagar, seus olhos fixos na criatura negra diante dela. Precisava tomar cuidado para

não tropeçar em Xan, que continuava caído e inconsciente. Os olhos amarelos do monstro

brilhavam como âmbar, e fumaça se desprendia de sua boca e das narinas, espalhando no ar

o cheiro de fogueiras. As árvores se iluminaram quando ele avançou em sua direção, sua aura vermelha ganhando luminosidade a cada segundo. O chão sob suas patas enormes queimava e tremia. O Skriker abriu a boca e gritou. Chamas azuis brotaram de sua boca, lambendo os troncos das árvores como uma gigantesca língua de fogo. Donna atirou-se ao chão e rolou para o lado, batendo com o ombro na terra dura e com o joelho em um tronco de árvore. Mantendo os olhos em Xan, esperando que o cachorro infernal não o notasse ou simplesmente deduzisse que estava morto, ela se deslocou engatinhando e só se levantou quando conseguiu se apoiar em um tronco de árvore. As pernas tremiam e o corpo doía, mas ela resistia à dor, lembrando a menina assustada que havia sido um dia. Donna pensou no pai e olhou para Xan mais uma vez. *De novo não, disse a si mesma. Nunca mais.* Ela removeu as luvas. As peças de veludo tocaram o chão quando Donna ergueu o corpo, as costas apoiadas contra a árvore. O luar deixava ver os olhos cor de âmbar cravados nela, e mais fumaça saiu de sua boca. O pelo preto e longo se moveu fluido sobre os músculos quando ele abaixou a cabeça e investiu contra ela. E de repente Donna foi inundada por uma calma repentina. Estava diante da morte,

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

mas sentia-se serena. Talvez fosse só o choque, mas tiraria forças de onde pudesse encontrá-la. Donna estendeu as mãos para frente e viu a lua refletida nos fios de prata que corriam por baixo da pele. A renda cintilante que se desenhava em suas mãos e nos braços movia-se numa velocidade assustadora, girando e girando em um movimento de espiral que entorpecia os dedos. Cerrando os punhos naquele último momento, Donna virou a cabeça para o lado quando o Skriker se jogou contra ela, empurrando suas costas contra a árvore. O peito da criatura flamejante encontrara suas mãos, os punhos de prata haviam passado através do pelo e da carne, e atingiram diretamente o coração. Não havia sangue, apenas fogo azul - frio e implacável para a carne humana, mas impotente contra os braços magicamente alterados de Donna. O ferro frio que revestia os ossos e a pele havia cortado o Skriker como a mais afiada das facas. Ela caiu sob o peso da criatura moribunda. Sua enorme cabeça pendeu para trás enquanto ele tentava recuar, afastar-se da horrível agonia imposta pelos punhos metálicos. Meio esmagada e quase inconsciente, Donna ficou ouvindo a respiração do Skriker,

que ia morrendo aos poucos, e sentiu uma onda de piedade. Sim, sentia pena dessa criatura que a aleijara na infância e matara seu pai. E em vez de ficar zangada com ela mesma por pensar dessa maneira, tudo que sentia era aceitação. A criatura era apenas um instrumento da Rainha da Floresta, disso tinha certeza. Ele não sabia o que estava fazendo; havia sido criado apenas para causar medo - e quando o medo não funcionava, para matar. A compaixão era uma qualidade que Patrick Underwood sempre valorizara, e sentia-se feliz por pensar que ele teria se orgulhado dela. Caída no chão da floresta, machucada e exausta sob o corpo gigantesco do Skriker, agora sabia o que era destruir alguma coisa, e ainda sentir pena dela.

Depois de vários minutos, Donna conseguiu escapar da opressão representada pelo corpo da criatura, usando as pernas como alavancas e rolando para o lado. A imensa cabeça caiu para frente, a língua fora da boca. Ela se encolheu ao rastejar por entre o âmbar ainda incandescente espalhado pelo chão. A calça jeans não era proteção adequada para esse tipo de contato. Por um momento, tentou entender como ainda não havia acontecido um incêndio na floresta, mas em seguida lembrou que as chamas eram de outro mundo - de outro tempo e outro lugar - e que não queimariam como o presente de Prometeu. Esse não era o fogo dos alquimistas. Xan começava a se mexer, gemendo de dor ao virar a cabeça. Donna correu para perto dele, pensando em rasgar o forro do casaco para fazer um

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

curativo. Não era isso que via nos filmes? Mas, antes de tentar rasgar o tecido, ela percebeu

que já tinha em mãos o curativo perfeito - a bolsa de veludo preto onde guardara o elixir. Ela

a abriu rasgando as costuras com facilidade, e posicionou o tecido com toda delicadeza

sobre a cabeça de Xan, incentivando-o a ficar quieto até a chegada de alguma ajuda.

Apostava em Navin e no Criador, torcia desesperadamente para que eles os encontrassem;

caso contrário, teria de deixar Xan ali sozinho para ir procurar a saída de Ironwood na

escuridão. Mesmo com um ou outro raio de luar, duvidava de que seria fácil. Estava perdida.

- Descanse - ela sussurrou para Xan, apoiando a cabeça dele em seu colo e afagando

os cabelos sujos de sangue. - Você está sangrando.

- Donna.

A voz dele era tão fraca que mal podia ouvi-lo. - Shh... Não tente falar - Donna pediu.

Os olhos de Xan se abriram, a luz esmeralda dentro deles brilhando por um instante,

e depois ele os fechou. Sua cabeça rolou para o lado e ele gemeu.

- Por favor - Donna implorou baixinho. - Navin, por favor, venha nos encontrar.

E exatamente quando estava murmurando essas palavras, ela ouviu um ruído

distante. Uma voz. A voz chamava seu nome e ficava cada vez mais alta.

- Estou aqui! - ela respondeu. Deslizando os dedos pelos cabelos de Xan mais uma

vez, deliciando-se com a liberdade de poder tocá-lo sem usar luvas, ela se perguntou se teria

a chance de tocá-lo assim novamente quando estivesse totalmente recuperado, consciente.

Donna se inclinou para beijá-lo no rosto. *Espero que sim.*

Navin surgiu do meio das árvores.

- Donna, você está bem! - Ele olhou para Xan caído no chão. - O que aconteceu?

Donna apontou na direção do corpo do Skriker, atrás dele, e quase deu risada do

choque estampado no rosto do amigo.

- Aquilo é o Skriker, Navin.

- *Era* o Skriker, você quer dizer. - Ele estava admirado, a emoção podia ser ouvida em

sua voz. - Parece um urso.

Ela balançou a cabeça e quase sorriu. Navin sempre conseguia fazê-la sorrir, e o

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

amava por isso.

- Não é um *urso*, Sharma. Que tipo de urso existe no seu planeta?

Ele a ignorou e olhou para Xan por um momento.

- Ele o *matou*?

- Não - Donna respondeu, erguendo a cabeça para fitá-lo nos olhos. - Fui eu.

- Sério? - A expressão de Navin era uma mistura complexa de horror, incredulidade

e... Admiração.

- Sim, sério.

- Uau. - Ele se abaixou ao lado do corpo da criatura. - Muito legal, Underwood.

O orgulho explodiu em seu peito pela segunda vez num espaço de minutos.

- Muito legal - Navin repetiu. - E muito *nojento*.

Antes que ela conseguisse pensar em uma resposta, Xan se mexeu e tentou sentar-se.

- Ei, devagar - disse Donna, fazendo o possível para mantê-lo imóvel.

- Estou bem - respondeu Xan. E ele parecia estar, mesmo, porque no instante

seguinte Alexander Grayson livrou-se das mãos aflitas que o seguravam e começou a se

levantar. Seu cabelo ainda estava sujo de sangue e ele parecia estar meio tonto, mas se movia

bem, até, considerando tudo que acontecera. Donna fez uma careta confusa quando notou

que o corte na testa dele estava quase fechado.

Ela se levantou de repente - ignorando a vertigem que quase a jogou no chão

novamente - e tocou o rosto de Xan. Estava escuro... teria se enganado ao examinar o

ferimento?

Navin os observava, o que era um pouco esquisito, mas Donna não podia se

preocupar com isso agora.

O corte estava fechado, realmente. Donna lambeu o polegar e o esfregou sobre o

sangue seco onde deveria estar o ferimento, ignorando os protestos de Xan. Como ele cicatrizara tão depressa? Seria uma característica dos encantados?

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Ela o estudava, incapaz de sufocar uma desconfiança repentina. Ele mesmo dissera que ainda havia muitas coisas que ela não sabia sobre sua vida, e

agora ali estava, irritada por causa disso. *Qual era o problema com ela?* Devia se sentir feliz

por ele estar bem. Donna respirou fundo e tentou não soar acusadora.

- Estava sangrando muito há um minuto, Xan. E agora não há mais corte nenhum.

Ele franziu a testa, como se não entendesse por que ela estava zangada.

- Talvez não fosse tão grave quanto pensou que fosse? - Ela o estudou intrigada.

- Era grave. Acredite em mim. Era muito grave. - Ele tocou a região onde devia estar o ferimento.

- Não sei o que aconteceu. Juro. - Ele olhou para Navin. - Ela é sempre tão desconfiada?

Navin torceu o nariz, e o momento de conexão entre os dois teria sido um alívio para

Donna, não fosse pelo fato de eles estarem se unindo para falar dela.

E então um pensamento a tomou de assalto. Não um pensamento qualquer. Um pensamento importante. Com potencial e, aparentemente, capaz de salvar vidas. Ela olhou para o tecido sujo de sangue em sua mão, tecido que já havia guardado o frasco contendo o elixir. Frasco que ela havia esmagado ainda dentro de seu bolso. Poderia haver ao menos uma gota do elixir no tecido? Mesmo que uma porção muito pequena houvesse vazado do tubo antes de tirá-lo do bolso, ele teria ficado impregnado no pano. O que significava que talvez Xan estivesse dizendo a verdade, afinal - talvez não tivesse mesmo habilidades de cura típicas dos encantados. Donna podia tê-lo curado acidentalmente com um lendário composto alquímico no qual ela nem sabia se acreditava. Até agora. Navin tocou seu ombro. - Donna, o que é? Ela passou a língua pelos lábios e balançou a cabeça, tentando sorrir. - Nada. Não se preocupe, não é nada.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Sim, como se um deles fosse acreditar nisso. Mas Donna não sabia o que pensar sobre tudo isso agora, e precisavam sair dali. Xan estava bem, e isso era o que importava. Então,

Xan franziu a testa para Navin. - Ei, onde está o velho?

Navin apontou para trás por cima do ombro.

- Não muito longe. Está esperando ao lado de um tronco de árvore cortada perto da trilha.

Donna suspirou aliviada.

- E a trilha fica perto daqui?

Navin assentiu.

- Sim. Vocês quase chegaram lá.

Quase chegaram lá. As palavras inocentes ecoaram em sua cabeça e Donna não

conseguiu responder. Eles *havam* conseguido; todos estavam salvos. Alcançara seu objetivo:

salvara a vida do melhor amigo e resgatara o Criador. Havia até destruído a criatura que

dizimara sua família dez anos antes.

- Mas a que preço?

A primeira luz da manhã começava a vencer a barreira de nuvens, banhando a copa

das árvores com um brilho prateado etéreo. Eles haviam cumprido o prazo da Rainha da

Floresta. Donna tentou deixar de lado seus medos e concentrar-se na vitória. Mas, por

alguma razão, a vitória parecia vazia, por mais que estivesse aliviada por ver Navin sorrir

para ela ao indicar o caminho.

Olhando para Xan, que se comportava com um vigor repentino e inesperado,

considerando tudo que havia sofrido, ela mordeu o lábio e tentou pensar em como explicaria

tudo isso para a tia.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

DIÁRIO DE DONNA UNDERWOOD

Navin ainda não me contou sobre o tempo que passou com os elfos da floresta. Sei que

agora ele entende mais sobre minha vida, sobre os pesadelos que tive durante tantos anos, mas

preferia que essa compreensão não tivesse custado tão caro. Espero que um dia ele converse

comigo sobre isso - não consigo deixar de me preocupar, e ele tem estado quieto demais.

Simon Gaunt sentiu um enorme prazer ao devolver minha pulseira de amuletos. Ele a

encontrara dentro de seu oratório, bem ao lado da incubadora esmagada.

Isso é que ser pega com a mão na massa.

Tia Paige ficou furiosa por eu ter me exposto a um perigo tão grande, e acho que nunca

a vi tão emocionada antes. Ela chegou a chorar quando voltamos a Frost Estate. Mas eu tinha

um mau pressentimento de que as lágrimas não eram só por causa de minha segurança.

Minha suspeita se confirmou quando Quentin Frost anunciou a data da audiência.

Sim, eu... Donna Underwood... Que nunca pedi para nascer nessa louca vida de magia,

seria levada à frente do painel dos alquimistas para responder por meus atos. Eles não usavam

a palavra "crimes", mas o resultado era o mesmo. Ninguém me ouviu quando eu disse que tinha de salvar Navin. Por que se importariam? Ele é só um plebeu, afinal. Mas também não ouviam o Criador. E ele não me tratava como uma criminosa. Resumindo, vou ficar presa até a audiência. Passo o tempo todo lendo e relendo e-mails de Xan, já que confiscaram meu telefone celular. Ele me anima e apóia, e assina todas as cartas me mandando um beijo.

As Valkirias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado



.
. .
. .
. .
. .
Em primeiro lugar, este livro não seria publicado sem minha incrível agente, Miriam

Kriss. Você é a cola que mantém inteira minha carreira e sanidade! - obrigada por tudo.

Minha gratidão também para Heather Baror Shapiro por ser a representante de *The Iron*

Witch no exterior.

Agradeço a todos os meus maravilhosos publishers e editores.

Nos Estados Unidos: Brian Farrey por dar urna chance aos novos escritores e por ter

ajudado a fazer deste livro algo muito melhor; Lisa Novak pela capa fantástica, que eu amei

desde o primeiro momento; Sandy Sullivan por seu olhar atento e julgamento sensato;

Marissa Pederson e todos os esforçados e dedicados amantes dos livros na Flux. Meu muito

obrigada a todos na Random House Children's Book no Reino Unido por terem me dado

urna oportunidade tão fabulosa. Em particular, quero agradecer a Annie Eaton, Clare Argar,

Lauren Bennett, JessicaClarke, Emily van Hest, e Trish De Souza. Minha gratidão também à

super legal Adiba Oemar na Random House Children's Books na Austrália, e também a toda

equipe da RHCB "Down Under".

Para a Deadline Dames, digo que ainda acho difícil acreditar que faço parte de um

grupo tão incrível de autores. Obrigada a cada urna de vocês: Devon, Jackie, Jenna, Keri, Lili,

Rachel, Rinda, e Toni. Dames arreventa!

Obrigada aos meus melhores amigos escritores que estiveram comigo desde o começo: Brian Kell, Chandra Rooney, Tricia Sullivan, e Reneé Sweet. Vocês não só me apoiaram nos maus momentos e comemoraram comigo as coisas boas, mas me ajudaram a ser uma escritora melhor. Agradeço a todos os meus amigos do LiveJournal, e também ao grandioso mundo online do qual me orgulho de fazer parte. Em particular, quero agradecer Ana Grilo, Liz e Mark de Jager, Stacia, Kane, Caitlin Kittredge, Tessa Gratton, Richelle Mead, Tiffany Trent, e Ariana Valderrama. Meu muito obrigada a Trisha Telep por acreditar no meu trabalho desde o início e incentivar minha dependência do café. Sou especialmente grata a Rhona

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

Westbrook e Maria Signorelli, cujas críticas iniciais sem dúvida melhoraram *The Iron Witch*.

Agradeço a Midori Snyder por ter escrito o ensaio sobre os contos da "Armless Maiden" (ou "Donzela sem Braço"), que serviram de ponto de partida para a história de Donna.

Para Jonathan Carroll: suas palavras me inspiravam na adolescência e continuam me inspirando hoje, tantos anos mais tarde.

Finalmente, mas não menos importante, agradeço a minha família e a todos os amigos da Vida Real, que ajudaram a formar a pessoa que me tornei. E especialmente a Maralyn Mahoney (minha adorada mãe) e Vijay Rana (meu Navin da vida real): vocês apoiaram meus sonhos e me incentivaram a contar minhas histórias. Nenhuma palavra de gratidão será suficiente.

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

MAKING OF DE THE IRON WITCH

Por Karen Mahoney

The Iron Witch é o resultado de quase quatro anos de sonho, pesquisa, e escrita. Se

houvesse uma receita - ou mesmo um encantamento - que eu pudesse oferecer aqui e que

reproduzisse a obra final, ela incluiria uma longa lista de ingredientes, além de um método

complexo e uma invocação. Antes mesmo do longo caminho até a publicação, sempre houve

uma ideia central: uma menina com mãos de prata, o amigo que ela ama é que precisa salvar

(livremente inspirado no meu melhor amigo da Vida Real), e uma vida de segredos sombrios

de que ela quer fugir.

Tudo bem, são três ideias, então...

Em 2007, li um belo ensaio do autor de fantasia e especialista em folclore Midory

Snyder, chamado "The Armless Maiden and the Hero's Journey" (republicado no veículo

online *Journal of Mythic Arts*, Inverno de 2006). Esse trabalho me inspirou como nada mais

em muitos anos, e comecei imediatamente a tentar reimaginar como um romance de fan-

tasia urbana para adolescentes poderia incorporar os poderosos temas das narrativas da

Donzela sem Braço em todo o mundo. Existem muitas versões do conto, e não sou, de

maneira nenhuma, uma autoridade - mas passei muito tempo seguindo referências obscuras

e lendo traduções de diferentes histórias, e espero abordar um pouco do que vi no ensaio.

Embora todos contem uma história semelhante, há uma vasta gama de títulos dados

aos contos: "The Armless Maiden", "The Handless Maiden", "The GirlWoman/Maiden

Without Hands", "Dona Bernarda", "Rising Water, Talking Bird and Weeping Tree," "Olive,"

"The Girl with Silver Hands," e muitos outros. As histórias têm muitos elementos em

comum, inclusive a perda de mãos ou braços da menina ou mulher em circunstâncias

violentas - e o eventual "crescimento" dos membros na medida em que ela recupera sua

força e independência. Em muitas versões, existe um ponto mediano na história no qual a

don~ela encontra um príncipe ou rei que se apaixona por ela, apesar da deficiência, e ordena

um membro de sua corte real - muitas vezes de um mago para construir substitutos para as

mãos da noiva. Essas mãos ou braços mágicos normalmente são feitos de prata.

Embora haja muito que discutir sobre a profundidade e as camadas de significado

oculto nas histórias da Donzela sem Braço, foi esse fascinante elemento visual que inflamou

minha imaginação quando li a história pela primeira vez. Fiquei me perguntando como

poderia criar uma heroína dos dias de hoje com "mãos de prata" e poder para transformar a

própria vida. Como eu poderia ajustar esse enredo em um cenário contemporâneo ou

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

urbano? Quando tive a ideia de cobrir as mãos e os braços da minha protagonista com

tatuagens de prata que, olhadas rapidamente, podem dar a impressão de que as mãos dela

eram feitas de metal sólido, eu soube que havia encontrado o caminho. E quando decidi que

as tatuagens de Donna deviam ser de ferro, não de prata, encontrei o elo crucial entre os

alquimistas e os encantados.

Falando em encantados... Eles apareceram pela primeira vez em um dos sonhos

malucos que eu tive durante um intenso período de duas semanas, quando as ideias não

paravam de surgir. Um desses sonhos me mostrava uma menina correndo descalça por uma

floresta no inverno, perseguida por um bando de monstros gritando. Aqueles monstros se

tornaram elfos da floresta em *The Iron Witch*, e a criatura que feriu e quase matou Donna

tornou-se o Skriker (o Monstro da Floresta em sua imaginação), um dos lendários Cães

Pretos do folclore inglês.

Sim, admito, misturei as lendas - mas acredito que, se você ousa fazer essa mistura de

maneira *consciente*, e encontra algumas justificativas razoáveis para as liberdades que toma,

tudo bem. Na maioria das vezes. Você também deve notar que parte de *The Iron Witch*

nasceu de um SONHO. Não vamos mais falar sobre isso, basta dizer que só posso esperar

que *meu* "livro de sonho" tenha um milésimo do sucesso de um Certo Outro Livro

Paranormal Inspirado Por Um Sonho.

Em várias versões da história tradicional da Donzela sem Braço, a garota é vítima da própria família. Às vezes isso é decorrência de traição, mas também pode ser causado por um erro no qual pai ou irmão é enganado por uma força do mal (frequentemente o Diabo) e convencido a sacrificar as mãos da donzela. Na interpretação que escolhi para usar, vemos que a perda de Donna é resultado indireto da antiga afiliação de sua família com os alquimistas. Se ela não fosse uma filha da Ordem, parece improvável que pudesse ser atacada por encantados. É claro, ainda não sabemos *por que* isso aconteceu ... mas prometo que você vai descobrir no próximo livro. (Não que eu esteja trabalhando na sequência. cof)

Acho que a história de Donna Underwood (e não é coincidência que eu tenha dado a ela o nome Underwood, a propósito, com suas óbvias conotações com a floresta e a sutil brincadeira com a palavra "Underworld", ou mundo inferior) é a história de uma jovem de dezessete anos que precisa passar depressa demais da infância à vida adulta. Sim, ela enfrentou tragédias, mas não se deixou abater. É proativa e quer mudar sua vida: *transformação*, como ela diz a Navin, é importante para os alquimistas.

Esse tema da transformação é tão importante para a minha história "Garota com Mãos Prateadas" quanto no folclore que pesquisei. A Donzela Sem Mãos é sempre vista como uma forasteira - algo que Donna entende realmente no começo do livro. Ela se sentiu uma "maluca" nos últimos dez anos de sua vida, e precisa aprender a olhar para suas

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

tatuagens como um dom, um presente, ou jamais conquistará a liberdade que tanto quer ter.

Esse tema é abordado naquela que é, talvez, minha versão favorita do conto, a da Dra.

Clarissa Pinkola Estés em seu seminário, *Women Who Run With Wolves*. A Dra. Estés

explica que o conto da "Donzelas sem Mãos" é, na verdade, o que fala do "Teste de

Resistência" da heroína. Existe uma linha em uma interpretação junguiana que me soa

muito verdadeira e adequada ao meu *The Iron Witch*.

"a história nos leva a um mundo que existe muito além da raiz das árvores."

Não li o livro da Dra. Estés se não muito *depois* de ter escrito o primeiro esboço da

minha novela, mas agora que posso examinar com cuidado sua versão de "A Donzela Sem

Mãos" - e a interpretação de inúmeras camadas que ela oferece para o conto - vejo muitos

paralelos. Não me refiro aos eventos, porque esses são muito diferentes. Mas Estés compara

o conto com uma espécie de jornada xamânica, incluindo a indispensável descida ao mundo

inferior e a transformação física da heroína. *Sacrifício* é um tema central- e é um grande

tema que eu extraí desse caldeirão místico de arquétipos universais com que nós escritores

nos sintonizamos de vez em quando.
Muito bem, chega de referências New Age por enquanto. O ingrediente seguinte da minha receita, quando tive a primeira ideia para *The Iron Witch*, foi alquimia. Sou fascinada pela ideia dos alquimistas por muitos anos, e comecei a pesquisá-la com seriedade há cerca de seis anos. Eu trabalhava em uma livraria especializada em ocultismo e tinha acesso fácil a algumas fontes maravilhosas, inclusive textos de antiquário que não estavam disponíveis em nenhum outro lugar. Sempre adorei a noção de os alquimistas da história terem se levado tão a sério. E é interessante que muitos deles tenham trabalhado em segredo, temendo o ridículo a que seriam expostos caso se tornasse de conhecimento público seu gosto pelos ramos mais místicos do estudo esotérico.

A Alquimia é uma arte antiga - tem séculos de existência - e existem braços dela no mundo todo. Há algumas teorias bem variadas sobre como os alquimistas obtinham suas informações, envolvendo um pouco de tudo, de demônios a deuses egípcios, anjos e até tecnologia alienígena. É difícil acreditar que a alquimia foi mesmo precursora do estudo moderno da química, mas havia método, ritual, e uma dedicada e minuciosa prática de anotações compondo esses experimentos pseudocientíficos já no século dezesseis. Tentei inserir uma pitada de tudo isso em *The Iron Witch*, mas teria sido fácil exagerar na dose, e precisei ser cuidadosa (o material que existe é simplesmente fascinante). Além disso, eu realmente queria me apoderar do assunto, para o meu livro, por isso criei minhas próprias

Ordens alquímicas a partir do zero. Eu me diverti muito nesse processo.

Tudo bem, então. Até aqui temos a Donzela sem Mãos, os elfos da floresta e os

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado

alquimistas. O último ingrediente importante da minha história surgiu num repentino

lampejo de inspiração, do tipo que normalmente atinge os escritores no pior momento

possível e nos faz correr para um computador - ou para qualquer pedaço de papel disponível

qualquer coisa, desde que possamos anotar tudo antes de esquecer! Esse insight aconteceu

para mim como uma imagem, basicamente, e sempre que isso acontece eu me certifico de

levar a sério, já que não costumo ser um exemplo de artista no aspecto visual.

Imaginei um adolescente - talvez um homem jovem - com cabelos escuros cobrindo o

rosto, sentado e com o corpo inclinado para frente, chorando baixinho. Ele era forte e

determinado, eu sabia, mas ainda assim não conseguia conter as lágrimas (e talvez isso fosse

parte de sua força). Ele havia sido fisicamente mutilado, e por causa disso perdera algo que

sentia que não podia viver sem.

Animador, não? Meu cérebro é um lugar muito estranho para visitar - eu não

recomendo.

É óbvio que esse garoto solitário com segredos tão sombrios se tornou Xan, e desde o

início eu sabia sobre ele quase tanto quanto sabia sobre Donna. Alexander Grayson tinha

muito para me contar, por isso me certifiquei de ouvi-lo e fazer minhas anotações.

Assim que encaixei esses tijolos principais em seus devidos lugares - o folclore, a

magia, e o interesse amoroso - só precisei acrescentar a eles a amizade de Donna e Navin, e a

luta constante de Donna para se adaptar no mundo "normal" de Navin, e estava pronta para

levar o caos à vida dos meus personagens (agora me imagine esfregando as mãos com aquela ansiedade típica de escritora).

Espero que tenham gostado de visitar o mundo de Ironbridge em minha história, e

que voltem logo. Há muito mais segredos para descobrir - e não seria nada divertido se eu

não pudesse dividi-los com vocês. Obrigada por lerem.

KAREN MAHONEY

LONDRES, 2011

As Valkírias

Nós conduzimos as almas dos mortos em combate... Cuidado




Free-eBooks.net





Este livro foi distribuído cortesia de:
Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS
hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente,

selecionando uma das opções abaixo:

Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas,

nós apreciaríamos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .

Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimento de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>